

Promessa de
Sangue

Richelle Mead



AV

Academia de Vampiros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Promessa de Sangue

Promessa de Sangue

Richelle Mead

Tradução

Guilherme Bernardo

A

A G I R

Título original: Blood Promise

Copyright © 2010 by Richelle Mead

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Agir, selo da Editora Nova Fronteira Participações S.A., empresa do Grupo Ediouro Publicações. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M431p
Mead, Richelle, 1976-
Promessa de sangue / Richelle Mead ; tradução Guilherme Bernardo. – Rio de Janeiro : Agir, 2011.
23 cm. (Academia de vampiros ; 4)

Tradução de: Blood promise
Sequência de: Tocada pelas sombras
ISBN 978-85-220-1471-2

1. Vampiros - Ficção. 2. Ficção americana. I. Bernardo, Guilherme. II. Título. III. Série.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[Capa](#)
[Folha de Rosto](#)
[Ficha catalográfica](#)
[Dedicatória](#)
[Prólogo](#)
[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Catorze](#)
[Quinze](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte e um](#)
[Vinte e dois](#)
[Vinte e três](#)
[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

À memória de minha avó,
uma sulista ranzinza e a melhor cozinheira que já conheci.

Prólogo

Uma vez, quando eu cursava o nono ano, precisei escrever uma resenha sobre um poema. Um dos versos dizia: “Se seus olhos não estivessem abertos, você não saberia a diferença entre sonhar e estar acordado.” Aquilo não teve muita importância para mim na época. Afinal de contas, havia na turma um menino de quem eu gostava, então como podiam esperar que eu ligasse para análises literárias? Agora, três anos mais tarde, eu entendia o poema perfeitamente.

Porque, ultimamente, a minha vida parecia de fato estar a um triz de se tornar um sonho. Houve dias em que eu pensei que acordaria e descobriria que, na verdade, os acontecimentos recentes não tinham ocorrido comigo. Sem dúvida eu devia ser uma princesa adormecida, vítima de um encanto. A qualquer momento esse sonho — não; pesadelo — chegaria ao fim, e eu teria o meu príncipe e o meu final feliz.

Mas não havia um final feliz à vista, pelo menos não num futuro próximo. E o meu príncipe? Bom, essa é uma longa história. Meu príncipe havia se transformado num vampiro — um Strigoi, para ser mais exata. No meu mundo existem dois tipos de vampiros vivendo incógnitos entre os humanos. Os Moroi são os vampiros vivos, vampiros do bem que manipulam a magia dos elementos e não matam quando buscam o sangue de que necessitam para sobreviver. Os Strigoi são vampiros mortos-vivos, imortais e corrompidos, que matam ao se alimentar. Os Moroi são concebidos. Os Strigoi são transformados — à força ou espontaneamente —, por meio de artifícios sinistros.

E Dimitri, o cara que eu amava, fora transformado num Strigoi contra a sua vontade. Aconteceu durante uma batalha, uma épica missão de resgate da qual eu também participara. Os Strigoi haviam raptado Moroi e dampiros da minha escola, e nós partimos com os outros para salvá-los. Os dampiros são meio vampiros, meio humanos — dotados de força e resistência humanas e dos reflexos e sentidos Moroi. Eles treinam para se tornar guardiões, a elite de guarda-costas que protege os Moroi. Isso é o que eu sou. Isso é o que Dimitri um dia já foi.

Com a transformação, ele morreu para o resto do mundo Moroi. E, até certo ponto, ele estava morto, mesmo. Aqueles que se tornam Strigoi perdem todo o senso de bondade e vida que possuíam antes. Mesmo que não tivessem se transformado por vontade própria, não importava. Eles ainda seriam malignos e cruéis, como qualquer Strigoi. A pessoa que um dia foram não existia mais, e, sinceramente, era mais fácil imaginá-los subindo aos céus ou rumo a uma próxima vida do que concebê-los espreitando pela noite e fazendo vítimas. Mas eu não conseguia esquecer Dimitri, ou aceitar que sua essência havia morrido. Ele era o homem que eu amava, com o qual eu estivera em tão perfeita sincronia que era difícil saber onde eu

terminava e ele começava. Meu coração se negava a se desapegar — embora Dimitri fosse teoricamente um monstro, ele ainda estava lá fora, em algum lugar. Eu também não esquecera a conversa que tivéramos uma vez. Havíamos concordado que preferiríamos estar mortos — mortos, mesmo — a vagar pelo mundo como Strigoi.

E, uma vez terminado o meu luto pela bondade que já existiu nele, decidi que precisava honrar a sua vontade. Ainda que ele não concordasse mais com ela. Eu tinha que encontrá-lo. Tinha que matá-lo e libertar sua alma daquele estado tenebroso e desnaturado. Eu sabia que isso era o que o Dimitri que eu amei teria desejado. Mas matar um Strigoi não é fácil. Eles são incrivelmente rápidos e fortes. E não demonstram piedade alguma. Eu mesma já havia eliminado uma porção deles — algo muito louco para alguém que mal chegara aos dezoito. E eu sabia que encarar Dimitri seria o meu maior desafio, física e emocionalmente falando.

Aliás, os desdobramentos emocionais se abateram sobre mim logo que tomei essa decisão. Ir atrás de Dimitri implicara fazer coisas que mudaram o rumo da minha vida (e isso sem contar com o fato de que enfrentá-lo poderia muito bem resultar na perda dela). Eu ainda estava na escola, a um punhado de meses de me graduar e de me tornar uma guardiã plena. Cada dia que eu permanecia na Escola São Vladimir — uma instituição remota e segura para Moroi e vampiros — significava mais um dia que se passava com Dimitri ainda lá fora, vivendo naquela condição jamais desejada. Eu o amava demais para permitir isso. Por isso precisei deixar a escola antes da hora e andar entre humanos, abandonando o mundo em que eu vivera praticamente a vida toda.

Essa partida também significava abandonar uma outra coisa — ou melhor, uma pessoa: minha melhor amiga, Lissa, também conhecida como Vasilisa Dragomir. Lissa era uma Moroi, a última de uma linhagem real. Eu seria sua guardiã depois que nos formássemos, mas a minha decisão de caçar Dimitri praticamente destruiu esse futuro com ela. Eu não tivera escolha senão deixá-la.

Além da nossa amizade, Lissa e eu possuíamos uma conexão singular. Todo Moroi se especializa em um tipo de magia elemental — terra, ar, água ou fogo. Até recentemente, nós acreditávamos que só existiam esses quatro elementos. Mas então descobrimos um quinto: o espírito.

Esse era o elemento de Lissa, e, com tão poucos usuários do espírito no mundo, não sabíamos muito sobre ele. De modo geral, parecia estar ligado a poderes psíquicos. Lissa manejava a compulsão — a habilidade de impor sua vontade a quase qualquer pessoa — de forma assombrosa. Também era capaz de curar, e era aí que as coisas ficavam um pouquinho estranhas entre nós. Eu teoricamente havia morrido no acidente de carro que matou a família dela, sabe? Lissa me trouxe de volta do mundo dos mortos sem se dar conta, criando entre nós um laço psíquico. Desde então, eu sempre tinha a noção da sua presença e dos seus pensamentos. Podia dizer o que ela estava pensando e sentir quando se metia em apuros. Recentemente, havíamos descoberto também que eu era capaz de enxergar fantasmas e espíritos que ainda não deixaram este mundo, algo desconcertante e difícil de inibir. O fenômeno como um todo era conhecido como “ser beijado pelas sombras”.

O laço psíquico fazia de mim a escolha ideal para proteger Lissa, já que eu saberia imediatamente se ela estivesse em perigo. Jurara protegê-la por toda a minha vida, mas então Dimitri — aquele Dimitri alto, atraente e feroz — havia mudado tudo. Eu me confrontei com aquela horrível decisão: continuar a proteger Lissa ou libertar a alma de Dimitri. Escolher entre os dois me destruíra por dentro, deixando uma dor dentro do peito e lágrimas nos olhos. Fora uma agonia abandonar Lissa. Éramos amigas desde o jardim de infância, e minha partida foi um choque para nós duas. Verdade seja dita, ela nunca suspeitara de nada. Eu havia mantido o meu romance com Dimitri em segredo. Ele era o meu instrutor, sete anos mais velho do

que eu e também designado como futuro guardião de Lissa. Nessas circunstâncias, tínhamos lutado muito contra aquela atração mútua, cientes de que devíamos nos focar na nossa Moroi acima de qualquer coisa e de que ainda poderíamos arranjar uma série de problemas por causa do nosso relacionamento de aluna e professor.

Mas me afastar de Dimitri — ainda que eu tenha concordado com isso — fizera com que um bocado de mágoa por Lissa crescesse dentro de mim, reprimida. Eu provavelmente devia ter falado com ela sobre o assunto e explicado a minha frustração por já ter minha vida inteira traçada. Por algum motivo, não parecia justo que, enquanto Lissa era livre para viver e amar quem quisesse, eu sempre precisaria sacrificar minha própria felicidade para garantir a sua proteção. No entanto, ela era a minha melhor amiga, e eu não conseguia suportar a ideia de desapontá-la. Lissa era particularmente frágil, porque utilizar o espírito possuía o péssimo efeito colateral de enlouquecer as pessoas. Por isso eu abafara aqueles sentimentos até finalmente explodirem, e deixei a Escola — e Lissa — para trás, de uma vez por todas.

Um dos fantasmas que eu tinha visto — Mason, um amigo que fora morto por Strigoi — me dissera que Dimitri havia retornado para a sua terra natal: a Sibéria. A alma de Mason encontrara a paz e partira deste mundo pouco depois, sem dar qualquer outra pista sobre *aonde* na Sibéria Dimitri poderia ter ido. Então acabei me lançando às escuras naquela jornada, desbravando um mundo de humanos e uma língua que eu não conhecia para cumprir a promessa que eu havia feito a mim mesma.

Depois de algumas semanas por conta própria, eu finalmente conseguira chegar a São Petersburgo. Eu continuava investigando, ainda às cegas — e no entanto estava determinada a encontrá-lo, ainda que ao mesmo tempo eu temesse esse momento. Porque, se eu fosse de fato dar cabo daquele plano insano, se realmente conseguisse matar o homem que eu amava, isso significaria que Dimitri não faria mais parte deste mundo, definitivamente. E, para falar a verdade, eu não tinha certeza se podia continuar num mundo assim.

Nada disso parece real. Quem sabe? Talvez não seja. Talvez, na verdade, esteja acontecendo com outra pessoa. Talvez seja algo que eu imaginei. Talvez eu acorde em breve e encontre tudo de volta ao normal, com Lissa e Dimitri. Estaremos todos juntos, e ele estará lá para sorrir e me abraçar e dizer que tudo vai ficar bem. Talvez tudo isso tenha sido um sonho, mesmo.

Mas eu acho que não.

Um

Alguém estava me seguindo.

O que era meio irônico, considerando a forma como eu vinha seguindo os outros nas últimas semanas. Pelo menos não era um Strigoi. Eu já saberia. Um efeito recente de ter sido beijada pelas sombras era a habilidade de perceber os mortos-vivos — infelizmente, graças a ondas de náusea. Porém, eu soube apreciar o sistema de alerta antecipado do meu corpo e me senti aliviada porque o meu perseguidor daquela noite não era um vampiro insanamente rápido e perverso. Eu já havia lutado bastante contra alguns desses recentemente, e meio que queria uma noite de folga.

Presumi, então, que meu perseguidor fosse um dampiro como eu, provavelmente vindo daquele clube. Se bem que essa pessoa se movia de uma forma um pouco menos furtiva do que eu esperaria de um dampiro. Os passos eram claramente audíveis contra o pavimento das ruelas escuras que eu percorria, e, uma vez, eu capturara um breve relance de um vulto sombrio. Ainda assim, considerando as atitudes impulsivas que havia adotado naquela noite, um dampiro era a melhor aposta possível.

Tudo começara mais cedo, no Rouxinol. Esse não era o nome verdadeiro do clube, apenas uma tradução. O nome certo era algo em russo cuja pronúncia estava além das minhas habilidades. Lá nos Estados Unidos, o Rouxinol era bem popular entre os Moroi ricos que viajavam para o exterior, e agora eu podia entender por quê. Não importava que hora do dia fosse, no Rouxinol as pessoas se vestiam como se estivessem num baile imperial. E, bom, o lugar inteiro meio que parecia mesmo saído dos velhos dias da monarquia russa, com paredes de marfim cobertas de arabescos e molduras em ouro. Lembrou muito o Palácio de Inverno, uma residência imperial da época em que a Rússia ainda era governada pelos czares. Eu visitara o lugar logo ao chegar a São Petersburgo.

No Rouxinol, primorosos candelabros providos de velas de verdade rutilavam no ar, iluminando de tal forma os ornamentos dourados que, mesmo sob uma luz mais fraca, o estabelecimento inteiro cintilava. Havia uma grande sala de jantar repleta de mesas e assentos geminados, tudo forrado em veludo, e ainda um espaço com sala de estar e bar onde as pessoas podiam se misturar. Ao anoitecer, uma banda apareceria por lá, e os casais cairiam na pista de dança.

Eu não dera muita atenção ao Rouxinol quando cheguei à cidade, algumas semanas atrás. Fora arrogante o suficiente para achar que num piscar de olhos encontraria Moroi que poderiam me encaminhar até a terra natal de Dimitri, na Sibéria. Sem nenhuma outra pista sobre o rumo de Dimitri nessa região, ir para a cidade em que ele crescera tinha sido a melhor forma que eu encontrara de alcançá-lo. Só que eu não sabia onde ela

ficava, e era por isso que eu estava buscando a ajuda dos Moroi. Havia inúmeras cidades e comunidades de vampiros pela Rússia, mas quase nenhuma na Sibéria, o que me levou a crer que a maioria dos Moroi dali estaria familiarizada com o lugar em que ele nasceu. Infelizmente, descobri que os vampiros que viviam em cidades humanas eram muito bons em se manter incógnitos. Chequei o que pensei serem típicos pontos de encontro dos Moroi, só para voltar de mãos abanando. E, sem esses Moroi, eu não tinha resposta alguma.

Eu, então, começara a patrulhar o Rouxinol, o que não foi fácil. Era complicado para uma garota de dezoito anos se tornar parte de um dos clubes mais elitistas da cidade. Eu logo descobrira que roupas caras e gorjetas consideráveis já eram meio caminho andado para me colocar lá dentro. Os garçons passaram a me conhecer e, se estranharam a minha presença, nunca comentaram e ficavam felizes em me dar a mesa do canto que eu sempre pedia. Imagino que pensavam que eu fosse filha de algum magnata ou político. Qualquer que fosse a minha situação, eu tinha o dinheiro para estar ali, e isso era tudo o que importava para eles.

Ainda assim, as minhas primeiras noites foram desencorajadoras. O Rouxinol podia até ser um ponto de encontro privilegiado para os Moroi, mas os humanos também o frequentavam. E, no começo, parecera que eles eram os únicos fregueses do clube. O público crescia à medida que a noite avançava, e, ao espiar entre as mesas apinhadas e as pessoas diante do bar, eu não tinha avistado nenhum Moroi. O detalhe mais digno de nota tinha sido uma mulher com longos cabelos platinados caminhando pela sala de estar com um grupo de amigos. Por um momento, meu coração parara. A mulher estava de costas para mim, mas parecera tanto com Lissa que eu tivera a certeza de haver sido rastreada. O estranho era que eu não sabia se devia me sentir animada ou horrorizada. Lissa me fazia uma falta muito, muito grande — mas, ao mesmo tempo, não desejava envolvê-la naquela minha jornada perigosa. Então a mulher dera meia-volta. Não era Lissa. Não era nem mesmo uma Moroi, só uma humana. Lentamente, a minha respiração voltou ao normal.

Por fim, mais ou menos uma semana atrás, eu havia feito o meu primeiro achado. Um grupo de mulheres Moroi aparecera para almoçar após o horário habitual, acompanhado por dois guardiões, um homem e uma mulher, que se sentaram zelosa e discretamente à mesa enquanto suas protegidas fofocavam e riam ao redor de um champanhe já pela metade. A parte mais desafiadora fora me safar daqueles guardiões. Para os que sabiam pelo que procurar, os Moroi eram facilmente identificáveis: mais altos do que a maioria dos humanos, pálidos e superesbeltos. Eles tinham também um jeito meio engraçado de sorrir, controlando os lábios para não deixar os caninos à mostra. Os vampiros, com o sangue humano, se assemelhavam a... bom, aos humanos.

Era certamente assim que eu devia parecer aos olhos destreinados das pessoas comuns. Tinha pouco mais de um metro e setenta, e, enquanto as Moroi possuíam o corpo surreal das modelos de passarela, o meu era atleticamente constituído e curvilíneo na altura do tórax. Os genes do meu pai turco desconhecido e demasiado tempo ao sol me conferiram um leve bronzeado que caía bem com os meus cabelos longos, quase negros, e com os meus olhos igualmente escuros. Mas aqueles que cresceram no mundo Moroi eram capazes de me reconhecer como uma vampira se me observassem por tempo suficiente. Não sei ao certo como aquilo funcionava — talvez fosse algum instinto que nos atraía para a nossa própria espécie e identificava a mistura com o sangue Moroi.

Apesar disso, era imperativo que eu parecesse humana para aqueles guardiões, de modo a não os inquietar. Sentei-me do outro lado da sala, no meu canto, beliscando caviar e fingindo ler o meu livro. Só para constar, eu achava caviar um nojo, mas parecia ser onipresente na Rússia, principalmente nos lugares mais chiques. Isso e borsche — um tipo de sopa de beterraba. Eu quase nunca terminava minhas refeições no Rouxinol, e mais tarde ia parar num McDonald's, faminta, ainda que na Rússia ele fosse um pouco

diferente daquele com o qual eu crescera nos Estados Unidos. De todo modo, uma garota também precisa comer.

Aquele se tornou, então, um teste para as minhas habilidades — estudar as Moroi quando seus guardiões não estavam olhando. Verdade seja dita, eles tinham muito pouco com que se preocupar durante o dia, já que não haveria Strigoi com o sol brilhando lá fora. Mas fazia parte da natureza de um guardião observar cada detalhe, e seus olhos constantemente percorriam a sala. Eu recebera o mesmo treinamento e conhecia seus métodos, conseguindo assim espiar sem ser notada.

As mulheres voltaram muitas vezes, em geral no fim da tarde. A São Vladimir trabalhava com base numa jornada noturna, mas Moroi e vampiros vivendo entre humanos ou seguiam uma rotina diária, ou encontravam um meio-termo. Por algum tempo, havia considerado a possibilidade de abordá-las — ou mesmo seus guardiões. Uma coisa me impediu. Se havia alguém que conhecia uma cidade habitada por vampiros, esse alguém seria um *homem* Moroi. Muitos deles visitavam essas cidades na esperança de levar jovens e animadas vampiras para a cama. Então prometi a mim mesma que esperaria mais uma semana, para ver se algum cara passaria por ali. Caso contrário, descobriria que informações aquelas mulheres poderiam oferecer.

Por fim, poucos dias atrás, dois sujeitos Moroi começaram a dar as caras. Costumavam aparecer perto do anoitecer, quando os festeiros de verdade chegavam. Os caras eram uns dez anos mais velhos do que eu e incrivelmente lindos, com suas roupas de grife e gravatas de seda. Passavam a imagem de pessoas importantes e poderosas, e eu não tinha a menor dúvida de que eram da realeza, especialmente porque cada um vinha com o seu guarda-costas. Os guardiões eram todos iguais — homens jovens, vestidos de modo a passar despercebidos, e no entanto espreitando meticulosamente o aposento, com aquele ar perspicaz típico de um guardião.

E havia as mulheres — sempre as mulheres. Os dois Moroi eram paqueradores terríveis, secando e azarando cada uma em seu campo de visão — até as humanas. Mas estas eles nunca levaram para casa. Esse era um tabu ainda firmemente arraigado em nosso mundo. Os Moroi mantinham distância dos humanos há séculos, temendo serem descobertos por essa espécie que se desenvolveu de forma tão completa e poderosa.

Isso não significa, no entanto, que eles voltavam para casa sozinhos. A certa altura da noite, as vampiras normalmente apareciam — um novo grupo a cada ocasião. Usavam vestidos bem decotados e quilos de maquiagem, bebiam muito e riam de tudo que os sujeitos diziam — e que provavelmente nem era assim tão engraçado. Essas mulheres estavam sempre de cabelos soltos, mas de vez em quando viravam a cabeça, exibindo pescoços bastante machucados. Tratava-se de prostitutas de sangue, vampiras que deixavam Moroi beberem o seu sangue durante o ato sexual. Isso também era um tabu — embora ainda acontecesse, por baixo dos panos.

Eu ainda ansiava por ficar a sós com um dos sujeitos Moroi, longe dos olhares vigilantes dos guardiões, para lhe fazer algumas perguntas. Mas foi impossível. Os guardiões nunca se descuidavam de seus protegidos. Eu tentei até mesmo segui-los, mas, sempre que o grupo deixava o clube, entrava quase que imediatamente em uma limusine — tornando impossível, para mim, rastreá-los a pé. Aquilo era frustrante.

Por fim resolvi que naquela noite eu teria que abordar o grupo inteiro e me arriscar perante os vampiros. Não sabia ao certo se alguém lá da São Vladimir estava à minha procura, ou mesmo se o grupo reagiria ao saber quem eu era. Talvez eu estivesse me dando importância demais. Era bem possível que ninguém se preocupasse com uma aluna desistente e fugitiva. Agora, se alguém *estivesse* me procurando, o meu retrato falado teria sem dúvida circulado entre guardiões do mundo inteiro. Muito embora eu já tivesse dezoito anos, não teria me surpreendido se algumas pessoas que eu conhecia me arrastassem de volta para os

Estados Unidos, mas não havia possibilidade de retorno até que eu encontrasse Dimitri.

Então, enquanto eu considerava a minha investida ao grupo de Moroi, uma das mulheres dampirãs deixou sua mesa e partiu em direção ao bar. Os guardiões a viram, é claro, mas pareceram seguros quanto à sua presença e se concentravam mais nos Moroi. Durante todo esse tempo, eu vinha pensando que os homens Moroi seriam a minha melhor fonte de informações sobre uma vila de dambiros e de prostitutas de sangue — mas que melhor forma haveria de localizar esse lugar se não perguntando a uma *legítima* prostituta de sangue?

Caminhei distraidamente da minha mesa em direção ao bar, como se também quisesse apanhar uma bebida. Fiquei ali enquanto a mulher esperava pelo barman e a estudei com o canto dos olhos. Ela era loira e usava um vestido longo, coberto de lantejoulas prateadas. Se fazia o meu vestido justo de cetim preto parecer de bom gosto ou insosso, eu não sabia. Cada movimento dela — mesmo parada ali, de pé — era gracioso, como o de uma bailarina. O barman estava atendendo outras pessoas, e eu sabia que era minha única chance. Me inclinei em direção a ela.

— Você fala inglês?

A mulher deu um pulo de surpresa e me escaneou com os olhos. Era mais velha do que eu havia esperado, a idade disfarçada de forma hábil pela maquiagem. Seus olhos azuis me analisaram rapidamente, percebendo que eu também era uma dambira.

— Sim — respondeu, com cautela. Mesmo aquela única palavra já carregava um forte sotaque.

— Estou procurando uma cidade... uma cidade onde muitos dambiros vivem, em algum lugar da Sibéria. Sabe do que estou falando? Eu preciso encontrá-la.

Novamente ela me estudou, e não pude decifrar sua expressão. Tão pouco aquela mulher revelava que podia até já ter sido uma guardiã. Ou ter treinado uma única vez em toda a sua vida.

— Não — disse ela, bem direta. — Esqueça isso. — E se virou, mais uma vez repousando o olhar sobre o barman enquanto ele preparava um coquetel azul adornado por cerejas para uma outra pessoa.

Pus uma das mãos em seu braço.

— Eu tenho que encontrá-la. Existe um homem... — Sufoquei ao dizer essa palavra. E lá se fora a tranquilidade da minha investigação. Só de pensar em Dimitri, meu coração havia subido à garganta. Como podia fazer aquela mulher entender isso? Que eu estava seguindo uma pista pouco promissora, em busca do homem que mais amei no mundo, um homem que fora transformado em Strigoi e que agora eu precisava matar? Mesmo então, eu ainda me lembrava com perfeição do calor daqueles olhos castanhos e da maneira como suas mãos costumavam me tocar. Como eu seria capaz de realizar isso, algo que me levara a cruzar um oceano inteiro?

“Concentre-se, Rose. Concentre-se.”

A dambira retribuiu meu olhar.

— Ele não vale o risco — insistiu, me entendendo errado. Sem dúvida devia pensar que eu era mais uma vítima de uma paixão impossível, perseguindo algum garoto, o que, supus, meio que era verdade, mesmo. — Você é jovem demais... Ainda não é tarde para fugir disso tudo. — O rosto podia ser impassível, mas havia tristeza em sua voz. — Vá fazer outra coisa da vida. Fique longe daquele lugar.

— Você sabe onde fica! — exclamei, entusiasmada demais para esclarecer que não estava indo para lá para ser uma prostituta de sangue. — Por favor, você precisa me contar. Eu tenho que chegar lá!

— Algum problema?

Tanto ela quanto eu nos viramos para olhar o rosto severo de um dos guardiões. Droga. Eles podiam não considerar a dambira sua principal prioridade, mas perceberiam se alguém a perturbasse. O guardião era só

um pouco mais velho que eu, então lhe dei um sorriso meigo. Se eu não estava transbordando do vestido como a outra mulher, pelo menos sabia que a saia curta fazia maravilhas às minhas pernas. Nem mesmo um guardião seria imune a isso, certo? Bom, aparentemente, aquele era. Sua expressão rígida mostrava que o meu charme não estava funcionando. Ainda assim, pensei, não custaria nada tentar a minha sorte com ele para conseguir alguma informação.

— Estou tentando encontrar uma cidade na Sibéria, uma cidade habitada por vampiros. Você a conhece?

Ele nem piscou.

— Não.

Maravilha. Os dois se fazendo de difíceis.

— É, bom, será que o seu patrão conhece? — perguntei timidamente, esperando soar como uma aspirante a prostituta de sangue. Se os vampiros não iam falar, talvez um dos Moroi se desse ao trabalho. — Quem sabe ele não quer companhia e aceitaria conversar comigo?

— Ele já tem companhia — respondeu o guardião monotonamente. — Não precisa de mais.

Eu segurei o sorriso.

— Tem certeza? — insisti, ronronando. — A gente podia perguntar a ele.

— Não — disse o guardião. Nessa única palavra, escutei o desafio e a ordem. *Não se aproxime*. Ele não hesitaria em confrontar quem quer que considerasse uma ameaça ao seu mestre, mesmo uma jovem e reles vampira. Pensei em insistir mais um pouco, mas logo optei por obedecer ao aviso e me afastar.

Encolhi os ombros com indiferença.

— Quem perde é ele.

Sem dizer mais nada, voltei calmamente à minha mesa, como se a rejeição não tivesse sido nada de mais. Não soltei a respiração um só minuto, meio que acreditando que o guardião fosse me arrastar para fora do clube pelos cabelos. Isso não aconteceu. No entanto, ao apanhar o meu casaco e deixar algum dinheiro sobre a mesa, percebi que ele me observava, olhos atentos e calculistas.

Saí do Rouxinol com aquele mesmo ar indiferente, em direção à rua movimentada. Era sábado à noite, e havia vários outros clubes e restaurantes por perto. Pessoas prontas para alguma festa enchiam as ruas, algumas vestidas com tanto requinte quanto os frequentadores do Rouxinol; outras eram da minha idade e usavam roupas casuais. Filas se estendiam para fora de clubes, com música eletrônica alta e graves estrondosos. Restaurantes com fachada de vidro exibiam fregueses elegantes e mesas fartamente servidas. Enquanto passava por essas pessoas, rodeada de diálogos em russo, resisti ao impulso de olhar para trás. Não queria levantar ainda mais suspeitas caso aquele vampiro estivesse observando.

No entanto, quando fiz a curva e desci uma rua tranquila que cortava caminho para o meu hotel, pude ouvir o leve som de passos. Pelo jeito, eu intrigara tanto o guardião que ele resolvera me seguir. Bom, eu é que não ia deixá-lo levar a melhor. Eu podia ser menor do que ele — e estar num vestido e de salto —, mas já brigara com muitos homens, incluindo Strigoi. Podia dar conta daquele cara, principalmente se usasse o elemento surpresa. De tanto andar pela vizinhança, passei a conhecê-la como a palma da minha mão. Apertei o passo e fiz algumas curvas bruscas, uma das quais me levando por uma viela escura e deserta. Assustador, eu sei, mas me serviu como um bom lugar para uma emboscada quando me abaixei junto ao vão de uma porta. Desci dos meus sapatos sem fazer barulho. Eram pretos, com lindas tiras de couro, mas não seriam úteis numa luta, a não ser que eu planejasse furar o olho de alguém com o salto. Aliás, não era má ideia. Só que eu não estava assim tão desesperada. Sem eles, e porque havia chovido mais cedo naquele dia, o pavimento sob os meus pés desnudos estava frio.

Não precisei esperar muito. Poucos instantes depois, ouvi os passos e avistei a longa sombra do meu perseguidor surgindo no chão, produzida pela luz tremeluzente de um poste que se erguia em uma rua adjacente. O sujeito deu uma parada, sem dúvida procurando por mim. Sério, pensei, aquele cara era um descuidado. Nenhum guardião seguindo alguém teria sido tão óbvio. Ele devia ter agido mais furtivamente, e não se entregado assim, tão fácil. Talvez o treinamento dos guardiões aqui na Rússia não fosse tão bom quanto o que eu tivera. Não, não podia ser isso. Não pela forma como Dimitri despachava os seus oponentes. Todos na Escola o consideravam um deus.

Meu perseguidor deu mais alguns passos, e então chegou a minha vez de agir. Saltei à sua frente com os punhos preparados.

— Tudo bem — exclamei —, eu só queria fazer algumas perguntas, então volte para o lugar de onde veio, senão...

Fiquei paralisada. O guardião daquele clube não estava de pé, ali.

Quem estava era uma humana.

Uma garota, tão jovem quanto eu. Ela tinha quase a minha altura, com cabelos loiro-escuros bem curtos e uma gabardina azul-marinho que parecia cara. Debaixo dela, pude ver uma bela calça social e botas de couro aparentando o mesmo preço da capa de chuva. Mais impressionante ainda é que eu a reconheci. Eu a vira duas vezes no Rouxinol, conversando com os Moroi. Havia suposto que fosse só mais uma das mulheres com quem eles gostavam de flertar e logo dispensassem. Quer dizer, que utilidade tinha uma humana para mim?

Seu rosto estava parcialmente coberto pelas sombras, mas mesmo sob a parca luminosidade notei sua indignação. Aquilo não era bem o que eu havia esperado.

— É você, não é? — perguntou. Mais uma surpresa. O inglês dela era tão americano quanto o meu. — Você é a tal que tem deixado o rastro de corpos de Strigoi pela cidade. Vi você de volta no clube esta noite e sabia que tinha que ser você.

— Eu... — Nenhuma outra palavra se formou em meus lábios. Eu não sabia como responder. Uma humana conversando tranquilamente sobre Strigoi? Nunca se ouviu falar nisso. Era quase tão chocante quanto dar de cara com um Strigoi, aliás. Eu nunca havia passado por algo assim na vida. Ela não parecia se importar com o meu estado estupefato.

— Escute, você não pode sair por aí fazendo isso, entendeu? Tem ideia da dor de cabeça que está me causando? Esse estágio já é ruim o suficiente sem você virando tudo de pernas para o ar. A polícia encontrou o corpo que você deixou no parque, sabe? Você não pode sequer imaginar quantos pauzinhos tive que mexer para encobrir tudo.

— Quem... quem é você? — perguntei, afinal. Era verdade. Eu realmente *deixara* um corpo no parque, mas, sério, o que mais eu poderia ter feito? Arrastá-lo para o meu hotel e dizer ao carregador que meu amigo havia bebido além da conta?

— Sydney — respondeu a garota, sem muita disposição. — O meu nome é Sydney. Sou a alquimista daqui.

— A o quê?

Ela suspirou bem alto, e eu tinha quase certeza de que ela havia revirado os olhos.

— Claro. Isso explica tudo.

— Não, não muito — discorddei, finalmente recuperando a compostura. — Na verdade, acho que é você quem tem muito a explicar.

— E tem atitude, também. Você é alguma espécie de teste que eles enviaram para mim, aqui? Ai, cara. É

isso.

Eu já estava ficando nervosa. Não gostava que ficassem me criticando. E certamente não gostava de ser criticada por uma humana que fazia com que matar um Strigoi parecesse algo ruim.

— Escute, eu não sei quem você é ou como sabe tudo isso, mas não pretendo ficar aqui e...

A náusea me revirou por dentro, e eu me enrijei, a mão indo imediatamente ao encontro da estaca de prata guardada no bolso do casaco. Sydney ainda trazia aquela expressão indignada, e que agora se tingia de confusão graças à mudança ab-rupta no meu comportamento. Ela era observadora, isso eu admito.

— O que houve? — perguntou.

— Você vai ter mais um corpo para cuidar — respondi, e em seguida o Strigoi a atacou.

Dois

Partir para cima dela e não de mim foi uma atitude pouco sábia da parte do Strigoi. Eu era a ameaça; ele devia ter me neutralizado primeiro. Mas as posições que ocupávamos colocaram Sydney em seu caminho, então, para chegar até mim, ele precisava antes despachá-la. O Strigoi a agarrou pelo pescoço, puxando-a para si. Ele era rápido — como todos —, mas naquela noite eu estava preparada.

Um rápido chute o derrubou contra a parede de um prédio vizinho e livrou Sydney de suas garras. Ele rosnou com o impacto e desabou no chão, surpreso e atordoado. Não era fácil levar a melhor sobre um Strigoi, não com seus reflexos velozes como um relâmpago. Deixando Sydney de lado, ele concentrou sua atenção em mim, olhos vermelhos raivosos e lábios contraídos revelando os caninos. Reergueu-se com aquela agilidade extraordinária e avançou contra mim. Me desvencilhei e arrisquei um soco, que ele evitou da mesma forma. O seu golpe seguinte me acertou no braço, e eu tropecei, mal conseguindo me equilibrar. A estaca ainda estava firme em minha mão direita, mas eu precisava de uma brecha para chegar ao seu tórax. Um Strigoi inteligente teria se posicionado de modo a impedir uma trajetória direta até o seu coração. Esse sujeito não estava fazendo um trabalho lá muito bom, e, se eu conseguisse me manter viva por tempo suficiente, acabaria encontrando uma brecha.

Então Sydney apareceu e bateu em suas costas. Não foi um golpe muito forte, mas o pegou desprevenido. Era a minha deixa. Disparei o mais rápido que pude, jogando todo o meu peso contra o Strigoi. Minha estaca o acertou no coração quando fomos de encontro à parede. Foi simples assim. A vida — ou a vida de um morto-vivo, ou o que seja — se extinguiu dele. Seus movimentos cessaram. Eu arranquei a estaca tão logo tive certeza de que estava morto e observei enquanto seu corpo atingia o chão.

Assim como aconteceu com cada Strigoi que eu havia matado recentemente, experimentei uma sensação passageira e surreal: *E se esse tivesse sido Dimitri?* Tentei imaginar o seu rosto naquele Strigoi, tentei imaginá-lo estirado diante de mim. Meu coração se apertou dentro do peito. Por um milésimo de segundo, a imagem havia se formado. E então — sumido. Esse era apenas um Strigoi qualquer.

Na mesma hora sacudi a minha desorientação e tratei de lembrar que tinha coisas importantes com as quais me preocupar ali. Precisava ver como Sydney estava. Mesmo com uma humana, minha natureza protetora não deixava de entrar no modo automático.

— Você está bem?

Ela fez que sim, parecendo abalada mas, pelo menos, intacta.

— Belo trabalho — comentou. Soou como se estivesse se esforçando para manter o controle. — Eu

nunca tinha... Nunca tinha realmente visto um deles morrer...

Não consegui imaginar algo diferente disso, mas, pensando bem, eu também não entendia como ela podia saber aquilo tudo, para começo de conversa. Ela me deu a impressão de estar em choque, então a tomei pelo braço e procurei tirá-la dali.

— Venha, vamos para um lugar mais movimentado.

Strigoi espreitando nos arredores do Rouxinol não era uma ideia assim tão absurda, agora que eu pensava sobre o assunto. Que lugar melhor para caçar Moroi do que um dos seus pontos de encontro? No entanto, eu esperava que a maioria dos guardiões teria juízo suficiente para manter seus protegidos longe de ruazinhas como aquela.

Sugerir que deixássemos o local retirou Sydney de seu torpor.

— O quê? — surpreendeu-se. — Você vai mesmo deixar esse aí, também?

— O que você quer que eu faça? — perguntei, erguendo as mãos. — Acho que posso colocá-lo atrás daquelas latas de lixo e deixar que o sol o incinere. É o que costumo fazer.

— Claro. E se alguém aparece para recolher o lixo? Ou surge de uma dessas saídas dos fundos?

— Bom, eu acho meio difícil conseguir arrastá-lo por aí. Ou colocar fogo nele. Um churrasco de vampiro atrairia um pouco de atenção, não acha?

Exasperada, Sydney sacudiu a cabeça e foi até o corpo. Fez uma careta ao observar o Strigoi caído e abriu sua grande bolsa de couro. Dali retirou um pequeno frasco. Num gesto silencioso, respingou o conteúdo do frasco sobre o corpo e dele se afastou depressa. Das partes atingidas pelas gotas, uma fumaça amarelada começou a subir em espirais. Aos poucos, a fumaça foi mudando de sentido, espalhando-se na horizontal, e não verticalmente, até envolver o Strigoi como um casulo. Ela então se contraiu de novo e de novo, restando apenas uma esfera do tamanho de um punho. Em poucos segundos, a fumaça se dissipou completamente, deixando um inócuo montinho de poeira para trás.

— Não tem de quê — disse Sydney monotonamente, ainda me lançando aquele olhar de desaprovação.

— O que diabo foi isso? — perguntei, espantada.

— O meu trabalho. Pode fazer o favor de me chamar da próxima vez que isso acontecer? — E começou a se virar para ir embora.

— Espere! Não tenho como fazer isso; eu nem sei quem você é.

Ela me encarou e tirou alguns fios loiros da frente do rosto.

— Jura? Você está mesmo falando sério, não está? Pensei que todos vocês aprendiam sobre nós assim que se formavam.

— Ah, então. É engraçado... Eu meio que, hã, não me formei.

Os olhos de Sydney se arregalaram.

— Você acabou com uma dessas... coisas... sem nunca ter se formado?

Eu encolhi os ombros, e ela ficou em silêncio por alguns segundos.

Por fim, ela soltou outro suspiro e disse:

— Acho que precisamos conversar.

E como! Encontrá-la só podia ser a coisa mais estranha que havia me acontecido desde que chegara à Rússia. Eu queria descobrir por que ela achava que eu devia ter entrado em contato, ou como pulverizara aquele cadáver Strigoi. E, ao voltarmos para as ruas movimentadas rumo a um café de que ela gostava, me ocorreu que, se ela sabia sobre o mundo Moroi, havia uma chance de também saber onde ficava a vila de Dimitri.

Dimitri. Lá estava ele de novo, ressurgindo em meu pensamento. Nada me garantia que ele estaria de fato

espreitando perto de sua cidade natal, mas àquela altura era a única coisa que eu tinha para continuar. Mais uma vez, fui invadida por aquela estranha sensação. A minha mente mesclou o rosto de Dimitri com o do Strigoi que eu acabara de matar: pele pálida, pupilas com um contorno vermelho...

“Não”, disse com firmeza a mim mesma. “Não pense nisso ainda. Não entre em pânico.” Até ficar frente a frente com Dimitri, já um Strigoi, eu juntaria as minhas forças lembrando o Dimitri que eu amava, com aqueles olhos de um castanho profundo, mãos quentes, abraço forte...

— Você está bem, hum... seja lá qual for o seu nome?

Sydney me observava de um jeito estranho, e percebi que havíamos parado em frente a um restaurante. Não tinha ideia da cara que eu estava fazendo, mas pareceu o suficiente para atrair mesmo a atenção dela. Até então, a minha impressão durante aquela caminhada era a de que ela desejava falar comigo o mínimo possível.

— Sim, sim, ótima — respondi bruscamente, fazendo minha cara de guardião. — E eu sou Rose. É este o lugar?

Era, sim. O restaurante era muito bem-iluminado e alegre, ainda que um tanto distante da opulência do Rouxinol. Fomos para uma mesa com assentos geminados de couro preto — e com isso quero dizer couro falso, feito de plástico —, e fiquei encantada ao ver que o menu tinha tanto comida americana quanto russa. Havia uma tradução dos itens para o inglês, e eu quase babei ao ver frango empanado. Sem ter comido no clube, eu estava faminta, e pensar em carne frita no óleo era algo luxurioso depois de semanas de pratos à base de repolho e de pretensos McDonald's.

Uma garçonete apareceu, e Sydney fez o pedido num russo fluente, enquanto eu só apontei no menu. Hum. Sydney era mesmo cheia de surpresas. Levando em conta sua atitude áspera, imaginei que ela fosse me interrogar logo em seguida, mas, quando a funcionária nos deixou, Sydney continuou calada, simplesmente brincando com o guardanapo e evitando contato visual. Foi tão estranho... Ela sem dúvida se sentia desconfortável perto de mim. Mesmo com a mesa entre nós, era como se não fosse longe o bastante para ela. No entanto, a sua explosão anterior não fora uma farsa, e ela categoricamente me dissera para seguir aquelas suas tais regras.

Bom, ela podia até estar se fazendo de morta, mas eu não tinha qualquer problema para entrar em assuntos desconfortáveis. Aliás, essa meio que era a minha marca registrada.

— E aí, pronta para me dizer quem você é e o que está havendo?

Sydney levantou os olhos. Agora que estávamos debaixo de uma luz mais forte, notei que eles eram castanhos. Também percebi que ela possuía uma tatuagem curiosa na parte inferior da bochecha esquerda. A tinta se assemelhava a ouro, algo que eu nunca tinha visto antes. Tratava-se de um elaborado desenho de flores e folhas e só era perceptível quando Sydney inclinava a cabeça de forma que o ouro refletisse a luz.

— Eu já disse — respondeu. — Sou uma alquimista.

— E eu já disse que não sei o que é isso. É alguma palavra russa? — Não soava como uma.

Um meio sorriso brincou em seus lábios.

— Não. Você também nunca deve ter ouvido falar em alquimia, acertei?

Balancei a cabeça, e Sydney apoiou o queixo numa das mãos, mais uma vez encarando a mesa. Ela engoliu como se estivesse aquecendo a voz, e então uma torrente de palavras se seguiu.

— Lá na Idade Média, existia entre algumas pessoas a crença de que, se descobrissem a fórmula ou a mágica certas, elas poderiam transformar chumbo em ouro. Obviamente, isso não aconteceu. Mas não impediu que continuassem buscando todo o tipo de coisa mística e sobrenatural, e no fim elas acabaram encontrando mesmo algo mágico. — Sydney franziu o cenho. — Vampiros.

Voltei a mente para as minhas aulas de história Moroi. Foi de fato durante a Idade Média que nossa espécie começou a se distanciar dos humanos, escondendo-se e isolando-se. Foi quando os vampiros se tornaram genuínas lendas para o restante do mundo, e mesmo os Moroi eram considerados monstros com a cabeça a prêmio.

Sydney confirmou meus pensamentos.

— Foi quando os Moroi começaram a se distanciar. Eles tinham a sua magia, mas os humanos os estavam ultrapassando em número. E continuamos assim. — Isso quase trouxe um sorriso ao seu rosto. Os Moroi costumavam ter problemas para engravidar, enquanto os humanos pareciam não ter nenhum. — Os Moroi entraram num acordo com os alquimistas. Se ajudássemos Moroi, dapiros e suas comunidades a se esconderem dos humanos, os Moroi nos dariam isto. — Ela tocou sua tatuagem dourada.

— O que é isso? — perguntei. — Quer dizer, além do óbvio.

Ela correu os dedos pela tatuagem e não tentou disfarçar o sarcasmo ao responder:

— É o meu anjo da guarda. É feita de ouro de verdade e de sangue Moroi — disse ela, contraindo o rosto e baixando a mão no final —, encantado com água e terra.

— O quê?

Minha voz saiu alta demais, fazendo com que alguns olhares no restaurante se voltassem para mim.

— Não que eu adore isso, mas é a nossa recompensa por ajudar gente como vocês. A água e a terra agem em nossa pele e nos dão as mesmas características dos Moroi... Bom, algumas delas. Eu quase nunca fico doente. Vou viver bastante.

— Parece bom — comentei, sem muita convicção.

— Talvez para alguns. Nós não temos escolha. Essa profissão é um negócio de família, passado de geração em geração. Todos precisamos aprender sobre Moroi e dapiros. Porque temos mais liberdade em nossos movimentos, criamos contatos com humanos que nos permitem cobrir os seus rastros. Dispomos de truques e técnicas para nos livrar de corpos de Strigoi, como aquela poção que você viu. Mas, em compensação, queremos ficar o mais longe possível de vocês, e é por isso que a maioria dos dapiros não ouve falar de nós até a formatura. E muito menos os Moroi. — Ela parou de repente. Pelo jeito, a lição havia terminado.

Minha cabeça girava a toda. Eu nunca, nunca tinha considerado algo assim — espere aí. Nunca, mesmo? Grande parte da minha educação enfatizara os aspectos físicos de ser uma guardiã: vigilância, combate etc. Vez ou outra, porém, eu ouvira vagas menções àqueles que aqui, no mundo dos humanos, ajudariam a esconder Moroi ou tirá-los de situações perigosas ou embaraçosas. Nunca havia pensado muito a respeito ou ouvido o termo “alquimista”. Se tivesse ficado na escola, talvez fosse diferente.

Eu provavelmente não devia ter sugerido a ideia seguinte, mas minha natureza falou mais alto.

— Por que guardar o feitiço só para vocês? Por que não partilhá-lo com a humanidade?

— Porque existe um outro aspecto ligado a esse poder. Ele nos impede de falar sobre a sua espécie se com isso acabarmos ameaçando ou expondo vocês.

Um feitiço que suprime a voz deles... Isso me cheirava a compulsão. Todo Moroi sabia usar um pouco, e a maioria era capaz de lançar uma porção de sua magia em objetos a fim de lhes conferir certas propriedades. A mágica Moroi passou por mudanças ao longo dos anos, e hoje a compulsão era considerada algo imoral. O meu palpite era o de que a tatuagem era um encantamento bem, bem antigo, transmitido no decorrer dos séculos.

Repassei o restante do que Sydney havia falado, com mais perguntas pipocando em minha cabeça.

— Por que... Por que vocês querem manter distância de nós? Quer dizer, não que eu esteja atrás de uma

melhor amiga ou algo assim...

— Porque é nosso dever para com Deus proteger a humanidade dos seres malignos da noite. — Inconscientemente, sua mão buscou por algo no pescoço. Estava quase todo coberto pela capa, mas uma abertura em sua gola oferecia o relance de uma cruz dourada.

Minha reação inicial àquilo foi de desconforto, porque eu não era lá muito religiosa. Na verdade, nunca me senti realmente à vontade perto de fiéis mais devotos. Meio minuto depois, afinal, absorvi o restante do que Sydney acabara de dizer.

— Espere aí — comecei, indignada. — Está se referindo a todos nós, dapiros e Moroi? Somos *todos* seres malignos da noite?

Suas mãos baixaram da cruz, e ela não respondeu.

— Não somos como os Strigoi! — gritei.

Sua expressão era imperturbável.

— Os Moroi bebem sangue. Os dapiros são o cruzamento bizarro entre eles e os humanos.

Ninguém nunca havia me chamado de bizarra antes, tirando aquela vez em que pus ketchup num taco. Mas, sério, a salsa tinha acabado, então o que mais eu podia fazer?

— Moroi e dapiros *não são* maus — disse a Sydney. — Não como os Strigoi.

— Verdade — consentiu. — Os Strigoi são *mais* malignos.

— Ei, não foi o que eu...

A comida chegou nessa hora, e o frango empanado foi quase suficiente para me distrair da afronta de ser comparada a um Strigoi. O que ele fez mesmo foi me impedir de contestar as afirmações dela, enquanto eu cravava os dentes naquela crosta dourada e quase me desmanchava ali mesmo. Sydney havia pedido um hambúrguer com queijo e fritas e beliscava sua comida delicadamente.

Depois de detonar uma coxa de frango inteira, eu por fim estava pronta para retomar a discussão.

— Não nos parecemos em nada com Strigoi. Os Moroi não matam. Você não tem motivo para nos temer.

Mais uma vez, digo que não ansiava por me aproximar dos humanos. Nenhum dos dapiros ansiava — não do jeito como os humanos tendiam a se tornar inconsequentes e dispostos a dissecar tudo o que não entendiam.

— Qualquer humano que sabe sobre vocês vai saber sobre os Strigoi mais cedo ou mais tarde — disse ela. Ela brincava com as batatas fritas sem de fato comê-las.

— Mas saber sobre os Strigoi poderia ajudar os humanos a se proteger. — Por que é que eu estava bancando a advogada do diabo ali?

Sydney parou de mexer numa batata e a deixou cair no prato.

— Talvez. Só que existe um monte de gente que ficaria tentada pela ideia da imortalidade, ainda que tivesse que servir aos Strigoi depois de se tornar uma criatura diabólica. Você não acreditaria na forma como tantos humanos reagem ao saber da existência de vampiros. A imortalidade é um atrativo e tanto, apesar do mal que a acompanha. Ao saber dos Strigoi, muitos humanos tentam servi-los na esperança de um dia serem transformados.

— Que insanidade... — Me interrompi. No ano passado, encontráramos evidências de que humanos haviam ajudado Strigoi. Os Strigoi não podiam encostar nas estacas de prata, mas os humanos, sim, e alguns usaram essas estacas para quebrar os escudos Moroi. Será que prometeram a imortalidade a essas pessoas?

— Por isso o melhor é cuidarmos para que ninguém saiba sobre nenhum de vocês — disse Sydney. —

Vocês estão à solta por aí, todos vocês, e não há nada que possamos fazer. Façam a sua parte para se livrar dos Strigoi, e faremos a nossa para salvar a pele dos humanos.

Mastiguei uma asinha de frango e me controlei diante da mensagem implícita ali: ela estava salvando a própria espécie de pessoas como eu, também. De certa forma, o que ela dizia fazia sentido. Para nós era impossível andar pelo mundo incógnitos o tempo todo, e, sim, eu admitia, precisávamos de alguém para lidar com os corpos dos Strigoi. Humanos trabalhando com os Moroi eram a escolha ideal. Esses humanos poderiam circular livremente mundo afora, principalmente se possuíam os contatos e relacionamentos que ela vinha insinuando.

Parei no meio de uma mastigada, lembrando os pensamentos que tive ao caminhar com Sydney até ali. Forcei a comida goela abaixo e então tomei um demorado gole de água.

— Uma pergunta. Você tem contatos por toda a Rússia?

— Infelizmente — respondeu. — Quando nós, alquimistas, chegamos aos dezoito, somos encaminhados a um estágio para adquirir experiência profissional direto da fonte, além de fazer todo o tipo de contatos. Eu preferia ter ficado em Utah.

Aquilo era quase mais insano do que tudo que ela já me dissera, mas preferi não tocar na questão.

— Que tipo de contatos, exatamente?

Ela encolheu os ombros.

— Rastreamos os passos de vários Moroi e dampiros. Conhecemos ainda uma infinidade de funcionários do alto escalão governamental, humanos e Moroi. Se ocorre algum incidente com um vampiro entre os humanos, costumamos procurar alguém importante para subornar ou algo assim... Tudo fica por baixo dos panos.

Rastreamos os passos de vários Moroi e dampiros. Bingo. Me inclinei mais para a frente e baixeí a voz. Naquele instante, tudo pareceu atingir um ponto crítico.

— Estou procurando uma vila... Uma vila de dampiros lá na Sibéria. Não sei como se chama. — Dimitri só a mencionara uma vez, e eu esquecera o nome. — É algo como... Om?

— Omsk — corrigiu ela.

Me endireitei na cadeira.

— Você conhece?

Sydney não respondeu de imediato, porém seus olhos a traíram.

— Talvez.

— Conhece, sim! — exclamei. — Você precisa me dizer onde fica. Eu tenho que chegar lá.

Ela fez uma careta.

— Você vai se tornar... uma *daquelas*?

Então os alquimistas sabiam sobre as prostitutas de sangue. Não me surpreendia. Se Sydney e seus amigos conheciam tudo o mais sobre o mundo vampírico, conheceriam esse aspecto também.

— Não — respondi, do alto do meu orgulho —, só preciso encontrar alguém.

— Quem?

— Alguém.

Isso quase a fez sorrir. Seus olhos castanhos ficaram pensativos enquanto ela mastigava uma batata frita. Dera apenas duas mordidas em seu hambúrguer, o qual esfriava rapidamente. Por uma questão de princípios, eu mesma meio que tive vontade de comê-lo.

— Volto num instante — disse ela, ab-ruptamente. Ela se pôs de pé e se dirigiu a um canto mais silencioso do café. Tirando um celular daquela sua bolsa mágica, deu as costas para o aposento e fez uma

ligação.

Àquela altura, eu já havia devorado o meu frango e me servia de algumas das batatas dela, já que parecia cada vez menos provável que ela fosse lhes dar algum destino. Enquanto isso, ponderei as possibilidades à minha frente, me perguntando se encontrar a cidade de Dimitri seria assim tão fácil. E, uma vez chegando lá... seria simples então? Será que ele estaria lá, vivendo nas sombras, à procura de uma presa? E, diante dele, será que conseguiria enterrar minha estaca em seu coração? Essa imagem indesejada veio até mim mais uma vez, Dimitri com os olhos vermelhos e...

— Rose?

Pisquei. Eu entrara em órbita, e agora Sydney estava de volta. Ela se moveu até o seu lugar, no lado oposto da mesa.

— Então, parece que... — Ela deu uma parada e olhou para baixo. — Você comeu minhas batatas?

Não fazia ideia de como ela descobriu, considerando o tanto que ainda havia ali. Eu mal tocara nelas. Imaginando que o roubo das fritas contaria como evidência futura em meu registro como ser maligno da noite, respondi, na maior naturalidade:

— Não.

Ela franziu o cenho por um instante, ponderando, e em seguida disse:

— Pior é que eu sei onde fica essa cidade. Já estive lá antes.

Me endireitei na cadeira. Caramba. Aquilo realmente ia acontecer, depois de todas essas semanas de buscas. Sydney me diria onde ficava o tal lugar, e eu poderia ir e tentar encerrar esse capítulo horrível da minha vida.

— Muito, muito obrigada...

Sydney ergueu uma das mãos para me calar, e notei então o quanto parecia arrasada.

— Só que não vou dizer onde fica.

Minha boca se escancarou.

— O quê?

— Eu mesma vou levá-la até lá.

Três

— Espere... O quê?

Aquilo não estava nos planos. Não estava nos planos mesmo. Eu vinha tentando viajar pela Rússia da forma mais incógnita possível. Além disso, não apreciava muito a perspectiva de ter uma acompanhante — principalmente uma que parecia me odiar. Não sabia quanto tempo levaria até chegar à Sibéria — dois dias, supunha — e não conseguia imaginá-lo ao lado de alguém me dizendo o quanto eu era bizarra e maligna.

Engolindo minha revolta, apelei para a razão. Afinal, eu estava pedindo um favor.

— Não precisa — tentei, me forçando a sorrir. — A sua oferta é muito gentil, mas não quero incomodá-la.

— Bom — replicou Sydney, secamente —, não temos como fugir *disso*. E não estou sendo legal. Nem é uma escolha minha. É uma ordem dos meus superiores.

— Ainda assim, acho que seria uma dor de cabeça e tanto para você. Por que não me diz simplesmente onde fica e deixa eles para lá?

— Você obviamente não conhece as pessoas com quem eu trabalho.

— Nem preciso. Eu vivo ignorando a autoridade. Não é difícil depois que você se acostuma.

— Ah, é? E isso tem ajudado você a encontrar a tal vila? — perguntou, num tom zombeteiro. — Escute, se quiser chegar lá, esse é o único jeito.

Bom — era o único jeito de chegar lá se Sydney fosse minha informante. Eu sempre podia voltar às rondas no Rouxinol... Mas tinha levado esse tempo todo só para conseguir uma pista. Por outro lado, Sydney estava bem ali, diante de mim, com a informação de que eu precisava.

— Por quê? — indaguei. — Por que você tem que vir junto?

— Não posso lhe dizer. Resumo da história: são as minhas ordens.

Maravilha. Olhei para ela, tentando entender o que estava acontecendo ali. Por que cargas-d'água alguém — ainda mais humanos com um pé no mundo Moroi — se importaria com o destino de uma dampira adolescente? Não achava que Sydney tivesse qualquer motivo oculto — a não ser que fosse uma atriz muito, muito boa. No entanto, as pessoas a quem ela se reportava claramente tinham algo em mente, e eu não gostava nada de agir segundo o plano de outros. Ao mesmo tempo, eu ansiava por dar o próximo passo. Cada dia que passava era mais um em que eu não encontrava Dimitri.

— Quando partimos, então? — perguntei, por fim. Concluí que Sydney era um pau-mandado. Não demonstrara nenhuma habilidade ao tentar me seguir antes. Certamente não seria tão difícil despistá-la

assim que nos aproximássemos da cidade de Dimitri.

Ela pareceu meio desapontada com a minha resposta, quase como se esperasse que eu fosse recusar, para que assim ela pudesse tirar a corda do próprio pescoço. Não desejava a minha companhia mais do que eu desejava a dela. Abrindo a bolsa, Sydney apanhou mais uma vez o celular, mexeu nele por alguns minutos, e por fim surgiram alguns horários de trem. Ela me mostrou a tabela para o dia seguinte.

— Está bom para você?

Analisei a telinha e assenti.

— Sei onde fica essa estação. Consigo chegar lá.

— Tudo bem. — Ela se levantou e largou algum dinheiro sobre a mesa. — Vejo você amanhã. — Fez que ia embora e então olhou de novo para mim. — Ah, e pode ficar com o resto das minhas batatas.

Em minha primeira viagem à Rússia, me hospedei em albergues. Sem dúvida eu tinha dinheiro para pagar qualquer outro lugar, mas não queria chamar a atenção. Além disso, glamour não era bem o que eu tinha em mente, num primeiro momento. Quando comecei a frequentar o Rouxinol, porém, percebi que dificilmente poderia voltar a um alojamento de estudantes mochileiros num vestido de grife.

Portanto, agora estava vivendo num hotel de luxo, repleto de sujeitos que sempre me abrem as portas e cujo saguão tinha piso de mármore. E era tão grande que acredito que um albergue inteiro caberia ali. Talvez dois albergues. Meu quarto era igualmente amplo e exuberante, e me senti grata por chegar lá e poder trocar os saltos e o vestido. Percebi, com apenas uma pontinha de pesar, que eu teria de deixar os vestidos comprados em São Petersburgo para trás. Queria que minha bagagem fosse leve enquanto cruzasse o país, e, apesar do tamanho da minha mochila, havia um limite para o que eu conseguia carregar. Fazer o quê. Aqueles vestidos faziam o dia de alguma camareira, sem dúvida. A única peça ornamental de que eu realmente precisava era o meu *nazar*, um pingente que mais parecia um olho azul. Fora um presente da minha mãe, que por sua vez o havia recebido do meu pai. Eu sempre o usava em volta do pescoço.

Nosso trem para Moscou saía no fim da manhã, e então pegaríamos um segundo, cruzando o país até a Sibéria. Eu desejava estar bem-descansada e pronta para aquilo tudo. Uma vez de pijamas, me aninhei debaixo do pesado edredom na cama e torci para que o sono viesse logo. Em vez disso, minha mente girava com os acontecimentos recentes. Minha situação com Sydney representava uma reviravolta bizarra, mas era algo com que eu podia lidar. Enquanto continuássemos usando o transporte público, dificilmente ela conseguiria me fazer cair nas garras dos seus misteriosos superiores. E, segundo o que ela dissera sobre o nosso tempo de viagem, levaria apenas uns dois dias para alcançarmos a vila, afinal. Dois dias pareciam tão impossivelmente longos quanto curtos.

Significava que eu poderia muito bem confrontar Dimitri dali a poucos dias... E depois o quê? Eu seria capaz de fazer aquilo? Será que conseguiria reunir forças para matá-lo? E, ainda que decidisse que sim, será que teria habilidade suficiente para derrotá-lo? As mesmas perguntas que vinha me fazendo nas últimas duas semanas continuavam me açoitando, de novo e de novo. Dimitri me ensinara tudo o que eu sabia e, com os reflexos aprimorados de um Strigoi, ele de fato devia ser o deus que eu sempre brinquei que fosse. A morte era uma possibilidade real para mim.

Só que me preocupar não ajudaria muito agora, e, ao checar o relógio do quarto, descobri que estava na cama acordada há quase uma hora. Isso não era nada bom. Eu precisava estar em excelentes condições. Então recorri a algo que sabia que não devia fazer, mas que sempre funcionava quando queria tirar as preocupações da cabeça — em grande parte porque envolvia entrar na cabeça de outra pessoa.

Deslizar para a mente de Lissa me exigiu apenas uma pequena dose de concentração. Eu não sabia se

conseguia fazer isso quando estávamos assim, tão afastadas uma da outra; percebi, no entanto, que o processo não era tão diferente do que se eu estivesse bem ao lado dela.

Era manhã alta lá em Montana, e Lissa não tinha aula hoje porque era sábado. Nesse meu período de afastamento, trabalhei muito duro para erguer escudos psíquicos entre nós, bloqueando-a quase inteiramente, junto com suas emoções. Agora em sua cabeça, todas as defesas estavam baixas, e seus sentimentos me atingiram como uma onda bravia. Ela estava furiosa. Realmente furiosa.

— Por que ela pensa que pode me fazer ir aonde quiser, a hora que quiser, com um estalar de dedos? — resmungou.

— Porque ela é a rainha. E porque você fez um pacto com o demônio.

Lissa e seu namorado, Christian, passavam o tempo no sótão da capela da escola. Tão logo reconheci o lugar, senti o impulso de sair de sua cabeça. Aqueles dois já haviam tido encontros “românticos” além da conta ali, e eu não queria estar por perto se de repente suas roupas comesçassem a voar para longe. Felizmente — ou talvez não —, a sua irritação me dizia que não haveria sexo hoje, não com aquele mau humor.

Era meio irônico, na verdade. Seus papéis estavam invertidos. Lissa agia como a nervosinha enquanto Christian permanecia tranquilo e ponderado, tentando parecer calmo para o próprio bem dela. Estava sentado no chão, encostado a uma das paredes, e ela sentada à sua frente, Christian com as pernas abertas e os braços à sua volta. Lissa descansou a cabeça em seu peito e suspirou.

— Eu fiz tudo o que ela pediu nas últimas semanas! “Vasilisa, por favor, mostre o campus a esses estúpidos hóspedes reais.” “Vasilisa, por favor, suba num avião neste fim de semana para que eu possa apresentá-la a alguns funcionários chatos aqui da Corte.” “Vasilisa, por favor, reserve um pouco do seu tempo para ajudar os estudantes mais novos. Fará bem à sua imagem.”

Apesar da frustração de Lissa, não pude evitar um pequeno deslumbre. Ela fazia a voz da rainha Tatiana direitinho.

— Você teria feito essa última por vontade própria — observou Christian.

— É... Mas a questão é que teria sido *por vontade própria*. Ultimamente, ela vem tentando ditar cada aspecto da minha vida, e eu odeio isso.

Christian se inclinou para a frente e beijou sua bochecha.

— É como eu disse, você fez um pacto com o demônio. Você agora é a queridinha dela. A rainha quer ter certeza de que você vai cuidar bem da imagem dela.

Lissa fechou a cara. Embora os Moroi vivessem em países governados pelos humanos e fossem sujeitos a essas autoridades, eles também eram regidos por um rei ou uma rainha vindo de uma das doze famílias reais Moroi. A rainha Tatiana — uma Ivashkov — era a atual soberana, e adquirira um interesse particular por Lissa, a última integrante viva da família Dragomir. Assim, Tatiana e Lissa chegaram a um acordo. Se Lissa vivesse na Corte após a formatura na São Vladimir, a rainha conseguiria para ela uma vaga na Universidade de Lehigh, na Pensilvânia. Lissa era uma nerd declarada e pensara que viver na propriedade de Tatiana não seria algo tão ruim se assim pudesse estudar numa instituição prestigiada de médio porte, ao contrário das minúsculas comumente frequentadas pelos Moroi (por questões de segurança).

Entretanto, conforme vinha percebendo, as amarras que acompanhavam esse acordo já estavam devidamente posicionadas.

— E eu só engulo sapo — disse ela. — Só sorrio e digo: “Sim, Majestade. Tudo o que vossa Majestade quiser.”

— Então diga a ela que o acordo já era. Você vai fazer dezoito daqui a alguns meses. Membro da realeza

ou não, está livre de qualquer obrigação. Não precisa dela para entrar numa universidade grande. É só a gente dar o fora, você e eu. Vá para qualquer universidade que quiser. Ou, então, para nenhuma. Podemos fugir para algum lugar como Paris e trabalhar num pequeno café. Ou vender arte de quinta pelas ruas.

Isso fez com que Lissa risse, e ela se aninhou mais para perto de Christian.

— Claro. Já estou até vendo você atendendo as pessoas, com a maior paciência. Seria demitido no primeiro dia. Acho que a única maneira de a gente sobreviver é se eu for para a faculdade e nos sustentar.

— Você sabe que existem outras formas de entrar para a faculdade, não sabe?

— É, mas não para uma tão boa quanto essa — contrapôs Lissa, tristonha. — Pelo menos não assim, tão fácil. Esse é o único jeito. Só queria poder ter tudo isso e me impor um pouco mais a ela. Rose não deixaria isso barato.

— Rose teria ido para a cadeia por traição assim que Tatiana lhe pedisse para fazer alguma coisa.

Lissa sorriu com pesar.

— É. Teria mesmo. — O sorriso se transformou em suspiro. — Sinto tanta falta dela.

Christian a beijou novamente.

— Eu sei. — Era um assunto recorrente entre eles, um que nunca deixava de ser atual, porque o que Lissa sentia por mim nunca mudou. — Você sabe que ela está bem. Onde quer que esteja, ela está bem.

Lissa desviou o olhar, em direção à escuridão do sótão. A única luz vinha de um vitral que fazia o lugar parecer um mundo encantado. O espaço passara por uma faxina recentemente — feita por Dimitri e por mim, aliás. Isso fora apenas uns dois meses atrás, e no entanto poeira e caixas já se acumulavam mais uma vez. O padre dali era um bom sujeito, mas tinha o péssimo hábito de guardar tudo o que via pela frente. Lissa não reparou em nada disso. Seus pensamentos estavam concentrados demais em mim.

— Espero que sim. Eu só queria ter uma ideia, qualquer que fosse, de onde ela está. Tento me convencer de que, se alguma coisa acontecer com ela, se ela... — Lissa não conseguiu terminar. — Bom, eu tento me convencer de que eu *saberia*, de alguma forma. De que eu sentiria. Quer dizer, eu sei que o laço só funciona em uma direção... Isso nunca mudou. Mas eu saberia se algo acontecesse com ela, não é?

— Não sei — respondeu Christian. — Talvez sim. Talvez não. — Qualquer outro cara teria dito algo extremamente gentil e reconfortante, assegurando que sim, sim, *é claro* que ela saberia. Mas fazia parte da natureza de Christian ser brutalmente honesto. Lissa gostava disso nele. E eu também. Isso não o tornava aquele amigo divertido para todas as horas, mas pelo menos você tinha a certeza de que ele não estava fazendo nenhum joguinho.

Lissa suspirou de novo.

— Adrian diz que ela está bem. Ele a visita em sonhos. Eu daria tudo para ser capaz de fazer isso. A minha cura fica cada vez melhor, e já dominei aquele lance com as auras. Mas, até agora, nada com os sonhos.

Saber que Lissa sentia a minha falta machucava quase mais do que se ela tivesse me esquecido por completo. Nunca pretendi feri-la. Mesmo quando me ressentia por ela estar no controle da minha vida, jamais a odiei. Eu a amava como a uma irmã e não suportava pensar que agora sofria por minha causa. Como foi que tudo ficou tão bagunçado entre a gente?

Ela e Christian continuaram sentados ali, num silêncio confortável, emprestando força e amor um ao outro. Tinham o que Dimitri e eu um dia tivemos: a experiência de uma unidade e uma familiaridade tão poderosas que palavras costumavam ser desnecessárias. Ele correu os dedos pelos cabelos de Lissa, e, embora eu não conseguisse ver muito bem através de seus olhos, podia imaginar a forma como os fios pálidos brilhavam sob a luz multicolorida dos vitrais. Ele passou algumas longas mechas para trás de uma

orelha e então inclinou a cabeça, trazendo seus lábios até os dela. O beijo começou com leveza e doçura e foi lentamente se intensificando, o calor irradiando de sua boca para a dela.

“Ops”, pensei. Acho que era hora de dar no pé, afinal. Mas Lissa interrompeu aquilo antes que eu saísse.

— Está na hora — disse ela, a contragosto. — Precisamos ir.

A expressão nos olhos azuis cristalinos de Christian transmitia uma outra opinião.

— Talvez esta seja a ocasião perfeita para você se impor à rainha. Você devia ficar aqui, simplesmente; seria uma ótima forma de desenvolver o caráter.

Lissa lhe deu uma cotovelada de leve e a seguir plantou um beijo em sua testa antes de levantar.

— Não é *por isso* que você quer que eu fique, então nem tente brincar comigo.

Eles deixaram a capela, e Christian resmungou algo sobre querer mais do que apenas brincar, o que lhe rendeu outra cotovelada. Dirigiram-se para o prédio da administração, o coração do campus do ensino médio. Tirando os primeiros rubores da primavera, tudo parecia igual a quando parti — pelo menos na superfície. Os edifícios de pedra continuavam grandiosos e imponentes. As árvores antigas e altas permaneciam de pé. No entanto, nos corações de funcionários e alunos, algo havia mudado. Todos traziam as marcas daquele ataque. Muitos de nós foram mortos, e, ainda que as aulas tivessem recomeçado com força total, as pessoas ainda estavam de luto.

Lissa e Christian alcançaram o seu destino: o prédio da administração. Ela não sabia por que fora chamada, apenas que Tatiana desejara que ela conhecesse um sujeito da realeza recém-chegado à escola. Considerando o número de indivíduos que ultimamente Tatiana vinha pedindo para que ela recebesse, Lissa não dera muita atenção ao assunto. Ela e Christian entraram no gabinete principal e encontraram a diretora Kirova no maior papo com um Moroi mais velho e uma garota mais ou menos da nossa idade.

— Ah, srta. Dragomir. Aí está você.

Me meti em muitos apuros com a Kirova na época em que fui aluna, mas vê-la agora me fez sentir meio nostálgica. Ser suspensa por começar uma briga durante a aula parecia mil vezes melhor do que me arrastar até a Sibéria para encontrar Dimitri. Kirova continuava com a mesma cara de pássaro de sempre, os mesmos óculos equilibrados na ponta do nariz. O homem e a garota se levantaram, e Kirova gesticulou na direção deles.

— Estes são Eugene Lazar e sua filha, Avery. — Kirova se voltou para Lissa. — Estes são Vasilisa Dragomir e Christian Ozer.

Um intervalo considerável de reconhecimento se seguiu, então. Lazar era um sobrenome da realeza, o que não surpreendia, uma vez que Tatiana havia propiciado esse encontro. O sr. Lazar deu a Lissa um sorriso charmoso ao apertar a sua mão. Pareceu um pouco espantado por estar conhecendo Christian, mas o sorriso continuava ali. Claro, aquele tipo de reação a Christian não era tão incomum.

As duas formas de se tornar um Strigoi são por vontade própria ou à força. Um Strigoi poderia transformar alguém — humano, Moroi ou dampiro — ao beber o seu sangue e então alimentar essa pessoa com sangue Strigoi. Foi o que acontecera a Dimitri. A outra maneira de virar um Strigoi era exclusiva aos Moroi — e executada por vontade própria. Os Moroi que intencionalmente escolhem matar uma pessoa ao beber o seu sangue também se tornam Strigoi. Em geral, os Moroi só ingeriam porções pequenas e não letais de humanos voluntários. Mas tomar tanto a ponto de destruir a força vital de alguém? Bom, isso levava os Moroi para o lado negro, arrancando deles a sua magia elemental e transformando-os nos corruptos mortos-vivos.

Foi exatamente o que os pais de Christian fizeram. Mataram intencionalmente e se tornaram Strigoi para adquirir a vida eterna. Christian nunca demonstrara qualquer desejo de se transformar num Strigoi, mas

todos agiam como se fosse apenas uma questão de tempo. (É verdade que sua atitude irritadiça nem sempre ajudava.) Boa parte dos seus familiares próximos — apesar de ser da realeza — fora injustamente marginalizada, também. No entanto, ele e eu havíamos combinado forças para chutar um bando de traseiros Strigoi durante o ataque. Os relatos desse feito têm corrido por aí e melhorado a sua reputação.

Kirova nunca foi de perder tempo com formalidades, então foi direto ao assunto:

— O sr. Lazar será o novo diretor daqui.

Lissa ainda sorria educadamente para ele, mas sua cabeça se virou para Kirova na mesma hora:

— *O quê?*

— Vou renunciar ao cargo — explicou, com uma voz monótona e sem emoção que poderia rivalizar com a de qualquer guardião. — Embora ainda continue na escola como professora.

— *Você vai ser professora?* — perguntou Christian, incrédulo.

Ela lhe lançou um olhar seco.

— Sim, sr. Ozero. Foi para isso que eu vim a esta escola em primeiro lugar. Tenho certeza de que, se me esforçar bastante, vou acabar pegando o jeito novamente.

— Mas por quê? — indagou Lissa. — Você estava fazendo um ótimo trabalho.

Isso meio que era verdade. Apesar das minhas desavenças com Kirova — em geral, porque eu estava violando as regras —, ainda nutria um respeito saudável por ela. E Lissa também.

— Eu vinha pensando em voltar já há algum tempo — explicou Kirova. — Agora parecia um momento tão bom quanto qualquer outro, e o sr. Lazar é um administrador muito competente.

Lissa era muito boa em captar as pessoas. Acho que era parte dos efeitos colaterais do espírito, do mesmo modo que tornava seus usuários muito, mas muito carismáticos. Lissa teve a impressão de que Kirova estava mentindo, e eu também. Se fosse capaz de ler os pensamentos de Christian, aposto que ele se sentia da mesma forma. O ataque à Escola deixara muitos em pânico, principalmente os membros da realeza, ainda que o problema que provocara aquilo tudo já tivesse sido resolvido desde então. Eu suspeitava que essa história tinha a mão de Tatiana, forçando Kirova a renunciar e a deixar que um membro real assumisse o lugar, apaziguando assim os ânimos da realeza.

Lissa não permitiu que seus pensamentos transparecessem, e se dirigiu mais uma vez ao sr. Lazar.

— Bom, é um grande prazer conhecê-lo. Tenho certeza de que fará um ótimo trabalho. Me avise se puder ajudá-lo de alguma forma. — Ela interpretava o papel de legítima princesa com perfeição. Ser educada e gentil era um de seus muitos talentos.

— Na verdade — atalhou o sr. Lazar —, você pode, sim. — Ele detinha uma voz profunda e ribombante, do tipo que enchia uma sala. Gesticulou em direção à filha. — Será que poderia mostrar o campus a Avery e ajudá-la a se encontrar aqui? Ela se formou no ano passado, mas me assistirá em minhas tarefas. No entanto, não tenho dúvida de que ela preferiria passar o tempo com alguém da própria idade.

Avery sorriu, e pela primeira vez Lissa prestou atenção de verdade nela. Avery era linda. Estonteante. Lissa era linda, também, com seus cabelos deslumbrantes e os olhos verde-jade que corriam no sangue de sua família. Eu a achava centenas de vezes mais bonita do que Avery, mas, diante daquela garota mais velha, Lissa se sentiu meio sem sal. Avery era alta e magra como a maioria das Moroi, porém exibia ainda algumas curvas sedutoras. Aquele tipo de busto, como o meu, era invejado entre as Moroi, e seus longos cabelos castanhos e olhos de um azul cinzento fechavam o pacote.

— Prometo não causar muita dor de cabeça — disse Avery. — E, se quiser, posso lhe dar umas dicas de quem já viveu na Corte. Soube que você vai se mudar para lá.

Na mesma hora, as antenas de Lissa ligaram. Ela se deu conta do que estava acontecendo. Não apenas

Tatiana demovera Kirova, mas também enviara alguém para vigiar Lissa de perto. Uma bela e perfeita companhia, que poderia espioná-la e tentar prepará-la para atingir os padrões da rainha. As palavras de Lissa saíram perfeitamente educadas quando ela falou, porém havia uma pontinha indiscutível de frieza em sua voz.

— Seria ótimo. Tenho andado bastante ocupada, mas podemos arranjar um tempinho.

Nem o pai de Avery, nem Kirova pareceram notar a hostilidade nas entrelinhas, contudo algo faiscou nos olhos de Avery, comunicando a Lissa que a mensagem fora recebida.

— Obrigada — disse Avery. A não ser que eu estivesse enganada, havia um traço legítimo de mágoa perpassando o seu rosto. — Sei que vamos arranjar algum.

— Bem, bem — retomou o sr. Lazar, totalmente alheio ao drama entre as garotas. — Você poderia mostrar a Avery o prédio dos hóspedes, também? Ela ficará na ala leste.

— Claro — respondeu Lissa, que desejava fazer qualquer outra coisa, exceto aquilo.

Ela, Christian e Avery começaram a se retirar quando, naquele exato instante, dois sujeitos entraram no aposento. Um deles era Moroi, um pouco mais novo que nós, e o outro era um dampiro na casa dos vinte — um guardião, a julgar pelas feições duras e sérias.

— Ah, aí estão vocês — cumprimentou o sr. Lazar, convidando-os para dentro. Ele repousou uma das mãos sobre o ombro do mais jovem. — Este é o meu filho, Reed. Está no terceiro ano e vai estudar aqui. Ele está muito animado com isso tudo.

Na verdade, Reed se mostrava extremamente desanimado. Devia ser o sujeito mais carrancudo que eu já vi na vida. Se algum dia eu tivesse que interpretar o papel de um adolescente infeliz, poderia aprender tudo o que há para saber com Reed Lazar. Ele possuía a mesma boa aparência e traços físicos de Avery, só que estava tudo desfigurado por uma careta que parecia grudada em seu rosto. O sr. Lazar apresentou os outros a Reed. Sua única resposta foi um “Ei” gutural.

— E este é Simon, o guardião de Avery — continuou o sr. Lazar. — Claro que aqui no campus ele não precisa ficar com ela todo o tempo. Vocês sabem como funciona. Ainda assim, tenho certeza de que o verão por aí.

Eu esperava que não. Ele não parecia tão completamente desagradável quanto Reed, mas possuía uma natureza quase amarga, excessiva mesmo para um guardião. De repente, senti um pouco de pena de Avery. Se essa era a sua única companhia, eu ia querer fazer amizade com alguém como Lissa mais do que tudo na vida. Lissa, no entanto, deixou bem claro que não participaria dos joguinhos de Tatiana. Trocando poucas palavras, ela e Christian escoltaram Avery até o prédio dos hóspedes e logo saíram dali. Em outras circunstâncias, Lissa teria ficado para ajudá-la com a adaptação e se ofereceria para jantar com ela mais tarde. Não desta vez. Não com motivos ocultos em curso.

Retornei para o meu próprio corpo, de volta ao hotel. Sabia que não devia mais me preocupar com o que acontecia na Escola ou mesmo me sentir mal por Avery. Contudo, deitada ali olhando para a escuridão, não consegui reprimir a presunçosa — e, sim, bastante egoísta — satisfação obtida com aquele encontro: Lissa não estaria atrás de uma nova melhor amiga tão cedo.

Quatro

Em qualquer outro momento da minha vida, eu teria adorado conhecer Moscou. Sydney planejara a nossa viagem de tal forma que, quando nosso trem lá chegasse, disporíamos de poucas horas até embarcarmos no seguinte, que levaria à Sibéria. Isso nos deu algum tempo para esticar as pernas e conseguir jantar, embora ela quisesse ter certeza de que estaríamos na segurança da estação ferroviária antes que escurecesse demais. Apesar das minhas alegações sobre ser dura na queda ou das minhas marcas *molnija*, ela não queria se arriscar em absoluto.

Para mim, não fazia diferença a maneira como íamos passar aquele período de inatividade. Enquanto eu estivesse me aproximando de Dimitri, nada mais importava. Assim, Sydney e eu caminhamos sem destino certo, vendo os pontos turísticos e conversando muito pouco. Eu nunca estivera em Moscou. Era uma linda cidade, próspera e cheia de gente e comércio. Poderia ter ficado dias por lá, só fazendo compras e experimentando restaurantes. Lugares dos quais eu ouvira falar a vida toda — o Kremlin, a praça Vermelha, o Teatro Bolshoi — estavam ao alcance dos dedos. Por mais legal que aquilo tudo fosse, acabei tentando me desligar dos cenários e sons da cidade porque me lembravam... bom, Dimitri.

Ele vivia me falando sobre a Rússia o tempo todo e jurara que eu iria amar o país.

— Seria um conto de fadas para você — me dissera uma vez. Fora durante um treino antes da escola, no final do último outono, pouco antes de a primeira neve cair. O ar estava enevoadado, e o orvalho cobria tudo.

— Lamento, camarada — repliquei, jogando as mãos para trás para prender o cabelo num rabo de cavalo. Dimitri sempre adorou me ver de cabelos soltos, mas durante um treino de combate? O cabelo grande se tornava uma desvantagem e tanto. — Borgue e música antiquada não fazem parte de nenhum final feliz que eu já tenha imaginado.

Ele então me dera um daqueles sorrisos raros e descontraídos, do tipo que só enrugava de leve o canto dos seus olhos.

— Borsche, e não “borgue”. E eu já vi o seu apetite. Se estivesse com fome suficiente, você comeria.

— Quer dizer que preciso de inanição para esse conto de fadas acontecer? — Não havia nada que eu adorasse mais do que provocar Dimitri. Bom, exceto, talvez, beijá-lo.

— Estou falando da terra. Das construções. Vá para uma das grandes cidades, é diferente de tudo o que você já viu. Os americanos tendem a construir o mesmo, sempre em blocos grandes e atarracados. Fazem o que é rápido e fácil. Já na Rússia as construções são verdadeiras obras de arte. Elas *são* arte, inclusive as mais ordinárias e cotidianas. E locais como o Palácio de Inverno e a catedral da Santa Trindade, em São

Petersburgo? São de tirar o fôlego.

Seu rosto se iluminara ao lembrar os lugares que ele tinha visto, com uma alegria que deixara aqueles traços maravilhosos ainda mais divinos. Acho que ele poderia ter passado o dia todo citando pontos turísticos. Meu peito queimara por dentro, só de observá-lo. E então, como sempre acontecia quando eu temia acabar dando uma de idiota ou sentimentalóide, eu soltava uma piada para desviar a atenção e ocultar meus sentimentos. Isso o fizera reassumir a postura profissional, e voltáramos ao trabalho.

Agora, andando pelas ruas da cidade com Sydney, desejei não ter feito aquela piada e ouvido Dimitri falar mais sobre sua terra natal. Daria qualquer coisa para tê-lo ali comigo, do jeito que ele costumava ser. Ele estava certo com relação às construções. Claro, a maioria eram blocos de concreto como os que você encontraria nos Estados Unidos ou em qualquer parte do mundo, mas algumas eram extraordinárias — pintadas em cores vivas, adornadas por aquelas cúpulas estranhas porém belas em forma de cebola. Às vezes, pareciam mesmo com algo vindo de outro mundo. E o tempo todo não parei de pensar que Dimitri é quem devia estar ali, do meu lado, apontando as coisas e me explicando o que eram. Devíamos estar no meio de uma fuga romântica. Dimitri e eu poderíamos ter comido em restaurantes exóticos e saído para dançar à noite. Eu usaria um daqueles vestidos de grife que deixei para trás, no hotel de São Petersburgo. Era para ter sido assim. Não era para sermos eu e uma humana raivosa.

— Surreal, não é? Como algo saído de uma história.

A voz de Sydney me sobressaltou, e me dei conta de que tínhamos parado em frente à nossa estação de trem. Havia inúmeras delas em Moscou. Ao ecoar a minha conversa com Dimitri, Sydney fez com que um frio me descesse pela espinha — em grande parte porque ela estava certa. A estação não ostentava cúpulas aceboladas, mas ainda se assemelhava a algo vindo direto de um livro infantil, como num encontro entre o castelo da Cinderela e a casa feita de doces de João e Maria. Possuía um grande teto arqueado e torres em cada quina. As paredes brancas eram permeadas por trechos de tijolo marrom e mosaico verde, quase tornando-as listradas. Nos Estados Unidos, alguns diriam talvez que aquilo era espalhafatoso. Para mim, era lindo.

Senti as lágrimas começarem a brotar nos olhos quando pensei no que Dimitri teria comentado sobre aquela construção. Provavelmente a teria amado da mesma forma que amava todo o resto ali. Percebendo que Sydney esperava uma resposta minha, engoli mais uma vez aquela dor e banqueei a adolescente abusada.

— Só se tiver saído de uma história sobre uma estação de trem.

Ela arqueou uma das sobrancelhas, surpresa com a minha indiferença, porém não insistiu no assunto. Vai saber? De repente, se eu continuasse com o sarcasmo, ela acabaria se enchendo e sumindo da minha vida. Não sei por quê, mas eu duvidava que daria uma sorte dessas. Era bem provável que o medo que ela tinha de seus superiores levasse a melhor sobre qualquer outro sentimento que nutrisse por mim.

Ganhamos acomodações de primeira classe no trem, as quais se mostraram um pouco menores do que eu esperava. Havia em cada lado um assento que também servia de cama, e ainda uma janela e uma tevê no alto da parede. Imaginei que isso ajudaria a passar o tempo, só que eu quase sempre tinha problemas para assistir à televisão russa — não apenas por causa daquela língua, mas também porque alguns programas eram completamente bizarros. Pelo menos Sydney e eu teríamos um espaço separado para cada, ainda que o aposento fosse mais acolhedor do que gostaríamos.

As cores me lembraram vários daqueles mesmos padrões extravagantes espalhados pela cidade. Até o corredor do lado de fora da nossa cabine era colorido de maneira vistosa por um tapete de pelúcia com formas vermelhas e amarelas e uma passadeira verde-azul e amarela sobreposta bem no meio. No interior da cabine, os assentos estavam cobertos por travesseiros de um veludo alaranjado vivo, com cortinas

combinando em tons de ouro e pêssego, feitas de um tecido grosso e pesado, adornado com uma estampa de fios de seda. Com tudo aquilo e mais a mesa trabalhada no centro de nossa cabine, era quase como viajar num palácio em miniatura.

Estava escuro lá fora quando o trem deixou a estação. Por um motivo qualquer, o transiberiano sempre parte de Moscou à noite. Ainda não era tão tarde, mas Sydney disse que queria dormir, e eu não desejava deixá-la mais irritada do que já estava. Então apagamos todas as luzes, exceto por uma minúscula luminária de leitura perto da minha cama. Eu comprara uma revista na estação ferroviária, e, embora não entendesse a língua, as fotos de maquiagem e roupas transcendiam qualquer barreira cultural. Eu virava as páginas o mais silenciosamente possível, admirando os tops do verão e os vestidos e me perguntando quando — ou nunca mais? — conseguiria ficar pensando nesse tipo de coisa novamente.

Não estava cansada quando me deitei, mas o sono se apoderou de mim assim mesmo. Estava sonhando com esqui aquático, e de repente as ondas e o sol ao meu redor se desmancharam num recinto forrado por prateleiras e mais prateleiras de livros. Mesas com computadores de última geração se enfileiravam, e uma calma permeava o lugar. Eu estava na biblioteca da São Vladimir.

— Ah, fala *sério*. Hoje não — grunhi.

— Por que não hoje? Por que não todo dia?

Dei meia-volta e me encontrei diante do lindo rosto de Adrian Ivashkov. Adrian era um Moroi, o sobrinho-neto da rainha, e alguém que deixei para trás em minha antiga vida quando parti nessa missão suicida. Ele tinha belos olhos verde-esmeralda que faziam a maioria das garotas desmaiarem, principalmente porque vinham acompanhados de cabelos castanhos bagunçados com estilo. Além disso, Adrian estava meio que apaixonado por mim, e era a razão para eu dispor de tanto dinheiro nessa viagem. Usei meu charme para conseguir isso dele.

— Verdade — admiti. — Acho que eu devia agradecer por você só dar as caras uma vez por semana.

Adrian abriu um sorriso e sentou numa das cadeiras de madeira, com o encosto ripado virado para a frente. Ele era alto, como a maioria dos Moroi, com um corpo magro e musculoso. Garotos Moroi nunca ficam muito robustos.

— Longe dos olhos, perto do coração, Rose. Não quero deixá-la mal-acostumada com a minha companhia.

— Não se preocupe; não corremos nenhum risco de que isso aconteça.

— Imagino que não vai me dizer onde você está, vai?

— Não.

Além de Lissa, Adrian era o único outro usuário do espírito que conhecíamos com vida, e entre seus talentos estava a habilidade de aparecer nos meus sonhos — com frequência, sem ser convidado — e falar comigo. Encarei como uma bênção que os seus poderes nunca o tenham de fato ajudado a descobrir onde eu estava.

— Você me mata, Rose — disse ele, melodramático. — Cada dia é uma agonia sem você. Vazio. Solitário. Eu sofro por você, sem nem mesmo saber se ainda está viva.

Adrian falou aquilo de um jeito bobo e exagerado, típico dele. Raramente levava algo a sério e sempre mostrava um lado mais atrevido. O espírito tendia ainda a desequilibrar seus usuários, e, embora ele lutasse contra isso, não saía ileso. Por trás daquele melodrama, porém, senti uma pontinha de verdade. Apesar da imagem seca que Adrian quis passar, ele se preocupava comigo de verdade.

Eu cruzei os braços.

— Bom, eu ainda estou viva, viu? Então, acho que você já pode me deixar voltar a dormir.

— Quantas vezes já lhe disse isso? Você *está* dormindo.

— Ainda assim, inexplicavelmente, me sinto exausta quando converso com você.

Isso o fez rir.

— Ah, como sinto a sua falta. — O sorriso desapareceu. — Ela também sente.

Me enrijeci. *Ela*. Adrian nem precisava dizer seu nome. Não havia dúvida sobre quem ele estava falando. “Lissa.”

Até proferir o nome dela na minha cabeça me causava dor, principalmente depois de vê-la na noite passada. Escolher entre Lissa e Dimitri fora a decisão mais difícil da minha vida, e o passar do tempo não tornou as coisas mais fáceis. Eu podia ter escolhido Dimitri, mas ficar longe dela era como andar por aí sem um dos braços, ainda mais com o laço cuidando para que nunca ficássemos realmente separadas.

Adrian me deu um olhar perspicaz, como se pudesse adivinhar os meus pensamentos.

— Você sai para vê-la?

— Não — respondi, me recusando a admitir que a tinha visto justo na noite anterior. Que ele pensasse que eu estava realmente livre de tudo aquilo. — Essa não é mais a minha vida.

— Certo. A sua vida agora são só essas missões perigosas de justiceira.

— Você não entenderia nada que não tivesse a ver com bebida, cigarro ou mulheres.

Adrian meneou a cabeça.

— Você é a única que eu quero, Rose.

Infelizmente, eu acreditava nele. Seria mais fácil para nós dois se ele encontrasse outra pessoa.

— Bom, você pode continuar se sentindo assim, mas vai ter que continuar esperando.

— Por muito mais tempo?

Adrian vivia me perguntando isso, e toda vez eu enfatizava que demoraria e que ele estava perdendo tempo. Naquela noite, com a possível pista de Sydney na cabeça, eu hesitei.

— Não sei.

A esperança brotou em seu rosto.

— É a coisa mais otimista que você já me disse até agora.

— Não crie muita expectativa em cima disso. “Não sei” poderia ser um dia ou um ano. Ou nunca.

Seu sorriso travesso voltou, e mesmo eu tive que admitir como era uma gracinha.

— Vou esperar que seja um dia.

Pensar em Sydney me trouxe uma questão à mente.

— Ei, já ouviu falar dos alquimistas?

— Com certeza.

Típico.

— Claro que já ouviu.

— Por quê? Esbarrou com algum deles?

— Mais ou menos.

— O que você fez?

— Por que acha que eu fiz alguma coisa?

Ele riu.

— Os alquimistas só dão as caras quando problemas aparecem, e você traz problemas para onde quer que vá. Mas tome cuidado. Eles são fanáticos religiosos.

— Isso é meio radical — comentei. A fé de Sydney não parecia ser algo ruim.

— Só não deixe que a convertam. — E deu uma piscadela. — Gosto de você como a pecadora que é.

la lhe dizer que Sydney provavelmente não via qualquer chance de salvação para mim, mas ele encerrou o sonho, me deixando voltar a dormir.

Só que, em vez de voltar para os meus próprios sonhos, eu acordei. À minha volta, o trem zumbia reconfortante enquanto avançávamos pelo interior da Rússia. Minha luminária continuava acesa, com uma luz forte demais para os meus olhos sonolentos. Estendi a mão para desligá-la e notei que a cama de Sydney estava vazia. “Provavelmente no banheiro”, pensei. Mesmo assim, fiquei desconfiada. Ela e o seu grupo de alquimistas ainda eram um mistério, e de repente temi que ela estivesse tramando algum plano sinistro. Será que não estava por aí, se encontrando com um espião disfarçado? Decidi procurar por ela.

Tudo bem que eu não fazia nem ideia de onde Sydney poderia se encontrar num trem daquele tamanho, mas a lógica nunca foi de me deter nesses casos. Não seria agora que ela iria começar. Felizmente, após deslizar para os meus sapatos e sair para o corredor adjacente à nossa cabine, descobri que não precisaria procurar muito.

O corredor dispunha de janelas, todas ornadas por aquelas cortinas luxuosas, e Sydney jazia parada de costas para mim, olhando para fora do trem, enrolada num cobertor. Seu cabelo ainda estava bagunçado da cama, e parecia menos dourado sob a luz débil.

— Ei... — comecei, hesitante. — Tudo bem com você?

Ela se virou um pouco em minha direção. Uma das mãos segurava o cobertor; a outra brincava com a cruz ao redor do pescoço. Me lembrei dos comentários de Adrian sobre a religião.

— Não consigo dormir — disse ela, bruscamente.

— Isso é... por minha causa?

Sua única resposta foi retornar para a janela.

— Escute — arrisquei, sem muita convicção —, se houver algo que eu possa fazer... Quer dizer, tirando voltar e cancelar esta viagem...

— Eu dou conta. Isso é só, bom, é muito estranho para mim. Eu lido com gente como você o tempo todo, mas não *lido* com vocês de verdade, sabe?

— Talvez a gente possa arranjar um quarto só para você, se isso ajudar. Podemos achar algum funcionário, e eu tenho o dinheiro.

Ela balançou a cabeça.

— É só por dois dias, se tanto.

Não sabia o que mais podia dizer. Ter Sydney como acompanhante era um inconveniente no grande cenário dos meus planos, mas não desejava o seu sofrimento. Observando-a mexer na cruz, tentei pensar em algo reconfortante para dividir com ela. Trocar opiniões sobre Deus talvez fosse uma forma de nos aproximarmos; entretanto, não sei, achei que contar a ela como eu vinha travando batalhas diárias com Ele e duvidando de Sua existência não ajudaria muito com a minha reputação de “ser maligno da noite”.

— Tudo bem — concordei, por fim. — Me avise se mudar de ideia.

Voltei para a cama e caí no sono surpreendentemente rápido, apesar do temor de que Sydney fosse passar a noite inteira no corredor, de pé. No entanto, quando despertei pela manhã, ela estava aninhada em sua cama, num sono profundo. Pelo jeito, a exaustão fora tanta que mesmo o medo que sentia de mim a levou a descansar. Levantei de mansinho e troquei a camiseta e a calça de moletom que usara à noite. Eu ansiava pelo café da manhã e imaginei que Sydney poderia dormir por mais tempo se eu não estivesse por perto.

O restaurante ficava no vagão seguinte ao nosso e parecia com algo saído de um filme antigo. Elegantes linhos de cor vinho forravam as mesas, e latão e madeira escura, acompanhados da arte de esparsos vitrais de

cores vivas, conferiam todo um clima antiquado ao lugar. Dava mais a impressão de ser um restaurante que eu encontraria nas ruas de São Petersburgo do que um vagão especial para refeições. Pedi algo que lembrava vagamente uma rabanada, só que levava queijo em cima. Veio com salsichas, as quais até então pareciam ser iguais em todo lugar que eu fui.

Tinha praticamente terminado quando Sydney entrou no vagão. Quando a conheci naquela primeira noite, supus que usara as calças e a blusa sociais por causa do Rouxinol. Estava descobrindo, no entanto, que aquele era mesmo o seu estilo de roupa. Fiquei impressionada com o fato de ela não ter jeans ou camisetas. Estivera desleixada parada no corredor ontem à noite, mas agora vestia lindas calças pretas e um suéter verde-escuro. Eu estava de jeans e uma camisa cinza de manga comprida e me senti meio descuidada ao lado dela. Seus cabelos foram penteados e produzidos, embora ainda mantivessem aquele visual um pouquinho bagunçado que, desconfiei, nunca iria embora, não importava o quanto ela tentasse. Ao menos hoje eu podia contar com meu belo rabo de cavalo.

Ela se sentou à minha frente e pediu um omelete quando o garçom se aproximou, mais uma vez em russo.

— Como você sabe falar isso? — perguntei.

— O quê, russo? — Ela deu de ombros. — Tive que aprender enquanto crescia. E também outras línguas.

— Uau.

Também tive aulas introdutórias de umas duas línguas, e me saí pessimamente em todas elas. Não havia pensado muito nisso na época, mas agora, por causa da viagem e de Dimitri, desejei de verdade ter aprendido russo. Imaginei que ainda não era tarde demais para isso, e pesquei algumas frases durante o tempo que passei por lá, mas, mesmo assim... era desanimador.

— Você deve ter que aprender um bocado de coisas para esse trabalho — refleti, avaliando o que significaria fazer parte de um grupo secreto que cruzava as fronteiras internacionais e interagira com todo tipo de governo. Um outro pensamento me ocorreu: — E quanto àquilo que você usou no Strigoi? Que desintegrou o corpo?

Ela sorriu. Praticamente.

— Bom, eu disse que os alquimistas começaram como um grupo de pessoas tentando criar poções, não disse? Aquele é um composto que desenvolvemos para nos livrar rapidamente dos corpos dos Strigoi.

— E você poderia usá-lo até para matar um deles? — indaguei. Mergulhar um Strigoi em um solvente seria muito mais simples do que os métodos tradicionais: decapitando, enfiando uma estaca ou incendiando.

— Temo que não. Só funciona em cadáveres.

— Que brochante. — Imaginei se ela não teria outras poções guardadas na manga, mas achei melhor economizar o meu estoque diário de perguntas sobre Sydney. — Que vamos fazer quando chegarmos a Omsh?

— Omsk — corrigiu. — Vamos arranjar um carro e dirigir o resto do caminho.

— Você já esteve lá? Nessa vila?

— Uma vez — assentiu.

— E como é? — quis saber, surpresa por ouvir um tom ansioso em minha própria voz. Além da minha missão de encontrar Dimitri, havia uma parte de mim que simplesmente queria se agarrar a tudo o que estivesse ligado a ele. Eu desejava aprender tudo sobre ele que não havia aprendido até então. Se a escola tivesse me dado os seus pertences, eu teria dormido com eles toda noite. Mas o seu quarto fora esvaziado

bem depressa. Agora, só me restava reunir os fragmentos dele que fossem possíveis, como se, ao juntar aqueles punhados de informação, eu de alguma maneira o estivesse mantendo ao meu lado.

— Como qualquer outra cidade de vampiros, eu acho.

— É que eu nunca estive em uma.

O garçom pôs o omelete de Sydney na mesa, e ela parou o garfo no ar.

— Sério? Achei que todas vocês... Bom, eu sei lá.

Meneou a cabeça.

— Passei a minha vida inteira na São Vladimir. Quer dizer, mais ou menos. — O intervalo de dois anos entre os humanos não era assim tão relevante.

Sydney mastigava meditativamente. Eu podia apostar que ela não terminaria o omelete. Pelo que eu vira naquela primeira noite e enquanto esperávamos nossos trens ontem, ela parecia não comer quase nada. Como se ela se alimentasse de puro ar. Talvez tivesse a ver com o fato de ela ser uma alquimista. Ou, mais provável, só tivesse a ver com o fato de ela ser Sydney.

— A cidade é meio humana, meio vampira, mas os vampiros se misturam bem. Eles possuem toda uma sociedade subterrânea da qual os humanos não têm o menor conhecimento.

Sempre supus que houvesse uma subcultura inteira se desenvolvendo, mas eu não fazia ideia de como ela podia funcionar com o restante da cidade.

— E então? — perguntei. — Como é essa subcultura?

Ela repousou o garfo no prato.

— Digamos que é melhor você se preparar.

Cinco

O restante da viagem correu sem qualquer imprevisto. Sydney nunca perdeu de todo aquele desconforto que parecia sentir quando eu estava por perto, mas, às vezes, em minhas tentativas de compreender a televisão russa, ela se dava ao trabalho de me explicar sobre o que estavam falando. Existiam algumas diferenças culturais entre esses programas e aqueles a que nós duas crescêramos assistindo, então tínhamos isso em comum. De quando em vez, ela esboçava um sorriso diante de algo que acháramos engraçado, e eu percebia que ali havia alguém com quem eu talvez pudesse fazer amizade. Sabia que nunca encontraria uma substituta para Lissa, mas acho que uma parte de mim ainda ansiava por preencher o vácuo de amizade aberto depois que a abandonei.

Sydney caía no sono repetidas vezes durante o dia, e comecei a achar que aquilo se tratava simplesmente de um caso de insônia com padrões de sono bizarros. E ela ainda insistia naquele comportamento alimentar igualmente estranho, mal tocando em suas refeições. Sempre deixava as sobras para mim e vinha se aventurando um pouquinho mais pela culinária local. Me vi obrigada a experimentar logo ao chegar, e era bom contar com a orientação de alguém que, embora não fosse nativo dali, sabia muito mais sobre o país do que eu.

No terceiro dia de viagem, descemos em Omsk. Para um lugar situado na Sibéria, a cidade era maior e mais bela do que eu esperava. Dimitri sempre tentou me convencer de que a semelhança que eu via entre a região e a Antártida estava equivocada, e eu percebia agora que ele tinha razão — pelo menos no que dizia respeito àquela parte, mais ao sul. O clima não era muito diferente do que eu experimentara em Montana nessa época do ano, com o ar frio da primavera esporadicamente aquecido pelos raios de sol.

Sydney havia me contado que, tão logo pisássemos lá, nos arranjaría uma carona com um Moroi que ela conhecia. Vários deles viviam na cidade, misturando-se à numerosa população. No entanto, com o passar do dia, nos deparamos com um problema. Moroi algum nos levaria até a vila. Ao que parecia, a estrada era perigosa. Strigoi costumavam andar por ali à noite, na esperança de apanhar Moroi ou vampiros viajantes. Quanto mais Sydney explicava, mais preocupada eu ficava com relação ao meu plano. Tudo indicava que não havia muitos Strigoi *dentro* da cidade de Dimitri propriamente dita. De acordo com Sydney, eles espreitavam pela periferia da cidade, mas poucos fixavam residência por lá. Se esse era o caso, minhas chances de encontrar Dimitri diminuía. E as coisas ficavam ainda piores à medida que Sydney continuava a descrever a situação.

— Muitos Strigoi viajam pelo país à procura de vítimas, e a vila é apenas um lugar de passagem —

explicou. — A estrada é meio deserta, então alguns se demoram por um tempo para tentar a sorte com presas fáceis. E depois seguem adiante.

— Nos Estados Unidos, os Strigoi se escondem mais em grandes cidades — comentei, com certo desconforto.

— Eles fazem isso aqui também. Para eles, fica mais fácil fazer suas vítimas sem serem notados.

É, isso definitivamente jogou um balde de água fria nos meus planos. Se Dimitri não estivesse vivendo naquela cidade, eu iria enfrentar sérios problemas. Eu sabia que os Strigoi gostavam de cidades grandes, mas, de alguma forma, me convenci de que Dimitri retornaria ao lugar onde fora criado.

Porém, se Dimitri não estivesse ali... Bom, ab-ruptamente, a enormidade da Sibéria se abateu sobre mim. Fiquei sabendo que Omsk não era sequer a maior cidade da região, e encontrar um único Strigoi que fosse representaria um desafio. Procurar por ele em qualquer outra das inúmeras cidades, e talvez ainda maiores, então? As coisas iriam ficar muito, mas muito feias se o meu palpite se provasse errado.

Desde que parti para encontrar Dimitri, vez ou outra eu passava por momentos difíceis nos quais eu meio que torcia para nunca atingir meu objetivo. Pensar nele como um Strigoi ainda me atormentava. Eu também era visitada por outras imagens... Imagens de quem ele um dia já tinha sido e memórias do tempo que passamos juntos.

Acredito que minha recordação mais preciosa seja de pouco antes da transformação. Tratava-se de uma daquelas ocasiões em que precisei absorver de Lissa toda a escuridão gerada pelo espírito. Eu ficara fora de controle, incapaz de recuperar a compostura. Estava com medo de me tornar um monstro, com medo de tirar a própria vida como outra guardiã beijada pelas sombras havia feito.

Dimitri foi quem me devolveu o autocontrole, me emprestando a sua força. Ali percebi quão intensa era a nossa conexão, quão perfeitamente nos entendíamos. Eu costumava ser cética em relação a essa história de almas gêmeas, mas, naquele momento, soube que era verdadeira. E, com essa conexão emocional, veio a física, também. Dimitri e eu finalmente havíamos cedido à nossa atração mútua. Tínhamos jurado que nunca aconteceria, mas... Bom, os nossos sentimentos eram fortes demais, e ponto. Ficara impossível continuarmos afastados um do outro. A gente transou, e aquela havia sido a minha primeiríssima vez. Às vezes eu tinha certeza de que seria também a minha última.

O ato em si fora maravilhoso, e eu nem soube diferenciar o prazer físico do emocional. Ao final, permanecêramos deitados juntos naquela pequena cabana pelo máximo de tempo que ousamos, e isso fora igualmente maravilhoso, um dos poucos momentos em que senti que ele era meu de verdade.

— Lembra do feitiço da luxúria usado por Victor? — perguntara eu na época, me aninhando mais para perto dele.

Dimitri me olhara como se eu estivesse com um parafuso a menos.

— Claro que sim.

Victor Dashkov era um Moroi da realeza, e já fora próximo de Lissa e de sua família. Mal sabíamos que ele passara anos estudando secretamente o espírito e que identificara Lissa como usuária antes mesmo de ela descobrir o que era isso. Ele a submetera a todo tipo de joguinhos mentais, que a fizeram pensar que realmente estava enlouquecendo. O clímax do seu estratagema fora o sequestro e a tortura de Lissa, forçando-a a curá-lo da doença que o estava matando.

Victor agora vivia sob prisão perpétua, tanto para pagar pelo que havia feito a Lissa quanto por seus traiçoeiros planos de rebelião contra o governo Moroi. Ele fora um dos poucos que sabiam do meu envolvimento com Dimitri, algo que me atormentara infinitamente. Ele inclusive contribuíra para impulsionar a nossa relação criando um feitiço de luxúria — um colar infundido com terra e compulsão. O

feitiço estava carregado de uma magia perigosa, que fez com que Dimitri e eu cedêssemos aos instintos mais primitivos. Só nos afastáramos no último instante, e até a nossa noite na cabana eu enxergara aquele encontro causado pelo feitiço como o cúmulo da euforia física.

— Eu não imaginava que podia ficar melhor — confessara a Dimitri depois que de fato dormimos juntos. Me senti um pouco tímida ao entrar no assunto. — Eu pensava naquilo o tempo todo... no que aconteceu entre a gente.

Ele se virou para mim, puxando as cobertas para cima. Fazia frio na cabana, porém a cama dispunha de cobertores quentinhos. Poderíamos ter vestido nossas roupas de volta, é claro, mas essa era a última coisa que eu queria fazer. O contato da minha pele contra a dele era simplesmente bom demais.

— Eu também pensava.

— É sério? — perguntei, surpresa. — Achei que... Sei lá. Achei que você fosse disciplinado demais para isso. Achei que fosse tentar esquecer.

Dimitri riu e me beijou o pescoço.

— Rose, como eu poderia esquecer que estive nu com alguém tão linda quanto você? Passei várias noites em claro, repassando cada detalhe. Disse a mim mesmo que aquilo era errado, mas você é impossível de esquecer. — Seus lábios se moveram em direção à minha clavícula, e uma de suas mãos me acariciou o quadril. — Você está para sempre gravada na minha memória. Não há nada, nada neste mundo que possa mudar isso.

E eram lembranças assim que tornavam tão difícil compreender essa jornada para matá-lo, mesmo ele sendo um Strigoi. Entretanto... ao mesmo tempo, era exatamente por causa de lembranças assim que eu tinha que destruí-lo. Precisava me lembrar dele como o homem que um dia me amou e me acalentou na cama. Precisava me lembrar de que esse mesmo homem não desejaria existir enquanto monstro.

Não estava lá muito animada quando Sydney me mostrou o carro que ela comprara, basicamente porque fui eu quem lhe deu dinheiro para isso.

— É nisso que vamos viajar? — me surpreendi. — Será que consegue nos levar até lá? — Ao que parecia, a viagem duraria sete horas.

Ela me lançou um olhar chocado.

— Está brincando? Sabe que carro é esse? É um Citroën 1972. Essas belezinhas são fantásticas. Faz alguma ideia de como seria difícil trazer um desses para cá nos tempos da União Soviética? Nem acredito que aquele cara aceitou vendê-lo. Mal sabe ele!

Eu sabia pouco sobre a era soviética, e menos ainda sobre carros clássicos, mas Sydney deslizou os dedos ao longo do vistoso capô vermelho como se estivesse no paraíso. Quem iria imaginar? Sydney, uma apaixonada por carros. Talvez ele fosse mesmo valioso, e eu incapaz de perceber, simplesmente. Eu era mais ligada nos lustrosos e novíssimos modelos esportivos. Justiça seja feita, aquele veículo não possuía amassados ou partes enferrujadas, e, tirando o visual fora de época, parecia limpo e bem-cuidado.

— E vai ligar? — indaguei.

Como se fosse possível, sua expressão de incredulidade cresceu ainda mais.

— É claro que vai!

E ligou mesmo. O motor voltou à vida com um zumbido contínuo, e, pela forma como acelerou, comecei a entender a fascinação de Sydney. Ela queria dirigir, e eu estava prestes a argumentar que o meu dinheiro é que tinha bancado aquilo. Observando o olhar de adoração em seu rosto, porém, acabei decidindo não me meter entre o carro e ela.

Eu estava satisfeita por termos partido sem perda de tempo. Já era fim de tarde. Se a estrada era perigosa como todos diziam, não íamos querer estar por lá quando escurecesse. Sydney concordou, mas afirmou que conseguiríamos fazer a maior parte do percurso antes do anoitecer, e então passaríamos a noite num lugar que ela conhecia. Alcançaríamos nosso destino final pela manhã.

Quanto mais nos afastávamos de Omsk, mais erma se tornava a paisagem. Ao estudá-la, comecei a entender a paixão que Dimitri sentia por aquela terra. Possuía uma aparência raquítica e estéril, é verdade, mas a primavera estava deixando as planícies mais verdes, e havia algo de assombrosamente lindo em ver toda aquela região intocada. Lembrava Montana, de certa forma, embora encerrasse uma certa característica que era toda sua.

Não consegui me impedir de usar a queda de Sydney pelo carro como assunto para conversa.

— Você entende muito de carros?

— Um pouco — respondeu. — Meu pai é o alquimista da família, mas minha mãe é uma mecânica.

— Sério? — perguntei, surpresa. — Isso é meio... fora dos padrões. — Claro, quem era eu para falar sobre a divisão de papéis entre homens e mulheres? Considerando que a minha vida se resumia a lutar e matar, eu tampouco podia encher a boca para dizer que tinha um emprego tipicamente feminino.

— Ela é muito boa nisso, e me ensinou um bocado. Não teria me importado de seguir essa profissão. Ou de ter ido para uma faculdade. — Havia um tom amargo em sua voz. — Enfim, tem um monte de outras coisas que eu queria poder fazer.

— Por que não faz?

— Eu tinha que ser a próxima alquimista da família. Minha irmã... Bom, ela é mais velha, e costuma ser o filho mais velho que assume essa responsabilidade. Só que ela é meio... inútil.

— Isso é cruel.

— É, talvez. Mas ela simplesmente não conseguia lidar com esse tipo de coisa. Quando o assunto é arrumar o conjunto de brilhos labiais, não tem para ninguém. Porém, na hora de lidar com os tipos de grupos e pessoas com que nós lidamos... Não, ela nunca levou jeito para isso. Meu pai dizia que eu era a única capaz de fazê-lo.

— É um elogio, pelo menos.

— Acho que sim.

Sydney pareceu tão triste naquele momento que me senti mal por ter trazido esse assunto à baila.

— Se pudesse ir à faculdade, o que você estudaria?

— Arquitetura greco-romana.

Decidi ali que foi um bom negócio eu não ter ficado atrás do volante, porque naquela hora eu provavelmente teria saído da estrada.

— Sério mesmo?

— Você conhece algo sobre o assunto?

— Hum, não.

— É o máximo. — A expressão triste foi substituída por outra, de maravilhamento, e Sydney parecia quase tão apaixonada quanto estivera com relação ao carro. Então entendi por que ela gostara da estação ferroviária. — A inventividade que algumas daquelas obras devem ter exigido... Bom, é simplesmente surreal. Se os alquimistas não me mandarem de volta para os Estados Unidos quando acabarmos aqui, vou torcer para ser designada para a Grécia ou a Itália.

— Ia ser bacana.

— É. — Seu sorriso sumiu. — Mas nesse emprego não existe garantia nenhuma de que você vai

conseguir o que quer.

Sydney ficou em silêncio depois disso, e decidi que tê-la levado àquela rápida conversa já fora uma vitória e tanto. Eu a deixei com seus pensamentos sobre carros clássicos e arquitetura enquanto minha mente vagava rumo aos meus próprios assuntos. Strigoi. O dever. Dimitri. Sempre Dimitri...

Bom, Dimitri e Lissa. Sempre acabava num verdadeiro cara ou coroa para ver quem iria me fazer sofrer mais dessa vez. Hoje, enquanto o carro me embalava em puro torpor, foi para Lissa que corri, em grande parte graças à visita recente de Adrian ao meu sonho.

O princípio da noite na Rússia equivalia ao princípio da manhã em Montana. É claro que, uma vez que a escola seguia uma rotina noturna, teoricamente era noite para eles também, apesar da aurora. Estava quase na hora do toque de recolher, e em breve todos teriam que voltar aos seus dormitórios.

Lissa estava com Adrian, no quarto reservado para ele no alojamento dos visitantes. Adrian, assim como Avery, já havia se formado, mas, sendo o único outro usuário do espírito que conhecíamos, viera para ficar na escola por tempo indeterminado, e assim praticar com Lissa. Os dois haviam acabado de passar por uma longa e exaustiva noite de trabalho com viagens pelo sonho, e se sentaram no chão de modo a se encararem. Com um suspiro, Lissa se jogou para trás e se deitou, espreguiçando os braços acima da cabeça.

— Não adianta — disse, com um gemido. — Eu nunca vou aprender isso.

— Nunca achei que fosse do tipo que desistisse fácil, prima. — A voz de Adrian soava atrevida como sempre, mas notei que ele também estava cansado. Lissa e ele não eram primos de verdade; esse era apenas um termo que os membros da realeza costumavam usar entre si.

— É que eu não consigo entender como você faz.

— Não sei explicar. Eu só penso nisso e... Bom, daí acontece. — Ele encolheu os ombros e apanhou os cigarros que sempre carregava consigo. — Você se importa?

— Sim — respondeu Lissa. Para minha surpresa, ele os guardou novamente. Que diabos?... Ele nunca me perguntou se eu me importaria se ele fumasse, e eu me importava, sim. Aliás, na metade das vezes, eu jurava que ele queria me irritar com isso, o que não fazia sentido algum. Adrian já havia passado da idade em que os garotos tentavam atrair suas pretendentes implicando com elas.

Ele tentou explicar o processo.

— Eu só penso nas pessoas que eu quero e meio que... Sei lá. Expando a minha mente até elas.

Lissa voltou a se sentar e cruzou as pernas.

— Parece bastante com o que Rose me disse que fazia para sentir o que eu sentia.

— Mesmo princípio, provavelmente. Escute, você levou um tempo para enxergar auras. Com isso não vai ser diferente. E você não é a única aqui com uma tabela de desempenho. Só agora eu finalmente consegui fazer algo mais do que curar arranhões, enquanto você pode ressuscitar os mortos, o que, me corrija se eu tiver perdido o juízo, deve ser bem difícil. — Fez uma pausa, e então: — Claro, há quem diga que eu perdi mesmo o juízo.

À simples menção das auras, Lissa o estudou e convocou a habilidade de enxergar o campo de luz que irradiava de todo ser vivo. A aura dele entrou em foco, envolvendo-o num brilho dourado. Segundo Adrian, a aura de Lissa era igualzinha. Nenhum outro Moroi tinha aquele tom de ouro puro. Os dois supunham que fosse algo exclusivo dos usuários do espírito.

Adrian sorriu, adivinhando o que ela estava fazendo.

— Como ela está hoje?

— A mesma de sempre.

— Viu como você ficou boa nisso? Seja paciente quanto aos sonhos também.

Andar pelos sonhos como Adrian o fazia era um dos grandes anseios de Lissa. Apesar do seu descontentamento, eu estava satisfeita com o ritmo daquele aprendizado. As visitas oníricas dele já eram difíceis o bastante para mim. Vê-la faria com que... Bom, eu não sabia ao certo, mas no mínimo deixaria a atitude tranquila e firme que eu vinha tentando sustentar na Rússia em sérios apuros.

— Só quero saber como ela está — disse Lissa, baixinho. — Não aguento ficar assim, sem saber. — Era o mesmo assunto de sua conversa com Christian, sem tirar nem pôr.

— Eu a vi um dia desses. Ela está bem. E farei uma nova visita em breve.

Lissa assentiu.

— Você acha que ela vai conseguir? Acha que ela será capaz de matar Dimitri?

Adrian levou um bom tempo para responder.

— Acho que consegue, sim. O problema é se isso, de quebra, acabar matando Rose também.

Lissa estremeceu; já eu estava meio surpresa. A resposta foi tão franca quanto uma que Christian teria dado.

— Meu Deus, eu queria que ela não tivesse decidido ir atrás dele.

— Querer não adianta de nada agora. É o que Rose precisa fazer. É o único jeito de termos ela de volta.

— Ele fez uma pausa. — É o único jeito de ela conseguir seguir em frente.

Adrian me pegava desprevenida às vezes, mas essa merecia um prêmio. Lissa via o meu plano de ir atrás de Dimitri como tolo e suicida. E eu tinha certeza de que Sydney concordaria se lhe contasse a verdadeira natureza daquela viagem. Mas Adrian... aquele irresponsável, insensível e festeiro me entendia? Ao estudá-lo pelos olhos de Lissa, percebi que era isso, mesmo. Não que ele gostasse da ideia; eu podia captar a mágoa em sua voz. Ele se importava comigo. O fato de eu nutrir esses sentimentos arrebatadores por outra pessoa o torturava. E, ainda assim... ele acreditava de verdade que eu estava fazendo a coisa certa — a única coisa que eu podia fazer.

Lissa olhou o relógio.

— Tenho que ir, está quase na hora do toque de recolher. E eu também devia estar estudando para a prova de história.

— Vocês dão valor demais aos estudos — disse Adrian abrindo um sorriso. — Arranje alguém esperto de quem possa colar e pronto.

— Está dizendo que não sou inteligente? — perguntou, levantando-se.

— Claro que não. — Adrian se ergueu também e tratou de se servir um pouco de bebida, vinda daquele bar bem-abastecido que ele tinha sempre à mão. A automedicação era a sua maneira irresponsável de manter os efeitos colaterais do espírito sob controle, e, se ele vinha utilizando o espírito a noite inteira, certamente iria buscar o torpor nos seus vícios. — Você é a pessoa mais esperta que eu conheço. Mas isso não é motivo para ficar se esforçando à toa.

— Não existe sucesso na vida sem esforço. Colar dos outros não leva a lugar algum.

— Que nada — rebateu ele, com um sorriso largo. — Eu colava o tempo todo na escola, e, agora, veja só como estou me saindo bem.

Com um revirar de olhos, Lissa lhe deu um rápido abraço de despedida e saiu. Uma vez longe da vista dele, seu sorriso murchou um pouco. Na verdade, seus pensamentos estavam tomando um inequívoco caminho sombrio. A menção do meu nome despertara toda espécie de sentimentos dentro dela. Lissa estava preocupada comigo — desesperadamente. Dissera a Christian que se sentia mal sobre o que acontecera entre nós, e foi só ali que eu me toquei daquilo realmente. Ela parecia dilacerada entre a culpa e a confusão, o tempo todo se repreendendo pelo que devia ter feito na época. E, acima de tudo, ela tinha saudades de

mim. Era a mesma coisa que eu sentia — como se houvéssemos perdido uma parte de nós mesmas.

Adrian morava no quarto andar, e Lissa escolheu tomar as escadas em lugar do elevador. Durante todo esse intervalo, a sua mente foi se alimentando de preocupações. Preocupações sobre a possibilidade de algum dia ela vir a ser uma perita em espírito. Preocupações sobre mim. Preocupações com o fato de, atualmente, ela não estar sofrendo com os efeitos colaterais do espírito, fazendo-a temer que eu os estivesse absorvendo, assim como aconteceu com uma guardiã chamada Anna. Ela viveu séculos atrás e dividia um laço com são Vladimir — o xará da nossa Escola. Dele absorvia efeitos do espírito devastadores, e acabou enlouquecendo.

Chegando ao segundo andar, Lissa identificou o som de vozes gritantes, mesmo com uma porta separando as escadas do corredor. Apesar de saber que não tinha nada a ver com aquilo, ela hesitou, vencida pela curiosidade. No momento seguinte, empurrou a porta sorrateiramente e parou no corredor. As vozes vinham de algum ponto depois da curva. Com cuidado, espiou por ali — não que fosse preciso. Ela conhecia aquelas vozes.

Avery Lazar estava de pé no corredor, com as mãos nos quadris e encarando o pai. Ele estava parado na porta do que devia ser a sua suíte. Seus gestos eram duros e ameaçadores, e a raiva faiscava entre os dois.

— Vou fazer o que eu quiser — gritou ela. — Não sou sua escrava.

— Você é minha filha — disse ele, numa voz a um só tempo calma e condescendente. — Ainda que às vezes eu deseje o contrário.

“Ai.” Tanto Lissa quanto eu estávamos chocadas.

— Então para que me fazer ficar aqui, neste inferno? Me deixe voltar para a Corte!

— Para me envergonhar ainda mais? Nós mal conseguimos sair de lá sem manchar a reputação desta família, praticamente. Acha que eu vou permitir que vá para lá sozinha, livre para fazer sabe Deus o quê? Nem pensar.

— Então me deixe ficar com a minha mãe! A Suíça deve ser bem melhor do que este lugar.

Houve uma pausa.

— Sua mãe está... ocupada.

— Ah, que legal — comentou Avery, com uma voz carregada de sarcasmo. — É uma forma educada de dizer que ela não me quer. Não me surpreende. Eu só ia atrapalhar as coisas entre ela e o seu acompanhante de cama, mesmo.

— Avery! — A voz dele ressoou com força e raiva. Lissa se assustou e recuou um passo. — Nossa conversa termina aqui. Volte para o seu quarto e dê um jeito nessa ressaca antes que alguém a veja. Espero você no desjejum de amanhã, e espero que apareça um pouco mais respeitável. Teremos a presença de importantes hóspedes.

— É, e Deus sabe muito bem como precisamos manter as aparências.

— Vá para o seu quarto — repetiu. — Antes que eu chame Simon para arrastá-la até lá.

— Sim, senhor — respondeu, com um sorriso afetado. — Agora mesmo, senhor. Tudo o que disser, senhor.

Em seguida, ele bateu a porta. Lissa, escondendo-se mais uma vez no ponto anterior à curva, não podia acreditar nas palavras que ele usava contra a própria filha. Por alguns instantes, fez-se silêncio. Então, ela ouviu passos — vindo em sua direção. De repente, Avery entrou naquele corredor e parou bem na frente de Lissa, permitindo que déssemos uma boa olhada nela, pela primeira vez naquela noite.

Avery usava um vestido curto e justo, feito de um tipo de tecido azul que brilhava como prata quando a luz batia nele. Seus cabelos compridos estavam bagunçados, e as lágrimas que desciam de seus olhos azuis

acinzentados haviam arruinado a pesada maquiagem. O cheiro de álcool chegava até nós de maneira inconfundível. Ela passou uma das mãos depressa pelos olhos, sem dúvida envergonhada por ter sido vista numa situação daquelas.

— Bom — começou ela, secamente —, imagino que acabou escutando o drama da minha família.

Foi a vez de Lissa ficar envergonhada, por ter sido pega espiando.

— Sinto... Sinto muito. Não foi a minha intenção. Eu só estava passando...

Avery soltou uma risada exagerada e disse:

— Bom, acho que não faz diferença. É provável que o prédio inteiro tenha nos escutado.

— Sinto muito — repetiu Lissa.

— Não precisa. Você não fez nada de errado.

— Não... Quer dizer, sinto muito pelas coisas que... sabe, que ele lhe disse.

— Isso acontece em toda “boa” família. Todo mundo tem o rabo preso. — Avery cruzou os braços e se recostou em uma parede. Mesmo irritada e desarrumada, ela continuava linda. — Meu Deus, o ódio que eu sinto dele às vezes! Não se ofenda, mas este lugar é chato demais. Eu encontrei uns caras do primeiro ano para sair hoje à noite, mas... eles eram um pé no saco também. A única coisa boa que tinham para oferecer era a cerveja.

— Por que... Por que seu pai trouxe você para cá? — perguntou Lissa. — Por que não está... sei lá, na faculdade?

Avery deu outra risada daquelas.

— Ele não confia em mim o suficiente. Quando vivíamos na Corte, me envolvi com um cara bonitinho que trabalhava por lá, zero por cento parte da realeza, é claro. Meu pai surtou com isso e teve medo de que alguém descobrisse. Então, quando arranhou um emprego aqui, ele me trouxe junto para ficar de olho em mim, e ainda me torturar. Deve imaginar que, se eu for para a faculdade, vou acabar fugindo com algum humano. — Suspirou. — Juro por Deus, se Reed não estivesse aqui, eu teria fugido, mesmo, e ponto final.

Lissa ficou um bom tempo sem dizer nada. Havia se esforçado com muita determinação para evitar Avery. Com todas as exigências que a rainha vinha lhe fazendo ultimamente, parecia a única forma de Lissa dar o troco e evitar ser controlada. Agora, no entanto, ela se perguntava se haveria se enganado com relação a Avery. A Moroi não tinha cara de ser uma espiã de Tatiana. Não parecia alguém disposto a transformar Lissa num membro perfeitinho da realeza. Parecia, isso sim, uma garota triste e ressentida, cuja vida lhe escapava por entre os dedos. Alguém que vinha sendo controlado a torto e a direito da mesma forma que Lissa, ultimamente.

Depois de um longo suspiro, Lissa adiantou suas próximas palavras:

— Não quer almoçar comigo e com Christian amanhã? Ninguém ligaria se você aparecesse nesse horário. Só não prometo que vai ser, hã, tão divertido quanto você gostaria.

Avery sorriu novamente, mas desta vez com menos amargura.

— Bom, o meu plano original era encher a cara no meu quarto, sozinha. — Ergueu da bolsa uma garrafa do que parecia ser uísque. — Arranjei umas coisinhas para mim.

Lissa não estava muito segura quanto ao sentido daquela resposta.

— Então... vejo você no almoço?

Avery hesitou. Mas, aos poucos, um débil lampejo de esperança e interesse foi atravessando o seu rosto. Concentrando-se, Lissa tentou avistar sua aura. Teve alguma dificuldade, a princípio, provavelmente pela exaustão dos exercícios com Adrian naquela noite. Quando por fim conseguiu um vislumbre da aura de Avery, o que viu foi um misto de cores: verde, azul e dourado. Nada incomum. Estava envolta numa

película vermelha, como costuma acontecer quando as pessoas se alteram. Bem diante dos olhos de Lissa, no entanto, aquela vermelhidão se esvaiu.

— É — respondeu Avery afinal. — Seria ótimo.

— Acho que isso é o máximo que conseguimos avançar hoje.

Do outro lado do planeta, a voz de Sydney me trouxe de volta dos pensamentos de Lissa com um sobressalto. Não sabia dizer por quanto tempo ficara sonhando acordada, mas Sydney havia saído da estrada principal e rumava para uma cidadezinha que se encaixava perfeitamente com a imagem desolada que eu tinha da Sibéria. Aliás, chamar aquilo de “cidade” era um exagero dos grandes. Havia umas poucas casas aqui e ali, uma venda e um posto de gasolina. Roçados se estendiam para além das construções, e contei mais cavalos que carros. As poucas pessoas que estavam ali fora olharam impressionadas para o nosso veículo. O céu mudara para um laranja vivo, e o sol se punha cada vez mais distante no horizonte. Sydney tinha razão. Era quase anoitecer, e precisávamos sair da estrada.

— Só estamos a umas duas horas de viagem, no máximo — continuou. — Fizemos um ótimo tempo hoje, chegaremos lá bem rápido na parte da manhã. — Dirigiu para o outro lado daquela vila, o que não levou nem um minuto, e parou em frente a uma casa branca com um celeiro ao lado. — É aqui que vamos ficar.

Descemos do carro e andamos até a casa.

— São amigos seus?

— Não. Nunca vi nenhum deles antes. Mas estão nos esperando.

Mais contatos misteriosos dos alquimistas. Quem nos atendeu à porta foi uma humana de aparência amigável, na casa dos vinte, e que nos apressou para entrar. Só falava umas poucas palavras em inglês, mas as habilidades de tradução de Sydney nos abriram caminho. Ela estava desinibida e graciosa como nunca a vira antes, provavelmente porque nossos anfitriões não eram um desprezível cruzamento vampírico.

Ninguém esperaria que passar o dia todo viajando de carro fosse cansar tanto, mas eu me sentia exausta e ansiava para recomeçar bem cedo. Por isso, depois de jantar e de assistir a um pouco de tevê, Sydney e eu fomos para o quarto preparado para nós. Era pequeno e simples, mas dispunha de duas camas idênticas, com cobertores espessos e fofos. Eu me acomodei na minha, agradecendo pela maciez e o calor e me perguntando se sonharia com Lissa ou Adrian.

Não foi o caso. Em vez disso, acordei com uma leve onda de náusea me percorrendo o corpo — a mesma náusea que me dizia haver Strigoi por perto.

Seis

Me levantei de um salto, totalmente acordada e alerta. Sem luzes vindas da cidade para iluminar o quarto pela janela, levei uns bons segundos para distinguir alguma coisa naquela escuridão. Sydney estava enroscada em sua cama, com uma expressão serena incomum a ela, enquanto dormia.

Onde estava o Strigoi? Não em nosso quarto, definitivamente. Estava na casa? Todos disseram que a estrada para a cidade de Dimitri era perigosa. No entanto, eu teria achado que os Strigoi iriam atrás de Moroi e vampiros — muito embora os humanos sejam boa parte do seu cardápio, também. Ao pensar no agradável casal que nos recebeu em sua casa, senti algo apertar dentro do peito. Nem brincando eu deixaria algo acontecer com eles.

Deslizando silenciosamente da cama, apanhei minha estaca e saí do quarto sem perturbar Sydney. Ninguém mais estava acordado, e, assim que pisei na sala, a náusea passou. Tudo bem. O Strigoi não se encontrava ali dentro, o que era um bom sinal. Ele estava lá fora, aparentemente no lado da casa adjacente ao meu quarto. Ainda me esgueirando em silêncio, saí da casa pela porta da frente e caminhei até depois da curva, muda como a noite à minha volta.

A náusea aumentou quando me aproximei do celeiro, e não pude evitar a satisfação que me invadiu. Ia dar um susto nesse Strigoi que pensava poder entrar numa pequena vila de humanos e fazer uma boquinha. Ali. Bem próximo da entrada do celeiro, avistei uma longa sombra se movendo. “Peguei você”, pensei. Preparei a estaca e comecei a avançar...

...Até que algo me acertou num dos ombros.

Tropecei, assustada, e me deparei com o rosto de um Strigoi. Pelo canto dos olhos, vi a sombra no celeiro se materializando como um outro oponente Strigoi. Fui dominada pelo pânico. Havia dois deles, algo que o meu sistema de percepção secreto não soube diferenciar. Pior ainda, eles tinham a vantagem agora.

No mesmo instante, um pensamento me veio à mente: “E se um deles for Dimitri?”

Não era. Pelo menos não o que estava mais perto. Era uma mulher. Eu ainda teria que checar o segundo, que se aproximava rapidamente pelo outro lado. Mas antes eu precisava lidar com aquela ameaça imediata, e arrisquei um golpe de estaca contra a mulher, crente de que ia feri-la, mas ela se esquivou tão depressa que mal vi seus movimentos. Ela partiu para cima de mim de uma forma quase casual. Não fui ágil o bastante para reagir e saí voando na direção do outro Strigoi — um cara que não era Dimitri.

Respondi sem demora, me erguendo de um salto e chutando-o. Segurei a estaca mais à frente, criando

uma distância entre nós, o que de pouco adiantou quando a mulher surgiu por trás de mim e me agarrou, apertando meu corpo contra o seu. Soltei um grito abafado e senti suas mãos em minha garganta. Percebi que provavelmente pretendia quebrar o meu pescoço. Era uma técnica rápida e simples para os Strigoi, que permitia a eles então arrastar a vítima para um local onde dela pudessem se alimentar.

Eu me debati, afrouxando um pouco as suas mãos, mas, quando o segundo Strigoi ficou frente a frente conosco, eu soube que seria inútil. Eles me surpreenderam. Havia dois deles, e ambos eram fortes.

O pânico me dominou novamente, uma sensação esmagadora de medo e desespero. Eu sentia medo toda vez que lutava contra Strigoi, mas esse medo estava atingindo um ponto máximo. Era irracional e descontrolado, e suspeitei de que havia nele um leve toque da loucura e das trevas que absorvi de Lissa. Os sentimentos explodiram em mim, e me perguntei se chegariam a me destruir antes dos Strigoi. Eu corria um perigo de vida bastante real ali — e de deixar Sydney e os outros serem assassinados. A raiva e a aflição que vinham desse pensamento eram sufocantes.

Então, de repente, foi como se a terra tivesse se aberto. Formas translúcidas, brilhando fracamente na escuridão, brotaram de todo o lugar. Algumas pareciam pessoas de verdade. Outras eram horríveis, com rosto chupado e esquelético. Fantasmas. Espíritos. Eles nos rodearam, e sua presença me arrepiou os cabelos e me provocou uma dor de cabeça lancinante.

Os fantasmas se voltaram para mim. Já passara por isso uma vez, num avião, quando espectros surgiram e ameaçaram me aniquilar. Eu reagi, me esforçando desesperadamente para erguer as barreiras capazes de me apartar do mundo dos espíritos. Foi uma habilidade que tive que aprender, e que costuma ficar sob controle com facilidade. O desespero e o pânico daquela situação minaram a minha disciplina. Naquele horrível e funesto momento, acabei desejando, num impulso egoísta, que Mason não tivesse encontrado a paz e deixado este mundo. Eu teria me sentido melhor se seu fantasma estivesse ali.

Então me dei conta de que não era o alvo deles.

Os fantasmas estavam cercando os dois Strigoi. Não possuíam formas tangíveis, mas cada parte minha na qual eles tocavam ou transpassavam tremia como se tivesse encostado em gelo. A Strigoi não demorou para oscilar os braços, tentando afastá-los de si, rosnando de raiva e de algo que quase lembrava medo. Aparentemente, os fantasmas não conseguiam ferir os Strigoi, mas eram bastante irritantes — e distrativos.

Enfiei a estaca no Strigoi antes mesmo de ele perceber a minha aproximação. Logo os fantasmas em volta dele pararam de importuná-lo e partiram em direção à mulher. Ela era boa, isso eu admito. Ao mesmo tempo que lutava para afastar os espíritos, ainda conseguia se desviar dos meus ataques razoavelmente bem. Um soco inesperado dela me fez ver estrelas, e fui lançada contra o muro do celeiro. Eu ainda sentia aquela dor de cabeça lancinante provocada pelos espíritos; bater com a cabeça no celeiro não ajudou muito. Atordoada, me reergui com alguma dificuldade, tratei de voltar até a mulher e prossegui com os meus esforços de arranjar uma brecha até o seu coração. Ela conseguiu manter o tórax fora do meu alcance — pelo menos até um fantasma particularmente assustador apanhá-la com a guarda baixa. Aquela distração momentânea dela me deu a chance de que eu precisava, e a estaca foi ao seu encontro. Ela desabou no chão — me deixando a sós com os espíritos.

No caso dos Strigoi, os fantasmas quiseram atacá-los, sem sombra de dúvida. No meu caso, se assemelhava muito ao que acontecera no avião. Eles pareciam fascinados comigo, ávidos pela minha atenção. Só que, com dúzias de espectros apinhados à minha volta, aquilo poderia muito bem ser um ataque.

Tentei desesperadamente erguer as barreiras para bloquear a minha percepção dos fantasmas, tal como havia feito um tempo atrás. O esforço era excruciante. De alguma forma, o des controle das minhas emoções

convocou os espíritos, e, apesar de eu agora estar mais calma, era mais difícil recuperar a compostura. Minha cabeça continuava latejando. Apertando os dentes, concentrei cada grama da minha força para bloquear os fantasmas.

— Vão embora — sussurrei. — Não preciso mais de vocês.

Por um instante, parecia que os meus esforços seriam inúteis. Então, devagar, um por um, os espíritos começaram a desaparecer. Senti o controle que eu havia aprendido a manter voltando ao seu lugar habitual. Logo, nada restou ali além de mim, a escuridão e o celeiro — e Sydney.

Só a notei quando comecei a desabar no chão. Ela saiu da casa de pijama, com o rosto pálido. Se ajoelhando ao meu lado, ela me ajudou a ficar sentada, e um temor legítimo tomava conta dela.

— Rose! Você está bem?

Senti como se cada fragmento de energia em minha mente e em meu corpo tivesse sido sugado. Não conseguia me mover. Não conseguia pensar.

— Não — respondi.

E então apaguei.

Sonhei com Dimitri mais uma vez, seus braços me envolvendo e aquele lindo rosto descansando sobre mim, ficando por perto como ele sempre fazia quando eu adoecia. Lembranças de tempos passados vieram até mim, a gente rindo de alguma piada. Às vezes, nesses sonhos, ele me levava embora. Às vezes, estávamos andando de carro. Com menos frequência, o rosto dele começava a assumir aquela fisionomia de Strigoi que sempre me atormentou. Aí eu logo ordenava à minha mente que varresse aquele tipo de pensamento para longe.

Dimitri havia cuidado de mim incontáveis vezes e sempre estivera lá quando precisei dele. Mas fora uma via de mão dupla. Tudo bem que ele parecia não acabar na enfermaria tanto quanto eu. Questão de sorte, eu acho. Mesmo quando estava ferido, ele não dava o braço a torcer. E, enquanto ia sonhando e alucinando, as imagens que vieram a mim mostravam uma das poucas vezes em que pude cuidar dele.

Pouco antes do ataque à escola, Dimitri havia se envolvido numa série de testes comigo e com meus colegas aprendizes, para ver como reagiríamos em meio a um ataque surpresa. Ele era tão forte que se tornava quase impossível derrubá-lo, ainda que saísse com diversos machucados. Corri até ele no ginásio uma vez, durante essa época, surpresa de ver um corte em sua bochecha. Não era fatal nem nada, mas havia uma quantidade considerável de sangue à mostra.

— Você já reparou que está sangrando até a morte? — repreendi. Aquilo foi um pequeno exagero, mas enfim.

Ele tocou a bochecha distraído e pareceu notar a ferida pela primeira vez.

— Eu não diria tanto. Não é nada.

— Não é nada até você pegar uma infecção!

— Você sabe como isso é improvável — rebateu, obstinado.

Era verdade. Os Moroi, quando não contraíam uma ocasional doença rara como a que Victor tinha, dificilmente ficavam doentes. Nós, vampiros, herdamos isso deles, da mesma forma como a tatuagem de Sydney lhe dava alguma proteção. Mesmo assim, eu não pretendia deixar Dimitri sangrando daquele jeito.

— Anda logo — disse eu, apontando para o pequeno banheiro do ginásio. Minha voz tinha soado severa, e, para a minha surpresa, ele de fato obedeceu.

Após molhar um paninho, eu gentilmente limpei o seu rosto. Ele continuou protestando no começo, mas por fim se aquietou. O banheiro era pequeno, e estávamos apenas a poucos centímetros um do outro.

Podia sentir o seu cheiro natural e intoxicante e estudar cada detalhe de seu rosto e do seu corpo forte. Meu coração acelerou dentro do peito, mas devíamos nos comportar, então procurei parecer tranquila e equilibrada. Dimitri estava estranhamente calmo também, mas, quando penteei seu cabelo para trás das orelhas a fim de limpar o restante do rosto, ele teve um sobressalto. As pontas dos meus dedos roçando a sua pele me fizeram sentir verdadeiras ondas de choque, e ele sentiu o mesmo. Ele segurou minha mão e a afastou.

— Chega — disse, com a voz rouca. — Estou bem.

— Tem certeza? — perguntei. Ele ainda não havia soltado a minha mão. Estávamos tão, tão próximos ali... O pequeno banheiro parecia prestes a explodir com a eletricidade que crescia entre nós. Eu sabia que não poderíamos ficar muito tempo assim, mas odiava deixá-lo escapar. Céus, como era difícil ser responsável às vezes.

— Sim — respondeu. Sua voz era doce, e eu sabia que não estava zangado comigo. Ele tinha medo, medo do quão pouco faltava para um incêndio consumir a nós dois. Do jeito que estava, meu corpo inteiro se aquecia, só de sentir a sua mão. Tocá-lo dava uma sensação de plenitude, de ser a pessoa que eu sempre deveria ter sido. — Obrigado, Roza.

Ele soltou minha mão, e nós partimos, cada um em direção aos seus próprios afazeres diários. Mas a sensação da sua pele e do seu cabelo me acompanhou por várias horas ainda...

Não sei por que sonhei com aquela lembrança depois de ter sido atacada perto do celeiro. Achei estranho sonhar que cuidava de Dimitri quando eu é que precisava de cuidados. Vai ver a lembrança em si nem importava, contanto que ele estivesse no meio. Dimitri sempre me fazia sentir melhor, mesmo nos sonhos, me passando força e determinação.

No entanto, durante aquele estado delirante em que perdia e recuperava a consciência, a sua expressão reconfortante de súbito adquiria terríveis olhos vermelhos e presas. Eu me lamentava, lutando com tudo para afastar aquela visão. Em outros momentos, ele simplesmente não se parecia com Dimitri. Se transformava num homem que eu desconhecia, um Moroi mais velho de cabelos escuros e olhos traiçoeiros, com joias de ouro reluzindo em seu pescoço e orelhas. Eu gritava por Dimitri mais uma vez, até que por fim sua fisionomia retornava, a salvo e deslumbrante.

Chegou uma hora, porém, em que a imagem tornou a mudar, agora para a de uma mulher. Ela sem dúvida não era Dimitri, mas havia algo naqueles seus olhos castanhos que me lembrava ele. A mulher era mais velha, na casa dos quarenta, talvez, e era uma dâmpira. Depositou um pano úmido em minha testa, e me dei conta de que não estava mais sonhando. Meu corpo doía, e eu me encontrava numa cama e num quarto pouco familiares. Nenhum sinal dos Strigoi. Será que também foram um sonho?

— Procure não se mexer — recomendou a mulher com um leve resquício de sotaque russo. — Você levou umas pancadas feias.

Meus olhos se arregalavam à medida que os eventos próximos ao celeiro me voltavam à mente, os fantasmas que eu havia convocado. Não fora um sonho.

— Onde está Sydney? Ela está bem?

— Está ótima. Não se preocupe. — Algo na voz daquela mulher me dizia que podia confiar nela.

— Onde estou?

— Em Baia.

Baia, Baia. Em algum lugar, num recanto da minha mente, aquele nome soava familiar. Muito de repente, a ficha caiu. Um longo, longo tempo atrás, Dimitri o dissera. Ele só havia mencionado o nome de sua cidade uma única vez, e mesmo tentando eu nunca havia conseguido lembrá-lo. E agora estávamos ali. O lar

de Dimitri.

— Quem é você? — indaguei.

— Olena. Olena Belikova.

Sete

Foi como uma manhã de Natal.

Eu costumava não ligar muito para Deus ou para o destino, mas agora pensava seriamente em reconsiderar. Ao que parecia, depois do meu desmaio, Sydney havia feito uma série alucinada de telefonemas, e alguém que ela conhecia de Baia viera dirigindo até nós — arriscando-se em meio à escuridão — para nos resgatar e nos trazer a um lugar em que eu pudesse me recuperar. Era sem dúvida por isso que eu tivera a vaga sensação de estar dentro de um carro durante o meu delírio; nem tudo fora parte de um sonho.

E então, de alguma forma, de todos os vampiros que viviam em Baia, me trouxeram justo para a mãe de Dimitri. Era o suficiente para me fazer levar a sério a possível existência de forças maiores que eu operando no universo. Ninguém me contou tim-tim por tim-tim como aconteceu, mas logo fiquei sabendo que Olena Belikova era conhecida por levar a cura para as pessoas dali — e nem era nada ligado à magia. Ela possuía treinamento médico e era a quem outros vampiros — e mesmo alguns Moroi — da região recorriam quando não queriam chamar a atenção dos humanos. Mas mesmo assim... Era uma coincidência esquisita, e não pude deixar de pensar que algo se passava ali; eu só não sabia o quê.

Não me preocupei demasiado com os comos e os porquês daquela minha situação. Estava mais ocupada observando maravilhada o meu entorno e os ali presentes. Olena não morava sozinha. Todas as irmãs de Dimitri — eram três — viviam na casa também, com seus filhos. A semelhança familiar era espantadora. Nenhum deles se parecia exatamente com Dimitri, mas em cada rosto eu o via. Os olhos. O sorriso. Até o senso de humor. Olhar para eles preencheu o vazio deixado por Dimitri desde que ele desaparecera — e ao mesmo tempo tornou tudo pior. Sempre que os relanceava, acreditava estar vendo Dimitri. Era como uma casa de espelhos, com reflexos disformes dele por toda a parte.

A própria casa mexeu comigo. Não havia sinais óbvios de que Dimitri já vivera ali, e no entanto eu só conseguia pensar: “Foi aqui que ele cresceu.” “Ele andou por estes pisos, encostou nestas paredes...” Ao caminhar por cada quarto, também eu encostei naquelas paredes, tentando extrair delas a sua energia. Eu o imaginava estirado no sofá, em casa, de férias da escola. Me perguntava se ele deslizava pelos corrimões da escada quando era pequeno. Eram imagens tão reais que eu precisava lembrar a mim mesma que Dimitri não vinha ali há anos.

— Você teve uma excelente recuperação — notou Olena, na manhã seguinte à qual eu fora trazida até ela. Me lançou um olhar de aprovação ao ver que eu devorava um prato de *blini*. Eram panquecas bem

fininhas, empilhadas e recheadas com manteiga e geleia. Meu corpo sempre pediu muita comida para continuar forte, e, para mim, desde que não estivesse mastigando de boca aberta ou coisa do tipo, não havia motivo para me sentir mal por comer daquele jeito. — Pensei que estivesse morta quando Abe e Sydney a trouxeram.

— Quem? — perguntei, entre uma mastigada e outra.

Sydney estava sentada à mesa com o restante da família, mal tocando na sua comida, para variar. Parecia claramente irrequieta dentro de um lar de vampiros, mas, quando por fim desci as escadas naquela manhã, percebi um alívio inequívoco em seus olhos.

— Abe Mazur — esclareceu. Pode ter sido a minha imaginação fértil, mas o nome fez com que alguns ali à mesa trocassem olhares significativos. — É um Moroi. Eu... Eu não sabia se as suas feridas de ontem eram muito graves, então liguei para ele. Abe veio dirigindo do norte com seus guardiões. Foi ele quem trouxe você para cá.

Guardiões. Plural.

— Ele é da realeza?

Mazur não era um nome de família real, mas nem sempre era assim que se determinava a linhagem de alguém. Embora eu já começasse a confiar na rede social e nos contatos de Sydney com gente poderosa, não conseguia entender o que levaria um membro da realeza a se desviar de seu caminho por minha causa. Talvez estivesse devendo um favor aos alquimistas.

— Não — disse ela, simplesmente. Achei estranho. Um Moroi que não fazia parte da realeza andando com mais de um guardião? Era muito incomum. Sydney não parecia nem um pouco disposta a se estender no assunto, pelo menos não ali.

Engoli mais uma garfada de *blini* e dirigi minha atenção de volta para Olena.

— Obrigada por me receber aqui.

A irmã mais velha de Dimitri, Karolina, também estava à mesa, com sua bebê e o filho, Paul. Ele tinha uns dez anos e parecia fascinado comigo. Viktoria, a irmã adolescente de Dimitri, também estava ali. Devia ser um pouquinho mais nova do que eu. A terceira das irmãs Belikova se chamava Sonya, e saíra para trabalhar antes de eu despertar. Teria que esperar se quisesse conhecê-la.

— É verdade mesmo que você matou dois Strigoi sozinha? — quis saber Paul.

— Paul — ralhou Karolina. — Não é educado fazer uma pergunta dessas.

— Não, mas é excitante — rebateu Viktoria, com um largo sorriso. Seu cabelo castanho exibia finas mechas douradas, mas os olhos escuros brilhavam como os de Dimitri quando ficava animado, de tal forma que me deu um aperto no peito. Mais uma vez, tive aquela incômoda sensação de que Dimitri estava ali, sem de fato estar.

— Matou, sim — interveio Sydney. — Eu vi os corpos. Como sempre.

Ela fez aquela típica e cômica cara de atormentada, e eu ri.

— Dessa vez, pelo menos, eu os deixei num lugar bem visível para você. — Meu humor de repente murchou. — Alguém... Os humanos chegaram a ver ou ouvir alguma coisa?

— Dei cabo dos corpos antes que qualquer um notasse — respondeu. — Se alguém ouviu o que quer que fosse... Bom, essas regiões do interior estão sempre cheias de superstições e histórias de fantasmas. Ninguém tem evidências factuais sobre os vampiros em si, mas essa crença de que o sobrenatural e o perigo estão por aí sempre existiu. Mal sabem eles...

Ela disse “histórias de fantasmas” sem qualquer mudança em sua fisionomia. Me perguntei se ela não teria visto os espíritos de ontem à noite, e por fim concluí que provavelmente não. Ela saíra da casa bem no

final da luta, e, se podia tomar como exemplo as ocasiões anteriores, ninguém mais conseguia enxergá-los — com exceção dos Strigoi, pelo jeito.

— Deve ter recebido um bom treinamento, então — observou Karolina, se ajeitando de modo que a bebê se recostasse no seu ombro. — Você tem cara de quem ainda devia estar na escola.

— Acabei de sair — informei, ganhando mais um olhar escrutinador de Sydney.

— Você é americana — disse Olena, sem rodeios. — O que veio fazer num lugar como este, afinal?

— Eu... Eu estou atrás de alguém — respondi, depois de alguns instantes de hesitação.

Eu temia que elas fossem me pressionar para obter mais detalhes, ou que Olena pensasse que eu tinha algo a ver com as prostitutas de sangue; porém, naquele momento, a porta da cozinha se abriu e dela saiu a avó de Dimitri, Yeva. Mais cedo, ela havia posto apenas a cabeça para fora, e me dado um grande susto. Dimitri havia me contado que Yeva era uma espécie de bruxa, e eu bem podia acreditar. A mulher parecia ter uns trocentos anos de idade e era tão mirrada que só por um milagre o vento não a levava embora dali. Mal chegava a um metro e meio de altura, e o cabelo cobria sua cabeça em cachos cinzentos irregulares. Foram os olhos, no entanto, que me assustaram de verdade. O resto podia ser frágil, mas aqueles olhos negros eram penetrantes e atentos, e pareciam abrir um caminho até a minha alma. Eu teria achado que ela era uma bruxa mesmo que Dimitri não tivesse dito nada. Yeva era também a única na casa que não falava inglês.

Ela se sentou em uma das cadeiras vagas, e Olena saiu depressa para apanhar mais *blini*. Yeva murmurou algo em russo que pareceu perturbar os outros. Os lábios de Sydney formaram um rápido e discreto sorriso. Os olhos de Yeva se dirigiam a mim enquanto ela falava, e com os meus busquei alguém para fazer a tradução simultânea.

— O quê? — perguntei.

— Vovó está dizendo que você não nos contou toda a verdade sobre sua vinda. Está dizendo que, quanto mais tempo demorar, pior vai ficar — explicou Viktoria. Então lançou a Sydney um olhar de quem pede desculpas. — E ela quer saber quando é que a alquimista vai embora.

— O mais rápido possível — retrucou Sydney, secamente.

— Bom, o porquê de eu estar aqui... é meio que uma longa história. — Será que eu podia ter sido menos específica?

Yeva falou outra vez, e Olena replicou com o que pareceu uma reprimenda. Para mim, ela disse, com muito jeito:

— Ignore-a, Rose. Ela está de mau humor. A razão de estar aqui diz respeito a você e a ninguém mais, se bem que Abe certamente iria gostar de ter uma conversa com você uma hora dessas. — Ela franziu de leve a testa, o que me lembrou os olhares à mesa de agora há pouco. — Não deixe de agradecê-lo. Ele parecia muito preocupado com você.

— Acho que eu também gostaria de falar com ele — murmurei, ainda curiosa com relação a esse Moroi bem-protegido e alheio à realza que me dera uma carona e parecia deixar todos desconfortáveis. Para evitar que continuássemos falando sobre o porquê de eu estar ali, tratei de mudar de assunto depressa. — E adoraria conhecer um pouco Baia. Nunca estive num lugar assim antes, quer dizer, com tantos habitantes dapiros.

Viktoria ficou radiante.

— Posso fazer um tour com você sem problema algum, se tiver certeza de que está bem. Ou se não precisar partir em breve.

Ela pensava que eu estava de passagem ali, o que dava na mesma. Para falar a verdade, eu não tinha mais certeza do que estava fazendo, agora que tudo indicava que Dimitri não estava nos arredores. Olhei para

Sydney com um ar de incerteza.

Ela encolheu os ombros.

— Faça o que lhe der na telha. Eu não vou a lugar algum. — Achei isso meio desconcertante, também. Ela havia me trazido até ali por ordem de seus superiores, mas e agora? Bom, essa preocupação ficaria para depois.

Tão logo terminei meu café da manhã, Viktoria praticamente me arrastou porta afora, como se eu fosse o evento mais excitante que já havia acontecido no lugar. Yeva não havia tirado os olhos de mim pelo restante da refeição, e, ainda que não tenha mais aberto a boca, sua expressão desconfiada me disse com clareza que não acreditara numa só palavra minha. Chamei Sydney para sair conosco, mas ela recusou, preferindo se trancar num dos quartos para ler sobre templos gregos e fazer suas manipulações mundiais por telefone, ou seja lá o que for que ela faça.

Viktoria afirmou que o centro não era distante de onde eles viviam e que era fácil chegar lá a pé. O dia estava claro e fresco, com sol suficiente para fazer com que sair de casa não fosse uma tarefa nada desagradável.

— Não recebemos muitas visitas — explicou ela. — A não ser pelos homens Moroi, mas a maioria não fica por muito tempo.

Ela nada acrescentou a isso, e pensei nos significados subentendidos. Será que esses Moroi vinham atrás das mulheres dampirãs em busca de algo mais? Cresci acreditando que aquelas mulheres, dampirãs que escolheram não se tornar guardiãs, haviam caído em desgraça e degeneração. As que encontrei no Rouxinol certamente bateram com o estereótipo da prostituta de sangue, mas Dimitri havia insistido comigo em que nem todas eram assim. Depois de conhecer os Belikov, passei a acreditar nele.

No caminho para o centro da cidade, logo percebi outro mito caindo por terra. Sempre nos foi dito que as prostitutas de sangue viviam em acampamentos ou comunidades, só que aquele não era o caso ali. Baia não era enorme como São Petersburgo ou mesmo Omsk, mas era uma legítima cidade, com uma grande população humana. Nada tinha de acampamento rural ou assentamento. O lugar como um todo era surpreendentemente normal, e, quando chegamos ao centro, ladeado por lojinhas e restaurantes, vi que também era como qualquer outro lugar habitado do mundo. Moderno e banal, apenas com um pequeno toque suburbano.

— Onde estão todos os dâmpiros? — pensei em voz alta. Sydney havia mencionado uma subcultura secreta entre os dâmpiros, e no entanto não reconheci nenhum indício dela ali.

Viktoria sorriu.

— Ah, estão aqui mesmo. Temos um monte de atividades e outros lugares que os humanos nem conhecem. — Eu até entendia que os dâmpiros pudessem passar despercebidos nas grandes cidades, mas conseguir isso ali parecia impressionante. — E muitos de nós simplesmente vivem e trabalham ao lado dos humanos. — Com a cabeça, acenou na direção de algo que lembrava uma farmácia. — É onde Sonya trabalha agora.

— Agora?

— Agora que está grávida. — Viktoria revirou os olhos. — Eu poderia apresentá-la a você, mas ela anda meio rabugenta ultimamente. Espero que o bebê venha logo.

Viktoria seguiu caminho depois disso, e mais uma vez fiquei refletindo sobre a dinâmica entre dâmpiros e Moroi ali. Não voltamos ao assunto, e conversamos de forma leve e até descontraída. Era fácil gostar de Viktoria, e em apenas uma hora parecia que nos conhecíamos há milênios. Talvez a minha relação com Dimitri também tenha me ligado à sua família.

Minha linha de pensamento foi cortada quando alguém chamou o nome de Viktoria. Nos viramos e vimos um dampiro bastante bonitinho atravessando a rua. Tinha um cabelo cor de bronze e olhos escuros, e uma idade caindo entre a minha e a de Viktoria.

Trocou com ela algumas palavras corriqueiras e amistosas. Ela abriu um largo sorriso e gesticulou em minha direção, me apresentando em russo.

— Este é Nikolai — me disse ela, em inglês.

— Muito prazer — cumprimentou ele, também trocando de idioma. Me deu uma daquelas conferidas rápidas que os homens costumam dar, mas, quando se voltou para Viktoria, deixou claro quem era o seu objeto de afeição. — Você devia levar Rose à festa da Marina. É no domingo à noite. — Ele hesitou, um pouquinho tímido. — Você vai, certo?

Viktoria ficou pensativa, e percebi que ela não fazia a mínima ideia das intenções do garoto.

— Eu vou, sim, mas... — E se virou para mim. — Você ainda estará aqui?

— Não sei — respondi com franqueza. — Mas eu irei se ainda estiver. Que tipo de festa é essa?

— Marina é uma amiga nossa da escola — explicou Viktoria. — Só queremos nos reunir para festejar antes de voltarmos.

— À escola? — perguntei sem pensar. Por alguma razão, nunca me ocorrera que os dampiros daqui frequentassem uma escola.

— Estamos em recesso agora — disse Nikolai. — Para a Páscoa.

— Ah. — Era o final de abril, mas eu nem imaginava em que dia cairia a Páscoa naquele ano. Havia perdido a noção dos dias. A Páscoa ainda não tinha chegado, sinal de que a escola deles devia fazer o recesso na semana anterior à data. A São Vladimir o fazia na semana seguinte. — Onde fica a escola de vocês?

— A umas três horas de distância. É ainda mais remota do que aqui. — Viktoria fez uma careta.

— Baía não é tão ruim — provocou Nikolai.

— Para você é fácil dizer. Um dia vai sair por aí conhecendo novos e excitantes lugares...

— E você não pode? — perguntei.

Ela franziu a testa, subitamente desconfortável.

— Bom, eu até *poderia*... mas não é assim que as coisas funcionam por aqui, pelo menos não na minha família. Minha avó tem umas... opiniões bem rígidas com relação a homens e mulheres. Nikolai vai se tornar um guardião, e eu ficarei aqui com a minha família.

De repente, Nikolai fez uma nova avaliação de mim:

— Você é guardião?

— Ah, então... — Dessa vez, eu é que fiquei desconfortável.

Viktoria respondeu antes que eu pudesse inventar algo para dizer.

— Ela matou dois Strigoi fora da cidade. Sozinha.

Ele parecia impressionado.

— Você é guardião.

— Bom, não... Já matei antes, mas não cheguei a prestar juramento. — Me virando, levantei o cabelo para lhes mostrar meu pescoço. Além de todas as minhas habituais marcas *molnija*, eu ainda exibia uma pequena tatuagem em forma de estrela que dizia que eu participara de uma batalha. Os dois ficaram atônitos, e Nikolai falou algo em russo. Larguei o cabelo e olhei para trás. — Que foi?

— Você é... — Viktoria mordeu um dos lábios, com os olhos contemplativos de quem busca a palavra certa. — Descomprometida? Não conheço a palavra na sua língua.

— Descomprometida? Talvez... mas teoricamente todas as mulheres daqui são assim, não? — quis saber.

— Mesmo sem sermos guardiãs, ainda ganhamos marcas para provar que completamos nosso treinamento. Mas não a marca da promessa. Você, que matou tantos Strigoi e não possui nenhuma lealdade para com a escola ou os guardiões... — Viktoria encolheu os ombros. — Chamamos isso de ser descomprometida. É algo incomum.

— Também é incomum de onde venho — admiti. Inaudito, inclusive. Tanto que nem tínhamos um termo para isso. Simplesmente não se fazia algo assim.

— Eu devia deixar as duas em paz — disse Nikolai, e seus olhos apaixonados se voltaram para Viktoria. — Mas prometa que vou vê-la na casa da Marina. Talvez um pouco mais cedo?

— Sim — concordou ela. Despediram-se em russo, e então ele deu uma corrida para atravessar a rua com o tipo de graça desenvolta e atlética que o treinamento proporcionava aos guardiões. Me lembrou um pouco a de Dimitri.

— Eu devo tê-lo assustado — comentei.

— Não, ele acha você excitante.

— Não tão excitante quanto você, pelo jeito.

Suas sobranceiras se ergueram.

— O quê?

— Ele gosta de você... Quer dizer, gosta *de verdade*. Não viu?

— Ah. Somos apenas amigos.

Percebi pela sua atitude o que ela queria dizer. Viktoria era completamente indiferente a ele, o que era uma pena. Nikolai era bonito e bacana. Depois que o pobre garoto já havia se afastado, eu trouxe o assunto dos guardiões à pauta. Eu estava intrigada pelas diferenças de comportamento daquele lugar.

— Você disse que não pode... mas você *quer* ser guardiã?

Ela hesitou.

— Nunca levei a possibilidade a sério. Tenho o mesmo treinamento na escola, e gosto de poder me defender por conta própria. Mas prefiro usar isso para proteger a minha família em vez dos Moroi. Deve parecer... — Fez mais uma pausa para pensar na palavra certa. — Sexista? Enfim, os homens se tornam guardiões, e as mulheres ficam em casa. Só o meu irmão partiu.

Eu quase tropecei.

— Seu irmão? — indaguei, mantendo a voz o mais equilibrada possível.

— Dimitri. É mais velho que eu e já é guardião faz alguns anos. Está nos Estados Unidos. Não o vemos há bastante tempo.

— Ah.

Eu me senti péssima e culpada. Culpada, porque estava privando Viktoria e os outros da verdade. Péssima, porque tudo indicava que ninguém lá da Escola havia se dado ao trabalho de informar à família. Sorrindo com as próprias recordações, ela não notou a minha mudança de humor.

— Na verdade, Paul parece igualzinho a Dimitri quando tinha essa idade. Você devia ver as fotos dele, e umas mais recentes, também. Dimitri é muito bonito. Como um irmão, é claro.

Eu tinha certeza de que encarar as fotos de Dimitri quando criança faria o meu coração saltar do peito. Assim, quanto mais Viktoria falava sobre ele, pior eu me sentia. Ela não fazia ideia do que acontecera, e ainda que se tivessem passado alguns anos desde a última vez que ela o vira, era evidente que a família inteira o amava loucamente. Não que isso me surpreendesse. (Sério, quem conseguiria não amar Dimitri?) Uma única manhã ao lado deles me mostrara quão unidos todos pareciam ser. E Dimitri, pelas histórias que

me contava, também era louco por eles.

— Rose? Tudo bem com você? — Viktoria me analisava com preocupação, provavelmente porque eu ficara sem dizer mais nada nos últimos dez minutos.

Nós havíamos dado meia-volta e estávamos quase chegando à sua casa. Olhando para ela, para a sua expressão sincera e afetuosa, tão parecida com a de Dimitri, percebi que ainda tinha outra tarefa à minha frente, antes de partir atrás de Dimitri, onde quer que ele estivesse. Engoli em seco.

— Eu... é. Acho... Acho que preciso me sentar um pouco com você e o resto da sua família.

— Tudo bem — concordou, ainda com a preocupação em sua voz.

Dentro de casa, Olena trabalhava depressa na cozinha, ao lado de Karolina. Imaginei que estivessem organizando o jantar daquela noite, o que era alarmante, considerando o monstruoso café da manhã que havíamos acabado de tomar. Eu sem dúvida poderia me habituar à maneira como eles comiam por ali. Na sala, Paul montava uma elaborada pista de corrida com pecinhas de Lego. Yeva estava sentada numa cadeira de balanço e, tricotando um par de meias, parecia cumprir o maior estereótipo de avó do mundo. Exceto que a maioria das avós não olha para alguém como se apenas com isso pudesse incinerá-lo.

Olena estava falando com Karolina em russo, mas logo mudou para o inglês quando me viu.

— As duas voltaram mais cedo do que eu imaginava.

— Nós andamos pela cidade — disse Viktoria. — E... Rose queria falar com você. Com todos nós.

Olena me lançou um olhar tão intrigado e preocupado quanto o de Viktoria.

— O que está acontecendo?

O peso de todos aqueles olhares dos Belikov sobre mim fez meu coração disparar dentro do peito. Como eu pretendia conduzir aquilo? Como poderia explicar algo sobre o qual não falava havia semanas? Eu não conseguia suportar a ideia de submetê-los àquilo, que dirá a mim mesma. Quando Yeva correu para dentro, tudo ficou ainda pior. Talvez algum tipo de sentido místico estivesse lhe dizendo que algo grande estava para acontecer.

— Nós devíamos nos sentar — comecei.

Paul ficou na sala, felizmente. Era bem provável que eu não fosse conseguir dizer o que eu precisava se um menininho — pelo jeito, tão parecido com Dimitri — estivesse me olhando.

— Rose, o que há de errado? — perguntou Olena. Ela soou tão doce e, bom... maternal que quase não consegui segurar as lágrimas.

Sempre que ficava com raiva da minha mãe por não estar por perto ou cumprindo com o seu papel familiar, eu a comparava a alguma imagem ideal de mãe — uma que, percebi, lembrava muito a mãe de Dimitri. As irmãs dele pareciam igualmente aflitas, como se eu fosse alguém que elas conheciam há séculos. Essa aceitação e preocupação fizeram meus olhos arderem ainda mais, porque afinal elas só haviam me conhecido naquela mesma manhã. Yeva, porém, exibia uma expressão bastante estranha — quase como se esperasse aquele momento desde o começo.

— Bom, a questão é que o motivo que me trouxe até aqui, em Baia, foi para encontrar vocês.

Essa não era bem a verdade. Eu viera à procura de Dimitri. Nunca havia pensado muito em encontrar sua família, mas agora eu via que seria melhor assim.

— Sabe, é que Viktoria estava falando de Dimitri hoje mais cedo. — O rosto de Olena se iluminou à menção do filho. — E... eu o conheci, hã, conheço. Ele costumava ser um guardião na minha escola. Meu professor, na verdade.

Karolina e Viktoria também se animaram.

— Como ele está? — quis saber Karolina. — Não o vemos há séculos. Sabe quando ele vem nos visitar?

Não conseguia sequer pensar em uma resposta para aquilo, então insisti na minha narrativa, antes que perdesse a coragem na frente de todos aqueles rostos amáveis. Conforme as palavras foram saindo da boca, era quase como se outra pessoa as estivesse dizendo e eu assistisse a tudo de longe.

— Um mês atrás... nossa escola foi atacada por Strigoi. Um ataque realmente pesado... um enorme grupo deles. Perdemos muitas pessoas, tanto Moroi quanto dampiros.

Olena exclamou algo em russo. Viktoria se inclinou em minha direção.

— Na São Vladimir?

Interrompi minha história, surpresa.

— Vocês souberam disso?

— Todo mundo soube — respondeu Karolina. — Todas sabemos o que aconteceu. Era a sua escola? Você estava lá naquela noite?

Eu assenti com a cabeça.

— Não admira que você tenha tantas marcas *molnija* — suspirou Viktoria, maravilhada.

— E é lá que Dimitri está agora? — indagou Olena. — Perdemos contato com ele em sua última missão.

— Hum, é... — Senti minha língua engrossar na garganta. Não conseguia respirar. — Eu estava na escola na noite do ataque — reafirmei. — Dimitri também. Ele foi um dos líderes na batalha... e o jeito como lutou... ele foi... ele foi tão bravo... e...

As minhas palavras estavam se estilhaçando, mas, a essa altura, as mulheres já começavam a me acompanhar. Olena prendeu a respiração e mais uma vez murmurou algo em russo. Do que ela disse, pesquei a palavra para “Deus”. Karolina estava paralisada em seu lugar, mas Viktoria se inclinava em minha direção. Aqueles olhos, tão semelhantes aos do irmão, me analisavam firmemente, tal como ele faria para arrancar de mim a verdade, não importando o estrago que ela causaria.

— O que aconteceu? — exigiu ela. — O que aconteceu com Dimitri?

Desviei o olhar daqueles rostos, e ele foi flutuando até a sala. Na parede oposta, avistei uma estante cheia de livros antigos, com capas de couro. As lombadas possuíam letras gravadas a ouro em baixo-relevo. Foi totalmente aleatório, mas de repente lembrei que Dimitri já os havia mencionado antes. “Eram esses antigos romances que minha mãe colecionava”, me dissera ele uma vez. “As capas eram belas demais, e eu os adorava. Se eu tomasse cuidado, ela às vezes me deixava lê-los.” A imagem de um jovem Dimitri sentado diante daquela estante, virando cuidadosamente as páginas — e, oh, ele teria sido cuidadoso —, quase me fez perder as estribeiras. Será que foi ali que ele desenvolveu sua paixão por romances de faroeste?

Eu não ia aguentar. Estava me distraíndo. Não ia conseguir contar a verdade a elas. Minhas emoções cresciam com muita intensidade, e as lembranças me inundavam enquanto eu tentava pensar em algo — qualquer coisa — que não envolvesse aquela horrível batalha.

Então olhei para Yeva mais uma vez, e algo em sua estranha e sábia expressão inexplicavelmente me impeliu. Eu precisava fazer aquilo. Me virei para as outras mulheres.

— Ele lutou com muita coragem naquela batalha e, depois, ajudou a liderar uma missão de resgate para salvar algumas pessoas que os Strigoi haviam capturado. Ele também foi incrível lá, só que... ele...

Parei novamente e percebi que lágrimas corriam pelas minhas bochechas. Na minha cabeça, eu repassava aquela terrível cena dentro da caverna, com Dimitri tão perto da liberdade e levado por um Strigoi no último instante. Sacudindo esse pensamento para longe, respirei bem fundo, uma outra vez. Eu tinha que terminar isso. Devia isso à sua família.

Não havia uma maneira gentil de dizê-lo.

— Um dos Strigoi da caverna... bom, ele subjugou Dimitri.

Karolina enterrou o rosto num dos ombros da mãe, e Olena não esboçou qualquer esforço para esconder as próprias lágrimas. Viktoria não chorou, e sua fisionomia permanecia perfeitamente inabalada. Lutava para manter suas emoções na rédea, tal como Dimitri teria feito. Ela procurou o meu rosto, ávida por tirar a dúvida:

— Dimitri está morto.

Era uma afirmativa, não uma pergunta, mas ela olhava para mim em busca de confirmação. Fiquei pensando se acaso teria deixado algo escapar, alguma dica de que ainda havia mais naquela história. Ou talvez ela apenas precisasse da firmeza das palavras. E por um instante eu considerei lhes dizer que Dimitri estava morto. Era o que a Escola iria lhes dizer, o que os guardiões iriam lhes dizer. Seria mais fácil para elas... mas, de alguma forma, eu não suportava a ideia de mentir ali — mesmo que fosse uma mentira reconfortante. Dimitri teria preferido a verdade completa, e sua família também.

— Não — corriji, e por um segundo a esperança renasceu no coração de todas ali, pelo menos até eu voltar a falar. — Dimitri é um Strigoi.

Oito

As reações entre as mulheres da família Belikov foram as mais variadas. Algumas choraram. Outras ficaram atônitas. E outras ainda — particularmente Yeva e Viktoria — apenas absorveram a notícia e impediram as emoções de perturbar sua fisionomia, tal como Dimitri teria procedido. Isso me incomodou quase tanto quanto as lágrimas; me fazia pensar demais nele. De todas elas, Sonya — que estava grávida e chegou em casa pouco depois que eu soltei a bomba — foi a que reagiu com maior intensidade. Ela correu aos prantos para o quarto e de lá não saiu por nada.

Não demorou muito, no entanto, para Yeva e Olena entrarem em ação. Falavam em russo e depressa, sem dúvida com um plano em mente. Telefonemas foram feitos, e Viktoria saiu para lhes fazer algum favor. Ninguém parecia precisar de mim, então eu basicamente andei pela casa tentando não atrapalhar.

Me peguei estudando as prateleiras que vira há poucos minutos, passando uma das mãos pelos encadernados de couro. Os títulos estavam em cirílico, mas não importava. De certa forma, tocá-los e imaginar que Dimitri os segurou e leu me fazia sentir mais próxima dele.

— Procurando uma leitura mais simples? — Sydney atravessou a sala e parou ao meu lado. Não estava conosco mais cedo, mas acabou ouvindo as notícias.

— Bem simples, já que eu não entendo patavina destas — respondi. Apontei para a movimentação entre as mulheres da casa. — O que está havendo aqui?

— Estão planejando o funeral de Dimitri — explicou Sydney. — Ou, enfim, o seu culto memorial. Franzi a testa.

— Mas ele não está morto...

— Shh. — Ela me cortou com um gesto ríspido e olhou de esguelha para as outras, que se apressavam por todos os lados. — Não diga isso.

— Mas é a verdade — sussurrei de volta.

Ela balançou a cabeça.

— Não para elas. Aqui... nestas vilas... não existe meio-termo. Ou você está vivo, ou está morto. Não vão aceitar que ele seja uma daquelas... coisas. — Sydney não conseguia esconder o asco em sua voz. — Para todos os efeitos, Dimitri está morto para elas. Passarão um tempo enlutadas e depois seguirão em frente. Você devia fazer o mesmo.

Não me ofendi com a sua atitude seca porque sabia que aquela não fora a sua intenção. Era só o jeito dela.

O problema era que aquele estado intermediário parecia bem real para mim, e de forma alguma eu poderia seguir em frente. Não ainda.

— Rose... — começou Sydney após vários segundos em silêncio. Ela não estava me encarando. — Me desculpe.

— Quer dizer, por Dimitri?

— É... Eu não fazia ideia. Não tenho sido lá muito legal com você. Bom, não vou agir como se agora fosse mais fácil andar com gente da sua espécie, mas vocês ainda são... enfim, não humanos, é óbvio. Mas... sei lá. Vocês ainda sentem; ainda amam e ferem. E no caminho para cá você carregou essa terrível notícia sozinha, e eu não facilitei nem um pouco as coisas. Então me desculpe por isso. E me desculpe por ter pensado o pior de você.

A princípio, achei que ela se referia a ter pensado que eu era maligna, mas então a ficha caiu. Esse tempo todo, Sydney acreditara que eu estava vindo para de fato me tornar uma prostituta de sangue, e agora percebia que entregar aquela mensagem à família de Dimitri era o meu único propósito. Não me dei ao trabalho de corrigi-la.

— Obrigada, mas você não podia adivinhar. E, sério, se eu estivesse no seu lugar... não sei, não. Provavelmente teria agido igualzinho.

— Não — discordou. — Não mesmo. Você é sempre legal com os outros.

Dei a ela um olhar incrédulo.

— Você viajou com alguma outra pessoa nesses últimos dias? Lá na Escola, eu tinha a reputação de nem sempre ser assim, tão legal. Eu tenho atitude, sei bem disso.

Ela sorriu.

— É, tem, sim. Só que você também diz a coisa certa às pessoas quando é necessário. Contar aos Belikov o que você contou... bom, foi difícil. E não adianta negar, você *consegue* ser educada e dar um jeito de os outros se sentirem melhor. Na maioria das vezes.

Fiquei um pouco chocada. Era assim que me viam? Eu costumava me imaginar como a rainha das escrotas arruaceiras, então tentei rever meu comportamento com ela nesses últimos dias. Tínhamos batido muito de frente, mas, com as pessoas que encontramos pelo caminho, posso dizer que fui amigável.

— Bom, obrigada — respondi, sem saber o que acrescentar.

— Já chegou a falar com Abe? Na sua volta pela cidade?

— Não. — Percebi que havia esquecido completamente o meu misterioso salvador. — Eu devia?

— Só imaginei que ele a encontraria.

— Quem é ele? Por que veio nos buscar quando você contou que eu estava mal?

Sydney hesitou, e temi que fosse receber um pouco mais do já conhecido silêncio da alquimista. Até que, espreitando ao redor com algum desconforto, ela disse, em voz baixa:

— Abe não é da realeza, mas é um sujeito muito importante. Também não é russo, mas vem ao país com frequência, sempre para tratar de negócios, legais e ilegais, eu acho. Possui amizade com todos os Moroi de prestígio, e, na maior parte do tempo, tenho a impressão de que controla os alquimistas, também. Sei que está envolvido na confecção das nossas tatuagens... mas vai muito além disso. Temos um nome para ele quando não está nos ouvindo... *Zmey*.

— Zime o quê? — Eu mal ouvira a palavra. Soou como *zzmei*. Com certeza não era nada que eu já tivesse escutado antes.

Sydney deu um sorrisinho por causa da minha confusão.

— *Zmey* é “serpente” em russo. Mas não uma serpente qualquer. — Suas pálpebras se estreitaram

enquanto ponderava uma explicação adequada. — É um termo empregado em inúmeras lendas. Às vezes, para as serpentes gigantes que os heróis precisavam enfrentar. E existem algumas histórias de feiticeiros cujo sangue de serpente lhes dava esse nome. A serpente do jardim do Éden? Que levou Eva a pecar? Também era conhecida como *zmey*.

Fiquei arrepiada. Tudo bem, aquilo era muito bizarro, mas fez com que algo se encaixasse na minha cabeça. Os alquimistas supostamente possuíam um vínculo com líderes e autoridades, e Abe pelo jeito dispunha de bastante influência entre eles.

— Foi Abe quem quis que você viesse comigo para Baía? O motivo pelo qual os alquimistas a fizeram vir até aqui?

Mais uma vez, ela parou, então assentiu.

— É... quando telefonei aquela noite, em São Petersburgo, fui informada de que estavam à sua procura. Por meio dos alquimistas, Abe me deu a ordem de continuar com você até que ele pudesse nos encontrar aqui. Aparentemente, ele vinha procurando por você a pedido de alguém.

Nessa hora eu gelei. Os meus temores haviam se concretizado. As pessoas *estavam* à minha procura. Mas quem? Se Lissa dera início a uma caçada humana, eu teria descoberto ao visitar sua mente. Tampouco acreditava que fosse coisa de Adrian, não pelo jeito como ele parecia desesperado e ignorante sobre o meu paradeiro. Além do mais, ele aceitava a necessidade da minha jornada.

Então, quem estaria atrás de mim? E por que motivo? Esse Abe tinha cara de ser alguém do alto escalão — e ao mesmo tempo envolvido em assuntos bastante duvidosos — e poderia muito bem conhecer a rainha ou outras pessoas quase tão importantes quanto ela. Será que não recebeu ordens para me encontrar e me mandar de volta? Ou, considerando o quanto a rainha me odiava, será que as ordens não foram para garantir que eu *não* voltasse? E se eu estivesse lidando com um assassino? Sydney sem dúvida o via com um estranho misto de medo e respeito.

— Talvez eu não queira conhecê-lo — disse eu.

— Não acho que ele pretenda machucar você. Quer dizer, se esse fosse o caso, ele já teria feito antes. Só tome cuidado. Ele fica o tempo todo fazendo joguinhos, e guarda tantos segredos que chega a rivalizar com os alquimistas.

— Você não confia nele, então?

Ela me deu um sorriso pesaroso ao se virar para deixar a sala.

— Você sempre esquece: não confio em nenhum de vocês.

Quando sumiu de vista, decidi ir lá para fora, longe da tristeza e da agitação da casa. Me sentei no primeiro degrau da varanda dos fundos, observando Paul brincar. Ele construía um forte para os seus bonequinhos de ação. Ainda que fosse solidário à dor de sua família, dificilmente o menino seria assim tão afetado pela “morte” de um tio que ele só vira umas duas vezes. A notícia não significava tanto para ele quanto para o resto de nós.

Com tanto tempo livre nas mãos pelo restante do dia, decidi fazer uma visitinha a Lissa. Mesmo a contragosto, estava meio curiosa sobre como as coisas transcorreram com Avery Lazar.

Se por um lado as intenções de Lissa eram boas, por outro ela ainda sentia algum receio por ter convidado Avery para almoçar. E, no entanto, foi uma agradável surpresa ver como Avery se encaixava com perfeição, conquistando Adrian e Christian. É verdade que Adrian se impressiona praticamente com qualquer rabo de saia. Com Christian as coisas eram mais difíceis, mas até ele parecia simpatizar com Avery — provavelmente porque ela não parava de provocar Adrian. Quem quer que conseguisse fazer piada às custas de Adrian subia no conceito de Christian.

— Então, me explique isso — pediu Avery, enquanto enrolava *linguine* com o garfo. — Você, o quê, passa o dia todo vagando pela Escola? Está tentando consertar a sua experiência do ensino médio?

— Nada para se consertar — replicou Adrian, de modo afetado. — Eu mandei muito bem no meu segundo grau. Fui louvado e adorado, não que isso venha a surpreender.

A seu lado, Christian quase engasgou com a comida.

— Nesse caso... está tentando reviver seus dias de glória. Desde então, tudo tem ido ladeira abaixo, hã?

— Sem essa — negou Adrian. — Sou como um bom vinho. Fico melhor com a idade. O melhor ainda está por vir.

— Acho que ficaria passado depois de um tempo — disse Avery, aparentemente nada convencida pela irresistível comparação com o vinho. — Eu, pelo menos, já estou entediada, e olhem que até passei parte do dia ajudando meu pai.

— Adrian dorme grande parte do tempo — observou Lissa, tentando manter uma expressão séria. — Então nem precisa se preocupar muito em encontrar coisas para fazer.

— Ei, eu passo uma boa fatia do meu tempo ajudando *você* a desvendar os mistérios do espírito — lembrou Adrian.

Avery se inclinou para a frente, e a curiosidade se espalhou por sua bela fisionomia.

— Então é mesmo verdade? Eu soube de histórias sobre o espírito... sobre como vocês podem curar os outros.

Lissa precisou de um momento antes de responder. Não tinha certeza se algum dia iria se acostumar com o fato de que agora a sua magia não era mais segredo.

— Entre outras coisas. Ainda estamos descobrindo aos poucos.

Adrian parecia mais ávido do que ela para discutir o assunto — provavelmente na esperança de impressionar Avery — e listou um breve sumário com algumas das habilidades do espírito, como as auras e a compulsão.

— Ah — acrescentou —, eu consigo visitar as pessoas em seus sonhos.

Christian levantou uma das mãos.

— Pare. Sei que está prestes a comentar sobre como as mulheres já sonham com você. E eu acabei de comer, sabe?

— Não era o que eu ia dizer — esclareceu Adrian. Mas ele quase pareceu desejar que a piada tivesse lhe ocorrido primeiro.

Não consegui me impedir de achar graça daquilo. Adrian agia de modo tão autoconfiante e ousado em público... mas então, nos meus sonhos, mostrava aquele lado sério e preocupado. Ele era mais complexo do que qualquer um imaginava.

Avery parecia atônita.

— Caramba. E eu que pensava que manipular o ar era bacana. — Uma leve brisa jogou seus cabelos para trás, dando a impressão de que estava posando para um ensaio de roupas de banho. Ela deu ao grupo um sorriso irradiante. Tudo o que faltava era um fotógrafo.

O barulho do sinal fez com que todos se levantassem. Christian percebeu que havia deixado o trabalho de casa em outra sala e correu para apanhá-lo — após dar um beijo de despedida em Lissa, é lógico.

Adrian partiu com a mesma presteza.

— Se fico andando por aí depois que as aulas começam, os professores fazem cara feia para mim. — E se curvou um pouco na direção de Lissa e Avery. — Até a próxima, senhoritas.

Avery, que não podia se importar menos com a opinião dos professores, caminhou com Lissa até o local

de sua próxima aula. Sua expressão era contemplativa.

— Então... você está mesmo com Christian, certo? — E como não estaria? Se Avery visse metade das coisas que eu, através do laço, testemunhara Christian e Lissa fazendo, essa pergunta nem existiria.

Lissa riu.

— Sim, por quê?

Avery hesitou, aumentando a curiosidade de Lissa.

— Bom... eu ouvi que você tinha algo com Adrian.

Lissa quase interrompeu o trajeto.

— Onde escutou isso?

— Na Corte. A rainha ficava dizendo como estava feliz por vocês dois serem um casal e por sempre estarem juntos.

Lissa soltou um gemido.

— Isso porque sempre que vou à Corte ela o convida também, e então nos manda fazer alguma coisa para ela, por aí. Não é uma escolha minha... bom, não entenda mal, eu não me importo em passar o tempo com ele, mas o motivo pelo qual estamos sempre juntos por lá é que Tatiana nos obriga a isso.

— No entanto, ela parece gostar de você. Fala a seu respeito o tempo todo, sobre como tem potencial e sobre quão orgulhosa ela está.

— Acho que está orgulhosa de me manipular. Ir até lá é um saco. Ou ela ignora solenemente o fato de que estou namorando Christian, ou aproveita qualquer oportunidade para disparar insultos contra ele. — A rainha Tatiana, tal como muitos outros Moroi, não conseguia perdoar os pais de Christian por terem se tornado Strigoi por vontade própria.

— Desculpe — disse Avery, parecendo se sentir muito mal com aquilo. — Não tive a intenção de trazer um assunto ruim à tona. Eu meio que queria saber se Adrian estava disponível, só isso.

Lissa não estava com raiva de Avery. Sua fúria se dirigia à rainha, a como ela presumia que todos deviam se comportar da maneira que ela desejava e dançar conforme a sua música. O mundo Moroi era governado por um rei ou uma rainha desde o começo dos tempos, e às vezes Lissa acreditava que era hora de mudar aquilo. Precisavam de um sistema em que todos compartilhassem de uma mesma voz — membros da realeza ou não. Inclusive os dampiros.

Quanto mais pensava a respeito, mais ela sentia o seu humor decair, com a raiva e a frustração se inflamando por dentro de uma forma mais habitual em mim do que nela. Fazia com que ela quisesse gritar, às vezes, caminhar até Tatiana e lhe dizer que o acordo estava anulado. Nenhuma faculdade valia tanto. Talvez até contasse a ela que estava na hora de uma revolução, de virar os Moroi ao avesso...

Lissa piscou, espantada ao perceber que tremia. De onde vieram todos aqueles sentimentos? Uma coisa era estar irritada com Tatiana, mas aquilo...? Não passava por descontroles assim desde as primeiras vezes em que manejara o espírito. Respirando fundo, tratou de utilizar algumas das técnicas de relaxamento que aprendera para que Avery não percebesse a desvairada em que por pouco havia se transformado.

— É que eu odeio que fiquem falando sobre mim, só isso — disse Lissa, por fim.

Avery parecia não ter notado o lapso nervoso de Lissa.

— Bom, se isso faz você se sentir melhor, nem todos pensam assim. Conheci uma garota... Mia? É, esse era o nome dela. Dessas que não pertencem à realeza. — O tom pejorativo sugeria que ela partilhava do mesmo ponto de vista de muitos membros reais com relação aos Moroi mais “humildes”. — Ela simplesmente riu quando ouviu que você e Adrian estavam juntos. Disse que era ridículo.

Lissa quase deixou escapar um sorriso. Mia já fora sua rival e também uma peste egocêntrica. Entretanto,

depois que sua mãe foi assassinada por Strigoi, Mia passou a adotar uma atitude feroz e determinada, a qual Lissa e eu aprovamos imensamente. Mia vivia na Corte com o pai, treinando em segredo para um dia ser capaz de enfrentar Strigoi.

— Oh! — exclamou Avery de repente. — Simon está bem ali. Melhor eu ir.

Lissa cruzou o corredor com os olhos e avistou o austero guardião de Avery. Simon podia não ser tão seco quanto Reed, o irmão dela, mas ainda trazia a mesma expressão rígida e sombria de quando Lissa o vira pela primeira vez. Ainda assim, Avery parecia se dar bem com ele.

— Tudo bem. Vejo você mais tarde.

— Pode apostar — respondeu Avery, começando a se virar.

— Ah, Avery?

Avery olhou de esguelha para ela.

— Oi?

— Adrian está disponível.

A única resposta de Avery foi abrir um rápido sorriso antes de partir e se juntar a Simon.

De volta aos Belikov em Baia, o culto memorial estava em andamento. Vizinhos e amigos, todos vampiros, chegavam aos poucos, vários deles trazendo comida. Foi o meu primeiro vislumbre da comunidade vampírica, embora essa não parecesse tão misteriosa quanto Sydney dera a entender. A cozinha se transformou num salão de festas, com cada superfície de bancada e mesa abarrotada de pratos. Alguns eu até conhecia, e havia muitas sobremesas — biscoitos e bolos cobertos de nozes e glacê que cheiravam como se tivessem acabado de sair do forno. Alguns dos pratos eu nunca vira antes, e não sabia ao certo se queria revê-los no futuro. Principalmente uma tigela repugnante de repolho, que me fez mudar de caminho só para não cruzar com ela.

Antes de comermos, porém, todos saímos e formamos um semicírculo nos fundos da casa. Era o único lugar ali que poderia comportar tantas pessoas. Um padre apareceu nessa hora, um humano. Isso me surpreendeu um pouco, mas imaginei que, vivendo numa cidade de humanos, frequentar a igreja deles seria o mais lógico. E a maioria desses humanos não via diferença entre eles e os vampiros, de modo que o padre provavelmente acreditava estar prestando uma típica visita. Um punhado de Moroi que eu vira no centro estava presente, e também eles, bem ou mal, podiam se passar por humanos — de um tipo mais pálido — contanto que escondessem suas presas. Os humanos não esperavam ver nada de sobrenatural ali, e suas mentes raramente consideravam aquela uma opção, mesmo estando bem diante dos olhos.

Todos ficaram em silêncio. O sol se punha naquele instante, com um fogo alaranjado queimando no céu a oeste e sombras se projetando bem em cima de nós. O padre conduziu o culto memorial em russo, cantando com uma voz que mais parecia vir de outro mundo, no quintal que escurecia.

Os cultos que eu havia frequentado na igreja foram, sem exceção, ministrados em inglês, mas eu entendia como aquela situação me trazia o mesmo sentimento. Vez ou outra, os ali presentes faziam o sinal da cruz. Eu não conhecia os momentos certos, então me limitei a observar e aguardar, deixando a voz lutuosa do padre me encher a alma. Meus sentimentos por Dimitri se agitavam por dentro como uma tempestade crescente, e lutei para mantê-los em seu devido lugar, selados em meu coração. Quando o culto por fim terminou, a estranha tensão que engolfara o grupo se dispersou. As pessoas voltaram a se mexer, abraçando os Belikov e dando ao padre um aperto de mãos. Ele partiu logo depois.

Logo em seguida, a comida. Pratos foram feitos, e todos se acomodavam onde quer que encontrassem lugar, fosse no interior da casa ou nos fundos. O fato é que nenhum dos convidados me conhecia, e a

família de Dimitri estava ocupada demais para passar algum tempo comigo, fazendo o melhor para deixar todos à vontade. Sydney ficou um bom tempo ao meu lado, e enquanto jogávamos conversa fora pude me reconfortar com a sua presença. Estávamos sentadas no chão da sala, recostadas na parede próxima à estante de livros. Ela olhava distraída para sua comida, para variar, e isso me fez sorrir. Havia algo naquele comportamento corriqueiro que me trazia paz de espírito.

Ao fim do jantar, as pessoas retomaram suas discussões em pequenos grupos. Eu não entendia nada do que diziam, mas ouvia uma menção ao nome dele o tempo todo: “Dimitri”, “Dimitri”. Me fez pensar nos sibilos incompreensíveis produzidos pelos fantasmas em suas visitas. Era opressivo e sufocante, a força de seu nome comprimindo o meu peito. “Dimitri”, “Dimitri”. Depois de um tempo, aquilo se tornou insuportável. Sydney havia saído por um instante, então fui lá para fora tomar um pouco de ar. Algumas pessoas tinham acendido uma fogueira nos fundos da casa e agora sentavam-se em torno dela, ainda falando em Dimitri; o jeito foi me encaminhar para o quintal da frente.

Desci a rua sem a intenção de me distanciar demais. A noite era de calor e de céu limpo, com a lua e as estrelas cintilando na escuridão acima de mim. Meus sentimentos estavam confusos, e, uma vez longe dos outros, me permiti soltar um pouco daquelas emoções reprimidas, em forma de lágrimas silenciosas que me desciam pelas bochechas. Quando me vi a algumas casas de distância, sentei no meio-fio, relaxando e desfrutando da calma que me envolvia. No entanto, a paz não durou muito — minha audição aguçada captou vozes vindas da casa dos Belikov. Três sujeitos se aproximaram. Um, alto e esguio, era um Moroi, e os outros eram dampiros. Quando finalmente pararam à minha frente, olhei para eles. Sem pensar em bons modos, continuei onde estava, só encarando os olhos escuros do Moroi. Não me lembrava de ter visto o grupo no culto — mas conhecia aquele Moroi de algum lugar. Dei a ele um sorrisinho meio torto.

— Abe Mazur, imagino.

Nove

— Pensei que você fosse um sonho — comentei.

Eles permaneceram parados; os dampiros, no caso, estavam posicionados ao redor do Moroi como se numa formação defensiva. Era de Abe o estranho rosto que eu vira enquanto ganhava e perdia a consciência, depois da luta no celeiro. Ele era mais velho que eu, e quase tanto quanto Olena. Tinha cabelos pretos e um cavanhaque, e a pele mais clara que um Moroi já teve, praticamente. Sabe quando pessoas bronzeadas ou de pele escura acabam lívidas de tão doentes que ficam? Pois era bem assim. Abe até possuía uma corzinha, só que ela era sobrepujada por uma palidez intensa. Mais impressionantes ainda eram as suas roupas. Ele usava um longo casaco escuro que devia custar os olhos da cara, e ainda um cachecol carmesim de caxemira. Por baixo disso, avistei algo dourado, um cordão para combinar com a argola de ouro que pendia de uma das orelhas. Minha impressão inicial diante daquela ostentação era a de que se tratava de um pirata ou de um cafetão. Um segundo depois, mudei de ideia. Algo nele me dizia que era o tipo de sujeito capaz de quebrar pernas para atingir seus objetivos.

— Sonho, é? Isso — começou o Moroi, com um esboço muito sutil de um sorriso — não é algo que escuto com frequência. Bom: não. — E reconsiderou: — Por vezes apareço nos pesadelos de alguns. — Não era americano nem russo; eu não conseguia identificar aquele sotaque.

Falando da sua má reputação assim... Será que ele queria me intimidar ou me impressionar? Sydney não parecera ter exatamente medo dele, mas sem dúvida guardava uma porção generosa de cautela.

— Bom, acho que você sabe quem eu sou — respondi. — Então, a questão é: o que você faz aqui?

— Não — disse ele, e o sorriso ficou mais rígido. — A questão é: o que *você* faz aqui?

Fiz um gesto em direção à casa às suas costas, tentando manter a calma.

— Estou indo a um funeral.

— Não foi por isso que veio à Rússia.

— Vim à Rússia dizer aos Belikov que Dimitri está morto, já que ninguém mais se deu ao trabalho.

Aquela estava se tornando uma explicação bem útil para o motivo de eu estar ali; todavia, com os olhos de Abe sobre mim, um frio me percorreu a espinha, meio como o que acontecia quando Yeva me estudava. Assim como aquela velha maluca, ele não acreditava em mim, e voltei a sentir a perigosa face de sua personalidade aparentemente jovial.

Abe balançou a cabeça, sem o menor rastro do sorriso de antes.

— Também não foi esse o motivo. Não minta para mim, garotinha.

Senti meus punhos se fechando com força.

— E você não fique me interrogando, velhote. A não ser que esteja pronto para me contar por que você e os seus ajudantes se arriscaram na estrada para nos buscar.

Os dapiros de Abe se enrijeceram quando eu disse “velhote”, mas, para a minha surpresa, ele voltou a sorrir — embora não fosse lá um sorriso muito aberto.

— Talvez eu só estivesse tentando ajudar.

— Não pelo que andei escutando. Por sua causa, os alquimistas fizeram com que Sydney me acompanhasse até aqui.

— Oh. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Ela contou isso para você? Hum... Que má atitude da parte dela. Seus superiores não vão gostar nada. Nada mesmo.

Oh, droga. Falei sem pensar. Não queria que Sydney se metesse em apuros. Se Abe de fato fosse uma espécie de Poderoso Chefão dos Moroi (do que ela o havia chamado mesmo? *Zmey*? A serpente?), sem dúvida poderia conversar com os outros alquimistas para tornar sua vida ainda mais miserável.

— Eu arranquei isso dela — menti. — Eu... Eu a ameacei no trem. Não foi difícil. Já morria de medo de mim desde o começo.

— Não duvido. Todos eles nos temem, presos a séculos de tradição e dependência àquelas cruzes para protegê-los, apesar do que obtêm com suas tatuagens. De muitas formas, eles adquirem as mesmas características que vocês, dapiros, exceto pelos problemas de reprodução.

Falou aquilo admirando as estrelas no céu, como se fosse um filósofo absorto com os mistérios do universo. Por alguma razão, aquilo me deixou ainda mais irritada. Ele tratava aquilo tudo tal qual uma piada, quando era óbvio que ele tinha algo em mente para mim. Eu não gostava de fazer parte dos planos de ninguém — especialmente quando não sabia quais eram.

— É, eu sei que podíamos ficar a noite toda aqui, conversando sobre os alquimistas e como você os controla — censurei. — Mas ainda quero saber o que você quer comigo.

— Nada — respondeu simplesmente.

— Nada? Está dizendo que teve esse trabalho todo de me juntar a Sydney e de me seguir até aqui por nada.

Ele parou de olhar o céu, e havia um brilho ameaçador em sua expressão.

— Não possuo interesse algum em você. Tenho meus próprios assuntos para cuidar. Vim a pedido de outros que se importam com você.

Eu me aprumei, e finalmente um medo genuíno me atravessou. Merda. Estavam *mesmo* à minha procura. Mas quem? Lissa? Adrian? Tatiana? Novamente, essa última opção me deixou perturbada. Os outros me procurariam porque se importam. Tatiana, porém... Tatiana temia que eu fugisse com Adrian. Mais uma vez, pensei que, se ela desejava me encontrar, devia ser para se certificar de que eu não voltasse. Abe me passara a imagem de alguém que poderia fazer pessoas desaparecerem.

— E o que esses outros querem? Que eu retorne? — perguntei, tentando parecer firme. — Você achou que podia simplesmente chegar aqui e me arrastar de volta para os Estados Unidos?

O enigmático sorriso de Abe ressurgiu.

— Você achou que eu poderia simplesmente arrastá-la de volta?

— Bom — desdenhei, de novo sem pensar —, *você* não conseguiria. Esses seus guardiões, sim. Bom, quem sabe? Talvez eu seja páreo para eles.

Pela primeira vez, Abe riu bem alto, um som poderoso e profundo repleto de um franco divertimento.

— Você faz jus à sua reputação de insolente. É delicioso. — Ótimo. Abe devia ter meu histórico

completo em algum lugar. Provavelmente sabia até o que eu gostava de comer no café da manhã. — Façamos uma troca. Diga-me por que está aqui, e lhe direi por que estou aqui.

— Eu já disse.

Num piscar de olhos, a risada se extinguiu. Ele deu um passo em minha direção, e vi seus guardiões se moverem, tensos.

— E eu já disse para não mentir para mim. Você tem um motivo para estar aqui. Preciso saber qual é.

— Rose? Você pode vir aqui dentro?

Na direção da casa dos Belikov, a voz límpida de Viktoria soou noite afora. Olhando rápido por cima do ombro, eu a vi parada junto à porta de entrada. Subitamente, desejei estar longe de Abe. Havia um quê de letal sob aquela fachada extravagante e jovial, e eu não queria passar mais um minuto sequer a seu lado. Me levantando de um salto, comecei a voltar para a casa, quase acreditando que seus guardiões iriam intervir e me sequestrar, apesar do que ele dissera. Os dois sujeitos permaneceram onde estavam, mas seus olhos me observavam atentamente. O estranho sorriso de Abe ressurgiu em seu rosto.

— Desculpe por não poder ficar e conversar — comentei.

— Tudo bem — respondeu solenemente. — Encontraremos tempo depois.

— Meio difícil. — Ele riu disso, e eu depressa segui Viktoria para dentro, só me sentindo realmente segura quando bati a porta. — Eu *não* gosto daquele cara.

— Abe? — perguntou ela. — Achei que fosse um amigo seu.

— Que nada. Ele é um tipo de mafioso, não é?

— Imagino que sim — disse ela, como se nada fosse. — Mas é graças a ele que vocês estão aqui.

— É, eu sei da história.

Viktoria balançou a cabeça.

— Não, quero dizer *aqui*, mesmo. Parece que, na viagem de carro, você repetia “Belikov, Belikov” o tempo todo. Abe concluiu que você nos conhecia. Por isso as trouxe à nossa casa.

Isso era surpreendente. Eu vinha sonhando com Dimitri, então poderia muito bem ter dito o seu sobrenome. Eu só não fazia ideia de que por isso havia terminado ali. Supus que fosse por conta da experiência médica de Olena.

Viktoria, então, acrescentou o detalhe mais impressionante de todos.

— Quando descobriu que não a conhecíamos, Abe quis levá-la a outro lugar, mas a vovó disse que tínhamos que ficar com você. Ela deve ter sonhado que você viria até nós ou algo assim.

— Como é que é? — A mesma Yeva maluca e assustadora que me odiava? — Yeva sonhou comigo?

Viktoria assentiu.

— É um dom que ela possui. Tem certeza de que não conhece Abe? Ele é figurão demais para estar aqui sem um motivo.

Olena se aproximou de nós antes que eu pudesse responder, apanhando-me pelo braço.

— Estávamos procurando por você. Por que levou tanto tempo? — Essa pergunta fora dirigida a Viktoria.

— Abe estava...

Olena sacudiu a cabeça.

— Não importa. Venham. Estão todos esperando.

— Pelo quê? — indaguei, deixando que ela me levasse pela casa até o quintal dos fundos.

— Era o que eu devia ter explicado — informou Viktoria, logo atrás de mim. — Esta é a parte em que todos se sentam e relembram Dimitri, dividindo as suas recordações.

— Ninguém o vê há tanto tempo; não sabemos o que aconteceu com ele nesses últimos anos — disse Olena. — Precisamos que você nos conte.

Fiquei boquiaberta. Eu? Estaquei nessa hora, e principalmente quando emergimos da casa e demos de cara com todos aqueles rostos ao redor da fogueira. Eu não conhecia nenhum deles. Como poderia falar de Dimitri? Como poderia revelar o que estava mais perto do meu coração? Todos pareceram sair de foco de uma só vez, e achei que ia desmaiar. Por ora, nenhum deles havia me notado. Karolina tinha a palavra, com sua bebê nos braços. Vez ou outra fazia uma pausa, e os outros caíam na gargalhada. Viktoria se sentou numa área do chão coberta por uma colcha e me puxou para perto dela. Sydney se juntou a nós pouco tempo depois.

— O que ela está dizendo? — sussurrei.

Viktoria escutou a irmã por alguns instantes e então se inclinou para mim.

— Está falando sobre a época em que Dimitri era bem novinho e costumava implorar para que ela e suas amigas o deixassem brincar também. Ele tinha seis anos, e elas, oito, e não queriam nada com ele. — Viktoria parou mais uma vez para absorver a próxima parte da história. — Por fim, Karolina lhe disse que sim, contanto que ele concordasse em se casar com as suas bonecas. Então Karolina e suas amigas vestiram Dimitri e as bonecas diversas vezes e montaram vários casamentos. Dimitri se casou pelo menos umas dez vezes.

Não consegui não rir ao visualizar o forte e sexy Dimitri deixando que a irmã mais velha o vestisse. Ele deve ter passado por essas cerimônias de casamento com tanta seriedade e rigidez quanto ao cumprir com suas tarefas de guardião.

Outros falaram em seguida, e tentei acompanhar a tradução. Todas as histórias se referiam à bondade e à força de caráter de Dimitri. Mesmo quando não estava lutando contra mortos-vivos, ele sempre esteve por perto para ajudar os que precisavam. Quase todo mundo lembrou alguma situação em que Dimitri viera em socorro dos outros, se desviando de seu caminho para fazer o que era certo, até em situações perigosas. Aquilo não era surpresa para mim. Dimitri sempre fazia a coisa certa.

E foi essa atitude que fez com que eu o amasse tanto. Minha natureza era similar. Eu também me intrometia quando precisavam de mim, às vezes até quando não devia. Alguns me chamavam de maluca por isso, mas Dimitri havia entendido. Sempre havia me entendido, e parte do nosso treinamento fora como equilibrar essa necessidade impulsiva de correr em direção ao perigo com inteligência e estratégia. Eu tinha a sensação de que ninguém mais nesse mundo conseguiria me entender como ele.

Não notei a força com que as lágrimas me escorriam pelas faces até perceber que todos olhavam para mim. A princípio, pensei que me achassem louca por estar chorando, mas então lembrei que alguém tinha acabado de me fazer uma pergunta.

— Querem que você fale sobre os últimos dias de Dimitri — ajudou Viktoria. — Nos conte alguma coisa. O que ele fez. Como ele era.

Usei uma das mangas para secar o rosto e desviei o olhar, me focando na fogueira. Já havia falado tranquilamente na frente de outras pessoas antes, mas isso era diferente.

— Eu... Eu não posso — disse a Viktoria, com a voz cansada e baixa. — Não posso falar sobre ele. Ela apertou minha mão.

— Por favor. Eles precisam escutar. Precisam saber. Diga-lhes o que quiser. Como ele era?

— Ele... Ele era seu irmão. Você sabe essa resposta.

— Sim — insistiu ela, com doçura. — Mas queremos saber como ele era para você.

Meus olhos ainda repousavam sobre o fogo, acompanhando o dançar das chamas e sua mudança do

laranja para o azul.

— Ele... Ele era o melhor homem que já conheci. — Parei para reunir forças, e Viktoria aproveitou a brecha para traduzir minhas palavras para o russo. — E era um dos melhores guardiões. Quer dizer, ele era jovem comparado a muitos deles, mas todos sabiam quem era. Todos conheciam a sua reputação, e muitos procuravam suas orientações. Eles o consideravam um deus. E sempre que havia uma luta... ou um perigo... ele era o primeiro a se lançar nas linhas de frente. Nunca hesitou. E uns dois meses atrás, quando nossa escola foi atacada...

Meio que travei nessa hora. Os Belikov afirmaram que souberam do ataque — que *todos* souberam —, e, pelas expressões ali, devia ser verdade. Eu não precisaria contar a história inteira, os horrores que eu presenciara.

— Naquela noite — prossegui — Dimitri se dispôs a enfrentar os Strigoi. Ele e eu estávamos juntos quando percebemos o ataque. Quis ficar e ajudá-lo, mas ele simplesmente não deixou. Me pediu para ir, para correr e alertar os outros. E ele ficou para trás, sem saber com quantos Strigoi teria que lidar enquanto eu buscava ajuda. Até hoje não sei com quantos ele lutou, mas era um bocado. E ele derrubou todos, sozinho.

Ousei encarar os rostos à minha volta. Todos permaneciam tão quietos e imóveis que me perguntei se estariam respirando.

— Foi tão difícil — disse. Sem perceber, minha voz se reduzira a um sussurro. Tive que me repetir, mais alto. — Foi tão difícil... Eu não queria me separar dele, mas sabia que era preciso. Ele me ensinou muito, e uma de suas lições mais importantes foi que precisávamos proteger os outros. Era meu dever avisar aos outros, ainda que tudo o que eu quisesse fosse ficar com ele. Meu coração não parava de dizer “Volte, volte. Corra até ele!”. Mas eu sabia o que tinha que fazer, e sabia que uma parte dele tentava me manter a salvo. E se os papéis estivessem invertidos... bom, eu teria dito para ele correr, também.

Suspirei, surpresa por ter revelado tanto sobre o que havia em meu coração. Então voltei ao assunto principal:

— Mesmo quando os outros guardiões apareceram, Dimitri não arredou o pé. Ele matou mais Strigoi do que quase qualquer um. — De fato, Christian e eu que acabamos com a maior parte. — Ele... Ele foi fantástico.

Contei a eles o restante da história que havia contado aos Belikov. Só incrementei essa versão com alguns detalhes, relatando vividamente o quão bravo e feroz Dimitri fora. As palavras me doíam enquanto as proferia, e no entanto... era quase um alívio colocá-las para fora. Eu vinha mantendo as lembranças daquela noite muito fechadas dentro de mim. No final das contas, porém, tive que falar sobre a caverna. E isso... isso foi o pior.

— Tínhamos encurralado os Strigoi fugitivos numa caverna. Ela possuía dois acessos, e chegamos até eles por ambos os lados. Só que alguns dos nossos foram feitos prisioneiros, e havia mais Strigoi do que imaginávamos. Perdemos muitas pessoas... e teríamos perdido muito mais se Dimitri não estivesse lá. Ele não sairia até que todos estivessem do lado de fora. Não se importou quanto ao risco que ele mesmo corria. Só sabia que precisava salvar os outros...

Eu vira isso em seus olhos, aquela determinação. Nosso plano fora o de bater em retirada assim que todos alcançassemos a saída, mas eu tinha a impressão de que Dimitri preferiria ficar e matar todos os Strigoi que pudesse encontrar. No entanto, ele também havia seguido as ordens, e finalmente começava a deixar o lugar quando os outros já estavam a salvo. E naqueles últimos instantes, pouco antes de o Strigoi mordê-lo, os olhos de Dimitri encontraram os meus com tanto amor que foi como se a caverna inteira

tivesse se enchido de luz. Sua expressão transmitira aquilo sobre o qual havíamos conversado horas antes: *Nós vamos ficar juntos, Rose. Em breve. Estamos quase lá. E nada vai nos separar de novo...*

Não cheguei a mencionar essa parte. Quando terminei o restante da história, os rostos daqueles ali reunidos estavam amargos, porém cheios de assombro e respeito. Logo atrás da aglomeração, notei que Abe e seus guardiões ouviam também. Sua expressão era indecifrável. Rígida, mas não zangada ou assustada. Pequenas canecas começaram a circular pelo grupo, e alguém me entregou uma. Um dampiro que eu não conhecia, um dos poucos homens presentes, se levantou e ergueu a caneca acima da cabeça. Falou bem alto e de forma respeitosa, e o ouvi mencionar o nome de Dimitri várias vezes. Quando terminou, bebeu de sua caneca. Todo mundo fez o mesmo, então segui o exemplo.

E praticamente engasguei até a morte.

Era como fogo no estado líquido. Precisei de cada célula do meu corpo para forçar a bebida para dentro em vez de espirrá-la naqueles à minha volta.

— O... O que é isso? — indaguei, tossindo.

Viktoria abriu um largo sorriso.

— Vodca.

Espiei para dentro do recipiente.

— Não é, não. Já tomei vodca antes.

— Não a vodca russa.

Pelo jeito, não. Me obriguei a engolir o restante da caneca em respeito a Dimitri, embora tivesse a sensação de que, se ele estivesse ali, balançaria a cabeça me reprovando. Pensei que eu sairia dos holofotes após contar a minha história, mas parecia que não. Todos ficaram me fazendo perguntas. Queriam saber mais sobre Dimitri, mais sobre como fora sua vida nos últimos anos. Também desejavam saber sobre Dimitri e eu como um casal. Todos pareciam ter concluído que nós havíamos nos apaixonado — e, para eles, tudo bem. Me perguntaram como nos conhecêramos, por quanto tempo ficáramos juntos...

E o tempo todo tornavam a encher minha caneca. Determinada a não parecer uma idiota outra vez, continuei bebendo até finalmente engolir a vodca sem precisar tossir ou cuspir. Quanto mais bebia, mais espalhafatosas e animadas ficavam as minhas histórias. Meus braços começavam a formigar, e parte de mim sabia que essa provavelmente era uma má ideia. Tudo bem, eu inteira sabia disso.

Por fim, as pessoas começaram a ir embora. Eu não fazia ideia de que horas eram, mas imaginei que estivéssemos no meio da noite. Talvez mais tarde. Me levantei também, descobrindo ser muito mais difícil do que pensara. O mundo cambaleava, e meu estômago não estava muito satisfeito comigo. Alguém me apanhou pelo braço e me reergueu.

— Calma — recomendou Sydney. — Não force a barra. — Devagar e com cuidado, ela me conduziu em direção à casa.

— Céus — gemi. — Será que usam esse troço como combustível de foguete?

— Ninguém a obrigou a continuar bebendo.

— Ei, nada de sermão. Além do mais, eu tinha que ser educada.

— Claro.

Chegamos ao lado de dentro e então encaramos a impossível missão de subir as escadas rumo ao quarto que Olena havia separado para mim. Cada degrau era uma agonia.

— Todos sabiam sobre Dimitri e eu — comentei, me perguntando se sequer tocaria no assunto se estivesse sóbria. — Mas eu nunca lhes disse que estivemos juntos.

— E nem precisava. Está escrito bem na sua cara.

— Agiram como se eu fosse a viúva ou algo do tipo.

— Talvez seja mesmo. — Chegamos ao meu quarto, e ela me ajudou a sentar na cama. — Não é todo mundo por aqui que se casa. Se ficar com alguém por tempo suficiente, eles enxergam a coisa da mesma forma.

Soltei um suspiro e desviei o olhar, sem um foco em particular.

— Sinto tanta falta dele.

— Sinto muito.

— Algum dia isso vai ser mais fácil?

A questão pareceu pegá-la de surpresa.

— Eu... Eu não sei.

— Já se apaixonou alguma vez?

Ela meneou a cabeça.

— Não.

Não sabia ao certo se isso fazia dela uma sortuda ou não. Não sabia ao certo se os dias ensolarados ao lado de Dimitri valiam a dor que eu sentia agora. Um instante depois, eu soube a resposta.

— É claro que sim.

— Hã? — perguntou Sydney.

Percebi que havia pensado em voz alta.

— Nada. Só estava falando sozinha. É melhor eu ir dormir.

— Precisa de mais alguma coisa? Acha que vai passar mal?

Estudei o meu estômago enjoado.

— Não, mas obrigada.

— Tudo bem. — E, com a sua típica brusquidão, ela saiu, desligando as luzes e batendo a porta.

Pensei que ia apagar no instante seguinte. Sinceramente, era o que eu *queria*. Meu coração já se abria o bastante com relação a Dimitri aquela noite, e eu desejava que a dor fosse embora. Queria a escuridão e o esquecimento. Em vez disso, talvez por ser uma masoquista incurável, meu coração decidiu terminar o serviço e se rasgar por inteiro.

Parti para visitar Lissa.

Dez

Todo mundo se entrosou tão bem com Avery no almoço que o grupo se reuniu novamente aquela noite e literalmente se esbaldou. Era nisso que Lissa estava pensando quando se sentou para a sua primeira aula do dia, de inglês. Ficaram acordados até tarde no dia anterior, driblando o toque de recolher. A lembrança trouxe um sorriso ao rosto dela, apesar de estar reprimindo um bocejo. Não pude deixar de sentir uma pontinha de inveja. Sabia que Avery era a responsável pela alegria de Lissa, e isso me incomodou um pouco. No entanto... contar com Avery como sua nova amiga também me fazia sentir menos culpada por tê-la abandonado.

Lissa bocejou de novo. Não é fácil manter o foco em *A letra escarlata* quando se está lutando contra uma leve ressaca. Avery parecia possuir um estoque inesgotável de licor. Adrian tinha pulado de cabeça na mesma hora; Lissa, todavia, fora um pouco mais hesitante. Havia abandonado seus dias de farra um bom tempo atrás, mas por fim sucumbiu na noite passada e bebeu mais taças de vinho do que devia. Nada muito distinto da minha aventura com a vodca, ironicamente. Nós duas passando da conta, embora a quilômetros e quilômetros de distância uma da outra.

De repente, um grito estridente rasgou o ar. Lissa ergueu a cabeça na mesma hora, assim como os demais alunos da turma. Em um dos cantos da sala, um pequeno alarme de incêndio tremeluzia e guinchava em alerta. Naturalmente, alguns estudantes começaram a comemorar, enquanto outros fingiam estar assustados. O restante só parecia surpreso e aguardava.

A instrutora de Lissa também parecia ter sido pega desprevenida, e depois de um breve raciocínio Lissa concluiu que aquilo não fazia parte de um treinamento. Em geral, os professores ficavam de sobreaviso nesses casos, e a sra. Malloy não trazia a típica expressão cansada que eles faziam ao tentar calcular a fatia que esses exercícios comeriam de seu tempo de aula.

— Vamos andando — disse uma irritada professora Malloy, apanhando uma prancheta. — Já sabem para onde ir. — O procedimento em casos de incêndio era um tanto simples.

Lissa acompanhou os demais e se viu ao lado de Christian.

— Você arrumou isso? — provocou ela.

— Não. Mas bem que devia. Essa aula estava me matando.

— Matando você? Eu estou com a pior dor de cabeça do universo.

Ele abriu um sorriso cúmplice.

— Que isso lhe sirva de lição, srta. Pingucinha.

Lissa devolveu uma careta e lhe deu um soco de leve. Chegaram ao ponto no pátio quadrangular onde deveriam ficar com sua turma e tentar formar o que parecia ser uma linha reta. A professora Malloy emergiu e confirmou a presença de um por um em sua prancheta, satisfeita por ninguém ter ficado para trás.

— Não acho que isso seja um treino — comentou Lissa.

— Concordo — disse Christian. — O que significa que, mesmo sem incêndio, isso deve nos tomar um tempo.

— Bom, então não faz sentido ficar esperando, não é?

Os dois se viraram, surpreendidos pela voz atrás deles, e viram Avery. Ela trajava um vestido-suéter de cor púrpura e saltos pretos, que pareciam totalmente descabidos pisando aquela grama molhada.

— O que está fazendo aqui? — indagou Lissa. — Pensei que fosse ficar no quarto.

— Ah, não. É *tão* chato lá. Tive que vir liberar vocês.

— Você causou isso? — perguntou Christian, levemente impressionado.

Avery encolheu os ombros.

— Já disse, eu estava entediada. Agora venham, enquanto o caos ainda reina.

Christian e Lissa trocaram olhares.

— Bom — começou a última —, acho que já nos incluíram na lista de presença...

— Depressa! — instigou Avery.

A sua animação era contagiante, e, munindo-se de coragem, Lissa correu atrás dela, acompanhada por Christian. Com toda aquela balbúrdia de alunos, ninguém notou enquanto eles cruzavam o campus, até se encontrarem à frente do prédio reservado aos hóspedes. Simon estava parado encostado à porta, e Lissa se retesou. Era o fim da linha para eles.

— Tudo pronto? — quis saber Avery.

Simon, fazendo definitivamente o tipo forte e calado, respondeu com um aceno sutil de cabeça antes de se endireitar. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e partiu dali. Lissa observava espantada.

— Ele acabou de... de nos deixar seguir? Ele faz parte disso? — Simon não vivia no campus como professor, mas ainda assim... não significava que por isso permitiria que estudantes matassem aula graças a um treinamento de incêndio fictício.

Avery sorriu de um jeito travesso, observando-o se afastar.

— Nos conhecemos há um bom tempo. Ele tem mais o que fazer do que ficar bancando a nossa babá.

Ela os levou para dentro, mas, em vez de se dirigir para o próprio quarto, desviou por uma seção diferente do prédio, rumo a um lugar que eu conhecia bem: o quarto de Adrian.

Avery bateu à porta.

— Ei, Ivashkov! Dê um pulinho aqui.

Lissa cobriu a boca com uma das mãos para abafar suas risadas.

— Nossa discrição já era. Todo mundo vai ouvi-la.

— Quero que *ele* me ouça — argumentou Avery.

Continuou batendo e chamando, e finalmente Adrian respondeu. Seu cabelo traçava ângulos estranhos para cima, e ele exibia círculos escuros abaixo dos olhos. Havia bebido duas vezes mais que Lissa na noite anterior.

— Que...? — E piscou. — Vocês não deviam estar em aula? Ah, meu Deus. Eu não dormi tanto assim, dormi?

— Nos deixe entrar — disse Avery, abrindo passagem. — Temos vítimas de um incêndio aqui conosco.

Ela se estirou em seu sofá sentindo-se em casa, enquanto Adrian continuava sem entender. Lissa e

Christian se juntaram a ela.

— Avery disparou o alarme de incêndio — esclareceu Lissa.

— Belo trabalho — elogiou Adrian, jogando-se numa cadeira estofada. — Mas por que vocês tinham que vir *aqui*? Será que é o único lugar que não está ardendo em chamas?

Avery piscou os olhos para ele.

— Não está feliz de nos ver?

Adrian a observou com um ar meditativo.

— Meu prazer é ver vocês.

Lissa costumava ser bastante séria com esse tipo de coisa; no entanto, algo naquilo a havia deslumbrado. Era tão louco, tão ingênuo... era uma pausa de todas as suas preocupações recentes.

— Sabe, não vai levar tanto tempo assim para descobrirem tudo. Podem estar mandando os alunos de volta para a sala agora mesmo.

— Poder eles até podem — concordou Avery, colocando os pés sobre a mesinha de centro —, mas um passarinho me contou que *um outro* alarme vai disparar na escola assim que abrirem as portas.

— E como foi que você conseguiu isso? — indagou Christian.

— Segredo de Estado.

Adrian esfregou os olhos. Estava claramente pasmo com aquilo tudo, apesar do despertar ab-rupto.

— Não vai conseguir alarmes de incêndio para um dia inteiro, Lazar.

— Na verdade, um passarinho me contou que, assim que desligarem o segundo alarme, um terceiro vai tocar.

Lissa riu às gargalhadas, muito mais por causa das reações dos meninos do que pela declaração de Avery. Christian, em seus rompantes de rebelião antissocial, já pusera fogo nas pessoas. Adrian passava a maior parte do tempo alcoolizado e fumando feito uma chaminé. Para uma garota bonitinha da alta sociedade como Avery surpreender os dois, algo realmente extraordinário tinha que acontecer. Avery parecia bastante satisfeita por tê-los superado.

— Se já terminamos com o interrogatório — disse ela —, será que não vai oferecer alguma bebida aos seus convidados?

Adrian levantou-se e soltou um bocejo.

— Está bem, está bem, menina insolente. Vou fazer um café.

— Batizado? — E inclinou a cabeça na direção do armário de licores.

— Você só pode estar brincando — censurou Christian. — O seu fígado ainda existe aí dentro?

Avery caminhou até o armário e apanhou uma garrafa específica. Estendeu-a para Lissa.

— Topa?

Até a rebeldia matutina de Lissa possuía limites. A dor de cabeça provocada pelo vinho ainda fazia seu crânio latejar.

— Uh, não.

— Covardes — disse Avery. E de volta para Adrian: — Muito bem, então, sr. Ivashkov, é melhor encher a caneca. Um pouco de café no meu brande é sempre uma boa pedida.

Não muito depois disso, deixei a cabeça de Lissa e flutuei de volta para a minha, regressando para debaixo do véu do sono e dos sonhos triviais. O que durou pouco, aliás, graças a uma forte batida que logo me devolveu à consciência.

Meus olhos se arreganharam, e uma dor aguda e abrasadora surgiu da parte de trás do meu crânio —

consequência daquela vodca tóxica, sem dúvida. A ressaca de Lissa não era nada perto da minha. Comecei a fechar os olhos, desejosa de cair no sono mais uma vez e deixar que ele curasse aquele mal-estar infernal. Então, ouvi novas batidas — e, pior, minha cama inteira sacudiu violentamente. Alguém a estava chutando.

Abrindo os olhos de novo, me virei e dei de cara com a expressão astuta de Yeva. Se os vampiros que Sydney havia encontrado até hoje fossem parecidos com Yeva, não era de surpreender que nos enxergasse como lacaios do inferno. Franzindo os lábios, Yeva chutou a cama novamente.

— Ei — reclamei —, já acordei, está bem?

Yeva murmurou algo em russo, e Paul surgiu detrás dela, traduzindo:

— Ela disse que você só vai acordar de verdade quando sair da cama e ficar em pé.

E sem mais avisos, aquela velha sádica continuou chutando a cama. Me sentei de um salto, e o mundo girou ao meu redor. Já dissera isso antes, mas dessa vez era de verdade: eu nunca mais ia beber. O álcool *nunca* me trouxe nada de bom. As cobertas pareciam demasiado tentadoras para o meu corpo agonizante; no entanto, uma nova e curta leva de chutes das botas de ponta fina de Yeva me fez levantar da cama.

— Está bem, está bem. Feliz agora? Estou de pé. — Nenhuma alteração na fisionomia de Yeva, mas ao menos ela parara com os chutes. Me virei para Paul e disse: — O que está havendo?

— Vovó falou que você precisa ir com ela.

— Aonde?

— Ela falou que você não precisa saber.

Eu estava prestes a dizer que não ia com aquela vaca velha e lunática a lugar nenhum, mas após uma espiada em sua cara assustadora, resolvi pensar com mais carinho. Ainda não havia superado os rumores de que ela transformava pessoas em sapos.

— Ótimo — cedi. — Estarei pronta assim que tomar um banho e vestir algo.

Paul traduziu minhas palavras, porém Yeva meneou a cabeça e falou novamente.

— Ela disse que não temos tempo — explicou o menino. — Precisamos ir agora.

— Posso ao menos escovar os dentes?

Yeva me consentiu esse pequeno privilégio, mas trocar de roupa estava aparentemente fora de questão. Não fazia diferença. Cada passo que eu dava me fazia cambalear, e era provável que tivesse desmaiado se tentasse algo tão ousado quanto me despir e me vestir. As roupas não fediam nem nada; estavam, sim, amarrotadas nas partes sobre as quais eu me deitara ontem.

Chegando ao térreo, percebi que ninguém mais havia acordado ainda, com exceção de Olena. Ela lavava a louça da noite anterior e parecia surpresa de me ver de pé. Éramos duas naquela contagem.

— Não está meio cedo para você, não? — perguntou.

Me virei e localizei o relógio da cozinha. Engoli em seco. Fazia apenas umas quatro horas que eu tinha ido dormir.

— Santo Deus. Será que o sol pelo menos já nasceu?

Por incrível que pareça, nasceu, sim. Olena quis preparar um café da manhã para mim, mas Yeva novamente reiterou que nosso tempo urgia. Meu estômago queria e rejeitava comida ao mesmo tempo; era difícil dizer se o jejum naquele caso seria uma boa coisa ou não.

— Tanto faz — resmunguei. — Vamos de uma vez, então.

Yeva entrou na sala e voltou alguns instantes depois com uma bolsa grande. Ela a estendeu com expectativa nos olhos. Sem me importar muito, eu a segurei, passando-a sobre um dos ombros. Percebi que não estava vazia, mas não chegava a incomodar. Yeva andou até outro aposento e trouxe uma nova bolsa. Eu a apanhei também e pendurei sobre o mesmo ombro, comparando as duas. A última pesava mais; minhas

costas, porém, nem reclamaram tanto.

Quando a velha saiu pela terceira vez e retornou com uma caixa gigantesca, comecei a perder a calma.

— O que é isso? — perguntei, tomando-a dela. Era como se tivesse tijolos dentro.

— Vovó precisa que você carregue algumas coisas — explicou Paul.

— É — disse eu, entre os dentes —, eu meio que percebi isso uns vinte quilos atrás.

Yeva ainda me deu uma segunda caixa, empilhando-a em cima da primeira. Era um pouco mais leve, mas, àquela altura do campeonato, sinceramente, não fazia a menor diferença. Olena me ofereceu um olhar cúmplice, balançando a cabeça e retornando para a sua louça em silêncio, sem a intenção de discutir com Yeva, ao que parecia.

A velha saiu andando, e fui atrás, obediente, tentando segurar as caixas sem deixar as bolsas caírem do meu ombro. Era um peso e tanto, mais do que o meu corpo ressacado gostaria, mas eu dava conta do recado, e acreditei que não teria problemas para chegar ao centro ou a qualquer que fosse o destino para o qual ela estava me levando. Paul ficou ao meu lado, pronto para me avisar caso Yeva encontrasse mais alguma coisa no caminho para eu carregar, ou pelo menos assim eu imaginava.

Aparentemente, a primavera chegava à Sibéria bem mais depressa do que já chegou alguma vez em Montana. O céu estava limpo, e o sol da manhã aquecia tudo com uma rapidez surpreendente. Não era um clima de verão, lógico, mas o suficiente para qualquer um notar. Algo que tornaria uma caminhada ao ar livre bastante incômoda para um Moroi.

— Será que você sabe aonde estamos indo? — perguntei a Paul.

— Não — respondeu alegremente.

Para alguém tão idoso, Yeva conseguia avançar num ritmo bem satisfatório, e me vi tendo que apressar o passo para acompanhá-la junto com a minha carga. Em certo ponto, ela olhou de relance para trás e disse algo que Paul traduziu como “Ela está meio surpresa por você não conseguir andar mais rápido”.

— É, bom, eu estou meio surpresa por ninguém poder me dar uma mãozinha com isto aqui.

Ele traduziu de novo:

— Ela falou que, se você é mesmo uma matadora de Strigoi tão famosa, isso não deve ser nada.

Eu me enchi de alívio quando o centro da cidade entrou em nosso campo de visão... Só que nós seguimos caminho e o deixamos para trás.

— Ah, qual é — reclamei. — Para onde afinal estamos indo?

Sem me lançar outro olhar de relance, Yeva tagarelou algo.

— Vovó falou que o tio Dimka nunca teria reclamado tanto — disse Paul.

Paul não tinha culpa por nada daquilo; era apenas o mensageiro. No entanto, toda vez que ele abria a boca, minha vontade era lhe dar um belo chute. Apesar disso, segui com o meu fardo e não disse mais nada pelo resto do caminho. De certa forma, Yeva tinha razão. Eu era uma caçadora de Strigoi, e de fato Dimitri nunca teria se queixado das vontades excêntricas de uma velha biruta. Teria cumprido o seu dever pacientemente.

Busquei trazê-lo à minha mente e com isso me revigorar. Pensei mais uma vez no tempo que passamos naquela cabana, no jeito como os seus lábios tocaram os meus e no maravilhoso cheiro de sua pele quando me protegia junto a ele. Podia até ouvir a sua voz, murmurando em meu ouvido que me amava, que eu era linda, a única para ele... Pensar nele não eliminava o desconforto da minha jornada com Yeva, mas tornava-a um pouquinho mais tolerável.

Caminhamos por quase uma hora até chegar a uma pequena casa, e eu estava pronta para desabar de alívio, encharcada de suor. O edifício possuía um único andar, construído com tábuas marrons nuas e

gastas pelo tempo. As janelas, no entanto, exibiam venezianas azuis altamente estilizadas e bem-trabalhadas, pintadas de branco em seus contornos. Tratava-se do mesmo uso vistoso de cores que eu vira em Moscou e em São Petersburgo. Yeva bateu à porta. A princípio, houve apenas silêncio, e eu entrei em pânico, imaginando que já iríamos dar meia-volta, rumo à casa dos Belikov.

Por fim, uma mulher abriu a porta — uma Moroi. Tinha talvez uns trinta anos, e era bem bonita, com maçãs do rosto salientes e um cabelo louro quase ruivo. Ela exclamou de surpresa ao ver Yeva, sorrindo e cumprimentando-a em russo. Reparando em Paul e em mim, a mulher logo abriu caminho e acenou para que entrássemos.

Passou a falar em inglês assim que descobriu que eu era americana. Era realmente fantástico ter toda aquela gente bilíngue por perto. Não era algo que eu via com muita frequência nos Estados Unidos. Ela indicou uma mesa e me pediu para deixar tudo ali em cima, o que fiz com verdadeiro alívio.

— Meu nome é Oksana — começou, apertando minha mão. — Meu marido, Mark, está no jardim e deve entrar em breve.

— Me chamo Rose.

Oksana nos ofereceu algumas cadeiras. A minha era de madeira e tinha as costas retas, mas, por um momento, me pareceu uma cama feita de plumas. Suspirei alegremente e sequei o suor da testa. Nesse meio-tempo, Oksana abria as cargas que eu trouxera.

As bolsas estavam cheias de sobras do memorial. A caixa do topo continha pratos e panelas, os quais, segundo Paul, Oksana havia emprestado algum tempo atrás. A Moroi por fim chegou à caixa de baixo, e, juro por Deus, estava abarrotada de *tijolos de jardim*.

— Você só pode estar de brincadeira — disse eu. Do outro lado da sala, Yeva parecia bastante satisfeita.

Oksana encantou-se com os presentes.

— Oh, Mark vai adorar isso. — E sorriu para mim. — Foi muito gentil da sua parte andar esse caminho todo só para me trazer estas coisas.

— Fico feliz em ajudar — respondi, com alguma resistência.

A porta dos fundos se abriu, e um homem entrou no aposento — Mark, logicamente. Era alto e bastante robusto, o cabelo meio grisalho indicando uma idade mais avançada que a de Oksana. Ele lavou as mãos na pia da cozinha e então veio se juntar a nós. Quase engasguei quando reparei em seu rosto e descobri algo mais incomum que a diferença de idade. Ele era um dampiro. Por um momento, me perguntei se não seria uma outra pessoa em vez do marido de Oksana, Mark. Todavia, esse foi o nome que a Moroi utilizou para nos apresentar a ele, e a verdade me atingiu: um casal composto por um dampiro e uma Moroi. Claro, nossas duas raças andavam juntas o tempo todo. Mas casamento? Era um escândalo e tanto no mundo Moroi.

Procurei afastar o choque da minha fisionomia e me comportar da forma mais educada possível. Oksana e Mark pareciam muito interessados em mim, embora ela tenha monopolizado a conversa. Mark apenas observava, a curiosidade espalhada pelo rosto inteiro. Meu cabelo estava solto, então minhas tatuagens não denunciavam o meu status de descomprometida. Talvez ele só estivesse imaginando como uma garota americana teria acabado ali, no meio do nada. Talvez pensasse que eu era uma nova candidata a prostituta de sangue.

Lá pelo terceiro copo de água, comecei a me sentir melhor. Mais ou menos nessa hora, Oksana dissera que devíamos comer, e àquela altura meu estômago estava mais do que pronto para isso. Oksana e Mark prepararam juntos a refeição, rejeitando qualquer oferta de ajuda.

Observar a dupla trabalhando era fascinante. Nunca tinha visto uma equipe tão eficiente. Nunca

entravam no caminho um do outro, e nunca precisavam discutir a etapa seguinte. Eles simplesmente sabiam. Apesar da localização remota, os itens daquela cozinha eram modernos, e Oksana pôs um prato com algum tipo de ensopado de batatas no micro-ondas. Mark estava de costas para Oksana, procurando por algo na geladeira, mas foi só ela apertar o botão do aparelho para ele dizer:

— Não, não precisa deixar por tanto tempo.

Pisquei, surpresa, olhando de um para o outro. Ele nem vira o tempo que ela havia programado. Até que percebi.

— Vocês dividem um laço — exclamei.

Ambos me olharam com o mesmo espanto.

— Sim. Yeva não lhe contou nada? — perguntou Oksana.

Lancei um rápido olhar para a velha, que mais uma vez ostentava aquela irritante expressão satisfeita no rosto.

— Não. Yeva não tem se mostrado muito disposta esta manhã.

— A maioria por aqui sabe — comentou Oksana, voltando ao trabalho.

— Então... Então você é uma usuária do espírito.

Isso a fez estancar novamente. Ela e Mark trocaram olhares atônitos.

— Já isso — disse ela — *não é* algo que todo mundo sabe.

— A maioria pensa que você não se especializou, não é?

— Como sabia?

Porque foi exatamente assim que ocorreu entre mim e Lissa. Lendas sobre os laços sempre existiram no folclore Moroi, mas a maneira como eles se formavam permanecia um mistério. Geralmente se acreditava que “simplesmente aconteciam”. Tal como Oksana, Lissa costumava ser conhecida como uma Moroi sem especialização — alguém que não possuía nenhum tipo de habilidade especial em um dos elementos. Agora sabíamos, é claro, que os laços só eram possíveis para os usuários do espírito, ao salvarem a vida dos outros.

Algo na voz de Oksana me dizia que ela não parecia assim tão surpresa por eu saber aquilo. Nem imaginava como ela poderia ter percebido, e eu estava perplexa demais com a minha descoberta para dizer qualquer outra coisa. Lissa e eu nunca, jamais havíamos encontrado outra dupla com um laço. A única que conhecíamos era formada pelos lendários Vladimir e Anna. E tais histórias jaziam envoltas por séculos de informações incompletas, tornando difícil distinguir o real da ficção. Nossas únicas outras pistas para o mundo do espírito eram a sra. Karp — uma ex-professora que acabou louca — e Adrian. Até agora, ele fora nosso maior achado, um usuário do espírito mais ou menos estável — depende do ângulo pelo qual se analisa a questão.

Quando a refeição ficou pronta, não se voltou a falar sobre o espírito. Oksana conduziu a conversa, se atendo a assuntos mais amenos e passando de um idioma para o outro. Estudei o casal enquanto comia, procurando quaisquer sinais de instabilidade. Não vi nenhum. Pareciam perfeitamente agradáveis, pessoas perfeitamente comuns. Se eu não soubesse o que sabia, não teria motivo para suspeitar de nada. Oksana não tinha cara de estar deprimida ou desequilibrada. Mark não havia herdado aquela escuridão maligna que por vezes escapava para dentro de mim.

Meu estômago deu as boas-vindas à comida, e o que restava da minha dor de cabeça desapareceu. Em certo ponto, no entanto, uma sensação estranha me invadiu. Era desorientadora, como um bater de asas em minha cabeça, e uma onda de calor e frio me percorreu. A sensação se esvaneceu tão depressa quanto veio, e torci para que fosse apenas um resquício dos efeitos colaterais daquela vodca demoníaca.

Terminamos de comer, e me levantei pronta para ajudar. Oksana recusou com a cabeça.

— Não, não há necessidade. Você deve ir com Mark.

— Hã? — perguntei.

Ele encostou de leve na boca com um guardanapo e então se ergueu.

— Sim. Vamos lá para o jardim.

Fiz que ia segui-lo, então parei e olhei de esguelha para Yeva. Esperava que ela fosse me censurar por abandonar a louça. Em vez disso, não encontrei nenhuma presunção ou desaprovação em sua fisionomia. Sua expressão era de... cumplicidade. Quase de expectativa. Aquilo me deu um frio na espinha, e recordei as palavras de Viktoria: Yeva havia sonhado com a minha chegada.

O jardim para o qual Mark me levou era muito maior do que o esperado, protegido por uma cerca resistente e ladeado por árvores. Folhas novas pendiam delas, bloqueando a maior parte do calor. Muitos arbustos e flores já começavam a despontar, e aqui e ali jovens brotinhos preparavam-se para atingir a sua plenitude. Era lindo, e me perguntei qual seria o papel de Oksana naquilo. Lissa tinha a habilidade de acelerar o crescimento das plantas graças ao espírito. Mark acenou para que eu fosse até um banco de pedra, do outro lado. Nos sentamos lado a lado, e o silêncio reinou.

— Então — começou ele —, o que gostaria de saber?

— Uau. Você não perde tempo.

— Não faria sentido. Você deve ter uma porção de perguntas. Farei o meu melhor para respondê-las.

— Como vocês sabiam? Que também fui beijada pelas sombras? Vocês sabem, não?

Ele assentiu.

— Yeva nos contou.

Tudo bem, isso sim era uma surpresa.

— Yeva?

— Ela pode perceber coisas... coisas que o restante de nós não pode. Mas nem sempre sabe o que está percebendo. Só sabia que sentia algo estranho com relação a você, e que só sentira o mesmo perto de uma outra pessoa. Então ela a trouxe até mim.

— Acho que ela podia ter conseguido isso sem me fazer carregar a casa inteira dela junto.

Isso fez com que ele risse.

— Não leve para o lado pessoal. Ela estava testando você. Vendo se era uma companheira à altura do neto.

— Mas para quê? Ele está morto agora. — Quase fiquei sem ar com essas palavras.

— Verdade, mas para ela ainda importa. E, a propósito, ela de fato acha que você está à altura.

— Que jeito engraçado ela tem de demonstrar isso. Quer dizer, além de me trazer até vocês, imagino.

Ele riu novamente.

— Mesmo sem ela, Oksana saberia o que você é logo que a conhecesse. Ser beijado pelas sombras afeta a aura da pessoa.

— Então ela também consegue enxergar auras — murmurei. — O que mais ela sabe fazer? Deve ser capaz de curar, ou você não teria sido beijado. Ela tem supercompulsão? Sabe andar pelos sonhos?

Aquilo o pegou desprevenido.

— A compulsão dela é forte, mesmo... mas o que quer dizer com andar pelos sonhos?

— Como... se ela fosse capaz de entrar na mente de alguém que está dormindo. Na de qualquer um, não apenas a sua. Assim eles poderiam conversar, como se estivessem mesmo juntos. Um amigo meu sabe fazer isso.

A expressão de Mark me dizia que aquilo era novidade para ele.

— Seu amigo? Seu parceiro de laço?

Parceiro de laço? Nunca tinha ouvido o termo antes. Soava esquisito, mas fazia sentido.

— Não... um outro usuário do espírito.

— Mais um? Quantos você conhece?

— Três, teoricamente. Bom, quatro agora, contando Oksana.

Mark virou o rosto, observando distraidamente um ramalhete de flores rosadas.

— Tantos assim... que incrível. Só encontrei um outro usuário do espírito, e isso foi anos atrás. Também dividia um laço com seu guardião. O guardião morreu, e isso o destruiu por dentro. Ele ainda nos ajudou quando Oksana e eu tentávamos entender como tudo funcionava.

Eu me preparava para a morte o tempo todo, e temia pela de Lissa também. No entanto, nunca me passara pela cabeça o que poderia acontecer, levando em conta a existência do laço. Como afetaria a outra pessoa? Como seria abrigar um vazio por dentro, uma vez ocupado pela íntima ligação que já se teve com alguém?

— Tampouco ele havia mencionado que andava pelos sonhos — prosseguiu Mark. Soltou mais uma risada, e linhas se formaram nos cantos de seus olhos azuis. — Pensei que ia ajudá-la, mas talvez você é que esteja aqui para me ajudar.

— Não sei — respondi, em dúvida —, acho que vocês possuem mais experiência nisso do que eu.

— Onde está seu parceiro de laço?

— Lá nos Estados Unidos. — Eu não queria explicar tanto, mas, de alguma forma, precisava lhe contar toda a verdade. — Eu... Eu a deixei.

Ele franziu a testa.

— A deixou como... se tivesse viajado? Ou como se a tivesse abandonado?

Abandonado. Essa palavra era como um tapa na cara, e de repente tudo em que conseguia pensar era naquele último dia em que a vira, quando a deixei entregue às lágrimas.

— Eu tinha coisas a fazer — respondi de forma evasiva.

— Sim, eu sei. Oksana me contou.

— Contou o quê?

Agora ele hesitava.

— Era algo que ela não devia ter feito... que ela tenta não fazer.

— Fazer o quê? — me exaltei, por razões que não conseguia explicar.

— Ela, bom... Ela vasculhou a sua mente. Durante a refeição.

Pensei no acontecido e de súbito me lembrei das cócegas em minha cabeça, do calor me percorrendo o corpo.

— O que isso significa, exatamente?

— Uma aura pode revelar ao usuário do espírito acerca da personalidade de alguém. Mas Oksana consegue ir mais a fundo, alcançando e até lendo informações mais específicas sobre essa pessoa. Às vezes ela alia essa habilidade à compulsão... mas o resultado é muito, muito poderoso. E errado. Não é certo fazer isso com alguém com quem você nem divide um laço.

Levei uns instantes para processar tudo. Nem Lissa, nem Adrian eram capazes de ler os pensamentos dos outros. O mais perto que Adrian chegava da mente de alguém era andar por seus sonhos. Lissa não sabia fazer isso, nem mesmo comigo. Eu podia senti-la, mas o contrário não acontecia.

— Oksana sentiu... ah, não vou saber explicar isso. Tem um quê de imprudência em você. Está numa

espécie de missão. Sua alma inteira emana vingança. — De repente, estendeu o braço na minha direção e levantou meus cabelos, espiando a minha nuca. — Bem como eu imaginara. Você é descomprometida.

Desvencilhei minha cabeça bruscamente.

— Por que isso tem tanta importância? Aquela cidade inteira atrás de nós está cheia de vampiros que não se tornaram guardiões. — Eu ainda via Mark como um cara legal, mas levar sermão sempre me deixava de péssimo humor.

— Sim, mas eles optaram por sossegar num canto. Você... e outros como você... se tornam uma espécie de justiceiros. Ficam obcecados em caçar Strigoi por conta própria, querendo corrigir pessoalmente os males que aquela raça lançou sobre nós. Isso só pode trazer problemas. Vejo acontecer o tempo todo.

— O tempo todo? — perguntei, impressionada.

— Por que acha que o contingente de guardiões vem diminuindo? Estão largando tudo para cuidar de suas casas e suas famílias. Ou saem como você, ainda lutando mas sem responder a ninguém, exceto quando são contratados como guarda-costas ou como caçadores de Strigoi.

— Vampiros contratados... — Subitamente comecei a entender como alguém de fora da realeza como Abe havia adquirido os seus guarda-costas. Pelo jeito, o dinheiro realmente comprava tudo. — Nunca tinha ouvido falar em nada disso.

— Evidente que não. Acha que os Moroi e os outros guardiões querem que isso se torne público? Que vão oferecer isso bem na cara de vocês como uma possibilidade real?

— Não sei o que pode haver de tão errado com a caça aos Strigoi. Sempre agimos na defensiva, nunca na ofensiva, quando o assunto são eles. Talvez, se mais vampiros partissem atrás dos Strigoi, eles não seriam um problema tão grande.

— É possível, mas existem diversas formas de lidar com isso, algumas melhores do que outras. E quando se parte do jeito que você partiu, com o coração cheio de pesar e vingança? Não é uma das melhores formas. Vai fazer com que fique descuidada. E a escuridão que acompanha o beijo das sombras só vai complicar tudo.

Cruzei os braços na altura do peito e olhei para a frente, como uma estátua.

— É, bom, não tem muito que eu possa fazer a respeito.

Ele se virou para mim, mais uma vez com uma expressão de surpresa.

— Por que simplesmente não pede à sua parceira de laço que cure a escuridão dentro de você?

Onze

Encarei Mark por vários segundos. Por fim perguntei, estupidamente:

— Você falou em... curar?

Mark me encarava com idêntica perplexidade.

— Sim, é claro. Ela pode curar outras coisas, certo? Por que não isso?

— Porque... — Franzi a testa. — Não faz sentido nenhum. A escuridão... todos os efeitos colaterais... eles vêm de Lissa. Se ela pudesse simplesmente curá-los, por que não curaria a si mesma?

— Porque, quando está nela, é muito enraizado. Muito ligado ao próprio ser. Não pode ser curado como as outras coisas. Mas, uma vez que o laço transfere isso para *você*, é como qualquer outra enfermidade.

Meu coração batia bem forte no peito. O que ele estava sugerindo era ridículo de tão fácil. Não, era ridículo e ponto final. Seria absurdo que, depois de tudo que havíamos passado, Lissa pudesse curar aquela raiva e depressão como se fosse um resfriado ou uma perna fraturada. Victor Dashkov, apesar dos seus joguinhos perversos, conhecia o espírito de forma surpreendente e havia nos explicado a respeito. Os outros quatro elementos eram mais físicos em sua natureza, mas o espírito vinha da mente e da alma. O uso de tanta energia mental — para realizar tão poderosos feitos — não seria possível sem o custo de devastadores efeitos colaterais. Vínhamos lutando contra esses efeitos desde o começo, primeiro em Lissa e depois em mim. Eles não podiam simplesmente desaparecer.

— Se fosse possível — disse eu, baixinho —, então todos teriam feito o mesmo. A professora Karp não teria perdido a cabeça. Anna não teria se suicidado. O que você está propondo é simples demais.

Mark não fazia ideia do que eu estava falando, mas sem dúvida não importava diante do que ele queria dizer.

— Tem razão. Não é nem um pouco fácil. Exige um cuidadoso equilíbrio, um elo de confiança e força entre duas pessoas. Oksana e eu levamos um longo tempo para aprender... vários anos difíceis...

Sua expressão ficou mais sombria, e eu só podia tentar imaginar como teriam sido aqueles anos. Meu curto período com Lissa fora ruim o suficiente. Eles deviam ter convivido com isso por muito mais tempo que nós. Deve ter sido insuportável às vezes. Com calma, e algum tato, ousei dar crédito às suas palavras.

— E agora vocês estão bem?

— Hum. — Vi o esboço de um sorriso irônico em seus lábios. — Eu não diria que estamos *perfeitamente* bem. Oksana só consegue ajudar até certo ponto, mas torna a vida mais suportável. Ela distancia as curas o máximo que conseguimos suportar, porque exigem muito dela. É extenuante, e limita seu poder total.

— O que isso significa?

Ele encolheu os ombros.

— Oksana ainda consegue fazer as outras coisas... cura, compulsão... mas não da forma como faria se não estivesse sempre me curando.

Minhas esperanças vacilaram.

— Ah. Então... eu não poderia. Não poderia fazer isso com Lissa.

— Comparado ao que ela tem feito com você? Rose. Algo me diz que ela acharia essa troca justa.

Pensei em nosso último encontro. Pensei em como eu a deixara lá, mesmo depois de ela implorar. Pensei nas dificuldades pelas quais ela tem passado em minha ausência. Pensei em como ela se recusara a curar Dimitri quando achei que ainda pudesse haver esperança para ele. Ambas havíamos sido más amigas.

Balancei a cabeça.

— Não sei — confessei, em voz baixa. — Não sei se ela acharia.

Mark me lançou um olhar longo e sincero, mas não insistiu no assunto. Observou o sol lá em cima, quase como se pudesse dizer as horas por ele. E provavelmente podia. Ele trazia esse ar de quem sabe sobreviver na selva.

— Os outros devem estar se perguntando sobre nós. Antes de voltarmos... — Ele buscou um dos bolsos e tirou um anelzinho de prata comum. — Aprender a cura vai levar um tempo. O que me preocupa mais agora é essa ideia de justiceira que você tem na cabeça. A escuridão só vai piorar as coisas. Leve isto.

Ele estendeu o anel para mim. Eu hesitei e então o peguei.

— O que é isso?

— Oksana o infundiu com o espírito. É um feitiço de cura.

Uma vez mais, o choque se abateu sobre mim. Os Moroi encantavam objetos com algum elemento o tempo todo. As estacas eram encantadas com os quatro elementos físicos, tornando-as letais contra Strigoi. Victor havia encantado um colar com a magia da terra, utilizando a natureza essencial desse elemento para transformar a joia num feitiço de luxúria. Até mesmo a tatuagem de Sydney era uma espécie de encantamento. Imaginei que não haveria razão para que o espírito não pudesse também encantar objetos, mas fora algo que nunca me ocorrera, provavelmente porque os poderes de Lissa ainda eram tão novos e desconhecidos.

— O que isso faz? Quer dizer, que tipo de cura?

— Vai ajudar com o seu estado de espírito. Não vai livrá-la de todo, mas vai acalmá-lo, fazer com que pense mais claramente. Pode afastar você do perigo. Oksana faz isso para me ajudar entre uma cura e outra. — Eu ia colocá-lo no dedo, mas ele balançou a cabeça. — Guarde para quando sentir que está realmente fora de controle. A magia não vai durar para sempre. Ela acaba, como qualquer outro encantamento.

Olhei para o anel, e minha mente de repente se abriu para todo o tipo de possibilidade. Alguns instantes depois, deixei-o cair dentro do bolso do meu casaco.

A cabeça de Paul surgiu pela porta dos fundos.

— Vovó quer ir embora agora — me disse ele. — Ela quer saber por que está demorando tanto e pediu para perguntar por que você faz alguém tão velho que nem ela esperar e sofrer com a coluna.

Recordei o quão depressa Yeva tinha andado enquanto eu me matava para acompanhá-la com aquela carga. Sua coluna não me parecia tão problemática, mas, novamente, lembrei que Paul era apenas o mensageiro e o poupei de comentários.

— Tudo bem. Já vou. — Quando ele se foi, balancei a cabeça. — É duro estar à altura. — Andei em direção à porta, e então olhei Mark por cima do ombro, pois um novo detalhe me ocorria. — Você diz que

sair por conta própria é ruim... mas você também não é um guardião.

Ele sorriu para mim de novo, daquele jeito triste e irônico.

— Eu costumava ser. Até que Oksana salvou minha vida. Partilhamos um laço e no final nos apaixonamos. Não conseguia ficar longe dela depois disso, e os guardiões teriam me designado para outro lugar. Eu tinha que ir.

— Foi difícil abandoná-los?

— Bastante. Nossa diferença de idade tornou tudo ainda mais escandaloso. — Um estranho calafrio atravessou o meu corpo. Mark e Oksana eram a personificação das duas metades da minha vida. Eles lutaram contra o laço do beijo das sombras assim como Lissa e eu, e também enfrentaram a reprovação por seu relacionamento da mesma forma que Dimitri e eu. Mark continuou: — Mas às vezes precisamos ouvir nossos corações. E mesmo tendo largado tudo, não estou lá fora indo atrás de Strigoi sem o menor cuidado. Sou um velho homem, vivendo com a mulher que ele ama e cuidando de seu jardim. Existe uma diferença, não se esqueça disso.

Minha mente trabalhava a toda quando voltei à casa dos Belikov. Sem os tijolos, o percurso fora bem mais tranquilo. Me dera a chance de pesar as palavras de Mark. Me sentia como se tivesse recebido informações para uma vida inteira em uma única hora de conversa.

Olena estava ocupada com a casa, cumprindo tarefas costumeiras como cozinhar e fazer a faxina. Se por um lado eu nunca iria querer passar os meus dias fazendo esse tipo de serviço doméstico, por outro eu precisava admitir que havia algo reconfortante em sempre ter alguém por perto, pronto para cozinhar e se preocupar comigo. Eu sabia que era um desejo puramente egoísta, tanto quanto sabia que minha própria mãe estava dedicando sua vida a assuntos importantes. Eu não devia julgá-la. Ainda assim, me senti confortável e protegida por ter Olena me tratando como uma filha, ainda que ela mal me conhecesse.

— Está com fome? — perguntou ela, automaticamente. Acho que um dos maiores temores de sua vida era que alguém pudesse sentir fome em sua casa. A perpétua falta de apetite de Sydney fora uma preocupação constante para Olena.

Eu escondi um sorriso.

— Não, nós comemos com Mark e Oksana.

— Ah, então vocês foram lá? São boas pessoas.

— Onde estão todas? — perguntei. A casa estava estranhamente silenciosa.

— Sonya e Karolina estão trabalhando. Viktoria foi para a casa de uma amiga, mas vai ficar feliz ao descobrir que você chegou.

— E Sydney?

— Ela partiu algum tempo atrás. Disse que estava voltando para São Petersburgo.

— O quê? — me espantei. — Partiu de vez? Assim do nada? — Sydney possuía uma natureza objetiva, mas isso era abrupto até para ela.

— Os alquimistas... Bom, eles estão sempre circulando. — Olena me entregou um pedaço de papel. — Ela lhe deixou isto.

Apanhei o bilhete e o abri imediatamente. A caligrafia de Sydney era limpa e precisa. De certa forma, isso não me surpreendia.

Rose,

Desculpe por ter que partir tão depressa, mas, quando os alquimistas me dizem para saltar... bom, eu salto.

Consegui uma carona de volta para aquela cidade do interior em que ficamos para pegar o Furacão Vermelho, e então seguir para São Petersburgo. Pelo visto, agora que você já foi entregue em Baia, eles não precisam mais que eu fique por aí.

Queria poder lhe dizer mais sobre Abe e o que ele deseja de você. Mesmo que eu tivesse permissão para isso, não há muito o que contar. De certa forma, ele é tão misterioso para mim quanto é para você. Como eu disse, muitos dos negócios dos quais ele cuida são ilegais — tanto entre humanos quanto entre os Moroi, aliás. A única ocasião em que ele se envolve diretamente com as pessoas é quando algo está ligado a esses negócios — ou quando se trata de um caso muito, muito especial. Acho que você se enquadra num desses casos, e, mesmo que não pretenda machucá-la, ele pode usá-la segundo os seus próprios desígnios. Pode ser tão simples quanto ele querer contratá-la como sua guarda-costas, tendo em vista o quanto você é selvagem. Talvez queira usá-la para chegar a terceiros. Talvez seja tudo parte do plano de uma outra pessoa, alguém ainda mais misterioso que ele. Talvez esteja fazendo um favor a alguém. Zmey pode ser ameaçador ou gentil, tudo depende do que ele precisa obter.

Nunca pensei que me importaria o suficiente para dizer isto a uma dampira, mas tenha cuidado. Não sei o que pretende fazer agora, mas tenho a impressão de que o perigo sempre acaba encontrando você. Ligue se houver algo que eu possa fazer para ajudar, mas, se voltar para as grandes cidades para caçar Strigoi, não deixe mais cadáveres largados por aí!

Boa sorte,

Sydney

PS: “Furacão Vermelho” é o nome que eu dei ao carro.

PPS: Só porque gosto de você, não significa que deixei de vê-la como um ser maligno da noite. Você é.

O número do celular dela estava anotado na parte de baixo, e não consegui evitar um sorriso. Como tínhamos ido para Baia com Abe e seus guardiões, Sydney precisou deixar o carro para trás, o que a traumatizou quase tanto quanto os Strigoi. Eu torcia para que os alquimistas permitissem que ela ficasse com ele. Balancei a cabeça, impressionada a despeito de seus avisos sobre Abe. O Furacão Vermelho.

No caminho para o quarto, o sorriso foi desaparecendo. Apesar da sua seriedade, eu ia sentir falta de Sydney. Ela podia não ser exatamente uma amiga — ou podia? —, mas nesse breve intervalo passei a tê-la como uma presença constante em minha vida. Eu não dispunha de muitas pessoas assim agora. Me senti à deriva, incerta quanto ao que fazer em seguida. Tinha vindo até ali para trazer paz a Dimitri e terminara trazendo apenas pesar para sua família. E, se o que disseram era verdade, não ia encontrar muitos Strigoi ali, em Baia. De alguma forma, não conseguia imaginar Dimitri vagando por estradas e sítios atrás de uma presa. Mesmo sendo um Strigoi — e eu morria por dentro ao dizer essas palavras —, ele teria um objetivo. Se não ia voltar para os lugares que conhecia em sua cidade natal, era porque devia estar se dedicando a alguma outra coisa importante — até onde sua natureza Strigoi permitia. O comentário de Sydney no bilhete batia com o que eu ouvia o tempo todo: os Strigoi estavam nas cidades. Mas em qual? Para onde Dimitri iria?

Agora *eu* é que não tinha um objetivo. E, de quebra, não conseguia parar de pensar nas palavras de Mark. Será que eu estava mesmo no meio de uma insensata missão de justiceira? Estaria correndo direto para os braços da morte? Ou será que corria em direção ao... nada? Será que estava condenada a passar os meus dias vagando por aí? Sem ninguém?

Sentada em minha cama, senti o ânimo despencar, e sabia que precisava espairecer. Eu já era muito suscetível a emoções negativas quando Lissa recorria ao espírito; não havia necessidade de alimentá-las ainda mais. Usei o anel que Mark me dera, esperando que alguma clareza e tranquilidade viessem. Todavia, não senti qualquer melhora visível, e decidi procurar um pouco de paz no mesmo lugar de sempre: na mente de Lissa.

Ela estava com Adrian, os dois praticando o uso do espírito de novo. Após alguns acidentes de percurso no começo, Adrian vinha se mostrando um rápido aprendiz em cura. Aquele fora o primeiro dos poderes de Lissa a se manifestar, e ver que Adrian fazia mais progresso com o que ela ensinava do que o inverso sempre a irritava.

— Estou ficando sem ideias sobre o que mais você poderia curar — comentou ela, pondo alguns potinhos de plantas sobre uma mesa. — A não ser que comecemos a cortar raminhos ou algo assim.

Adrian sorriu.

— Eu costumava provocar Rose com isso, dizendo que ia impressioná-la curando membros amputados ou alguma maluquice do gênero.

— Ah, mas com certeza ela devia lhe dar uma resposta ácida diferente para cada opção.

— Sim, sim, ela dava. — Sua fisionomia se abrandou ao resgatar aquela lembrança. Uma parte de mim sempre ficava absurdamente curiosa para ouvir o que diziam a meu respeito... no entanto, ao mesmo tempo, sempre me senti mal pela mágoa que o meu nome parecia evocar.

Lissa suspirou e se espreguiçou no chão atapetado. Eles se encontravam num dos salões dos dormitórios, e a hora do toque de recolher se aproximava rapidamente.

— Quero falar com ela, Adrian.

— Você não pode — retorquiu ele. Havia uma seriedade incomum em sua voz. — Sei que ela continua visitando você; isso é o mais próximo dela que você vai conseguir chegar. E sabe o que mais? Nem é tão ruim. Você pode lhe dizer exatamente como se sente.

— É, mas eu quero escutar as respostas dela, assim como você faz nos seus sonhos.

Isso o fez sorrir de novo.

— Ela já responde bastante, acredite em mim.

— Faça agora — pediu Lissa, sentando-se ereta.

— Fazer o quê, agora?

— Visitar os sonhos de Rose. Você sempre tenta me explicar, mas eu nunca vi de verdade. Me deixe assistir.

Ele a encarou, em busca de palavras.

— Isso é meio voyeurístico.

— Adrian! Eu quero aprender isso, e já tentamos de tudo. Às vezes, posso sentir a magia ao seu redor. Só faça, está bem?

Ele já ia protestar de novo, mas então conteve um comentário ao estudar o rosto dela por um instante. Suas palavras haviam sido ríspidas e imperativas, bem pouco característico dela.

— Está bem. Vou tentar.

Essa ideia toda de Adrian tentar entrar em minha cabeça enquanto eu o observava por meio de Lissa era algo surreal, para dizer o mínimo. Eu sinceramente não sabia o que esperar. Sempre havia me perguntado se ele precisava estar dormindo ou pelo menos com os olhos fechados. Pelo jeito não. Em vez disso, ele se focou no vazio, os olhos ficando inexpressivos enquanto a mente deixava o mundo à sua volta. Pelos olhos de Lissa, notei um pouco da magia que irradiava dele e de sua aura; já ela tentava analisar cada detalhe. Até que, antes que nos déssemos conta, toda a magia desapareceu. Adrian piscou e balançou a cabeça.

— Desculpe. Não consigo.

— Por que não?

— Provavelmente porque ela está acordada. Conseguiu aprender algo me observando?

— Um pouco. Poderia ter sido mais instrutivo se você pelo menos tivesse conseguido. — Novamente,

Lissa trazia aquele tom petulante na voz.

— Ela pode estar em qualquer lugar do mundo, sabe, em qualquer fuso horário. — Suas palavras foram amortecidas por um bocejo. — Quem sabe se tentarmos em diferentes momentos do dia? Tenho encontrado Rose... na verdade, por volta dessa hora. Ou, às vezes, a apanho bem no começo do dia.

— Ela pode estar por perto, então — sugeriu Lissa.

— Ou seguindo a rotina dos humanos em outra parte do mundo.

O entusiasmo de Lissa diminuiu.

— É. Isso também.

— Por que parece que vocês nunca estão praticando?

Christian veio caminhando pelo salão, admirado por ver Lissa sentada no chão e Adrian esparramado no sofá. Parada atrás de Christian estava alguém que eu não pensaria em encontrar tão cedo. Adrian, capaz de detectar mulheres a um quilômetro de distância, também notou imediatamente a recém-chegada.

— Onde conseguiu essa chave de cadeia? — perguntou.

Christian lhe devolveu um olhar de advertência.

— Esta é Jill. — Jill Mastrano se deixou empurrar para a frente, seus olhos verde-claros impossivelmente arregalados ao observar o entorno. — Jill, esses são Lissa e Adrian.

Jill era uma das últimas pessoas que eu esperaria ver ali. Nos conhecêramos pouco mais de um mês atrás. Ela estava na nona série, o que significava que se mudaria para o campus do ensino médio quando o outono chegasse. Tinha o mesmo físico superesguio da maioria dos Moroi, equiparado, porém, por uma altura que impressionava até para os padrões vampíricos. Isso lhe conferia a aparência de uma varapau. Seus cabelos desciam em cachos castanho-claros até a metade das costas, e seriam lindos — assim que ela aprendesse a moldá-los do jeito certo. Por ora, eram meio bagunçados, e a impressão que ela passava — embora bonitinha — era um tanto estranha.

— O-oi — cumprimentou, olhando de um rosto para o outro. Em sua cabeça, ela estava diante de celebridades máximas entre os Moroi. Ela quase desmaiara da primeira vez que encontrou Dimitri e eu, por causa de nossas reputações. Pela sua expressão, ela estava num estado parecido agora.

— Jill quer aprender a usar seu poder para o bem, e não para o mal — comentou Christian, com uma piscadela exagerada. Era o jeitinho dele de dizer que Jill queria aprender a lutar usando magia. Ela dividira esse interesse comigo, e eu lhe dissera para procurar por Christian. Fiquei feliz de ela ter juntado forças para seguir o meu conselho. Christian também era uma celebridade no campus, embora de um tipo mais infame.

— Outra aluna? — surpreendeu-se Lissa, balançando a cabeça. — Acha que vai segurar essa por mais tempo?

Jill lançou a Christian um olhar preocupado.

— O que isso quer dizer?

— Depois do ataque, várias pessoas comentaram que queriam aprender a lutar com magia — explicou Christian. — Então vieram até mim, e trabalhamos juntos... uma vez ou duas. Daí todos sumiram quando viram como era difícil e perceberam que precisavam continuar praticando.

— O fato de você ser um professor tão duro não ajuda muito — observou Lissa.

— Então agora você chegou ao ponto de recrutar crianças — declarou Adrian solenemente.

— Ei — protestou Jill indignada. — Tenho catorze. — Ela corou na mesma hora, por ter falado de forma tão confiante na frente dele. Adrian adorou aquilo, assim como adorava tantas outras coisas.

— Engano meu — disse ele. — Qual o seu elemento?

— Água.

— Fogo e água, hein? — Adrian pôs uma das mãos no bolso e tirou de lá uma nota de cem dólares. Ele a estendeu aberta, diante de si. — Minha querida, proponho uma aposta. Se conseguir materializar um balde de água e virá-lo em cima de Christian, vou lhe dar isto.

— Eu pago mais dez — riu Lissa.

Jill pareceu desarmada, mas suspeitei que fosse porque Adrian a tinha chamado de “querida”. Eu fazia tão pouco de sua pessoa que era fácil esquecer o quão atraente ele era. Christian conduziu Jill em direção à porta.

— Ignore-os. Só estão com inveja porque os usuários do espírito não têm condição de atacar numa batalha como nós. — Se curvou até Lissa e lhe deu um rápido beijo. — Estávamos praticando no salão do andar de cima, mas tenho que levá-la de volta agora. Vejo vocês amanhã.

— Não precisa — disse Jill. — Posso chegar lá numa boa. Não quero atrapalhar de jeito nenhum.

Adrian se levantou.

— E não vai. Se alguém deve dar um passo à frente e bancar o cavaleiro na armadura branca aqui, que seja eu. Vou levá-la de volta e deixar os pombinhos a sós em seu ninho de amor. — E fez uma grande mesura para Jill. — Podemos?

— Adrian... — começou Lissa, com um tom áspero em sua voz.

— Ora, por favor — repreendeu ele, revirando os olhos. — Eu já tinha que ir, mesmo, e vocês não vão ajudar em nada quando começar o toque de recolher. E, sinceramente, me dê um voto de confiança aqui. Até eu tenho limites.

E lançou para Lissa um olhar expressivo, que lhe dizia o quanto havia sido idiota por pensar que ele iria dar em cima de Jill. Lissa o encarou de volta por alguns instantes e concluiu que ele tinha razão. Adrian podia ser um cafajeste às vezes e nunca ocultara seu interesse por mim, mas levar Jill até o seu prédio não fazia parte de um grande jogo de sedução. Só estava sendo legal mesmo.

— Tudo bem — concordou Lissa. — Vejo você depois. Prazer em conhecê-la, Jill.

— Igualmente — respondeu a menina. Ela arriscou um sorriso para Christian. — Obrigada de novo.

— É melhor aparecer em nossa próxima aula — avisou ele.

Adrian e Jill já iam saindo pela porta quando Avery por ela entrou.

— Ei, Adrian. — Avery deu uma olhada ligeira em Jill. — Quem é a sua chave de cadeia?

— Podem parar de me chamar assim? — protestou Jill.

Adrian apontou para Avery em tom de censura.

— Calada. Cuido de você mais tarde, Lazar.

— Espero que sim, sem dúvida — respondeu ela, numa voz cantada. — Deixarei a porta destrancada.

Jill e Adrian partiram, e Avery se sentou perto de Lissa. Parecia animada o suficiente para estar bêbada, mas Lissa não sentiu cheiro de licor algum nela. Lissa estava aprendendo bem depressa que Avery simplesmente tinha esse lado vivaz e despreocupado, independentemente da embriaguez.

— Você acabou mesmo de chamar Adrian para o seu quarto mais tarde? — quis saber Lissa. Ela disse aquilo brincando, mas no fundo se perguntava se algo estava rolando entre aqueles dois. E, sim, éramos duas nessa contagem.

Avery encolheu os ombros.

— Não sei. Talvez. Às vezes andamos juntos, quando todos estão debaixo das cobertas. Não vai ficar com ciúmes, vai?

— Não — riu Lissa. — Só por curiosidade. Adrian é um bom sujeito.

— Oi? — intrometeu-se Christian. — Defina “bom”.

Avery levantou a mão e começou a enumerar com os dedos.

— Ele é incrivelmente lindo, engraçado, rico, ligado à rainha...

— Já escolheu as cores do casamento? — indagou Lissa, se acabando de rir.

— Ainda não. Ainda estou sondando o terreno. Achei que ele seria uma conquista fácil para Avery Lazar, mas ele é meio difícil de decifrar.

— Não quero mais ouvir isso, sério — disse Christian.

— Às vezes ele age como se fosse do tipo que não se compromete. Noutras, suspira como um romântico desiludido. — Lissa trocou um olhar cúmplice com Christian que Avery não percebeu enquanto falava. —

Enfim, não estou aqui para conversar sobre ele. Estou aqui para conversar sobre você e eu dando o fora daqui. — Avery passou o braço por trás de Lissa, que quase caiu para a frente.

— Daqui de onde? Do dormitório?

— Não. Da escola. Vamos partir num fim de semana fantástico pela Corte Real.

— O quê, neste fim de semana? — Lissa sentia como se estivesse três lances atrás num jogo de estratégia, e eu nem a culpava por isso. — Por quê?

— Porque é Páscoa. E sua Majestade pensou que seria “adorável” se você pudesse se juntar a ela no feriado. — Avery estava fazendo um tom de voz solene e agudo. — E, agora que ando com você, meu pai acha que estou me comportando bem.

— Pobre coitado e ingênuo — murmurou Christian.

— Então disse que eu podia ir com você. — Avery olhou para Christian. — E você também, eu acho. A rainha comentou que Lissa poderia levar um convidado, além de mim, é claro.

Lissa via o rosto radiante de Avery, mas não compartilhava do mesmo entusiasmo.

— Eu *odeio* ir para a Corte. Tatiana passa o tempo todo oferecendo o que ela crê serem conselhos úteis para mim. É sempre um tédio e um martírio. — Lissa não mencionou que um dia já achara a Corte divertida, na vez em que fora comigo.

— É porque você ainda não foi comigo. Vai ser um arraso! Eu sei onde ficam todas as coisas boas de lá. E aposto que Adrian vai conosco. Ele sempre consegue tudo o que quer. Vai ser como um encontro de casais.

Aos poucos, Lissa foi aceitando a ideia de que aquilo poderia de fato ser divertido. Ela e eu só conseguíramos encontrar uma fração dessas “coisas boas” que jaziam escondidas sob a película refinada da vida na Corte. Todas as visitas posteriores haviam sido tal como ela descrevera — tediosas e sérias. Mas desta vez, na companhia de Christian e da louca e espontânea Avery? Aquilo tinha futuro.

Até que Christian arruinou tudo.

— Bom, não contem comigo. Se só podem levar uma pessoa, que seja Jill.

— Quem? — indagou Avery.

— A chave de cadeia — esclareceu Lissa. Ela olhou para Christian sem acreditar. — Por que cargas-d’água eu levaria Jill? Acabei de conhecê-la.

— Porque ela quer muito aprender a se defender sozinha. Você devia apresentá-la a Mia. As duas são usuárias de água.

— Certo — concordou Lissa, bem atenta aos detalhes. — E o fato de que você odeia a Corte não tem nada a ver com isso?

— Bom...

— Christian! — Lissa estava subitamente perdendo a calma. — Por que não pode fazer isso por mim?

— Porque odeio o jeito como a Vaca Rainha olha para mim.

Lissa não pareceu muito convencida.

— É, mas, quando nos formarmos, é lá que eu vou morar. Você não vai ter escolha.

— É, bom, então me deixe aproveitar a distância enquanto posso.

A raiva de Lissa cresceu.

— Ah, agora entendi: eu tenho que aturar os seus problemas o tempo todo, mas você não consegue mover uma palha por mim.

Avery observou os dois e então se levantou.

— Crianças, vou deixar vocês cuidarem disso sozinhas. Para mim tanto faz se vamos com Christian ou com a chave de cadeia, contanto que *você* esteja lá. — E olhou para Lissa, ainda sentada. — Você vai, certo?

— É. Vou, sim. — Se a recusa de Christian serviu para alguma coisa, foi para atizar Lissa ainda mais.

Avery abriu um largo sorriso.

— Maravilha. Agora vou dar no pé, mas vocês tratem de se beijar e fazer as pazes quando eu tiver saído.

Reed, seu irmão, surgiu de repente na porta.

— Está pronta? — perguntou a ela. Toda vez que ele falava, era como se uma espécie de grunhido saísse no lugar das palavras. Avery lançou para os outros um olhar triunfante.

— Viram? Meu galante irmão aparecendo para me levar de volta antes que as inspetoras dos dormitórios comecem a me expulsar aos berros. Agora só resta a Adrian descobrir um novo e excitante jeito de provar seu cavalheirismo.

Reed não parecia lá muito galante ou cavalheiresco, mas admiti que fora legal de sua parte vir buscá-la. Misteriosamente, o seu *timing* havia sido perfeito. Talvez Avery estivesse certa com relação a ele não ser tão mau quanto as pessoas costumavam pensar.

Assim que Avery saiu, Lissa se voltou para Christian.

— Está falando sério sobre levarmos Jill no seu lugar?

— Estou — respondeu Christian. Ele tentou deitar a cabeça em seu colo, porém Lissa o repeliu. — Mas vou contar os segundos para a sua volta.

— Não consigo acreditar que você encare isso como uma piada.

— Não encaro. Escute, não foi minha intenção deixar você tão irritada, está bem? Mas sério... eu só não quero lidar com todo aquele teatrinho da Corte. E faria bem a Jill. — Ele franziu a testa, e então: — Você não tem nada contra ela, tem?

— Eu nem a conheço — disse Lissa. Ainda estava com raiva, mais até do que eu esperaria, o que era bem estranho.

Christian apanhou as mãos de Lissa, o rosto sério. Os olhos azuis que ela tanto amava amainaram um pouco a sua raiva.

— Por favor, não estou tentando chatear você. Se for assim tão importante...

Do nada, a raiva de Lissa sumiu. Foi algo ab-rupto como apertar um botão.

— Não, não. Já aceitei levar Jill; só não tenho certeza se ela devia andar conosco e fazer tudo o que der na telha de Avery.

— Deixe Jill com Mia. Ela vai tomar conta dela durante o fim de semana.

Lissa aquiesceu, se perguntando por que ele estava tão interessado em Jill.

— Tudo bem. Mas você não está fazendo isso por não gostar de Avery, está?

— Não, eu gosto dela. Avery faz você sorrir mais.

— Você me faz sorrir.

— Por isso incluí o “mais” no final. — Christian beijou a mão de Lissa suavemente. — Você tem andado tão triste desde que Rose se foi. Fico feliz de vê-la por aí com alguém novo... quer dizer, não que você não

possa ter tudo de que precisa aqui comigo.

— Avery não é uma substituta para Rose — afirmou Lissa rapidamente.

— Sei disso. Mas uma lembra um pouco a outra.

— O quê? Elas não têm nada em comum.

Christian saiu do colo de Lissa e ficou sentado ao seu lado, descansando o rosto no ombro dela.

— Avery é como Rose costumava ser, na época anterior à fuga de vocês.

Tanto Lissa quanto eu paramos para ponderar a respeito daquilo. Será que ele tinha razão? Antes de os poderes de Lissa darem os primeiros sinais, ela e eu tínhamos curtido uma vida de festanças. E, sim, na maior parte do tempo era eu que bolava as ideias loucas para nos divertir e nos meter em apuros depois. Mas será que eu era tão excêntrica quanto Avery parecia às vezes?

— Nunca vai existir outra Rose — disse Lissa, tristemente.

— Não — concordou Christian. E lhe deu um breve e delicado beijo nos lábios. — Mas vão existir outros amigos.

Eu sabia que ele tinha razão, mas não consegui deixar de sentir uma ponta de inveja. Também não consegui impedir uma leve dose de preocupação. O passageiro acesso de raiva de Lissa fora algo bastante inesperado. Eu entendia que ela quisesse Christian a seu lado no passeio, mas ela tinha agido como uma idiota — e o quase ciúme por causa de Jill era estranho também. Lissa não tinha motivo algum para duvidar dos sentimentos de Christian, muito menos por alguém como Jill. Aquele humor instável me lembrava demais a Lissa de outros tempos.

Ela muito provavelmente só devia estar exausta, mas um instinto — outro bônus do laço, quem sabe — me dizia que havia algo de errado. Era uma sensação fugidia, que eu não conseguia apreender, como água escapando-me por entre os dedos. No entanto, não seria a primeira vez que meus instintos se confirmariam, e resolvi visitar Lissa com mais frequência dali em diante.

Doze

Estar com Lissa me deixou com mais perguntas do que respostas; e assim, sem um plano de ação, simplesmente prolonguei a minha estada entre os Belikov por mais alguns dias. Mergulhei em sua rotina, surpresa mais uma vez ao perceber o quanto era fácil. Fiz o possível para ser útil ali, realizando qualquer tarefa que me permitissem e me empolgando a ponto de cuidar da bebê (algo com o qual eu nem estava tão à vontade, porque o treinamento dos guardiões não deixava tempo livre suficiente para empregos fora da escola, como o de babá). Yeva me vigiava o tempo todo, sem nunca dizer nada, mas invariavelmente parecendo desaprovar meus atos. Eu não sabia ao certo se ela me queria longe dali ou se aquela era a sua aparência de sempre. Os outros, contudo, não se incomodaram nem um pouco. Estavam encantados por me terem por perto e transpareciam isso em cada gesto. Viktoria era a mais feliz.

— Queria que você fosse para a escola com a gente — comentou ela com pesar, certa noite. Vínhamos passando bastante tempo juntas.

— Quando vocês voltam às aulas?

— Segunda-feira, logo depois da Páscoa.

Uma pequena tristeza revolveu dentro de mim. Estivesse eu ali ainda ou não, sentiria falta dela.

— Que droga. Não imaginei que já estivesse tão próximo.

Sobre nós caiu um breve silêncio; então, ela me lançou um olhar de relance.

— Você chegou... bom, você chegou a considerar voltar para a São Basílico conosco?

— São Basílico? — perguntei, encarando-a. — Sua escola também recebeu o nome de um santo? —

Nem todas recebiam. Adrian havia estudado num instituto da Costa Leste americana chamado Alder.

— O nosso é um santo humano — esclareceu, com um sorriso. — Você podia se matricular lá. Podia terminar seu último ano. Tenho certeza de que a aceitariam.

De todas as opções doidas que eu considerara nessa viagem — e, acreditem, foram muitas mesmo —, essa era uma que nunca tinha me passado pela cabeça. Eu havia descartado a escola. Tinha plena certeza de que não havia mais nada a aprender — bom, depois de conhecer Sydney e Mark, ficara óbvio que ainda faltavam algumas *coisinhas*. No entanto, considerando o que eu pretendia fazer com a minha vida, não achei que outro semestre de matemática e ciências ajudaria em algo. E, quanto ao treinamento dos futuros guardiões, praticamente tudo o que me restava fazer agora era me preparar para as provas de fim de ano. Mas eu duvidava muito que aqueles exames e desafios pudessem sequer se comparar ao que eu já havia experimentado com os Strigoi.

Balancei a cabeça.

— Acho que não. Acho que já chega de escola para mim. Além do mais, seria tudo em russo.

— Eles traduziriam para você. — Um sorriso malicioso lhe acendeu o rosto. — Além disso, chutes e socos transcendem qualquer idioma. — Sua expressão ficou mais serena e contemplativa. — Mas sério. Se não vai concluir seus estudos nem virar guardiã... bom, por que não fica aqui? Quer dizer, em Baía, mesmo. Você podia morar com a gente.

— Não vou ser uma prostituta de sangue — reagi na mesma hora.

Um estranho olhar perpassou o seu rosto.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Eu não devia ter dito isso. Desculpe.

Me senti péssima por aquele comentário. Apesar dos rumores sobre prostitutas de sangue na cidade, eu apenas tinha visto uma ou duas delas, e sem dúvida as Belikov não faziam parte do grupo. A gravidez de Sonya ainda permanecia um mistério, mas trabalhar numa farmácia não me parecia nada sórdido. Fiquei sabendo um pouco mais sobre a vida de Karolina. O pai de seus filhos era um Moroí com quem ela aparentemente teve um relacionamento legítimo. Ela não precisou se vender para estar com ele, e ele não a usou. Depois que a bebê nasceu, os dois decidiram seguir caminhos distintos, mas tudo ocorreu amistosamente. Agora, Karolina parecia estar namorando um guardião que dava as caras sempre que podia.

As poucas prostitutas de sangue que eu vira pela cidade se encaixavam bem no estereótipo que eu tinha formado na cabeça. Suas roupas e maquiagem diziam com todas as letras que ofereciam sexo fácil. Os machucados no pescoço mostravam claramente que elas não viam problema algum em deixar os parceiros beberem seu sangue durante o ato, o que era aliás a coisa mais podre que uma dampira poderia fazer. Só humanos doavam seu sangue aos Moroí. A minha raça, não. Consentir isso — em particular durante uma relação sexual —, bem, como eu já disse, era podre. A maior sujeira de todas.

— Mamãe ia adorar que ficasse. Você também podia arranjar um trabalho. Faça parte da nossa família.

— Não posso ocupar o lugar de Dimitri, Viktoria — disse eu com ternura.

Ela estendeu o braço e deu à minha mão um aperto tranquilizador.

— Eu sei. Ninguém espera isso. Nós gostamos de você pelo que você é, Rose. Sua presença aqui parece ser a coisa certa. Existe um motivo para Dimitri tê-la escolhido: você se encaixa aqui.

Tentei imaginar a vida que ela descrevia. Me soava... fácil. Confortável. Sem preocupações. Simplesmente viver com uma família carinhosa, rindo e nos reunindo toda noite. Poderia cuidar de minha própria vida, sem precisar ser a sombra de alguém o tempo todo. Eu teria irmãs. Não haveria lutas — a não ser em nossa defesa. Eu poderia desistir daquele plano de matar Dimitri — o qual, eu sabia, também iria me matar física e emocionalmente. Poderia optar pelo caminho lógico, desistir dele e dá-lo como morto. E, no entanto... se assim fosse, por que não voltar de uma vez para Montana? Para Lissa e a Escola?

— Eu não sei — disse por fim. — Não sei o que vou fazer.

Havíamos acabado de jantar, e ela espiou com relutância o relógio.

— Eu não queria deixar você assim, com o pouco de tempo que a gente vai ter juntas, mas... eu devo encontrar alguém daqui a pouco...

— Nikolai? — provoqueei.

Ela fez que não com a cabeça, e procurei disfarçar minha decepção. Eu tinha esbarrado com ele outras vezes, e ele me parecia cada vez mais adorável. Era mesmo uma pena que Viktoria não conseguisse nutrir qualquer sentimento pelo cara. Agora, contudo, me perguntava se não haveria algo a impedindo — ou melhor, alguém.

— Ah, desembuche — disse eu, com um grande sorriso. — Quem é?

Viktoria manteve uma expressão neutra, numa imitação fiel de Dimitri.

— Um amigo — respondeu, de forma evasiva. Mas pensei ter visto um sorriso em seus olhos.

— Alguém da escola?

— Não. — Ela suspirou. — E é esse o problema. Vou sentir tanta saudade dele...

Meu sorriso se desfez.

— Imagino.

— Oh. — Ela parecia meio sem jeito. — Que idiota da minha parte. Os meus problemas... bom, não são nada comparados aos seus. Quer dizer, posso ficar sem vê-lo por um tempo... mas eu *vou* vê-lo. Dimitri, por outro lado, se foi. Você nunca mais o verá de novo.

Bom, isso poderia não ser *de todo* verdade. Mas não mencionei esse detalhe a ela. Só o que disse foi:

— É.

Para a minha surpresa, Viktoria me deu um abraço.

— Sei como o amor funciona. Perder isso... sei lá. Não sei o que dizer. Só sei é que estamos aqui para ajudar você. Todos nós, viu? Talvez não possa substituir Dimitri, mas ainda vejo você como uma irmã.

Fiquei a um só tempo surpresa e emocionada por ser chamada de irmã. Depois disso, ela começou a se aprontar para o seu encontro. Trocou de roupa, passou maquiagem bem depressa — definitivamente mais do que um amigo, concluí — e saiu pela porta. O que me deixou até feliz, porque não queria que ela visse as lágrimas que suas palavras trouxeram aos meus olhos. Fui filha única a vida inteira. Lissa fora o mais próximo de uma irmã que eu já tive. Sempre pensei em Lissa assim; e agora a perdi. Ouvir Viktoria me chamando de irmã naquele momento... bom, despertou algo em mim. Algo que me dizia que eu tinha amigos de verdade e não estava sozinha.

Desci para a cozinha em seguida, e Olena logo se juntou a mim. Eu estava no meio de uma busca por comida.

— Foi Viktoria que eu ouvi sair? — perguntou ela.

— É, ela saiu para encontrar um amigo. — A meu favor, mantive uma expressão séria. De jeito algum entregaria Viktoria.

Olena suspirou.

— Queria que ela passasse no centro para mim.

— Eu vou — propus, ansiosa. — Assim que arranjar algo para comer.

Ela me deu um sorriso gentil e tapinhas na bochecha.

— Você tem um bom coração, Rose. Entendo muito bem por que Dimka a amou.

Era realmente incrível, pensei, a aceitação que meu relacionamento com Dimitri recebia por ali. Ninguém levantou temas como relações com diferença de idade ou entre aluna e professor. Tal qual eu dissera a Sydney, era como se eu fosse a viúva dele ou algo do gênero, e as palavras de Viktoria me pedindo para ficar voltaram à minha mente. A forma como Olena me olhava fazia com que eu me sentisse sua filha, e, mais uma vez, experimentei aqueles sentimentos traiçoeiros com relação à minha própria mãe. Ela provavelmente teria ridicularizado Dimitri e eu. Teria dito que aquilo era inapropriado e que eu era jovem demais. Ou será que não? Talvez eu estivesse exagerando.

Ao me ver parada diante do armário da cozinha, Olena balançou a cabeça em desaprovação.

— Mas primeiro você precisa comer alguma coisa.

— Só uma besteirinha — assegurei. — Não quero dar trabalho.

Ela acabou me dando grandes fatias do pão preto que havia assado mais cedo e também um pote de

manteiga, porque sabia como eu adorava besuntar o meu pão. Karolina tinha brincado comigo dizendo que qualquer americano ficaria chocado ao descobrir o que havia naquele pão, por isso nunca insisti muito no assunto. Tinha um sabor doce e forte ao mesmo tempo, e eu adorei.

Olena se sentou de frente para mim e me observou comer.

— Esse era o preferido dele, quando era pequeno.

— De Dimitri?

Ela confirmou com a cabeça.

— Sempre que se via livre da escola, a primeira coisa que ele fazia era pedir esse pão. Do jeito como comia, eu praticamente tinha que assar uma forma inteira só para ele. As meninas nunca foram de comer tanto.

— Os garotos sempre parecem comer mais. — Embora eu conseguisse acompanhar a maioria deles. — E Dimitri é maior e mais alto que a maioria.

— Verdade — refletiu ela. — Mas cheguei a um tal ponto que o obriguei a começar a cuidar daquilo por conta própria. Disse a Dimitri que, se ele ia comer toda a minha comida, era melhor saber quanto trabalho aquilo dava.

— Não consigo imaginar Dimitri assando pão — comentei, rindo.

E no entanto, tão logo as palavras saíram, eu reconsiderei a ideia. As imagens que eu associava a Dimitri eram sempre intensas e ferozes; era essa *persona* sexy e belicamente divina que me vinha à mente. Entretanto, foram sua doçura e sua consideração, misturadas àquela letalidade, que fizeram dele alguém tão maravilhoso. As mesmas mãos que meneavam as estacas com tamanha precisão retirariam cuidadosamente alguns fios de cabelo da frente do meu rosto. Os olhos que astutamente identificariam qualquer perigo no local repousariam sobre mim com admiração e reverência, como se eu fosse a mulher mais bela e incrível do mundo.

Suspirei, consumida por aquela dor doce e também amarga dentro do peito, com a qual eu estava tão acostumada agora. Que coisa idiota, ficar arrasada logo por causa de um pão de forma. Mas era assim que funcionava. Eu ficava emotiva sempre que pensava em Dimitri.

Os olhos de Olena estavam sobre mim, ternos e compassivos.

— Eu sei — disse, lendo os meus pensamentos. — Sei exatamente como se sente.

— Vai ficar mais fácil? — perguntei.

Ao contrário de Sydney, Olena possuía uma resposta.

— Sim. Mas você nunca mais será a mesma.

Não sabia se devia me consolar com essas palavras ou não. Depois de terminado o lanche, ela me entregou uma curta lista de compras, e parti em direção ao centro, feliz de estar na rua, em movimento. Inércia era algo que não combinava comigo.

Já na mercearia, fiquei surpresa ao encontrar Mark. Eu tivera a impressão de que ele e Oksana não vinham ao centro com tanta frequência. Nem estranharia se cultivassem a própria comida e vivessem da terra. Ele me deu um sorriso amigável.

— Eu me perguntava se você ainda estaria na cidade.

— É. — Ergui o meu cesto. — Estou só fazendo umas comprinhas para Olena.

— Fico feliz por ainda estar aqui. Você parece mais... em paz.

— Seu anel tem ajudado, eu acho. Pelo menos com a paz. Não fez muito no campo das decisões.

Ele franziu a testa, mudando o leite que segurava de uma mão para a outra.

— Que decisões?

— Sobre o que fazer agora. Para onde ir.

— Por que não fica aqui?

Era estranho, tão similar à conversa que tivera com Viktoria. E minha resposta veio na mesma medida.

— Não sei o que faria se continuasse aqui.

— Arranje um emprego. Viva entre os Belikov. Eles amam você, sabia? Você se encaixa direitinho naquela família.

A sensação calorosa e apaixonada retornou, e de novo tentei me imaginar simplesmente vivendo em paz com eles, trabalhando numa vendinha como aquela ou servindo mesas. — Não sei. — Eu parecia um disco arranhado. — Não sei mesmo se é o melhor para mim.

— Melhor que a alternativa — avisou ele. — Melhor do que se destruir sem motivo algum, ficando cara a cara com o perigo. Isso não é escolha, não mesmo.

E, no entanto, era o motivo pelo qual eu viajara até a Sibéria, para começo de conversa. Minha voz interior me repreendeu: *Dimitri, Rose. Já se esqueceu dele? Esqueceu que veio até aqui para libertá-lo, tal como ele queria?* Mas será que Dimitri queria mesmo? Talvez ele desejasse a minha segurança. Eu simplesmente não sabia, e sem a ajuda de Mason minhas escolhas ficavam ainda mais aleatórias. De repente, pensar em Mason me lembrou de algo que eu havia esquecido por completo.

— Quando conversamos antes... bom, conversamos sobre o que Lissa e Oksana podiam fazer. Mas e quanto a *você*?

— Como assim? — indagou Mark, estreitando a vista.

— Você já... Você já esbarrou com um, hã, fantasma?

Vários instantes se passaram, e então ele expirou.

— Esperava que isso não fosse acontecer com você.

Me espantou, então, o alívio que eu senti ao saber que não estava sozinha em minhas experiências espirituais. Embora eu agora compreendesse que morrer e visitar o mundo dos mortos faziam de mim um alvo fácil para os fantasmas, essa ainda era uma das consequências mais bizarras de ter sido beijada pelas sombras.

— Aconteceu contra a sua vontade? — perguntei.

— No começo. Depois aprendi a controlar.

— Eu também. — De repente me lembrei do celeiro. — Pensando bem, essa não é a verdade completa.

Baixando ainda mais a voz, recapitulei depressa o que acontecera em minha viagem com Sydney até Baía. Nunca havia falado sobre isso com ninguém antes.

— Você nunca, nunca deve fazer isso de novo — recomendou ele com firmeza.

— Mas não foi de propósito! Aconteceu.

— Você entrou em pânico. Precisou de ajuda, e uma parte dentro de você invocou os espíritos à sua volta. Não faça isso. É errado, e muito difícil de controlar.

— Eu nem sei como fiz aquilo.

— Como eu disse, foi falta de controle. Nunca deixe o seu pânico levar a melhor.

Uma senhora passou por nós, com um lenço na cabeça e um cesto com verduras num dos braços. Esperei até que ela se afastasse e perguntei a Mark:

— Por que eles lutaram por mim?

— Porque os mortos odeiam Strigoi. Os Strigoi são desnaturados, nem vivos, nem mortos, existindo apenas numa espécie de estado intermediário. Nós percebemos esse mal, e os fantasmas também.

— Talvez possam ser uma boa arma.

Aquele rosto, em geral relaxado e franco, se fechou.

— É perigoso. Pessoas como você e eu já caminham à beira da escuridão e da insanidade. Ficar dando ordens aos mortos em público só nos levaria para mais perto desse abismo e para mais longe de nossa razão. — Ele espiou o relógio e suspirou. — Escute, eu preciso ir, mas estou falando sério, Rose. Fique aqui. Afaste-se de encrencas. Lute contra os Strigoi se eles vierem até você, mas não vá procurá-los às cegas. E, definitivamente, deixe os fantasmas em paz.

Eram conselhos demais para se receber numa mercearia, conselhos que eu nem sabia se poderia seguir. Mas agradei e mandei lembranças para Oksana antes de pagar e partir também. Estava voltando à vizinhança de Olena quando dobrei uma esquina e quase trombei com Abe.

Ele se vestia com aquela sua ostentação costumeira, trajando o mesmo casaco caro e um cachecol amarelo-ouro que combinava com o metal de suas joias. Seus guardiões aguardavam ali perto, e ele se recostou tranquilamente contra o muro de tijolos de um edifício.

— Então foi para isso que você veio à Rússia. Para ir ao mercado feito uma caipira.

— Não — respondi. — É claro que não.

— Apenas passeando, então?

— Não. Só estou sendo útil. Pare com essas tentativas de arrancar alguma informação de mim. Você não é tão esperto quanto pensa.

— Isso não é verdade.

— Escute, eu já lhe disse. Vim aqui para dar aos Belikov as más notícias. Então volte e informe a quem quer que seja o seu chefe que isso é tudo.

— E *eu* já lhe disse antes para não mentir para mim — avisou. Mais uma vez, notei aquela estranha mistura de ameaça e divertimento. — Não faz ideia do quão paciente tenho sido com você. Com qualquer outro, eu teria conseguido a informação desejada naquela primeira noite.

— Que sorte a minha — rebati. — E agora? Vai me levar para um beco e me espancar até que eu lhe conte por que estou aqui? Estou começando a achar essa coisa toda de chefão da máfia bastante chata, sabe?

— E eu estou começando a perder a paciência com você. — Lá se ia o divertimento, e, com ele parado bem na minha frente, não pude deixar de notar com desconforto que seu porte físico era mais avantajado que o da maioria dos Moroi. Muitos vampiros evitavam brigas, mas eu não me surpreenderia se Abe já tivesse engrossado com tantas pessoas quanto os seus guardiões. — E sinceramente? Não importa mais por que está aqui. Você só precisa partir. Agora.

— Não me ameace, velhote. Eu parto quando diabos eu quiser. — Era engraçado: eu tinha acabado de jurar a Mark que não sabia se poderia continuar em Baia, mas, pressionada por Abe, tudo o que queria era enterrar meus pés ali. — Não sei do que está tentando me afastar, mas não tenho medo de você. — Essa também não era bem uma verdade.

— Pois deveria ter — rebateu, com agrado. — Posso ser um bom aliado ou seu pior inimigo. Posso fazer o incômodo da sua partida valer a pena. Podemos arranjar uma barganha.

Havia quase que um brilho de excitação em seus olhos enquanto falava. Lembrei que Sydney o havia descrito como um manipulador de pessoas, e senti que era disso que ele vivia — negociar, fazer acordos para obter o que deseja.

— Não — respondi. — Vou embora quando estiver pronta. E não há nada que você ou quem quer que seja o seu chefe possam fazer a respeito.

Torcendo para ter parecido bem durona, girei nos calcanhares. Ele estendeu um dos braços e me pegou pelo ombro, puxando-me de volta, e por pouco não deixei as compras caírem. Eu já ia partir para o ataque,

mas seus guardiões se aproximaram de nós num piscar de olhos. Sabia que não iria longe se tentasse.

— Seu tempo acabou aqui — sibilou. — Em Baia. Na Rússia. Volte para os Estados Unidos. Darei o que você precisar: dinheiro, passagens de primeira classe, qualquer coisa.

Me desvencilhei de sua mão, tomando distância cuidadosamente.

— Não preciso da sua ajuda ou do seu dinheiro: só Deus sabe de onde veio. — Um grupo de pessoas dobrou a esquina do lado oposto da rua, rindo e conversando, e arrisquei mais um passo para trás, sabendo que Abe nunca iria se expor na presença de possíveis testemunhas. Isso me deixou mais confiante, o que provavelmente era uma estupidez da minha parte. — E já disse a você: vou voltar quando diabos eu quiser.

Abe ergueu o olhar na direção dos transeuntes e também recuou com seus guardiões. Aquele sorriso arrepiante havia retornado ao rosto.

— E eu disse a você que posso ser um bom aliado ou seu pior inimigo. Saia de Baia, ou vai descobrir a minha escolha.

Ele se virou e partiu, felizmente. Eu não queria que visse o impacto que suas palavras provocaram em minha fisionomia.

Fui para a cama bem cedo naquela noite, como se de repente me sentisse um tanto antissocial. Fiquei ali deitada por um tempo, folheando outra revista ilegível, me sentindo mais e mais cansada. Acho que os encontros com Mark e Abe haviam me esgotado. As palavras do primeiro em prol da minha permanência mexeram muito comigo depois da conversa anterior com Viktoria. Já as ameaças pouco disfarçadas do segundo despertaram todas as minhas defesas, me colocando em estado de alerta contra quem quer que estivesse trabalhando com ele para me fazer deixar a Rússia. Em que momento, ponderei, ele vai perder a paciência de vez e parar de negociar?

Caí no sono, e fui acometida pela conhecida sensação de estar num sonho de Adrian. Passara-se um bom tempo desde a última vez, e cheguei mesmo a pensar que ele havia me escutado quando lhe pedi para ficar longe de mim. Claro, eu sempre lhe dizia aquilo. Esse tinha sido o maior intervalo de tempo sem visitas suas, e, por mais que eu odeie admitir, eu meio que senti sua falta.

O cenário que ele escolhera dessa vez era parte da propriedade da Escola, uma área silvestre próxima a uma lagoa. Tudo estava verde e desabrochando, e a luz do sol se derramava sobre nós. Suspeitei de que a criação de Adrian não correspondesse ao clima que devia estar fazendo realmente em Montana, mas, enfim, era ele quem mandava. Podia fazer o que quisesse.

— Dampirinha — começou ele, abrindo um sorriso. — Há quanto tempo.

— Pensei que tinha se cansado de mim — sugeri, sentando-me numa pedra grande e chata.

— Nunca me canso de você — respondeu, enfiando as mãos nos bolsos e caminhando em minha direção. — Se bem que... para dizer a verdade, eu realmente *pretendia* me afastar dessa vez. Mas, bom, eu precisava ter certeza de que você ainda estava viva.

— Viva e bem.

Ele sorriu para mim. Seus cabelos marrons lampejavam ao sol, adquirindo tons castanhos dourados.

— Que bom. Você parece bem demais, aliás. Vejo que sua aura está melhor do que nunca. — Seu olhar planou do meu rosto para o colo onde minhas mãos repousavam. Franzindo a testa, ele se ajoelhou e levantou minha mão direita. — O que é isso?

O anel de Oksana estava ali. Apesar da falta de ornamentos, o metal cintilava com a luz. Aqueles sonhos eram tão estranhos... Ainda que Adrian e eu não estivéssemos teoricamente no mesmo lugar, o anel havia me acompanhado e conservado o seu poder a ponto de Ivashkov poder notá-lo.

— Um encantamento. Está infundido com o espírito.

Assim como eu, parecia que Adrian nunca havia considerado aquilo. Sua expressão se encheu de curiosidade.

— E isso cura, não é? É o que vem afastando parte da escuridão da sua aura.

— Parte — repeti, desconfortável com a sua fixação no tema. Retirei o anel e o guardei no bolso. — Não é definitivo. Conheci outra usuária do espírito, e um dampiro beijado pelas sombras.

Uma nova expressão de surpresa apareceu em seu rosto.

— O quê? Onde?

Mordi o lábio inferior e balancei a cabeça.

— Mas que droga, Rose! Isso é muito importante. Você sabe o quanto Lissa e eu procuramos por outros usuários do espírito. Me diga onde eles vivem.

— Não. Talvez em outro momento. Não quero vocês vindo atrás de mim. — Até onde eu sabia, eles já estavam fazendo isso, com a ajuda de Abe.

Seus olhos verdes brilharam de rancor.

— Ei, tente fingir por um minuto que o mundo não gira à sua volta, que tal? Estamos falando sobre mim e Lissa, sobre essa magia estranha dentro da gente. Se você conhece alguém que pode ajudar, nós precisamos saber.

— Talvez depois — insisti com firmeza. — Logo devo ir para outro lugar, daí eu digo a vocês.

— Por que você sempre dificulta tudo?

— É que você gosta de mim assim.

— Atualmente? Nem tanto.

Era o tipo de gracinha que Adrian costumava dizer, mas, então, algo naquilo me incomodou. Por alguma razão, tive a *ligeiríssima* sensação de que talvez ele já não gostasse tanto assim de mim.

— Tente exercitar a sua paciência. Sei que vocês têm outras coisas em mente. E Lissa parece estar bastante ocupada com Avery por perto. — As palavras me escapuliram antes que pudesse detê-las, e um pouco da mágoa e da inveja que eu sentira ao vê-los na outra noite afetou meu tom de voz.

Adrian ergueu uma sobrancelha.

— Senhoras e senhores, ela admitiu. Você vem espionando Lissa: eu sabia.

— Só gosto de ter certeza de que ela também continua viva — rebati, desviando o olhar. Como se eu pudesse ir a qualquer parte do mundo e deixar de saber isso...

— Ela continua, sim. Viva e bem, como você. É... quase sempre bem. — Franziu a testa. — Às vezes eu capto umas vibrações estranhas vindo de Lissa. Ou ela não parece agir como de costume, ou sua aura começa a oscilar, fraquinha. Nunca dura muito tempo, mas ainda assim me preocupo. — Algo na voz de Adrian se suavizou. — Avery também se preocupa, então acho que Lissa está em boas mãos. Avery é mesmo fantástica.

— *Fantástica*? Está gostando dela ou algo do gênero? — perguntei, lançando-lhe um olhar mordaz. Eu não havia esquecido o comentário de Avery sobre deixar a porta aberta para ele.

— Claro que gosto dela. É uma ótima pessoa.

— Não, eu quis dizer *gostar*. Não só gostar.

— Ah, entendi — zombou, revirando os olhos. — Estamos usando as mesmas definições de “gostar” do jardim de infância.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Bom, conforme eu acabei de dizer, ela é uma ótima pessoa. Esperta. Brincalhona. Bonita.

Algo na forma como ele falou “bonita” me incomodou. Eu tornei a desviar o olhar, mexendo no meu *nazar* azul pendurado no pescoço enquanto tentava analisar meus sentimentos. Adrian desvendou o enigma primeiro.

— Está com ciúmes, dampirinha?

— Não — respondi, encarando-o de volta. — Se eu fosse sentir ciúmes de você, já teria enlouquecido muito tempo atrás, levando em conta todas as garotas que você sacaneia.

— Avery não é o tipo de garota que se sacaneia.

Mais uma vez, percebi a afeição em sua voz, aquele ar sonhador. Não era para isso ter me perturbado. Eu devia estar feliz por ele se interessar por outra garota. Afinal de contas, eu vinha tentando convencê-lo a largar do meu pé há um bom tempo. Parte das condições para que ele me bancasse aquela viagem envolvia a promessa de que eu lhe daria uma chance de verdade, um encontro, isso quando, e se, eu retornasse para Montana. Se ele acabasse com Avery, seria uma preocupação a menos para mim.

E, sério, se fosse qualquer outra garota que não Avery, eu talvez nem tivesse me importado. Mas, de alguma forma, a ideia de ela o estar seduzindo era simplesmente demais para mim. Já não era ruim o bastante eu perder Lissa para ela? Como é que aquela garota conseguia ocupar o meu lugar com tanta facilidade? Ela roubara minha melhor amiga, e agora o cara que havia jurado de pés juntos que eu era a única que ele queria estava considerando me substituir de verdade.

“Você está sendo hipócrita”, disse uma voz severa em minha mente. “Por que deveria se sentir tão injustiçada quando alguém surge em suas vidas? Você os abandonou. Lissa e Adrian também. Eles têm todo o direito de seguir em frente.”

— Escute — comecei, me levantando irritada —, já conversamos o suficiente essa noite. Pode me deixar sair desse sonho? Não vou lhe contar onde estou. E não tenho interesse em ouvir de você o quanto Avery é maravilhosa e melhor do que eu.

— Avery nunca agiria feito uma criancinha — reclamou. — Ela nunca ficaria tão ofendida com alguém que se importa o bastante para ir ver como ela está. Não me negaria a chance de aprender mais sobre a minha magia só porque tem medo de que alguém frustre a sua tentativa insana de superar a morte do namorado.

— Não venha me dizer que ajo feito uma criancinha — rebati. — Está sendo egoísta e egocêntrico como sempre. Sempre tem a ver com você, até este sonho. Você me prende aqui contra a minha vontade, quer eu queira, quer não, porque isso o delicia.

— Ótimo — respondeu, com a voz gélida. — Vou acabar com isso. E vou acabar com tudo entre nós. Não vou voltar.

— Que bom. Espero que leve a sério dessa vez.

Seus olhos verdes foram a última visão que tive antes de acordar em minha cama.

Eu me sentei, respirando com dificuldade. Meu coração parecia se partir em pedaços, e cheguei a pensar que poderia chorar ali mesmo. Adrian estava certo — eu agira feito uma criancinha. Eu o agredira sem nenhuma necessidade real. E, no entanto... eu não conseguira evitar. Eu sentia falta de Lissa. E até meio que sentia de Adrian, também. E agora alguém estava tomando o meu lugar, alguém que não iria simplesmente embora como eu fiz.

Não vou voltar.

Pela primeiríssima vez, tive a sensação de que ele realmente não o faria.

Treze

No dia seguinte foi a Páscoa. Todos estavam de pé e dispostos, preparando-se para ir à igreja. A casa inteira cheirava deliciosamente bem, tomada pelos aromas dos quitutes de Olena. Senti o estômago roncar e me perguntei se seria capaz de aguentar até mais tarde, para o grande jantar que ela vinha preparando. Embora eu tivesse lá as minhas dúvidas com relação a Deus, já havia entrado em igrejas um monte de vezes. Na maior parte delas, fora um jeito de agradar os outros, de ser educada e sociável. Dimitri costumava encontrar paz naquele lugar, e torci para que, ao ir hoje até lá, eu chegasse a alguma conclusão sobre qual seria o meu próximo passo.

Eu me sentia meio esfarrapada demais para acompanhá-los. Estavam tão arrumados, e só o que eu tinha para vestir eram jeans e camisas simples. Percebendo meu desconforto, Viktoria me emprestou uma blusa rendada branca que ficou um pouquinho apertada, mas ainda assim boa. Uma vez sentada no banco da igreja com os Belikov, observei o entorno, imaginando como Dimitri conseguiu obter conforto em uma capelinha como a da Escola depois de tantos anos em um lugar como aquele.

Era enorme. Quatro capelas teriam cabido ali. Os tetos eram mais altos e ricos em detalhes, e adornos dourados e imagens de santos pareciam cobrir cada centímetro. Era deslumbrante, um colírio para os olhos. Um incenso adocicado pairava pesadamente no ar, de tal forma que eu podia até enxergar a fumaça.

Havia muita gente ali, humanos e vampiros, e me surpreendi de ver inclusive alguns Moroi. Pelo jeito, os vampiros que estavam pela cidade eram religiosos o bastante para visitar a igreja, a despeito das possíveis atividades ilícitas em que estivessem envolvidos. E por falar em Moroi...

— Abe não está aqui — comentei com Viktoria, enquanto espreitava. Ela estava à minha esquerda; Olena, à minha direita. Se por um lado o sujeito não me parecera do tipo religioso, imaginei que fosse me seguir até ali. Torci para que sua ausência significasse que havia deixado Baia. Eu ainda estava agitada por conta do nosso último encontro. — Será que saiu da cidade?

— Acho que ele é muçulmano — explicou. — Mas, até onde eu sei, ele ainda está por aí. Karolina o viu hoje de manhã.

Maldito Zmey. Não foi embora. O que ele dissera mesmo? *Um bom aliado ou seu pior inimigo.*

Como permaneci muda, Viktoria me lançou um olhar preocupado.

— Ele nunca causou nenhum mal de verdade nas vezes em que esteve aqui. Costuma ir a alguns compromissos e então desaparece. Falei sério quando disse duvidar que ele fosse machucá-la, mas agora você me deixou nervosa. Está com algum problema?

Uma excelente pergunta.

— Não sei. É que ele parece estar interessado em mim, só isso. Não consigo imaginar o motivo.

— Não vamos deixar nada acontecer com você — prometeu Viktoria com firmeza, sua expressão ainda mais séria que antes.

Sorri, tanto por sua preocupação quanto pelo fato de naquela hora ela ter me lembrado Dimitri.

— Obrigada. Tem umas pessoas lá de onde venho que podem estar à minha procura, e acho que Abe só quer... saber qual é a minha. — Era uma forma gentil de descrever alguém prestes a me arrastar de volta para os Estados Unidos aos chutes e berros, ou simplesmente me dar um sumiço definitivo.

Viktoria pareceu perceber o meu eufemismo.

— Bom, estou falando sério. Não vou deixar que ele machuque você.

A missa começou, interrompendo nossa conversa. Os salmos do padre até eram bonitos, mas me tocaram ainda menos do que de costume. Estava tudo em russo, como no culto memorial, e ninguém ia ficar traduzindo para mim naquele dia. Mas não tinha importância. Ainda absorvendo a beleza do ambiente, minha mente começou a devanear. À esquerda do altar, um anjo de cabelos dourados me olhava de uma imagem de mais de um metro de altura.

Uma lembrança inesperada me ocorreu. Uma vez, Dimitri conseguiu permissão para que eu o acompanhasse numa breve viagem de fim de semana até Idaho, para encontrar outros poucos guardiões. Eu não desejava visitar aquele estado nem nada do gênero, mas abracei a oportunidade de passar o tempo com Dimitri, e ele convenceu os funcionários da escola de que se tratava de uma “experiência de aprendizado”. Isso aconteceu pouco depois da morte de Mason, e, após a onda de choque que a tragédia liberou sobre a escola, acho que teriam me deixado fazer o que eu quisesse, na verdade.

Para a minha infelicidade, não houve muito espaço para lazer ou romantismo naquela viagem. Dimitri tinha um trabalho a fazer, e com urgência. Então foi o mais rápido possível, parando apenas quando absolutamente necessário. Levando em conta que nossa viagem anterior havia terminado com a descoberta de um massacre Moroi, era até bom que essa última transcorresse sem grandes surpresas. Como sempre, ele não me deixou dirigir, apesar de eu insistir que poderia nos levar até lá na metade do tempo. Ou talvez fosse por *isso mesmo* que ele não tenha deixado.

Paramos num certo momento para encher o tanque e descolar alguma comida na lojinha do posto. Nos encontrávamos no alto de uma serra, em algum ponto de uma cidadezinha que rivalizava com a São Vladimir pela posição de fim de mundo. Era possível avistar montanhas em dias de céu claro na escola, mas era uma experiência bem diferente estar em uma delas. Estávamos cercados por elas, e pareciam tão próximas que era como se você pudesse mesmo pular de uma para outra. Dimitri já estava terminando com o carro. Equilibrando meu sanduíche italiano, fiz a volta até os fundos do posto de gasolina em busca de uma vista melhor.

Qualquer que fosse a civilização para a qual o posto funcionava, havia desaparecido, percebi por fim. Incontáveis pinheiros cobertos de neve se alongavam à minha frente, e tudo continuava imóvel e quieto, exceto pelo distante rumor da estrada atrás de mim. Meu peito doía pelo que ocorrera a Mason, e eu continuava tendo pesadelos com os Strigoi que haviam nos sequestrado. Essa sensação não iria embora tão cedo, mas algo naquele cenário tranquilo me trouxe um instante de paz.

Olhando para a grossa camada de neve intocada abaixo de mim, uma ideia maluca subitamente me veio à mente. Eu me deixei cair, batendo com as costas no solo. A neve espessa me envolveu, e fiquei ali por um momento, satisfeita por estar deitada. Então mexi os braços e pernas para cima e para baixo, formando novos sulcos na neve. Quando dei a tarefa por encerrada, não me levantei de imediato. Eu tão somente

continuei ali, observando o azul, azul do céu.

— O que está fazendo? — perguntou Dimitri. — Além de deixar seu sanduíche esfriar?

Sua sombra se projetou sobre mim, e dirigi minha atenção para sua figura alta. Apesar do frio, o sol estava visível, seus raios iluminando o cabelo de Dimitri por trás. Ele mesmo podia ter sido um anjo, pensei.

— Estou fazendo um anjo na neve — respondi. — Não sabe o que é isso?

— Sim, eu sei. Mas por quê? Você deve estar congelando.

Eu vestia um pesado casaco de inverno, gorro, luvas e os demais acessórios típicos de um clima frio. Ele tinha razão sobre o sanduíche.

— Não muito, na verdade. Minha cara está um pouco, eu acho.

Ele balançou a cabeça e me deu um sorriso irônico.

— Vai ficar com frio quando entrar no carro e essa neve começar a derreter.

— Acho que você está mais preocupado com o carro do que comigo.

— Estou mais preocupado com você tendo uma hipotermia — disse ele, rindo.

— Com isso aqui? Não é nada de mais. — Dei uns tapinhas no solo abaixo de mim. — Venha. Faça um também, e aí nós partimos.

Ele continuou olhando para mim.

— Para eu congelar também?

— Para você se divertir. Para você deixar a sua marca em Idaho. Além do mais, isso não vai nem lhe fazer cócegas. Você não tem uma espécie de super-resistência siberiana ao frio?

Ele suspirou, um sorriso ainda em seus lábios. Era o suficiente para me esquentar mesmo naquele tempo.

— Lá vai você de novo, certa de que a Sibéria é igual à Antártida. Eu venho do *sul* da região. O clima é quase o mesmo daqui.

— Está arrumando desculpas — censurei. — A não ser que prefira me arrastar de volta para o carro, vai ter que fazer um anjo na neve também.

Dimitri me analisou por alguns longos instantes, e cheguei a acreditar que fosse mesmo me tirar dali à força. No entanto, seu semblante permanecia leve e descontraído, numa expressão cheia de afeto que fez meu coração disparar. Então, sem aviso, ele se largou sobre a neve ao meu lado, deitando-se ali em silêncio.

— Tudo bem — comentei, quando nada mais fez. — Agora você tem que mexer os braços e as pernas.

— Eu sei fazer um anjo na neve.

— Então faça! Caso contrário, vai parecer mais o contorno de um cadáver na cena policial de um crime.

Ele riu novamente, e o som era rico e cálido naquele ar parado. Por fim, com um pouquinho mais de persuasão da minha parte, mexeu os braços e as pernas, fazendo o seu próprio anjo. Quando terminou, imaginei que fosse levantar de um pulo e exigir que caíssemos de novo na estrada, mas, em vez disso, ele continuou ali comigo, vendo o céu e as montanhas.

— Bonito, não é? — perguntei. O ar que acompanhou aquelas palavras formou nuvenzinhas de vapor congelado. — Acho que, de um jeito ou de outro, não é assim tão diferente do céu da estação de esqui... mas sei lá. Hoje eu vejo tudo de um jeito diferente.

— A vida é assim mesmo — disse ele. — Conforme vamos crescendo e mudando, nossas experiências anteriores podem ganhar novos significados. Vai continuar acontecendo pelo resto da sua vida.

Eu estava prestes a implicar com a sua mania de sempre soltar aquelas suas profundas lições de vida, mas então me ocorreu que ele tinha razão. Quando comecei a me apaixonar por Dimitri, os sentimentos foram arrebatadores. Nunca havia sentido nada parecido antes. Tinha certeza de que não poderia amá-lo mais do que já amava. Mas agora, após o que vivi com Mason e os Strigoi, tudo era diferente. Eu realmente passei a

amar Dimitri com mais intensidade. Eu o amava de um jeito diferente, mais profundo. Ver como a vida parecia frágil me fez apreciá-lo mais. Me fez perceber o quanto ele significava para mim e como eu ficaria triste se algum dia o perdesse.

— Será que ia ser legal ter uma cabana aqui em cima? — perguntei, apontando para um monte perto dali. — No meio da floresta, onde ninguém pudesse encontrá-la?

— *Eu* acharia legal. Mas acho que você ficaria entediada.

Tentei imaginar como seria me perder no meio do nada com ele. Um quartinho, lareira, cama... não me pareceu assim *tão* chato.

— Não seria tão ruim se tivéssemos tevê a cabo. E internet.

— E calor humano.

— Ah, Rose. — Ele não riu, mas eu sabia que estava sorrindo de novo. — Acho que você nunca seria feliz num lugar sossegado. Você sempre precisa de algo para fazer.

— Está dizendo que sofro de déficit de atenção?

— Nada disso. Estou dizendo que existe uma chama dentro de você que comanda cada atitude sua, que lhe dá essa *necessidade* de melhorar o mundo e aqueles que você ama. Para defender aqueles que não podem se defender sozinhos. É uma das suas melhores qualidades.

— Só uma, é? — Disse isso brincando, mas suas palavras me emocionaram. Ele tinha falado sério sobre aquelas serem as minhas melhores qualidades, e sentir seu orgulho por mim significou mais do que tudo até então.

— Uma de muitas — respondeu. Ele se sentou e olhou para mim, ainda deitada. — Portanto, nada de cabana sossegada para você. Só quando for uma senhora bem velhinha.

— O quê, uma quarentona?

Ele meneou a cabeça, exasperado, e se pôs de pé, sem honrar minha piada com uma resposta à altura. Ainda assim, me olhava com a mesma afeição que eu ouvira em sua voz. Havia admiração ali também, e concluí que nunca seria infeliz enquanto Dimitri me achasse maravilhosa e linda. Inclinando o corpo, ele me estendeu a mão.

— Hora de ir.

Eu a segurei, deixando que me ajudasse a levantar. Já de pé, ficamos de mãos dadas por um segundo a mais do que o necessário. Então nos soltamos e avaliamos nosso trabalho. Dois anjos de neve exemplares — um deles muito mais alto que o outro. Pisando no interior das formas com cuidado, eu me abaixei e desenhei uma linha horizontal acima de cada cabeça.

— O que são? — indagou ele, quando parei ao seu lado novamente.

— Auréolas — respondi sorrindo. — Para criaturas celestes como nós.

— Aí já pode ser um exagero.

Estudamos nossos anjos por mais alguns instantes, olhando o local onde ficamos lado a lado naquele momento doce e silencioso. Desejei que o que eu dissera fosse verdade, que nós realmente tivéssemos deixado nossa marca na montanha. Mas eu sabia que após a próxima nevada os anjos desapareceriam em meio à branquidão e não seriam mais do que uma lembrança.

Dimitri tocou meu braço gentilmente, e, sem mais uma palavra, nos viramos e voltamos para o carro.

Comparado à lembrança de Dimitri e à forma como ele me olhou no alto daquela montanha, achei o anjo que me encarava na igreja meio pálido e entediante. Nada pessoal.

A congregação estava retornando aos seus lugares depois de receber o pão e o vinho. Não cheguei a me

levantar para fazer aquilo, mas entendi algumas das palavras do padre. *Vida. Morte. Destruir. Eterno.* Eu sabia o bastante sobre tudo isso para amarrar o significado. E teria apostado sem pestanejar que a palavra “ressurreição” estava ali também. Suspirei, desejando que fosse assim tão simples vencer a morte e trazer de volta aqueles que amávamos.

A missa chegou ao fim, e saí com os Belikov, me sentindo melancólica. Conforme as pessoas iam se encontrando perto da saída, notei que uma troca de ovos estava ocorrendo. Viktoria explicou que esse era um grande costume ali. Umas pessoas que eu não conhecia me deram alguns, e fiquei meio mal por não ter como retribuir. Também me perguntava como conseguiria comer todos. Eles vinham decorados de várias formas. Alguns foram simplesmente mergulhados em tinta; outros traziam estampas elaboradas.

Todos pareciam mais falantes, e ficamos parados do lado de fora, ao redor da igreja. Amigos e familiares se abraçavam e colocavam a conversa em dia. Fiquei perto de Viktoria, sorrindo e tentando acompanhar os diálogos que com frequência eram travados em inglês e em russo.

— Viktoria!

Nos viramos e vimos Nikolai andando em nossa direção. Ele nos presenteou — e com isso quero dizer que a presenteou — com um sorriso radiante. Estava todo arrumado para o feriado e parecia incrível em sua camisa social e gravata verde-escura. Olhei para Viktoria, imaginando se aquilo teria gerado algum efeito sobre ela. Nada. Seu sorriso era educado, genuinamente feliz por encontrá-lo, mas não havia romantismo algum ali. Mais uma vez, fiquei me perguntando a respeito do seu misterioso “amigo”.

Nikolai vinha com dois garotos que eu havia conhecido em outra ocasião. Eles me cumprimentaram também. Assim como os Belikov, pareciam pensar que eu era um artigo permanente naquele lugar.

— Ainda vai à festa da Marina? — quis saber Nikolai.

Eu quase havia esquecido. Era a festa para a qual ele nos convidara no primeiro dia em que o vi. Viktoria havia aceitado na época, mas, para o meu espanto, ela agora balançava a cabeça.

— Não podemos. Temos alguns compromissos de família.

Isso para mim era novidade. Havia a possibilidade de algo ter aparecido sem o meu conhecimento, mas eu duvidava disso. Senti que ela estava mentindo, mas, como a boa amiga que era, não disse nada que pudesse contradizê-la. Mas era duro assistir à expressão de Nikolai murchar.

— Sério? Vamos sentir sua falta.

Ela encolheu os ombros.

— A gente vai se ver na escola.

Ele não pareceu muito apaziguado com isso.

— É, só que...

O olhar de Nikolai subitamente se ergueu do rosto de Viktoria e se focou em algo atrás de nós. Ele franziu a testa. Viktoria e eu espiamos por cima do ombro, e senti seu humor se alterar também.

Três sujeitos caminhavam sem pressa na direção do nosso grupo. Eram dapiros como nós. Não notei nada de especial neles — tirando os sorrisos maliciosos —, mas outros dapiros e Moroi reunidos do lado de fora da igreja adotaram expressões similares às de meus amigos. Os três pararam ao passar por nós, abrindo caminho em nosso círculo.

— Imaginei que estaria aqui, Kolya — disse um deles. Falou num inglês perfeito, e levei um instante para perceber que se dirigia a Nikolai. Eu nunca vou entender esses apelidos russos.

— Não sabia que tinha voltado — replicou Nikolai, tenso. Estudando os dois, pude ver uma semelhança incomum. Ambos possuíam o mesmo cabelo cor de bronze e porte esguio. Irmãos, ao que parecia.

Os olhos do irmão de Nikolai pousaram sobre mim. E se desanuviam.

— E você deve ser a jovem americana descomprometida. — O fato de ele saber quem eu era não me pegou desprevenida. Depois do memorial, a maioria dos vampiros saíra por aí espalhando histórias sobre a jovem americana que travara várias batalhas contra Strigoi sem carregar consigo a marca da promessa ou a da formatura.

— Me chamo Rose. — Eu não sabia qual era a daqueles caras, mas não pretendia demonstrar nenhum medo na frente deles. O sujeito pareceu apreciar a minha confiança e apertou minha mão.

— Eu sou Denis. — E gesticulou na direção dos amigos. — Artur e Lev.

— Quando chegou à cidade? — indagou Nikolai, ainda não muito feliz com aquele reencontro.

— Agora de manhã. — Denis se virou para Viktoria. — Soube do seu irmão. Sinto muito.

A fisionomia de Viktoria era rígida, mas ela assentiu educadamente.

— Obrigada.

— É verdade que caiu protegendo Moroi?

Não gostei do escárnio presente na fala de Denis, mas foi Karolina quem deu voz à minha irritação. Não percebi que tinha se aproximado de nós. Ela não parecia nada feliz em vê-lo.

— Ele caiu lutando contra Strigoi. Morreu como um herói.

Denis deu de ombros, indiferente ao tom zangado de sua voz.

— Ainda assim está morto. Tenho certeza de que os Moroi vão louvar seu nome nos anos vindouros.

— E vão mesmo — rebati. — Ele salvou um grupo inteiro deles. E de vampiros também.

O olhar de Denis recaiu sobre mim novamente, pensativo ao estudar meu rosto por alguns segundos.

— Soube que esteve lá também. Que vocês dois foram enviados rumo a uma batalha impossível.

— Não era impossível. Nós ganhamos.

— Será que Dimitri diria isso se estivesse vivo?

Karolina cruzou os braços.

— Se veio até aqui só para jogar lenha na fogueira, é melhor ir embora. Isto aqui é uma igreja.

Engraçado. Quando a conheci, tinha pensado nela como uma pessoa gentil e bondosa, uma mulher comum trabalhando para sustentar a família. Naquele momento, contudo, ela me lembrou Dimitri mais do que nunca. Pude ver a mesma força interior, a ferocidade que a levava a proteger seus entes queridos e se colocar diante dos inimigos. Não que aqueles garotos fossem necessariamente seus inimigos. Para dizer a verdade, eu não sabia se entendia bem quem eram.

— Só estamos conversando — defendeu-se Denis. — Só quero compreender o que aconteceu com o seu irmão. Acredite em mim, acho a morte dele uma tragédia.

— Ele não a teria lamentado — informei. — Morreu lutando por aquilo em que acreditava.

— Protegendo pessoas que não lhe davam o devido valor.

— Isso não é verdade.

— Sério? — Denis me deu um sorriso meio torto. — Então, por que você não trabalha para os guardiões? Você matou Strigoi, mas não possui a marca da promessa. Nem mesmo uma marca de formatura, pelo que soube. Por que não está por aí se lançando à frente dos Moroi?

— Denis — disse Nikolai inquieto —, por favor, só saia daqui.

— Não estou falando com você, Kolya. — Os olhos de Denis ainda estavam sobre mim. — Só estou tentando saber o que Rose pretende. Ela mata Strigoi, mas não trabalha para os guardiões. Ela sem dúvida não é como o resto de vocês, gentis habitantes desta cidade. Talvez tenha mais a nossa cara.

— Ela não tem nada a ver com vocês — cortou Viktoria.

Então a ficha caiu, e um arrepio me desceu pela espinha. Esses eram o tipo de vampiros sobre os quais

Mark havia falado. Os legítimos descomprometidos. Os justiceiros que perseguiram Strigoi por conta própria, aqueles que nem levavam uma vida comum, nem respondiam a qualquer guardião. Eles não deviam ter sido capazes de me perturbar, nem um pouco. De certa forma, Denis estava com a razão. Numa linguagem muito simples, eu era mesmo como eles. E, no entanto... a impressão que eu tinha daqueles garotos me irritava profundamente.

— Então por que está na Rússia? — perguntou um dos amigos de Denis. Eu não conseguia mais lembrar seu nome. — É uma longa viagem para você. Não teria vindo aqui sem um bom motivo.

Viktoria já estava absorvendo a raiva da irmã.

— Ela veio para nos contar sobre Dimka.

Denis me observou.

— Acho que ela está aqui para caçar Strigoi. São mais numerosos na Rússia do que nos Estados Unidos.

— Ela não estaria em Baía se quisesse caçar Strigoi, seu idiota — rebateu Viktoria com tranquilidade. — Estaria em Vladivostok ou em Novosibirsk, ou algum lugar do gênero.

Novosibirsk. O nome era familiar. Mas onde eu o escutara? Um instante após, a resposta me ocorreu. Sydney o havia mencionado. Novosibirsk era a maior cidade da Sibéria.

Denis prosseguiu.

— Talvez ela esteja só de passagem. Talvez queira vir conosco quando formos para Novosibirsk amanhã.

— Pelo amor de Deus — exclamei. — Estou bem aqui. Parem de falar de mim como se eu não estivesse. E por que eu iria querer me juntar a vocês?

Os olhos de Denis cintilaram com uma luz intensa e febril.

— Boa caçada por lá. Montes de Strigoi. Venha conosco e poderá nos ajudar a encontrá-los.

— E quantos de vocês voltarão depois? — indagou Karolina com uma voz severa. — Onde está Timosha? Onde está Vasiliy? A sua festinha de caça diminui em número toda vez que retornam para cá. Qual de vocês será o próximo? Que família será a próxima a ficar de luto?

— Falar é fácil — retorquiu seu amigo. Lev, acho que o nome era esse. — Você fica aqui sem fazer nada, enquanto *nós* saímos e mantemos vocês a salvo.

Karolina mostrou a eles uma expressão de desgosto, e lembrei que ela namorava um guardião.

— Vocês saem e se metem em apuros sem pensar direito. Se querem nos manter a salvo, então fiquem aqui e protejam nossas famílias quando for necessário. Se querem ir atrás de Strigoi, juntem-se aos guardiões e trabalhem com quem tem algum juízo na cabeça.

— Os guardiões não caçam Strigoi! — protestou Denis. — Eles esperam sentados e se curvam diante dos Moroi.

A parte chata era que ele até tinha razão. Mas só um pouco.

— Isso está mudando — comentei. — Existe um movimento para começar a tomar a ofensiva contra os Strigoi. E ainda rumores envolvendo Moroi aprendendo a lutar conosco. Vocês podiam se juntar a essa causa.

— Assim como você? — riu ele. — Ainda não nos disse por que está aqui e não com eles. Pode falar o que quiser para as outras pessoas daqui, mas *eu* sei o verdadeiro motivo. Posso ver em você. — O olhar maluco e sinistro que ele me deu quase me fez pensar que podia, mesmo. — Você sabe que o único jeito de livrar o mundo do mal é usando as próprias mãos. Perseguindo nós mesmos os Strigoi e matando-os, um por um.

— Sem nenhum planejamento — terminou Viktoria. — Sem considerar qualquer consequência.

— Nós somos fortes e sabemos lutar. Isso é tudo de que precisamos saber quando se trata de destruir um

Strigoi.

E foi então que compreendi. Finalmente captei o que Mark viera tentando me dizer. As palavras de Denis refletiam com precisão os meus pensamentos desde que deixei a São Vladimir. Eu havia partido sem qualquer planejamento, desejando me colocar diante do perigo porque sentia que aquela era uma missão que só a mim cabia cumprir. Só eu podia matar Dimitri. Só eu podia destruir o mal que havia nele. E não dedicara um segundo pensando em como faria para isso dar certo — já que Dimitri me vencera mais vezes do que o contrário, em lutas nas quais ele ainda era um dampiro. Mas agora, com a força e a agilidade de um Strigoi? A sorte definitivamente não estava a meu favor. E, no entanto, não me importei com isso. Eu estava obcecada, convencida a fazer aquilo.

Na minha cabeça, o meu plano fazia sentido, mas agora... ao ouvir o que Denis tinha para dizer, parecia loucura. Tão insensato quanto Mark havia advertido. Suas razões podiam ser boas — tanto quanto as minhas —, mas eram também suicidas. Sem Dimitri, eu não me importava muito com minha própria vida, de verdade. Nunca tive medo de arriscá-la antes, mas agora percebia haver uma grande diferença entre morrer inutilmente e morrer por uma causa. Se ao tentar matar Dimitri eu morresse por não possuir uma estratégia, minha vida não teria significado nada.

Naquele exato momento, o padre apareceu e nos disse algo em russo. A julgar pelo seu tom de voz e por sua expressão, imaginei que estivesse perguntando se estava tudo bem ali. Após a missa, ele havia se juntado à congregação. Por ser humano, provavelmente não conhecia as questões políticas em marcha entre os dampiros, mas sem dúvida conseguia perceber encrenca ali.

Denis lhe ofereceu um sorriso bobo e algo que soou como uma explicação educada. O padre sorriu de volta e se afastou quando outros chamaram por ele.

— Já chega — disse Karolina com rispidez, uma vez que o padre saiu do alcance de sua voz. — Vocês devem partir. Agora.

O corpo de Denis se enrijeceu, e o meu reagiu de acordo, pronta para uma luta. Achei que ele fosse arrumar confusão ali mesmo. Alguns instantes depois, ele relaxou e se voltou para mim.

— Primeiro as mostre para mim.

— Mostrar o que para você?

— As marcas. Me mostre quantos Strigoi já matou.

Não respondi de imediato, me perguntando se aquele era algum tipo de truque. Todos olhavam para mim. Me virando um pouco, levantei o cabelo de trás da minha nuca e lhes mostrei minhas tatuagens. Pequenas marcas *molnija* em forma de raios estavam ali, próximas à marca que eu recebera pela batalha. Pelo som que Denis fez ao engasgar, ele nunca tinha visto tantas mortes assim antes. Soltei o cabelo e o encarei abertamente.

— Algo mais? — perguntei.

— Você está perdendo tempo — respondeu ele enfim, gesticulando na direção das pessoas às minhas costas. — Com eles. Com este lugar. Devia nos acompanhar até Novosibirsk. Vamos fazer a sua vida valer a pena.

— Eu sou a única que pode decidir a respeito da minha vida. — E aponteí rua abaixo. — Disseram para vocês irem embora. Vão logo.

Segurei a respiração, ainda disposta a lutar. Após vários instantes de tensão, o grupo retrocedeu. Antes de nos dar as costas, Denis me lançou um último olhar penetrante.

— Não é isso o que você quer, e sabe disso. Quando mudar de ideia, venha nos encontrar na Kasakova 83. Partiremos ao nascer do sol amanhã.

— Vão partir sem mim — disse eu.

O sorriso de Denis me deu outro arrepio na espinha.

— Veremos.

Çatorze

O encontro com Denis me deixou ainda mais confusa que antes. Era um exemplo chocante do alerta de Mark, uma prévia do que eu poderia me tornar se não tomasse cuidado. Eu não era igual a Denis, era? Eu não estava procurando pelo perigo *a torto e a direito*. Estava procurando pelo perigo... bom, por um motivo. Precisava cumprir a promessa que fiz de encontrar Dimitri. Talvez fosse suicídio e eu só estivesse me iludindo ao pensar que era algo nobre.

Viktoria não me deu muita oportunidade para ruminar a respeito. Mais tarde, naquela noite, quando a família parou para descansar um pouco na sala depois de tanta comida, ela perguntou a Olena, na maior cara de pau:

— Posso ir à casa da Marina? Ela está dando uma festa pré-volta às aulas.

Uau. Pelo visto, Abe e os alquimistas não eram os únicos guardando segredos por ali. Espiei do rosto de Olena para o de Viktoria, curiosa para saber como aquilo iria se desenrolar. Olena e Yeva estavam ambas tricotando, mas a segunda não ergueu a vista. Viktoria tinha falado em inglês. A expressão de Olena ficou pensativa.

— Você vai ter que sair cedo amanhã para voltar à escola.

— Eu sei. Mas posso dormir no ônibus. Todo mundo vai estar lá hoje à noite.

— “Todo mundo” não é um motivo muito convincente — debochou Olena.

— Todos estarão exaustos amanhã também — insistiu Viktoria, sorrindo.

— Vai perder sua última noite com Rose.

— Vou ficar com ela assim que chegar em casa.

— Que ótimo. E ir para a cama mais tarde ainda.

— Nem tanto. Estarei de volta às duas.

— De jeito nenhum. Vai voltar à meia-noite. — Olena retomou seu tricô. Mas na minha terra a gente conhecia isso como consentimento.

Viktoria olhou o relógio. Eram quase oito e meia. Sua fisionomia me dizia que não estava muito feliz com a negociação de horário, mas aparentemente decidiu aproveitar o que havia conseguido. Karolina nos lançou um olhar de estranhamento quando deixamos o aposento, mas permaneceu em silêncio. Sonya e Paul, entretidos com a tevê, mal notaram nossa partida. Eu tinha que entender aquela história.

— Tudo bem — comecei, enquanto subíamos as escadas —, o que está rolando? Pensei que não fosse mais à casa da Marina.

Viktoria sorriu e fez sinal para entrarmos em seu quarto. Eu descobrira recentemente que ele já tinha sido de Dimitri, e toda vez que eu entrava ali precisava resistir ao impulso de me afundar naquela cama, mesmo sabendo que os lençóis já foram lavados incontáveis vezes desde então. De alguma forma, eu podia imaginar que eles cheiravam como Dimitri e que me aqueciam como se estivéssemos deitados ali, juntos.

— Eu não vou. — Viktoria começou a revirar o próprio armário, apanhando um vestido vermelho curto e sem mangas com renda ao redor das alças. O tecido era bem elástico, do tipo que parecia capaz de mostrar *tudo*. Fiquei chocada quando percebi que ela ia usá-lo. Era tudo de ruim.

— Isso é piada?

Que nada. Viktoria tirou a blusa e os jeans e pôs o vestido. Não teve nenhuma dificuldade nisso, mas ele era tão justo quanto eu temia. Ela não era tão cheinha em cima quanto eu, mas, numa roupa daquelas, isso nem importava.

— Está bem — continuei, a ficha finalmente caindo —, qual o nome dele?

— Rolan — respondeu. — Ah, Rose. Ele é incrível. E esta é a última noite em que vou poder vê-lo antes das aulas.

Não sabia se ficava feliz por ela ou triste por Nikolai. Esse tal de Rolan devia ser o motivo pelo qual Viktoria não dava a mínima bola para Nikolai. Estava perdidamente apaixonada por outro. Mesmo assim, aquele vestido...

— Você deve gostar mesmo dele — observei secamente.

Seus olhos se arregalaram.

— Quer conhecê-lo?

— É, bom, eu não quero atrapalhar o seu encontro...

— Não se preocupe. Só fique um tempo para dizer oi, que tal?

Me senti tão intrometida, mas, ao mesmo tempo... bom, eu estava curiosa com relação ao sujeito que fazia Viktoria sair de casa com aquele tipo de traje, ainda mais depois que ela começou a passar um monte de maquiagem: um delineador superescuro e um batom vermelho vivo. Por isso concordei em conhecer Rolan, e deixamos a casa da forma mais discreta possível. Apesar do casaco que usava por cima do vestido, Viktoria não queria arriscar topar com a mãe.

Fomos em direção ao centro, fazendo algumas guinadas e curvas até chegarmos aos fundos do que parecia um armazém comum numa zona desabitada da cidade. Tudo era silêncio, mas um dampiro alto e robusto estava parado ao lado da porta que levava ao interior do prédio, os braços cruzados à sua frente. Viktoria nos fez parar perto dali, afirmando que precisávamos aguardar. Um minuto depois, um grupo de homens Moroi de idades variadas apareceu, conversando e rindo. O dampiro correu rapidamente os olhos por eles e então abriu a porta. Luz e música irromperam até a porta fechar outra vez — e tudo voltou ao silêncio.

— Então este é o mundo dampírico secreto de Baia — murmurei. Ela não me ouviu porque de repente seu rosto se iluminou.

— Ali está ele!

E apontou para dois sujeitos que vinham se aproximando. Ambos eram Moroi. Bom, quem iria adivinhar? O namoradinho secreto de Viktoria não era dampiro. Imaginei que isso não fosse assim tão chocante, para dizer a verdade, embora a forma como ela estava vestida naquela noite continuasse a me incomodar. Ela lhe deu um abraço bem apertado e nos apresentou. Seu amigo se chamava Sergey, e sorriu educadamente antes de se apressar para dentro, onde parecia estar se encontrando também com uma garota.

Numa coisa Viktoria tinha razão: Rolan era um gato. Seu cabelo era ruivo-escuro, macio e ondulado. O

verde de seus olhos me lembrou — penosamente — o de Adrian. E, quando ele sorria para Viktoria, era estonteante. A expressão em seu rosto correspondia de forma exata à de Nikolai quando estava perto dela.

Rolan apanhou Viktoria pelas mãos e as levou aos lábios, beijando uma de cada vez. Aqueles olhos verdíssimos encontraram os dela, e ele murmurou algo que não consegui escutar. Ela corou e respondeu em russo. Não precisei de tradução alguma para saber que o conteúdo era lascivo e obsceno. Ainda com um sorriso nos lábios, ele olhou de esguelha para mim, e embora Viktoria houvesse nos apresentado, era como se estivesse me vendo pela primeira vez — e com interesse.

— Você é nova aqui, não? — perguntou.

Viktoria passou os braços em volta dele e aninhou a cabeça em seu peito.

— Rose está de passagem por aqui. É uma amiga da família.

— Ah. Agora lembro que já me falaram de você. Não imaginava que uma assassina de Strigoi tão impetuosa seria tão bela.

— É um dos pré-requisitos do emprego — respondi sem muita paciência.

— E vai voltar para a escola com Viktoria?

— Não. Vou ficar mais um tempinho aqui. — E no entanto eu não fazia ideia se “mais um tempinho” corresponderia a uma hora ou a um ano.

— Hum — disse, pensativo. Em seguida baixou o olhar para Viktoria e lhe beijou os cabelos, passando os dedos por seu pescoço. Para ela se dirigiram suas palavras seguintes. — Estou feliz por você ter podido aparecer antes de partir. Não sei o que vai ser de mim com você tão longe.

Ela ficou radiante.

— Eu nunca sairia daqui sem ver você uma última vez... — E se calou, sufocada demais pelas emoções; quando ele se inclinou com a mão ainda em sua garganta, pensei por um terrível momento que eles iam começar a se agarrar ali mesmo.

Por sorte, a chegada de uma vampira os deteve. Viktoria se apartou de Rolan e abraçou a outra garota. Ao que parecia, fazia tempo que não se viam, e conversaram em russo animadamente, ignorando a mim e a Rolan. Uma vez livre dela, ele se inclinou para mim.

— Quando Viktoria voltar para a escola, você não vai ter mais ninguém aqui. Que tal se eu lhe mostrar a cidade?

— Obrigada, mas já conheço tudo.

Ele continuou sorrindo de orelha a orelha.

— É claro. Bom, então, quem sabe não poderíamos apenas nos encontrar e... conversar?

Não dava para acreditar. O sujeito que estava usando e abusando de Viktoria meio minuto atrás agora tentava marcar um encontro comigo para assim que ela deixasse a cidade. Me senti enojada e tive que me controlar para não fazer alguma besteira.

— Desculpe, mas não devo ficar tanto tempo aqui.

Tive a impressão de que as mulheres não costumavam rejeitá-lo com muita frequência. Ele franziu a testa e já ia protestar, mas Viktoria retornou e o envolveu com os braços outra vez. Ele me estudou por mais alguns segundos de perplexidade e então voltou sua atenção para ela, sorrindo e jogando charme. Ela adorou, e se por um lado os dois tentavam me incluir em suas conversas, parecia bem óbvio que estavam totalmente entretidos um pelo outro. Rolan podia até estar interessado em mim, mas naquele momento ela era o alvo mais fácil — e não estaria por perto por muito mais tempo. Senti aquela náusea subindo de novo. Quanto mais tempo eu passava ali, mais ia percebendo o que estava acontecendo. Todos os que entravam eram homens Moroi ou jovens vampiras. E as jovens se vestiam iguaizinhas a Viktoria. O lugar era um antro

de prostitutas de sangue. De repente, o mundo secreto dos vampiros de Baía já não era assim tão atraente.

Eu odiei aquilo tudo. Minha única vontade era sair dali. Não, espere. Minha única vontade era sair dali arrastando Viktoria comigo, ainda que debaixo de chutes e gritos. Rolan era um depravado, ponto final, e eu o queria o mais longe possível dela. Entretanto, logo se tornou óbvio que os dois não pretendiam ficar parados ali naquele beco a noite toda. Desejavam entrar e fazer sabe-se lá o quê.

— Viktoria — comecei, tentando apelar para a razão —, tem certeza de que não prefere ir para casa e ficar comigo? Quer dizer, eu não vou conseguir vê-la amanhã.

Ela hesitou e então balançou a cabeça.

— Também não vou conseguir ver Rolan. Mas prometo que apareço para vê-la mais tarde, quando chegar em casa. Daí a gente fica acordada a noite toda. Minha mãe não vai ligar.

Não soube o que mais poderia dizer para protestar. A impaciência de Rolan, agora que eu o rejeitara, começava a transparecer. Ele queria entrar. Imaginei o que haveria no interior... uma pista de dança? Quartos? Eu mesma poderia ter ido com eles para descobrir, apesar de estar malvestida — ou, enfim, vestida até demais para o pouco que se usava por ali. Mas não consegui me convencer a isso. Desde muito cedo ouvi falar nas prostitutas de sangue e por que seu estilo de vida era errado. Não sabia se Viktoria estava se tornando uma delas — torci para que não —, mas não havia jeito de eu pôr os pés naquele lugar. Era uma questão de princípios.

Observei os dois entrarem com o coração na mão, imaginando o problema em que deixei minha amiga se meter. Vê-la naquele traje superapertado, totalmente entregue a ele, de repente me fez reavaliar tudo. Quanto daquela vida pacífica em Baía era de fachada? Será que Viktoria — a garota que tinha me chamado de irmã — não era a pessoa que eu pensara? Confusa, me virei para ir embora...

...e quase atropeliei Abe. De novo.

— Que diabos...? — exclamei. Ele usava um *smoking* aquela noite, com direito a fraque e cachecol de seda prateado. — Está me perseguindo? — Pergunta idiota. É claro que sim. Torci para que suas roupas formais fossem um sinal de que ele não tentaria me tirar dali à força. Seus guardiões também estavam bem-vestidos. Me perguntei se esse lugar não teria acom os assuntos ilícitos que ele conduzia. Será que traficava prostitutas de sangue? Como uma espécie de cafetão? Pouco provável, já que a maioria dessas garotas não precisavam de muito incentivo.

Abe me mostrou aquele seu incômodo sorriso perspicaz.

— Parece que sua amiga começou a noite de uma forma bem interessante. Não fazia ideia de que Viktoria possuísse pernas tão atraentes. O que agora todos sabem, graças àquele vestido.

Cerrei os punhos e me inclinei em sua direção.

— Não *ouse* falar dela desse jeito, velhote.

— Não estou dizendo nada que não seja óbvio para todos. Pelo menos para o jovem Rolan será, sem dúvida.

— Você não sabe nada sobre eles! — E no entanto eu não acreditava em minhas próprias palavras, não depois de vê-los partindo juntos. Abe, percebi, sabia o que eu estava pensando.

— Todas essas jovens dizem que não vai acontecer com elas. Mas sempre acontece. É o que vai acontecer se você ficar.

— Ah, lá vamos nós — debochei. — Estava demorando para eu ouvir uma ameaça sua. A parte em que você mais uma vez me manda sair do país ou, então, coisas terríveis vão acontecer.

Ele apontou para a porta, por onde mais Moroi e vampiras estavam entrando.

— Eu nem preciso fazer com que algo de ruim ocorra. Você vai provocar isso sozinha se ficar aqui. Vai

jogar sua vida fora, prestando favores a Olena Belikova. Festas americanas serão a coisa mais excitante em seu novo mundo.

— Eles são boa gente — resmunguei. — Não zombe deles.

— Ah, não estou negando isso. — E ajeitou seu cachecol de seda. — Eles *são* boa gente. Mas não são a sua gente. Isto é uma fantasia. Você está se iludindo. — Ele era pura severidade agora. — Sua mágoa a trouxe até aqui. Seu namorado foi arrancado de você, e você se afastou de seus antigos amigos. Está tentando compensar isso se convencendo de que esta é a sua família, de que este é o seu lar. Nenhum dos dois é.

— Eu podia tornar este o meu lar. — Ainda não estava convicta disso, mas minha teimosia me fez querer contradizê-lo.

— Você não merece Baia — afirmou, com uma chama em seus olhos escuros. — Você merece coisas melhores. Precisa voltar para casa, para a sua escola e para a princesa Dragomir.

— Como diabos você sabe sobre ela? Quem é você? Quando vai me dizer para quem trabalha? O que quer comigo? — Senti que estava à beira de um ataque histérico. Ouvi-lo mencionando Lissa despertou algo dentro de mim.

— Sou apenas um observador que pode lhe dizer que está perdendo seu tempo aqui. Isto não é vida para você, Rose. Sua vida está nos Estados Unidos. Disseram que você está no caminho para se tornar uma grande guardiã. Sabe que honra é ser designada para a última dos Dragomir? Você poderia passar os seus dias entre os círculos de elite e poder. A reputação que adquiriu até agora vai elevá-la em status e reconhecimento. Você tem uma carreira brilhante pela frente, e não é tarde demais para retomá-la. Ainda não.

— Quem é você para me dizer como devo viver a minha vida? Eu ouvi que as suas mãos estão sujas de sangue... *Zmey*. Você não é exatamente um exemplo a ser seguido. Em que tipo de negócios você está envolvido, afinal?

— Meus próprios assuntos. E é exatamente *por causa* da vida que eu levo que você devia me escutar quando digo para abandonar esse caminho e voltar para casa.

Suas palavras eram urgentes e autoritárias, e não pude acreditar em sua audácia ao falar comigo daquele jeito.

— Aquela não é mais a minha vida — respondi com frieza.

Ele riu de forma incômoda, e gesticulou para o lugar ao nosso redor uma vez mais.

— O quê, e esta é? Quer sair por aí como uma prostituta de sangue igual à sua amiga aí dentro?

— Não a chame disso! — gritei. — Não estou nem aí para os seus guarda-costas. Se disser mais uma palavra sobre Viktoria, você *vai* se ver comigo, velhote.

Ele não recuou com a minha explosão.

— Aquilo foi rude, eu admito. Ela não é uma prostituta de sangue. Não ainda. Mas está a um passo disso. Como eu disse, é o que sempre acontece, no fim das contas. Mesmo que não seja usada por alguém como Rolan Kislyak... e, acredite em mim, ele a usará, sim, do mesmo jeito que usou a irmã dela... você acabará sozinha com um bebê do qual é jovem demais para cuidar.

— A irmã... espere. — Eu congelei. — Está dizendo que ele é o sujeito que engravidou e abandonou Sonya? Por que Viktoria se envolveria com ele depois disso?

— Porque ela não sabe. Sonya não toca no assunto, e o sr. Kislyak vê isso como um jogo, levando duas irmãs para a cama. Pena para ele que Karolina seja mais esperta que as outras, ou ele teria conseguido todas. Quem sabe? — E me lançou um sorriso zombeteiro. — Talvez ele a considere um membro da família e vá

atrás de você em seguida.

— Nem no inferno. Eu nunca me envolveria com alguém assim. Nunca vou me envolver com ninguém de novo. Não depois de Dimitri.

A rispidez de Abe deu lugar a um momentâneo deslumbramento.

— É, Rose. Você *é* jovem. Mal viveu ainda. Todas pensam que seu primeiro amor é o único que jamais vão ter.

Esse sujeito estava me irritando *de verdade*, mas reuni autocontrole suficiente para não esmurrá-lo. Pelo menos eu assim esperava. Recuei um pouco, na direção do prédio.

— Não vou fazer o seu jogo. E pode dizer a quem quer que sejam os seus chefes que também não vou fazer o deles... e que não vou voltar. — De um jeito ou de outro, fosse para caçar Dimitri ou viver com a sua família, eu ia ficar na Rússia. — Você terá que me encaixotar e me mandar de navio para lá.

Não que eu quisesse dar ideias a Abe. Suspeitei de que ele poderia fazê-lo se assim desejasse. Droga. Quem estava por trás disso? Quem iria querer tanto me encontrar para enviar aquele sujeito atrás de mim? Por mais estranho que parecesse, o responsável era alguém que se importava comigo o bastante para tentar uma conversa civilizada. Se Abe de fato quisesse me sequestrar, já o teria feito. Poderia ter feito na noite em que me trouxe a Baía. Tudo de que precisaria era continuar dirigindo até o aeroporto mais próximo. Mais cedo ou mais tarde eu teria que lidar com isso, mas, primeiro, precisava escapar de Abe.

Eu recuei um pouco mais.

— Eu vou andando, e você não pode me impedir. E não me espione mais. Isso acaba aqui.

Abe me estudou por vários instantes, seus olhos escuros se estreitando em contemplação. Eu praticamente podia ver as engrenagens dos planos de dominação mundial girando em sua cabeça. Por fim ele disse, tão baixo que mal pude ouvir:

— Contudo, não vai acabar para *elas*.

— Quem?

— Viktoria e Rolan — respondeu, apontando para a porta.

— Aonde quer chegar?

— Sabe aonde quero chegar. Ela pensa que o ama. Ele sabe que ela volta para a escola amanhã. Esta é a sua última chance com ela, e ele não vai perdê-la. Há muitos quartos nesse lugar. Os dois provavelmente estão em um agora mesmo.

Tentei controlar minha respiração.

— Então vou contar à mãe dela.

— Será tarde demais. Ela nunca os encontrará a tempo, e amanhã Viktoria estará a caminho da escola, e ele já não terá nenhum interesse. O que a mãe pode fazer depois do ato? Colocá-la de castigo?

Eu estava ficando nervosa, em grande parte porque sentia que ele tinha razão.

— Ótimo. Então eu mesma vou tirá-la dali.

— Isso nunca vai acontecer. É o que ela *quer*. Não vai embora com você. Mesmo que o fizesse, em breve o encontraria de novo.

— Chega. Você obviamente tem uma sugestão, então diga de uma vez.

Ele sorriu, parecendo satisfeito com a minha astúcia — ou talvez com a minha franqueza.

— Se deseja salvá-la, vai ter que passar por ele. Por Rolan.

— Sem chance — zombei. — O único jeito de ele deixá-la em paz é se eu me oferecer para ficar no lugar dela. — E, vamos combinar, amizade tem limite.

— Não se eu falar com ele.

— O que você vai fazer, passar uma conversa nele sobre moralidade e colocar algum juízo em sua cabeça?

— Ah, eu vou colocar algo na cabeça dele, sim. Mas, acredite, não será juízo... bom, pelo menos não do tipo que você está pensando. Se eu lhe disser para deixar Viktoria em paz, ele vai deixar. De uma vez por todas.

Dei um passo para trás sem perceber e esbarrei na parede. Abe estava me assustando de verdade. Zmey. Não duvidei nem um pouco de suas palavras. Ele seria capaz de fazer com que Rolan a deixasse em paz. De fato, ele provavelmente nem precisaria recorrer a seus dapiros. Abe já conseguia aterrorizar — e provavelmente esmurrar — bem o suficiente para fazer e acontecer.

— Por que faria isso por mim?

— Em sinal de boa-fé. Prometa sair de Baia, e então lido com ele. — Seus olhos brilhavam. Ambos podíamos sentir o cerco se fechando à minha volta.

— Essa é a sua tática agora? Me oferecer uma troca? A minha partida vale um pouquinho mais do que ver você assustando um idiota Moroí.

O cerco se fechou ainda mais.

— Vale mesmo, Rose?

Desesperada, pesei minhas opções. Uma parte de mim pensava que Viktoria era livre para fazer as próprias escolhas, amar quem ela quisesse... mas eu sabia que Rolan não a amava em absoluto. Para ele, era só mais uma conquista, a julgar por sua disposição em sair atrás de mim — e de Sonya, pelo jeito. O que aconteceria com Viktoria? Será que se tornaria igual ao restante das mulheres dali? Seria ela a próxima Belikova a ter um bebê? Mesmo que não tivesse intenção de se tornar uma guardiã, aquele não era o caminho certo para ela. Karolina havia recusado se juntar aos guardiões e agora seguia uma vida respeitável com suas crianças e um emprego, que, se não era excitante, ao menos era estável e permitia a ela manter sua dignidade. Eu não podia deixar Viktoria tomar um caminho que talvez arruinasse sua vida para sempre. Não podia deixar isso acontecer com a irmã de Dimitri.

Dimitri...

Eu o conhecia. Conhecia sua natureza protetora. Ele nunca deixaria nada ocorrer com seus entes queridos. Odiei pensar naquele prostíbulo, mas eu ainda assim teria entrado para apanhá-la — porque era isso que Dimitri teria feito. Mas eu não sabia se a encontraria a tempo. No entanto, eu sabia que Abe conseguiria — e que poderia manter Rolan afastado definitivamente. E assim, falei sem entender muito bem as consequências de minhas palavras.

— Eu saio de Baia.

Quinze

Abe olhou de esguelha para um de seus guardiões e acenou brevemente com a cabeça. Na mesma hora o vampiro saiu dali.

— Pronto — disse Abe.

— Só isso? — perguntei descrente.

Seus lábios formaram um estranho sorriso.

— Rolan sabe quem eu sou. Sabe quem trabalha para mim. Assim que Pavel comunicar os meus... hã, desejos, estará tudo acabado.

Tremi, sabendo que Abe falava a verdade. Considerando como eu vinha bancando a espertinha com ele esse tempo todo, era realmente incrível que não tivessem enfiado meus pés em cimento e me atirado ao mar.

— Então, por que você ainda *não* começou a me arrastar daqui à força?

— Nunca gosto de forçar alguém a fazer algo contra a sua vontade. Nem mesmo Rolan. Seria bem mais fácil se as pessoas ouvissem a voz da razão e fizessem o que lhes peço, sem necessidade de violência.

— E com “ouvir a voz da razão” você se refere a chantagem — insinuei, pensando no que eu acabara de prometer.

— Nós fizemos uma troca. Só isso. Não esqueça a sua parte do trato. Você se comprometeu a sair deste lugar, e não parece ser do tipo que volta atrás em sua palavra.

— Não sou.

— Rose!

Viktoría apareceu de repente na porta. Uau, foi rápido mesmo. Pavel calmamente a conduzia pelo braço. O cabelo dela estava desarrumado, e uma tira do vestido lhe pendia de um dos ombros. Seu rosto era um misto de incredulidade e indignação.

— O que foi que você fez? Esse cara veio e disse a Rolan para dar o fora e nunca me procurar de novo! E então... Rolan concordou. Ele foi embora.

Achei meio divertido que Viktoría tenha me culpado sem demora pelo ocorrido. Verdade, eu era a responsável, mas Abe estava parado bem ali. A identidade de seus empregados não era segredo para ninguém. Todavia, tratei de defender minhas ações.

— Ele estava usando você.

Havia lágrimas nos olhos castanhos de Viktoría.

— Ele me ama.

— Se ele a ama, então por que deu em cima de mim assim que você virou as costas?

— Não deu, não!

— Foi ele quem engravidou Sonya.

Mesmo na iluminação débil daquele beco, pude ver seu rosto empalidecendo.

— Isso é mentira.

Joguei as mãos para o alto.

— Por que eu inventaria isso? Ele queria se encontrar comigo assim que você saísse da cidade!

— Se ele quis — rebateu ela, com a voz trêmula —, foi porque você o provocou.

Fiquei boquiaberta. Atrás de mim, Abe ouvia tudo calmamente, um sorriso presunçoso em seu rosto.

Estava bastante satisfeito consigo mesmo e provavelmente acreditava que aquela era a prova de que tinha razão. Quis lhe dar um soco, mas Viktoria era a prioridade.

— Como pode pensar isso? Sou sua amiga! — argumentei.

— Se fosse minha amiga, não estaria agindo assim. Não tentaria me atrapalhar. Você age como se tivesse amado meu irmão, mas isso é impossível, é impossível que entenda o amor de verdade!

Não entender o amor? Ela ficou maluca? Se ao menos soubesse o que sacrifiquei por Dimitri, o que fiz para estar onde estava agora... tudo por amor. *Ela* é que não conseguia entender. O amor não é uma rapidinha no quarto dos fundos de uma festa. É algo pelo qual você vive e se sacrifica. Minhas emoções afloraram, aquela escuridão tomando conta de mim e me fazendo querer machucá-la por conta de sua terrível acusação. Foi apenas com o maior dos esforços que lembrei que ela já estava sofrendo, que estava dizendo aquilo por estar confusa e chateada.

— Viktoria, eu entendo, sim, e sinto muito. Só estou fazendo isso porque você é minha amiga. Eu me preocupo com você.

— Você não é minha amiga — sibilou ela. — Não faz parte da minha família. Você não entende nada sobre nós ou sobre a nossa vida! Queria que nunca tivesse aparecido aqui. — Ela se virou e saiu desabalada, abrindo caminho para o lado de dentro, pela longa fila de futuros participantes da festa. Meu peito doía enquanto a observei se afastar.

Me voltei para Abe.

— Ela vai tentar encontrá-lo.

Ele continuou sustentando aquela maldita expressão perspicaz.

— Não mudará coisa alguma. Rolan não tem mais nada com ela. Não enquanto der valor àquele seu rostinho. — Estava preocupada com Viktoria, mas meio que sentia que Abe tinha razão. Rolan não seria mais um problema. Quanto ao próximo par de Viktoria... bom, essa preocupação ficaria para um outro dia.

— Tudo bem. Então terminamos aqui. Não me siga mais — resmunguei.

— Cumpra a sua promessa de sair de Baía e não precisarei fazê-lo.

— Eu já disse: sempre cumpro minhas promessas — insisti, cerrando os olhos.

E quando parti depressa para a casa dos Belikov, eu subitamente me perguntei se isso era verdade. A confusão com Abe e Viktoria foi como um balde de água fria. O que eu estava fazendo ali? Até certo ponto, Abe tinha razão... eu havia me iludido, fingindo que a família de Dimitri era a minha própria como forma de aliviar a minha dor por ele. Só que ela não era. Aquele não era o meu lar. A Escola também não era o meu lar, não mais. A única coisa que me restava era a minha promessa — a minha promessa para Dimitri. A promessa que eu, de alguma forma, havia perdido de vista desde que chegara ali.

Alguns membros da família Belikov já tinham ido para a cama quando entrei na casa, mas outros ainda estavam na sala. Me esgueirei até o meu quarto no andar de cima esperando com ansiedade pela chegada de

Viktoria. Meia hora mais tarde, ouvi passos nas escadas e o som de sua porta fechando. Bati de leve nela.

— Viktoria — sussurrei alto —, sou eu. Por favor, converse comigo.

— Não! — veio a resposta. — Nunca mais quero falar com você.

— Viktoria...

— Vá embora!

— Só estou preocupada com você.

— Você não é meu irmão! Não é nem mesmo minha irmã. Não tem lugar para você aqui!

Ai. Sua voz era abafada pela porta, mas eu não desejava arriscar uma briga no corredor que todos pudessem ouvir. Indo para o meu quarto com o coração em pedaços, parei diante do espelho. Foi então que eu soube que ela estava certa. Até Abe estava certo. Baía não era lugar para mim.

Num piscar de olhos, minha pequena bagagem estava pronta, mas eu hesitei antes de descer as escadas. A porta fechada de Viktoria estava voltada para mim, e precisei lutar contra o impulso de bater novamente. Se eu o fizesse, só começaria outra briga. Ou, talvez ainda pior, ela me perdoaria — e então eu desejaria ficar para sempre, perdida no conforto da família de Dimitri e em sua vida simples.

Inspirando profundamente, fui até o andar inferior e passei pela porta da frente. Queria me despedir dos outros, mas temi que o mesmo pudesse ocorrer, que eu olhasse para seus rostos e mudasse de ideia. Percebi que precisava partir. Eu estava com raiva tanto de Viktoria quanto de Abe. Suas palavras me feriram, porém havia verdade nelas. Esse não era o meu mundo. Eu tinha outras coisas para fazer da minha vida. E tinha muitas promessas para cumprir.

Quando estava a uns oito quarteirões de distância, reduzi o passo, não porque estivesse cansada, mas porque não sabia ao certo qual seria o meu destino. Deixar aquela casa fora o passo mais importante. Me senti sobre o meio-fio em frente ao jardim silencioso e escuro de um dos vizinhos. Tive vontade de chorar sem saber o motivo. Queria minha antiga vida de volta. Queria Dimitri e Lissa. Oh, Deus, eu queria os dois.

Só que Dimitri se fora, e o único jeito de revê-lo seria se eu levasse realmente a sério a ideia de matá-lo. E quanto a Lissa... ela estava mais ou menos perdida para mim, também. Mesmo que eu sobrevivesse, não achava que ela me perdoaria. Sentada ali, me sentindo perdida e sozinha, tentei buscá-la uma vez mais. Sabia que era besteira, considerando o que vira antes, mas eu tinha que tentar uma vez mais. Precisava saber se havia alguma chance de recuperar meu antigo lugar por lá. Deslizei para sua mente em um instante, minhas emoções recém-libertas facilitando o processo. Ela se encontrava num jato particular.

Se Jill tinha ficado atônita ao conhecer os estudantes de elite da São Vladimir, ir numa viagem com eles a fez entrar em letargia. Ela observava tudo com olhos arregalados e mal disse uma palavra durante todo o voo até a Corte Real. Quando Avery lhe ofereceu uma taça de champanhe, Jill só conseguiu gaguejar um “N-não, obrigada”. Depois disso, os outros pareceram se esquecer dela e se distraíram com suas próprias conversas. Lissa percebeu o desconforto de Jill, mas pouco fez para ajudar. Isso foi chocante. A Lissa que eu conhecia teria se dado ao trabalho de deixar Jill à vontade e incluída. Felizmente, a juvenzinha parecia bastante entretida observando as brincadeiras dos outros.

Também me senti melhor sabendo que Jill ficaria bem assim que encontrasse Mia. Lissa havia lhe enviado uma mensagem de antemão pedindo que viesse buscar Jill quando eles pousassem, já que Lissa e os outros teriam de comparecer a uma das cerimônias de Tatiana logo em seguida. Mia dissera que cuidaria de Jill pelo fim de semana e lhe mostraria algumas das novidades que aprendera com sua magia de água. Lissa ficara satisfeita com isso, feliz porque não teria que bancar a babá de uma caloura o fim de semana inteiro.

Embora Jill tivesse sido inteiramente riscada da lista de preocupações de Lissa, o mesmo não ocorria com uma outra pessoa: o irmão de Avery, Reed. O pai deles decidira que seria uma boa ideia que Reed os

acompanhasse, e, uma vez que o sr. — perdão — *diretor* Lazar desempenhara um papel importantíssimo para conseguir com Tatiana aquela viagem, não havia muito o que argumentar. Avery revirou os olhos e falou a sós com Lissa sobre o assunto, pouco antes de embarcarem.

— Estamos todos na aba da sua reputação — confessou Avery. — Parte do motivo que levou meu pai a me deixar ir foi o seu bom relacionamento com a rainha, e ele quer que eu me beneficie disso. Ele então espera que o *meu* relacionamento com a rainha melhore, e que Reed se beneficie disso, junto com o restante da família.

Lissa procurou não pensar muito na lógica daquilo. Basicamente, estava inquieta porque Reed Lazar continuava tão desagradável quanto no primeiro dia em que se viram. Não que ele fosse mal-intencionado ou algo assim; mas Lissa ficava desconfortável só por estar perto dele. De fato, ele representava a polaridade oposta de Avery. Enquanto ela era animada e sempre capaz de começar uma conversa, ele não abria o bico e falava apenas quando interpelado. Lissa não sabia bem dizer se era timidez ou desdém.

Quando tentara perguntar a ele se estava animado para ir à Corte, Reed simplesmente dera de ombros.

— Tanto faz. Não me importa.

Seu tom de voz havia sido quase hostil, como se ressentisse a pergunta, então Lissa abandonou qualquer tentativa de diálogo. A única pessoa, além da irmã, com quem Lissa o viu conversar foi o guardião de Avery, Simon. Ele também viera junto.

Quando o avião pousou, Mia estava lá, cumprindo com sua palavra. Ela acenou com entusiasmo enquanto Lissa descia do jato, seus cachos dourados balançando ao vento. Lissa sorriu de volta, e elas trocaram um breve abraço com uma das mãos, algo que nunca deixou de me impressionar levando-se em conta seu antigo status de rivais.

Lissa fez as apresentações necessárias, enquanto uma escolta de guardiões os conduzia da pista de pouso ao interior da Corte. Mia recebeu Jill de forma tão calorosa que o mal-estar da menina desapareceu, e seus olhos verdes brilharam de animação. Sorrindo carinhosamente, Mia direcionou seu olhar de Jill para Lissa.

— Onde está Rose?

O silêncio imperou, seguido de olhares desconfortáveis.

— O quê? — indagou Mia. — O que foi que eu disse?

— Rose foi embora — respondeu Lissa. — Me desculpe... pensei que soubesse. Ela se desligou da Escola e partiu depois do ataque, porque havia uns assuntos... uns assuntos pessoais... de que ela precisava cuidar.

Lissa temeu que Mia fosse lhe perguntar a respeito dos assuntos pessoais. Somente poucas pessoas sabiam da minha busca por Dimitri, e Lissa desejava que continuasse assim. A maioria pensou que eu desaparecera por causa de algum trauma de batalha. A pergunta seguinte de Mia chocou Lissa completamente.

— Por que você não foi com ela?

— O quê? — gaguejou Lissa. — Por que eu faria isso? Rose pulou do barco. Eu nunca faria o mesmo.

— É, tem razão. — Mia ficou meditativa. — É que vocês eram tão unidas, mesmo sem o laço. Imaginei que seguiriam uma à outra até os confins da terra e só depois pensariam nos detalhes. — A própria vida de Mia passara por tantas reviravoltas que ela levava esse tipo de mudança numa boa.

Aquela raiva estranha e oscilante que eu vinha sentindo estourar com tanta frequência em Lissa de repente a fez erguer a cabeça e se voltar contra Mia.

— É, bom, se fôssemos tão unidas, acho que ela não teria ido embora para começo de conversa. Ela é a egoísta, não eu.

Essas palavras me feriram e deixaram Mia claramente em choque. Mia também tinha lá o seu próprio temperamento forte, mas o abafou e apenas ficou de mãos postas num gesto de desculpas. Ela estava mesmo mudada.

— Desculpe. Não estava tentando acusar você de nada.

Lissa não disse mais nada. Desde a minha partida, ela havia se martirizado por um monte de coisas. Passou e repassou atitudes que podia ter tomado por mim antes ou depois do ataque, atitudes que poderiam ter me feito ficar. Mas jamais lhe ocorrera ir comigo, e a revelação a acertou no rosto como um tapa. As palavras de Mia a deixaram culpada e aborrecida ao mesmo tempo — e ela não tinha certeza de quem a irritava mais: se eu ou ela mesma.

— Sei o que está pensando — disse Adrian alguns minutos depois, quando Mia já havia levado Jill dali e prometido encontrá-los mais tarde.

— O quê, você sabe ler mentes agora?

— Não preciso. A sua expressão já diz tudo. Rose nunca teria permitido que você fosse com ela, então pare de se mortificar por isso.

Entraram no alojamento real de hóspedes, que continuava tão suntuoso e opulento quanto na época em que eu estivera lá.

— Como tem tanta certeza? Eu podia tê-la convencido.

— Não — retrucou Adrian com firmeza. — Não podia, não. Estou falando sério: não se dê mais um motivo para ficar deprimida.

— Ei, e eu lá estou deprimida? Como eu disse antes, ela *me* abandonou.

Adrian estava surpreso. Desde a minha partida, Lissa tinha ficado mais triste do que qualquer outra coisa. Vez ou outra se ressentia pela minha decisão, mas nem Adrian nem eu tínhamos visto tanta convicção em suas palavras. Sentimentos sombrios se agitavam em seu peito.

— Achei que você tinha entendido — disse Adrian, franzindo levemente a testa em sinal de confusão. — Pensei ter ouvido você...

De repente Avery os interrompeu, lançando um olhar ríspido para Adrian.

— Opa, opa. Deixe-a em paz, está bem? Vemos você na recepção.

Chegaram a um ponto em que os grupos se separavam, mulheres indo para uma seção do alojamento e homens para outra. Adrian parecia querer continuar a conversa, mas em vez disso assentiu e se afastou, ao lado de Reed e uma dupla de guardiões. Avery passou o braço gentilmente pelos ombros de Lissa e espiou a figura de Adrian, que já se retirava.

— Você está bem? — A costumeira alegria de Avery deu lugar à preocupação. Isso impressionou Lissa da mesma forma que me impressionavam os momentos de seriedade de Adrian.

— Acho que sim. Não sei.

— Não seja tão dura consigo mesma em relação ao que podia ou devia ter feito. O passado já era. Cuide do seu futuro.

O coração de Lissa continuava apertado, num estado de espírito pior do que ultimamente. Ela esboçou um sorriso contido.

— Acho que foi a coisa mais inteligente que você já disse.

— Eu sei! Dá para acreditar? Será que Adrian ficaria surpreso com isso?

Elas caíram na gargalhada, e, no entanto, apesar de seu exterior radiante, Lissa ainda estava mexida com os comentários inoportunos de Mia. Eles contaminaram Lissa de uma forma que ela não imaginava possível. O que mais a incomodava não era a ideia de que poderia ter me mantido longe de encrencas se

tivesse me acompanhado. Não. O principal problema era que ela não havia cogitado vir comigo desde o começo. Eu era sua melhor amiga. No seu entender, aquela devia ter sido a sua primeira reação à minha partida. Não fora o caso, e agora Lissa sentia ainda mais culpa do que de costume. O sentimento era devorador, e mais cedo ou mais tarde ela o converteria em raiva para aliviar a dor. Não ajudaria muito.

Seu humor também não melhorou com o passar da noite. Não muito depois da chegada do grupo, a rainha organizou uma pequena recepção para os visitantes mais prestigiosos que tinham passado pela Corte. Lissa ia percebendo bem depressa que a rainha sempre parecia estar dando uma festa ou outra. Em uma determinada época de sua vida, Lissa teria apreciado aquela diversão. Algo que não ocorria mais agora, pelo menos não quando se tratava desse tipo de festas.

No entanto, ao ocultar seus sentimentos sombrios, Lissa virou especialista em desempenhar o papel de boa princesa. A rainha parecia feliz por Lissa dispor de uma amiga da realeza “adequada”, e ficou igualmente feliz quando Lissa causou boa impressão ao ser apresentada a outros membros reais e dignitários. Num dado momento, contudo, a determinação de Lissa quase fraquejou.

— Antes que você se retire — começou Tatiana —, deveríamos deliberar sobre os seus guardiões.

Ela e Lissa estavam rodeadas por um grupo de admiradores e puxa-sacos, os quais mantinham uma respeitosa distância. Lissa estivera olhando distraída para as bolhas de seu champanhe intacto e levantou a cabeça em assombro.

— Guardiões, Majestade?

— Bom, não há uma forma delicada de expor isso, mas agora, para o bem ou para o mal, você está sem proteção alguma. — A rainha fez uma pausa cortês. — Belikov era um bom homem.

Naturalmente que meu nome não sairia de seus lábios. Eu poderia muito bem jamais ter existido. Ela nunca gostou de mim, em especial porque pensava que eu pretendia fugir com Adrian. Por outro lado, Lissa notara Tatiana observando o flerte entre Avery e o sobrinho-neto com alguma consideração. Era difícil afirmar se a rainha aprovava aquilo. Tirando o seu lado festeiro, Avery parecia a garota ideal — não fosse o fato de que, no fim das contas, Tatiana queria era ver Lissa e Adrian juntos.

— Não necessito de proteção alguma no momento — respondeu Lissa educadamente, com o coração aos pulos.

— Não, porém muito em breve você estará lá fora, na escola. Acreditamos ter descoberto excelentes candidatos para você. Um deles é uma mulher, um verdadeiro achado.

— Janine Hathaway se ofereceu para ser minha guardiã — retrucou Lissa de súbito. Eu não sabia daquilo, mas, enquanto ela falava, acessei a história em sua mente.

Minha mãe viera até Lissa não muito depois da minha partida. Fiquei um pouco chocada. Ela era muito leal ao Moroi que estava protegendo. Seria um sacrifício e tanto de sua parte.

— Janine Hathaway? — As sobrancelhas de Tatiana se ergueram quase até a linha do couro cabeludo.

— Estou certa de que ela possui outros compromissos. Não, temos opções bem melhores. Esta senhorita é apenas alguns anos mais velha que você.

Opção melhor do que Janine Hathaway? Achava difícil. Até Dimitri aparecer, minha mãe tinha sido o meu parâmetro para classificar algo como “sinistro” ou não. A “senhorita” de Tatiana era sem dúvida alguém por ela controlado — e o mais importante, não era uma Hathaway. A rainha gostava de minha mãe tão pouco quanto gostava de mim. Uma vez, enquanto me azucrinava por uma razão qualquer, ela se referiu a um homem com o qual minha mãe já esteve envolvida — alguém que, suspeitei, podia ser meu pai, um homem chamado Ibrahim. O engraçado foi que a rainha meio que soou como se *ela* também já tivesse demonstrado interesse pelo sujeito, e só me restou imaginar se isso também contava para o seu desafeto

pela minha família.

Lissa exibiu um sorriso educado e firme para a rainha e lhe agradeceu pela consideração. Tanto ela quanto eu havíamos entendido o que se passava ali. Era o joguinho de Tatiana. Todos se incluíam em seus planos, e não havia forma de contrariá-la. Por um breve instante, Lissa teve aquele estranho pensamento de novo, sobre algo que Victor Dashkov uma vez lhe dissera. Mortes bizarras e planos de sequestro à parte, Victor pretendia também começar uma revolução entre os Moroi. Acreditava que a hierarquia atual era insatisfatória — algo com que Lissa frequentemente concordava — e que era controlada de maneira injusta por aqueles com demasiado poder nas mãos. A oportunidade se perdeu tão rápido quanto surgiu. Victor Dashkov se tornou um crápula insano cujas ideias já não mereciam qualquer consideração.

Então, assim que a etiqueta permitiu, Lissa pediu licença à rainha e atravessou o aposento, sentindo como se fosse explodir de tristeza e raiva. Ela quase atropelou Avery no caminho.

— Caramba — exclamou Avery. — Reed só me faz passar vergonha! Duas pessoas tentaram falar com ele, e Reed não parou de maltratá-las. Ele acabou de mandar Robin Badica calar a boca, sério. Quer dizer, é verdade que ela não parava de falar um instante, mas ainda assim. Não foi legal. — O semblante dramático de Avery em sinal de fúria se desfez ao reparar em Lissa. — Ei, o que aconteceu?

Lissa olhou de esguelha para Tatiana e em seguida de volta para Avery, reconfortando-se com os olhos azuis cinzentos da amiga.

— Preciso sair daqui. — Lissa inspirou profunda e calmamente. — Lembra todas aquelas coisas boas que você disse que conhecia? Quando vamos atrás delas?

— Assim que você quiser — respondeu Avery, sorrindo.

Voltei a mim mesma, sentada no meio-fio. Minhas emoções continuavam descontroladas, e meus olhos seguravam as lágrimas. As dúvidas de antes tinham se confirmado: Lissa não precisava mais de mim... e, no entanto, eu ainda tinha a impressão de que havia algo de estranho acontecendo que eu não conseguia identificar direito. Imaginei que a consciência pesada após o comentário de Mia ou os efeitos colaterais do espírito pudessem estar afetando Lissa, mas, ainda assim... ela não era mais a mesma.

O rumor de passos sobre a calçada me fez erguer a visão. De todos os que poderiam ter me encontrado, eu teria esperado por Abe ou talvez Viktoria. Mas não.

Era Yeva.

A velha ficou ali, um xale enrolado por seus ombros curtos e seus olhos aguçados e astutos me vendo de cima, em tom de desaprovação. Suspirei.

— O que foi? Sua casa pegou fogo, por acaso? — perguntei. Talvez a nossa barreira linguística tivesse alguma serventia. A velha contraiu os lábios e disse:

— Você não pode mais ficar aqui.

Fiquei boquiaberta.

— Você... Você fala inglês?

— É claro — respondeu bufando.

Me levantei e disse:

— Você fingiu não saber esse tempo todo? Fazendo Paul bancar o intérprete?

— É mais fácil — comentou simplesmente. — Você escapa de um monte de assuntos chatos quando não fala a língua. E aprendi que os americanos têm os assuntos mais chatos de todos.

Eu ainda estava em choque.

— Você nem me conhece! Mas desde o primeiro dia tem tornado a minha vida um inferno. Por quê? Por

que você me odeia?

— Não a odeio. Mas estou desapontada.

— Desapontada? Por quê?

— Sonhei que você viria.

— Eu soube. Você sonha muito?

— Às vezes — respondeu. A luz da lua cintilava em seus olhos, incrementando a sua aparência sobrenatural. Um frio me correu pela espinha. — Às vezes meus sonhos revelam a verdade. Às vezes não. Sonhei que Dimka havia morrido, mas não quis acreditar, não até ter provas disso. Você foi a minha prova.

— E por isso você ficou desapontada?

Yeva trouxe o xale um pouco mais para junto de si.

— Não. Nos meus sonhos, você brilhava. Queimava como uma estrela, e eu a vi como uma guerreira, capaz de grandes feitos. Em vez disso, você ficava sentada por aí, chorando. Não fez nada. Não fez o que tinha que fazer.

Eu a estudei, me perguntando se ela realmente sabia do que estava falando.

— E o que era isso, mais ou menos?

— Você sabe o que é. Sonhei com isso, também.

Esperei por mais palavras. Quando nenhuma saiu, eu ri.

— Uma ótima resposta vaga. Você é tão ruim quanto qualquer vidente vigarista.

Mesmo na escuridão, eu vi a raiva inflamada em seus olhos.

— Você veio para procurar Dimka. Para tentar matá-lo. Você precisa encontrá-lo.

— O que quer dizer com “tentar”? — Eu não queria acreditar nela, acreditar que ela pudesse realmente saber o meu futuro. Mesmo assim, percebi que estava me deixando levar por aquela história. — Você viu o que acontece? Eu consigo matá-lo?

— Eu não vejo tudo.

— Ah. Fantástico.

— Só vi que você precisa encontrá-lo.

— Mas isso é tudo o que você tem? Eu já sabia disso!

— Foi o que eu vi.

— Droga, não tenho tempo para esses enigmas mirabolantes — reclamei, grunhindo. — Se você não pode me ajudar, fique calada.

Ela permaneceu em silêncio.

Passei a mochila por um dos ombros.

— Ótimo. Estou indo, então. — E, de repente, eu sabia qual seria a minha próxima parada. — Diga aos outros... Bom, diga a eles que sou grata por tudo. E que sinto muito.

— Está fazendo a coisa certa — disse ela. — Não era aqui que você deveria estar.

— Foi o que eu ouvi por aí — murmurei, enquanto me afastava.

Me perguntei se ela diria algo mais: se me censuraria, me amaldiçoaria ou me ofereceria mais daquelas misteriosas palavras de “sabedoria”. Mas ela continuou muda, e eu não olhei para trás.

Eu não tinha um lar, nem ali, nem nos Estados Unidos. A única coisa que restava era fazer o que eu tinha vindo fazer. Eu dissera a Abe que não costumava quebrar minhas promessas. E assim seria. Eu deixaria Baia tal como eu lhe dissera. E mataria Dimitri, tal como prometera a mim mesma.

Agora eu sabia para onde ir. O endereço nunca abandonou minha memória: Kasakova 83. Não tinha ideia de onde ficava, mas, uma vez que cheguei ao centro da cidade, encontrei um sujeito descendo a rua

que me deu algumas orientações. O local era próximo, a menos de dois quilômetros dali, e me dirigi para lá a passos largos.

Quando cheguei à casa, fiquei satisfeita por ver as luzes ainda acesas. Mesmo irritada e raivosa como estava, não queria acordar ninguém. Também não queria falar com Nikolai, e me tranquilizei quando foi Denis quem abriu a porta.

Sua expressão era de legítima surpresa ao me ver. Apesar da convicção de suas palavras lá na igreja, acho que ele não acreditava de verdade que eu me juntaria a ele e aos outros vampiros descomprometidos. Estava mudo, então tomei a iniciativa.

— Eu mudei de ideia. Vou com vocês. — Respirei bem fundo, me preparando para o que diria em seguida. Havia prometido a Abe que deixaria Baia, mas não que voltaria aos Estados Unidos. — Me leve para Novosibirsk.

Dezesseis

Denis e seus dois amigos dambros descomprometidos, Artur e Lev, pareciam em êxtase porque eu ia me juntar ao seu bando. No entanto, se esperavam que eu fosse compartilhar o seu entusiasmo insano por caças inconsequentes a Strigoi, estavam prestes a ficar amargamente desapontados. Com efeito, não demorou muito, depois que me juntei a eles, até perceberem que eu encarava aquela tarefa de uma maneira muito distinta da deles. Lev, o amigo de Denis, tinha um carro, e nos revezamos ao volante no caminho para Novosibirsk. O trajeto durou umas quinze horas, e, embora tenhamos parado num hotel para passar a noite, ainda assim era uma lacuna de tempo ininterrupto bastante longa para ficar trancada num carro com três sujeitos que não paravam de falar nos Strigoi que iam matar.

Insistiram especialmente para que eu soltasse a língua. Queriam saber quantos Strigoi eu tinha liquidado. Queriam saber os detalhes da batalha ocorrida na Escola. Queriam saber das minhas táticas. Entretanto, toda vez que minha mente se voltava para assuntos assim, só no que eu conseguia pensar era em sangue e dor. Não havia nada de que eu quisesse me gabar, e foi preciso quase seis horas na estrada para que eles por fim percebessem que não conseguiriam muitas informações de mim.

Em vez disso, me regalaram com histórias de suas próprias aventuras. Na verdade, eles abateram vários Strigoi — mas perderam alguns de seus amigos, todos na mesma faixa de idade deles. Minhas experiências não foram tão diferentes: também perdi amigos. Minhas perdas, porém, foram resultado de uma desvantagem numérica. Os incidentes com o grupo de Denis pareciam estar mais relacionados a ações impensadas. De fato, o plano deles para quando chegássemos a Novosibirsk não era lá muito consistente. Reiteraram que os Strigoi gostavam de caçar em locais movimentados à noite, como boates, ou mais desertos, como becos, que serviam de palco para fáceis capturas. Ninguém ligava muito quando uma pessoa desaparecia em lugares assim. Portanto, o plano de Denis consistia em rondar por esses pontos visados na esperança de esbarrar com algum Strigoi.

Minha ideia inicial era despistar esse bando assim que possível e continuar por conta própria. Afinal, o meu propósito principal era simplesmente chegar a Novosibirsk. Com base em tudo que eu sabia agora, parecia lógico que a maior cidade da Sibéria seria o próximo melhor lugar para se procurar. Mas então, quanto mais eu pensava no assunto, mais eu me convencia de que me meter em território Strigoi sozinha seria tão estúpido quanto um dos planos daquela gangue de descomprometidos. O reforço deles me seria útil. Além do mais, já que eu ainda não sabia onde Dimitri se encontrava mesmo, eu teria que arranjar uma forma de extrair informações. Precisaria de ajuda.

Paramos em Novosibirsk no fim do segundo dia de viagem. Apesar do que ouvi sobre seu tamanho, não imaginei que se comparasse a Moscou ou a São Petersburgo. E, realmente, percebi que não era tão extensa quando elas, mas era uma cidade como qualquer outra, com arranha-céus, teatros, trabalhadores no trânsito e a mesma bela arquitetura.

Ficamos com uma amiga deles que tinha um apartamento no centro, uma dampira chamada Tamara. O inglês dela não era muito bom, mas, pelo que entendi, era outra descomprometida, tão empolgada quanto os outros para livrar o mundo dos Strigoi. Era um pouco mais velha que nós, o que explicava o fato de possuir um imóvel; era também morena e tinha sardas. Parecia que ela havia esperado até que os meninos viessem à cidade caçar, o que considerei uma pequena bênção. Ao menos ela não saía por aí sozinha. Mostrava uma animação especial por ter outra garota como companhia, mas, assim como os outros, logo entendeu que eu não dividia seu entusiasmo.

Quando nossa primeira noite de caça Strigoi se tornou iminente, eu afinal decidi assumir uma posição de liderança. Minha súbita mudança de comportamento os assustou no começo, mas logo passaram a escutar com disciplinada atenção, ainda reverentes à minha reputação estelar.

— Muito bem — comecei, encarando cada membro do grupo. Nos encontrávamos na compacta sala do apartamento de Tamara, sentados em círculo. — É assim que vamos trabalhar. Nós vamos até os arredores da boate como um grupo, patrulhando o local e os becos em volta para...

— Espere — interrompeu Denis. — A gente costuma agir sozinho.

— E é por isso que acabam mortos — repreendi. — Nós vamos como um grupo.

— Mas você não matou um Strigoi sozinha? — indagou Lev. Ele era o mais alto do bando, uma figura esguia e magricela quase como a de um Moroi.

— Sim, mas eu tive sorte. — Isso, e eu também acreditava lutar melhor do que qualquer um deles. Podem me chamar de arrogante, mas eu era uma guardiã para ninguém botar defeito. Ou quase guardiã. — Nos sairemos melhor estando os cinco juntos. Quando encontrarmos Strigoi, temos que ter certeza de que os enfrentaremos num local isolado. — Eu não havia esquecido as instruções de Sydney. — Mas, antes de os matarem, eu preciso falar com eles. A função de vocês será imobilizá-los.

— Por quê? — perguntou Denis. — O que você tem para dizer a eles?

— Na verdade, é o que *eles* têm a *me* dizer. Escute, não vai levar muito tempo. E vocês vão poder dar o golpe final, então não se preocupem. Contudo... — Essa próxima parte ia contra os meus planos, mas eu sabia que era necessário. Não queria que acabassem mortos por causa da minha própria missão. — ...se nos encontrarmos numa situação em que vocês fiquem encurralados ou em perigo *iminente*, esqueçam o que eu disse sobre falar e imobilizar. Matem. Salvem a si mesmos.

Aparentemente, eu consegui passar confiança e autoridade suficientes para que decidissem seguir o que quer que eu indicasse. Parte do nosso plano incluía sair “disfarçados”, por assim dizer. Qualquer Strigoi que se aproximasse ou desse uma boa olhada nos reconheceria como dapiros na hora. Era importante que não chamássemos qualquer atenção. Precisávamos que o radar de vítimas dos Strigoi passasse despercebido por nós. Precisávamos parecer como qualquer humano frequentador de festas.

Então nos vestimos como mandava a ocasião, e fiquei meio impressionada com a transformação dos garotos. Denis, maluco ou não, era o mais bonito, dono dos mesmos cabelos dourados escuros e olhos castanhos do irmão, Nikolai. Já as minhas poucas alterações no visual não se enquadraram muito bem ao padrão de uma roupa de festa, então Tamara recorreu ao seu armário para me ajudar. Ela pareceu se divertir bastante procurando peças para mim. Tínhamos praticamente o mesmo tamanho, o que era fantástico. Com sua estatura alta e superesbelta, Lissa e eu nunca conseguimos dividir roupas. Tamara era da minha

altura e possuía um tipo físico similar ao meu.

Primeiro ela me ofereceu um vestido curto e justo, tão parecido com o que Viktoria havia usado que eu simplesmente sacudi a cabeça e o devolvi. As lembranças de nossa discussão ainda doíam, e eu não pretendia reviver aquela noite ou bancar a prostituta de sangue de jeito nenhum. Em lugar disso, Tamara concordou em me vestir com um jeans preto e uma regata da mesma cor. Deixei que cuidasse do meu cabelo e da minha maquiagem também e, ao me avaliar no espelho, tive que admitir que fez um bom trabalho. Por mais vaidoso que fosse isso, eu gostei de parecer bem. E gostei especialmente quando os meninos me olharam com admiração e respeito — mas não como se eu fosse um pedaço de carne. Tamara também me ofereceu joias, mas a única que eu queria usar era o *nazar* em volta do pescoço. Minha estaca pedia uma jaqueta, mas ela encontrou uma de couro tão charmosa que não comprometeu em nada o efeito do conjunto.

Saindo por volta da meia-noite, não consegui me impedir de sacudir a cabeça.

— Somos os caçadores de vampiros mais irresistíveis que o mundo já viu — murmurei.

Denis nos levou à boate onde haviam encontrado Strigoi antes. Ao que parecia, era ainda o lugar em que um de seus amigos descomprometidos fora assassinado. Ficava numa parte mais largada da cidade, o que, imagino, representava mais um atrativo para os Strigoi. Muitos dos que estavam ali eram jovens das classes média e alta, aparentemente atraídos pelo aspecto “perigoso” do lugar. Se ao menos eles soubessem o quanto era realmente perigoso... Eu costumava fazer muitas piadas com Dimitri sobre a Rússia e o Leste Europeu estarem dez anos atrasados em termos de música, mas, quando entramos, ouvi a batida vibrante de uma música tecno que eu tinha acabado de escutar ao deixar os Estados Unidos.

O lugar estava lotado e escuro, com luzes piscantes que, na verdade, irritavam um pouco os olhos dos dampiros. Nossa visão noturna se adapta à penumbra para logo em seguida ser ofuscada pelo estroboscópio que se acendia. Nesse caso, eu não precisava da minha visão. Meus sentidos de quem já foi beijada pelas sombras não captavam nenhum Strigoi na área.

— Venham — disse eu aos outros. — Vamos dançar um pouco e esperar. Não tem nenhum Strigoi por aqui.

— Como você sabe? — perguntou Denis, me observando em choque.

— Eu apenas sei. Não se separem.

Nosso pequeno grupo se dirigiu à pista de dança. Fazia muito tempo que eu não dançava, e fiquei um pouco surpresa por me ver entrando no ritmo tão depressa. Uma parte de mim dizia que eu precisava continuar atenta, mas meu sistema de alerta Strigoi me despertaria imediatamente caso algum perigo surgisse. Aquela náusea era meio difícil de ignorar.

Mas, depois de uma hora dançando, nenhum Strigoi apareceu. Saímos da pista e começamos a rondar pelos cantos da boate, e em seguida do lado de fora, para também varrer aquela área. Nada.

— Alguma outra boate aqui por perto? — indaguei.

— Claro — respondeu Artur. Ele era forte, com o cabelo raspado bem baixo e um sorriso animado. — A uns dois quarteirões daqui.

Nós o seguimos e encontramos um cenário semelhante: outra boate secreta escondida em um prédio em estado precário. Mais luzes estroboscópicas. Mais multidões. Mais músicas vibrantes. Para o meu desgosto, o que começou a me incomodar primeiro foi o cheiro. Aquela gente toda produzia muito suor. Com certeza até os humanos deviam sentir aquilo. Para nós, era repugnante. Tamara e eu trocamos olhares e franzimos o nariz, sem precisar de palavras para expressar o nosso enjoo.

Fomos até a pista de dança mais uma vez, e Lev fez que ia se afastar para apanhar um drinque. Dei-lhe um

soco no braço.

Ele exclamou algo em russo que reconheci como um palavrão.

— Para que isso? — perguntou.

— Para deixar de ser idiota! Como espera matar algo duas vezes mais rápido que você se estiver *bêbado*?

Ele encolheu os ombros, despreocupado, e resisti ao impulso de desta vez lhe esmurrar a cara.

— Um drinque não tem nada de mais. Além disso, nem tem nenhum...

— Quietos!

Estava se revirando dentro de mim, aquela agitação no meu estômago. Pondo de lado o meu disfarce, parei de dançar, perscrutando a multidão atrás de um responsável. Ao confiar em meus sentidos para perceber Strigoi, localizá-los em meio a tantas pessoas era um pouco difícil. Arrisquei alguns passos em direção à entrada, e minha náusea diminuiu. No caminho do bar, a sensação aumentou.

— Por aqui — instruí. — Continuem dançando conforme a música.

Minha tensão era contagiante, e notei a ansiedade assolando a todos — e também um pouco de medo. Bom. Talvez assim levassem aquilo mais a sério. Enquanto nos dirigíamos ao bar, procurei dissimular minha linguagem corporal, como se estivesse à procura de um drinque. Ao mesmo tempo, meus olhos examinavam a multidão de forma periférica.

Ali. Achei. Um Strigoi estava parado a um canto, os braços em volta de uma garota mais ou menos da minha idade. Sob a meia-luz, ele quase parecia atraente. Eu sabia que um exame mais atento revelaria a pele pálida como a de um cadáver e os olhos vermelhos que todo Strigoi possuía. A garota não deve ter percebido nada naquela boate mal-iluminada, ou o Strigoi pode ter usado compulsão nela. Talvez as duas coisas, a julgar pelo sorriso no rosto dela. Os Strigoi eram capazes de coagir os outros tão bem quanto uma usuária do espírito como Lissa faria. Até melhor. Diante dos nossos olhos, vi o Strigoi conduzir a garota por um corredor pequeno e até então despercebido. Na ponta, só distingui uma luminosa placa de saída. Ou pelo menos presumi que fosse uma placa de saída. Os caracteres eram cirílicos.

— Alguma ideia de para onde aquela porta dá? — indaguei.

Os garotos encolheram os ombros, e Denis repetiu minha pergunta a Tamara. Ela respondeu, e ele traduziu.

— Tem uma ruazinha nos fundos, onde eles deixam o lixo. Fica entre este edifício e uma fábrica. Ninguém costuma ir para lá.

— Podemos chegar nesse lugar dando a volta pela boate?

Denis aguardou a resposta de Tamara.

— Sim. Tem acesso pelos dois lados.

— Perfeito.

Nos apressamos para o lado de fora da boate pela entrada principal, e dividi nosso grupo em dois. O plano era abordar o Strigoi por ambos os lados e surpreendê-lo — contanto que ele e sua vítima ainda estivessem lá atrás. Era possível que ele a tenha levado a outro lugar, mas achei mais provável que ele desejasse subjugar-la e beber seu sangue ali mesmo, ainda mais se era tão deserto quanto Tamara disse que costumava ser.

Eu tinha razão. Uma vez que meu grupo se dividiu e caminhou até os fundos da boate, vi o Strigoi e a garota insuspeitos, atrás da sombra de uma lata de lixo. Ele se inclinava sobre ela, com a boca próxima do pescoço, e em silêncio o xinguei. Eles não perdiam tempo mesmo. Torcendo para que ela ainda estivesse viva, disparei rua abaixo, os outros nos meus calcanhares. Do outro lado, Denis e Lev também vinham correndo. Assim que ouviu o primeiro passo, o Strigoi reagiu instantaneamente, seus impressionantes

reflexos entrando em ação. Largou a garota no mesmo instante e, num piscar de olhos, escolheu Denis e Lev em vez de Artur, Tamara e eu. Não era uma estratégia ruim, de fato. Eles eram apenas dois. Sendo tão veloz, ele provavelmente pretendia incapacitá-los depressa e então se voltar para nós antes que conseguíssemos cercá-lo.

Isso quase funcionou. Uma poderosa pancada fez Lev sair voando. Para o meu alívio, um par de latas de lixo o amorteceu contra a parede do prédio. O impacto não deve ter sido agradável, mas, se pudesse escolher, eu preferiria cair contra latas de metal a paredes sólidas. O Strigoi atacou Denis em seguida, mas ele se mostrou excepcionalmente rápido. De forma injusta, eu havia assumido que nenhum daqueles descomprometidos possuía qualquer habilidade de combate. Devia ter pensado duas vezes. Eles receberam o mesmo treinamento que eu; só o que lhes faltava era disciplina.

Denis se esquivou do golpe e atacou por baixo, mirando as pernas do oponente. A investida foi bem-sucedida, embora fraca demais para derrubá-lo. Um lampejo prateado surgiu nas mãos de Denis, e ele conseguiu acertar de leve a bochecha do Strigoi antes que um tapa com as costas da mão o derrubasse em minha direção. Um corte como aquele não seria letal para o Strigoi, mas a prata devia ter machucado, e pude ouvi-lo rosnar. Seus caninos brilhavam com a saliva.

Saí do caminho de Denis a tempo de ele não me derrubar. Tamara o segurou pelo braço, amparando-o para que também não caísse. Era igualmente rápida e, mal o reequilibrou, já estava saltando sobre o Strigoi. Ele a rechaçou, mas não conseguiu bater com força o bastante para afastá-la. Artur e eu já o havíamos alcançado àquela altura, nossa força combinada jogando-o contra a parede. No entanto, ele era mais forte: a imobilização duraria pouco, e ele logo se soltaria. Uma voz responsável em minha cabeça — soando de forma muito suspeita como a de Dimitri — me alertou de que aquela era a oportunidade de matá-lo. Seria a atitude mais sábia e segura. Eu tinha a oportunidade, e a estaca em minha mão. Se meu plano maluco de interrogatório falhasse, a morte dos outros ficaria em minha lembrança.

Como se fôssemos um só, Artur e eu nos afastamos um pouco.

— Nos ajudem! — gritei.

Tamara se jogou contra o Strigoi, aplicando ainda um rápido chute em seu estômago. Eu sentia que ele começava a nos afastar, mas então Denis veio em nosso auxílio. Com os quatro trabalhando juntos, deitamos o Strigoi no chão de barriga para cima. Mas o pior ainda não havia terminado. Mantê-lo naquela posição não era fácil. Ele se debatia com incrível força, membros se agitando por toda a parte. Eu me ergui, tentando jogar o peso do meu corpo sobre o tronco da criatura, enquanto os outros a prendiam pelas pernas. Mais um par de mãos se juntou a nós: ergui a cabeça e vi Lev nos emprestando sua força. Seu lábio sangrava, mas o rosto era de determinação.

O Strigoi não parou quieto, mas fiquei satisfeita de saber que não conseguiria se libertar tão cedo, não com nós cinco segurando-o. Me inclinando para a frente, posicionei a ponta de minha estaca em sua garganta. Isso o deteve por um instante, e logo ele retomou seus esforços. Me aproximei de seu rosto.

— Conhece Dimitri Belikov? — inquirei.

Ele gritou algo incompreensível para mim que não soou muito amigável. Pressionei a estaca um pouco mais e abri um longo talho em seu pescoço. Ele berrou de dor, puro mal e astúcia faiscando dos olhos enquanto ele prosseguia com seus xingamentos em russo.

— Traduzam — ordenei, sem pensar em ninguém específico. — O que eu disse.

Um instante depois, Denis falou algo em russo, teoricamente a minha pergunta, pois ouvi o nome de Dimitri ali no meio. O Strigoi resmungou uma resposta, e Denis balançou a cabeça.

— Ele disse que não vai ficar brincando conosco.

Ergui a estaca e cortei o rosto do Strigoi, alargando a ferida que Denis fizera há pouco. Mais uma vez, o Strigoi gritou, e rezei para que a segurança da boate não ouvisse nada. Mostrei a ele um sorriso com malícia suficiente para igualar a sua própria.

— Diga a ele que vamos continuar brincando até que ele fale. De um jeito ou de outro, ele morre hoje à noite. Só depende dele se isso vai acontecer devagar ou rápido.

Eu sinceramente não conseguia crer que aquelas palavras haviam saído da minha boca. Eram tão duras... tão, bem, cruéis. Nunca em minha vida inteira imaginei um dia acabar torturando alguém, mesmo um Strigoi. A criatura ofereceu a Denis uma nova resposta hostil, então continuei trabalhando com a estaca, abrindo talhos e feridas que teriam matado qualquer humano, Moroi ou dampiro.

Por fim, ele liberou uma torrente de palavras que não se assemelhavam aos seus insultos habituais. Denis traduziu sem demora.

— Ele disse que nunca ouviu falar de alguém com esse nome e que, se Dimitri é um amigo seu, ele vai cuidar para que morra lenta e dolorosamente.

Quase sorri diante do último esforço hostil do Strigoi. O problema da minha estratégia ali era que o Strigoi poderia estar mentindo. Eu não tinha como saber. Algo em sua resposta me fez pensar que não estava. Ele soava como se achasse que eu estava me referindo a um humano ou a um dampiro, e não a um Strigoi.

— Ele é inútil, então — disse eu. Me inclinei para trás e olhei para Denis. — Vá em frente e acabe com ele.

Era o que Denis estava louco para fazer. Ele não hesitou, sua estaca atravessou firme e veloz até o coração do Strigoi. A resistência frenética cessou um instante após. O brilho maligno esvaneceu de seus olhos vermelhos. Nos levantamos, e vi os rostos de meus colegas me encarando com apreensão e temor.

— Rose — perguntou Denis, enfim —, o que você espera...

— Não se preocupem com isso — interrompi, me dirigindo para o canto onde jazia a garota humana inconsciente. Me ajoelhando, examinei seu pescoço. Ele a mordera, mas pouco sangue fora retirado. A ferida era relativamente pequena e só sangrava um pouco. Ela se remexeu e gemeu quando a toquei, o que encarei como um bom sinal. Com cuidado, a arrastei para longe da lata de lixo e em direção à luz, onde ela seria encontrada mais depressa. Já o Strigoi eu arrastei para o local mais escuro possível, ocultando-o quase completamente. Depois disso, pedi o celular de Denis emprestado e disquei o número que vinha mantendo amassado no bolso na última semana.

Após alguns toques, Sydney atendeu em russo. Sua voz era de sono.

— Sydney. Aqui é Rose.

Uma pequena pausa se seguiu.

— Rose? O que foi?

— Você voltou a São Petersburgo?

— Sim... Onde você está?

— Novosibirsk. Vocês possuem agentes aqui?

— Claro — respondeu ela com cautela. — Por quê?

— Hum... Tenho uma coisa para vocês limparem.

— Oh, céus.

— Ei, pelo menos estou ligando. E livrar o mundo de mais um Strigoi não é exatamente ruim. Além do mais, você não queria que eu avisasse?

— Sim, sim. Onde você está?

Passsei brevemente a ligação a Denis para que ele pudesse explicar a nossa localização exata. Ao terminar, ele me devolveu o telefone e eu contei a Sydney sobre a garota.

— A ferida é grave?

— Não parece — respondi. — O que devemos fazer?

— Deixem-na aí. O agente que está a caminho vai cuidar para que ela fique bem e não saia por aí espalhando histórias. Ele vai explicar tudo assim que chegar.

— Opa, ei. Não vou estar aqui quando ele chegar.

— Rose...

— Estou dando o fora — informei. — E eu agradeceria muito se você não dissesse a ninguém que eu liguei... como, por exemplo, a Abe.

— Rose...

— Por favor, Sydney. Não diga e pronto. Caso contrário... — Eu hesitei. — ...se disser, vou parar de telefonar quando isso acontecer. Ainda vamos abater mais alguns. — Céus, o que viria depois disso? Primeiro tortura, agora ameaças. Pior, eu estava ameaçando alguém de quem eu gostava. Claro que era mentira. Eu compreendia por que o grupo de Sydney fazia o que fazia, e não arriscaria uma exposição dessas. Só que ela não sabia disso, e rezei para que pensasse que eu era simplesmente instável o suficiente para arriscar revelar todos nós ao mundo.

— Rose... — tentou ela uma última vez. Não lhe dei essa chance.

— Obrigada, Sydney. Entraremos em contato. — Desliguei e entreguei o telefone a Denis. — Vamos lá, pessoal. Ainda não terminamos por hoje.

Eles sem dúvida pensavam que eu era uma louca por interrogar Strigoi, mas, levando em conta o quanto eram descuidados às vezes, o meu comportamento não era esquisito o bastante para que perdessem a fé em mim. Logo se entusiasmaram de novo, com a lembrança de nossa primeira morte naquela noite. Minha surpreendente habilidade de detectar Strigoi me fez ainda mais incrível aos seus olhos, e me convenci de que eles me seguiriam a praticamente qualquer lugar.

Apanhamos mais dois Strigoi naquela noite e conseguimos repetir o procedimento. O resultado foi o mesmo. Vários insultos em russo. Nenhuma informação nova. Uma vez convencida de que o Strigoi não tinha nada a nos oferecer, permitia que o descomprometido desse o golpe final. Eles adoravam, mas, depois do terceiro, me vi exausta tanto física quanto mentalmente. Disse ao grupo que íamos para casa — e, então, ao contornar os fundos de uma fábrica, detectei um quarto Strigoi.

Nós o surpreendemos. Uma nova luta se seguiu, mas acabamos conseguindo imobilizá-lo tal como havíamos feito com os anteriores.

— Pode ir — disse a Denis. — Você já sabe o que...

— Eu vou rasgar a sua garganta! — rosnou o Strigoi.

Opa. Esse falava inglês. Denis abriu a boca para começar o interrogatório, mas fiz que não com a cabeça.

— Eu assumo daqui.

Tal como o outro Strigoi, ele xingou e se debateu, mesmo com a estaca em sua garganta, me impedindo de falar.

— Escute — comecei, ficando impaciente e cansada —, só nos diga o que queremos saber. Estamos procurando por um dampiro chamado Dimitri Belikov.

— Eu o conheço. — A voz do Strigoi era presunçosa. — E ele não é um dampiro.

Sem me dar conta, chamei Dimitri de dampiro. Eu estava cansada e acabei deixando escapar. Não era por menos que o Strigoi estava tão satisfeito em falar. Ele supôs que não soubéssemos da transformação de

Dimitri. E, como qualquer Strigoi arrogante, estava feliz em nos contar mais, sem dúvida na esperança de nos causar dor.

— O seu amigo foi despertado. Ele espreita pela noite conosco agora, bebendo do sangue de garotas tolas como você.

Em meio segundo, mil pensamentos cruzaram a minha cabeça. Caramba. Eu viera à Rússia pensando que seria fácil encontrar Dimitri. Tais esperanças foram frustradas em sua terra natal, praticamente me fazendo desistir, e dei as costas para tudo, resignada à quase impossibilidade da minha missão. A ideia de que eu pudesse estar próxima de algo concreto era estonteante.

— Está mentindo — provoqueei. — Você nunca o viu antes.

— Eu o vejo o tempo todo. Já matei com ele.

Meu estômago se revirou, e não tinha nada a ver com a aproximação de algum outro Strigoi. “Não pense em Dimitri matando pessoas. Não pense em Dimitri matando pessoas.” Repeti as palavras de novo e de novo em minha mente, me obrigando a permanecer calma.

— Se isso for verdade — sibilei de volta —, então você tem uma mensagem para entregar a ele. Diga-lhe que Rose Hathaway está à sua procura.

— Não sou seu garoto de recados — disse ele, carrancudo.

Minha estaca o perfurou espalhando sangue, e ele contorceu o rosto de dor.

— Você vai ser o que eu quiser que seja. Agora vá e diga a Dimitri o que eu lhe disse. Rose Hathaway. Rose Hathaway está à sua procura. Repita. — Pressionei a ponta até seu pescoço. — Repita o meu nome para eu ter certeza de que vai lembrar.

— Vou lembrar para poder matá-la.

A pressão da estaca aumentou, derramando sangue.

— Rose Hathaway — disse ele. E cuspiu em mim, mas errou.

Satisfeita, me inclinei para trás. Denis me observava com expectativa, estaca em punho e preparado.

— Agora nós o matamos?

Balancei a cabeça.

— Agora o deixamos partir.

Dezessete

Convincê-los a deixar um Strigoi à solta — especialmente quando nós o tínhamos imobilizado — não foi fácil. Meu interrogatório também não fez sentido algum para eles, mas isso eles deixaram passar. Agora, permitir que um Strigoi fosse embora? Isso era loucura demais — mesmo para os descomprometidos. Houve uma troca de olhares desconfortáveis, e temi que fossem me desobedecer. No fim, minha severidade e autoridade prevaleceram. Eles me queriam como líder e confiavam em minhas decisões — não importava quão insanas parecessem.

Claro, uma vez que *libertamos* o Strigoi, havia ainda o problema de fazer com que ele saísse dali. A princípio, ele começou a nos atacar de novo, e então, vendo que provavelmente seria subjugado, acabou batendo em retirada. Nos lançou um último olhar ameaçador antes de desaparecer nas sombras. Não acho que ter apanhado de um bando de adolescentes tenha feito muito por sua autoestima. Para mim, em particular, ele mostrou uma singela expressão de ódio, e estremeci com a ideia de que sabia o meu nome. Não havia mais o que fazer quanto a isso; só podia torcer para que meu plano tivesse alguma chance de funcionar.

Denis e os outros superaram aquilo tão logo fizemos umas poucas novas vítimas naquela semana. Caímos numa rotina, investigando boates e partes perigosas da cidade, confiando em meus sentidos para nos dizer quando uma ameaça estava próxima. Para mim, era engraçado ver o quanto aquele grupo passou a depender da minha liderança. Afirmavam que não queriam nada com as regras e a autoridade dos guardiões, mas respondiam surpreendentemente bem quando eu lhes dizia o que fazer.

Bom, mais ou menos. De vez em quando, eu flagrava um lapso daquela velha atitude descuidada. Um deles tentava dar uma de herói, subestimava um Strigoi ou fazia a aproximação sem os outros. Artur quase terminou com uma concussão agindo assim. Sendo o maior de nós, ele se sentia um pouco confiante demais, e como consequência foi pego desprevenido quando um Strigoi o arremessou contra um muro. Foi um momento de grande tensão para todos nós. Por alguns instantes de agonia, temi que Artur estivesse morto — e seria minha culpa, como sua líder. Um dos alquimistas de Sydney aparecera — embora eu tivesse me precavido para não estar por perto, para que Abe não me encontrasse — e cuidara de Artur. O sujeito disse que Artur ficaria bem após algum tempo acamado, o que significava que ele teria de parar com as rondas por ora. Foi difícil para Artur — e tive que gritar com ele quando tentou nos seguir uma noite, lembrando-lhe de todos os amigos que morreram por causa de idiotices do gênero.

No mundo humano, os vampiros tendiam a acompanhar o horário humano. Agora eu passei para um

horário noturno, tal como estivera na Escola. Os outros agiram de acordo, exceto por Tamara, que tinha um emprego durante o dia. Eu não queria estar dormindo na hora em que os Strigoi espreitavam pelas ruas. Liguei para Sydney todas as vezes em que deixávamos um cadáver, e na comunidade Strigoi os rumores de que alguém estava dando um grande prejuízo deviam estar se espalhando. E, enquanto os Strigoi que havíamos liberado entregavam minha mensagem, alguns deles podiam aparecer só para me enfrentar de novo.

Conforme os dias passaram, nossas mortes decaíram um pouco, me fazendo pensar que agora os Strigoi estavam de fato sendo mais cautelosos. Não soube dizer se isso era bom ou ruim, mas insisti com os outros para que tomassem ainda mais cuidado. Eles começavam a me venerar como a uma deusa, porém aquela adoração não levantou meu ânimo. Meu peito ainda doía pelo que acontecera com Lissa e Dimitri. Mergulhei de cabeça em minha missão, procurando apenas pensar em trabalhar com a comunidade Strigoi para me aproximar de Dimitri. Contudo, quando não estávamos lá fora caçando, havia longos intervalos de ócio, sem nada para fazer.

E, assim, continuei visitando Lissa.

Eu sabia que muitos jovens — como Mia — viviam na Corte Real porque seus pais estavam empregados lá. Só fazia uma ligeira ideia de quantos eram. Naturalmente, Avery conhecia-os todos, e ninguém (ou eu, pelo menos) se surpreendeu ao ver que a maioria era mimada e rica.

O restante da visita de Lissa se resumira a uma série de outras recepções e festas formais. Quanto mais ela ouvia as conversas dos Moroi da realeza, mais ficava irritada. Notou os mesmos abusos de poder de outrora, a mesma forma injusta de distribuição de guardiões como se fossem propriedade de alguém. A controversa questão dos Moroi aprendendo a lutar ao lado dos guardiões continuava em voga. A maior parte das pessoas que Lissa encontrava na Corte eram adeptas da antiga mentalidade: deixemos os guardiões nas linhas de frente e os Moroi em segurança. Após testemunhar os resultados dessa política — e o sucesso do que acontecera quando pessoas como Christian e eu tentamos mudá-la —, ouvir o egoísmo que vinha da elite Moroi enfureceu Lissa.

Ela adorava escapar desses eventos quando surgia a oportunidade, ansiosa para se divertir com Avery. Avery, por sua vez, sempre conseguia encontrar gente para acompanhá-las e dar festas de uma natureza muito distinta das de Tatiana. Os sufocantes temas políticos da Corte nunca eram mencionados nessas festas, mas ainda havia motivos suficientes para diminuir o ânimo de Lissa.

Em especial, Lissa sentia a culpa, a raiva e a depressão ligadas a mim se agitarem com cada vez mais força. Já conhecia muito bem os efeitos colaterais do espírito sobre seu humor e sabia identificar os sinais de perigo, embora nessa viagem ela não tivesse quase utilizado o espírito. Independentemente da causa de seu mau humor, ela continuava fazendo o seu melhor para buscar distrações e abafar sua depressão.

— Veja só — chamou Avery, certa noite. Ela e Lissa estavam numa festa na noite anterior à que teriam de voar de volta para a Escola. Muitos dos que viviam na Corte possuíam moradia permanente, e essa reuniãozinha se deu na casa de um Szelsky que era assistente de uma delegação que Lissa não conhecia. Também não conhecia o anfitrião, mas não tinha importância, contanto que seus pais estivessem fora da cidade.

— Ver o quê? — perguntou Lissa, olhando em torno. A casa em questão tinha um quintal nos fundos, iluminado por tochas de madeira com formas humanas e fios de luzes piscantes. Havia uma abundância de comes e bebes, e um sujeito Moroi com um violão, tentando impressionar as garotas com suas habilidades musicais, que eram inexistentes. Aliás, a sua música era tão ruim que ele só podia ter descoberto uma nova forma de matar Strigoi. No entanto, ele era tão bonitinho que suas admiradoras nem pareciam reparar no

que estava tocando.

— Isto — respondeu Avery, apontando para o martíni de Lissa. — Está contando quantos desse você já colocou para dentro?

— Não pelo que eu tenho visto — disse Adrian. Estava esparramado sobre um divã próximo delas, com um drinque na mão.

Lissa se sentiu meio amadora diante dos amigos. Muito embora Avery continuasse alopando e jogando o charme de sempre, não trazia consigo o ar alucinado ou estúpido de alguém completamente bêbado. Lissa não sabia o quanto a outra garota já tinha tomado, mas devia ser muito, uma vez que Avery estava o tempo todo com um drinque na mão. De forma similar, nunca parecia faltar a Adrian uma bebida, cujos efeitos basicamente o acalmavam. Lissa supunha que os dois possuíam muito mais experiência que ela. Sua resistência diminuía com o passar dos anos.

— Estou legal — mentiu, vendo tudo à sua volta girar um pouco e pensando seriamente em se juntar a algumas garotas que dançavam sobre uma mesa, no meio do quintal.

Os lábios de Avery formaram um rápido sorriso, enquanto os olhos mostravam alguma preocupação.

— Tudo bem. Só não vá passar mal ou algo do gênero. Esse tipo de coisa se espalha rápido, e a última coisa de que precisamos é que todos saibam que a Dragomir não aguenta a dose. Sua família tem uma reputação e tanto a zelar.

Lissa engoliu depressa o drinque.

— Não sei, não, mas duvido que o consumo de álcool pertença ao passado ilustre da minha família.

Avery empurrou Adrian para um canto e se deitou no divã próxima a ele.

— Ei, você ficaria surpresa. Daqui a dez anos, este grupo vai integrar o conselho junto com você. E você vai tentar aprovar uma proposta, e eles vão comentar: “Lembra aquela vez em que ela tomou um porre e vomitou no meio da festa?”

Tanto Lissa quanto Adrian riram da imagem. Lissa não *achava* que ia passar mal, mas, como fazia com tudo o mais, ela se preocuparia com isso em outro momento. O lado positivo daquilo era que a bebida estava ajudando a entorpecer a lembrança do que ocorrera mais cedo, naquele dia. Tatiana a apresentara aos seus novos guardiões: um sujeito mais velho chamado Grant e a “senhorita”, cujo nome era Serena. Eles se mostraram bastante amigáveis, mas a semelhança comigo e com Dimitri era impressionante. Aceitá-los parecia mesmo uma traição à nossa memória, e no entanto Lissa apenas assentiu com a cabeça e agradeceu a Tatiana.

Depois, Lissa ficou sabendo que, originalmente, Serena vinha se preparando para ser a guardiã de uma jovem que ela conhecia a vida inteira. A jovem não era da realeza, mas às vezes, dependendo da quantidade de guardiões, mesmo Moroi de fora poderiam ganhar guardiões — embora nunca mais de um. Contudo, quando as vagas de proteção para Lissa abriram, Tatiana removera Serena de sua parceria com a amiga. Serena havia sorrido e disse a Lissa que não tinha importância. O dever vem primeiro, afirmou ela, e estava feliz por servi-la. Ainda assim, Lissa se sentiu mal, ciente de que havia sido difícil para as duas garotas — e terrivelmente injusto. Mas lá estava de novo: o injustificado jogo de forças sem ninguém para equilibrá-lo.

Ao sair desse encontro, Lissa havia amaldiçoado a própria fraqueza. Se não tivera coragem para me seguir, pensou, devia ao menos ter batido o pé e exigido que Tatiana lhe desse minha mãe como guardiã. Assim, Serena poderia ter voltado para junto de sua amiga, e haveria uma amizade desfeita a menos no mundo.

O martíni parecia ter a um só tempo entorpecido a dor e feito ela se sentir pior, o que para Lissa, sinceramente, não fazia sentido algum. “Dane-se”, pensou ela. E, ao avistar um garçom passando, acenou

para pedir mais uma dose.

— Ei, posso... Ambrose?

Ela olhou com surpresa para o sujeito de pé à sua frente. Se por acaso existisse um calendário com os vampiros mais gatos em trajes de banho, ele seria o modelo de capa (depois de Dimitri — mas, enfim, sou suspeita para falar). Seu nome era Ambrose, e Lissa e eu o conhecêramos em nossa viagem à Corte. Tinha a pele bastante bronzeada e músculos bem-definidos por baixo da camisa de botões cinza. Ele era uma extravagância à parte na Corte, um vampiro que rejeitara o dever de guardião e executava toda a sorte de tarefas por ali, como fazer massagens e — se os rumores fossem verdadeiros — ter “encontros românticos” com a rainha. Esta última tarefa me dava calafrios, e olhem que eu já me deparei com algumas situações bastante nojentas na vida.

— Princesa Dragomir — disse ele, iluminando-a com um de seus perfeitos sorrisos brancos. — Uma inesperada surpresa.

— Como vão as coisas? — perguntou Lissa, genuinamente feliz por vê-lo.

— Bem, bem. Afinal de contas, tenho o melhor emprego do mundo. E você?

— Ótima.

Ambrose se deteve, observando-a. Não desfez aquele lindo sorriso, mas Lissa percebeu que ele não partilhava de sua opinião. Podia ver a censura em seu rosto. Avery acusando-a de beber demais era uma coisa. Mas um criado vampiro bonito? Inaceitável. Lissa adotou uma atitude mais fria, estendendo seu copo.

— Preciso de outro martíni — disse, sua voz altiva como a de um perfeito membro da realeza.

Ambrose notou a transformação, e seu sorriso amistoso assumiu uma indiferença polida.

— Num instante. — Fez uma breve reverência e se dirigiu ao bar.

— Nossa — comentou Avery, observando admirada enquanto ele se afastava. — Por que não nos apresentou o seu amigo?

— Ele não é meu amigo — corrigiu Lissa. — Não é ninguém.

— Concordo — interveio Adrian, passando um braço por trás de Avery. — Por que procurar em outros lugares quando se tem o melhor aqui mesmo? — Se eu não conhecesse a peça, teria jurado que havia uma pontinha de ciúme genuíno por debaixo do tom jovial. — Por acaso não levei você para tomar café com a minha tia?

Avery sorriu preguiçosamente.

— Foi um bom começo. Você sempre arranja um jeito de me impressionar, Ivashkov. — Seu olhar contornou a cabeça de Lissa e demonstrou surpresa. — Ei, a chave de cadeia está aqui.

Mia, com Jill a reboque, veio a passos largos pelo jardim, indiferente às reações chocadas que recebia. As duas claramente não pareciam se encaixar naquele lugar.

— Ei — chamou Mia, ao se aproximar do grupo de Lissa. — Meu pai acabou de ser chamado, e vou ter que partir com ele. Preciso deixar Jill com vocês.

— Sem problema — respondeu Lissa automaticamente, embora não estivesse nem um pouco feliz com a presença de Jill ali. Lissa ainda se perguntava se Christian não teria algum interesse particular pela menina.

— Tudo bem com o seu pai?

— É, são só negócios.

Mia se despediu de todos e deixou a festa tão depressa quanto havia chegado, revirando os olhos para os risinhos e expressões dos outros membros reais enquanto passava.

Lissa voltou sua atenção para Jill, que se sentava ansiosa numa cadeira próxima e olhava à sua volta

impressionada.

— Como foi? Você se divertiu com Mia?

Jill se voltou de novo para Lissa, com uma fisionomia radiante.

— Ah, sim. Ela é ótima, mesmo. Se aperfeiçoou tanto em água... Uma loucura! Ela me ensinou alguns golpes, também. Agora consigo dar um gancho de direita... só que não muito forte.

Ambrose reapareceu então com o drinque de Lissa. Ela a serviu sem dizer palavra e amoleceu um pouco ao ver Jill.

— Deseja alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

— Não, obrigada.

Adrian observava Jill atenciosamente.

— Você está bem aqui? Quer que eu a leve de volta para o prédio dos hóspedes? — Como da última vez, ele não tinha segundas intenções nem nada do gênero. Parecia vê-la como uma irmã mais nova, o que eu achei fofo de sua parte. Não pensei que ele fosse capaz desse tipo de atitude protetora.

Ela tornou a balançar a cabeça.

— Tudo bem. Não quero que vocês vão embora por minha causa... A não ser... — Sua expressão era de preocupação. — Vocês querem que eu saia?

— Nah — respondeu Adrian. — É bom ter alguém responsável no meio de todo esse agito. Você devia comer alguma coisa, se estiver com fome.

— Você está parecendo uma mãezona — provocou Avery, ecoando meus pensamentos.

Seja lá por que motivo, Lissa levou o comentário de Adrian sobre “alguém responsável” para o lado pessoal, como uma crítica direta. Não acho que tenha sido o caso, mas ela não estava lá raciocinando com muita clareza. Decidindo que ela própria queria comer algo, se levantou e andou até a mesa no jardim dos fundos, sobre a qual havia bandejas de aperitivos. Bom, isso tinha sido antes. Agora, a mesa estava sendo usada pelas “dançarinas” que Lissa vira um tempo atrás. Alguém havia liberado o espaço passando todas as bandejas de comida para o chão. Lissa se abaixou para apanhar um sanduichezinho, analisando as garotas e se perguntando como elas conseguiam encontrar algum ritmo na péssima música daquele sujeito da realeza.

Uma delas percebeu Lissa e sorriu. Ela estendeu uma das mãos.

— Ei, suba aqui.

Lissa já a vira antes, mas não conseguia lembrar seu nome. Dançar de repente lhe pareceu uma ótima ideia. Ela terminou o sanduíche e, com a bebida na mão, foi içada para a mesa. Isso causou alguma comoção entre os que estavam em volta. Lissa descobriu que a música era irrelevante e logo entrou no clima. Os passos que ela e as outras garotas davam variavam do explicitamente sensual a imitações de discoteca. Era tudo muito divertido, e Lissa imaginou se Avery diria que aquilo também voltaria para assombrá-la dali a dez anos.

Depois de um tempo, ela e as outras chegaram a arriscar alguns passos sincronizados. Começaram balançando os braços no ar e em seguida passaram a dar chutes como os de um musical. Esses chutes se mostraram desastrosos. Um movimento equivocado — Lissa usava salto — de repente a jogou da mesa. Ela perdeu a bebida e quase foi ao chão, quando um par de braços a apanhou e a manteve de pé.

— Meu herói — murmurou. Então deu uma boa olhada no rosto de seu salvador. — Aaron?

O ex-namorado de Lissa — e o primeiro com quem ela dormiu — a olhou com um sorriso e a soltou tão logo teve certeza de que podia se equilibrar. Loiro e de olhos azuis, Aaron tinha uma beleza quase igual a de

um surfista. Não consegui me impedir de pensar no que teria acontecido se Mia o tivesse visto. No passado, ela, Aaron e Lissa se envolveram num triângulo amoroso típico de novela.

— O que faz aqui? Achávamos que tinha desaparecido — disse Lissa. Aaron havia deixado a Escola alguns meses atrás.

— Vou estudar em Nova Hampshire agora. Viemos aqui visitar a família.

— Bom, é ótimo ver você. — As coisas não tinham acabado bem entre os dois, mas, em seu estado atual, ela estava falando sério. Já estava tão alta que era simplesmente ótimo ver qualquer um naquela festa.

— Idem. Você está fantástica.

Essas palavras mexeram com ela mais do que o esperado, provavelmente porque todos ali haviam subentendido que ela parecia bêbada e irresponsável. E, apesar do namoro terminado, ela não podia evitar lembrar o quão atraente ela já o achava. Na verdade, ela ainda o achava atraente. Só não o amava mais.

— Mande notícias — disse ela. — Para ficarmos atualizados. — Por um instante, ela se perguntou se devia mesmo ter dito aquilo, uma vez que tinha um namorado. Então espantou suas preocupações. Não havia nada de errado em andar com outros caras, até porque Christian não se importou o bastante para vir com ela nessa viagem.

— Vou gostar de fazer isso — respondeu Aaron. Havia algo em seu olhar que deixou Lissa prazerosamente desconcertada. — Será que eu podia ganhar um beijo de despedida, depois de salvar você e tudo?

A ideia era ridícula — mas então, depois de um instante, Lissa riu. Que importância tinha? Era Christian quem ela amava, e um beijo entre amigos não significaria nada. De cabeça erguida, deixou Aaron se inclinar e segurar seu rosto entre as mãos. Seus lábios se encontraram, e não houve dúvidas: o beijo durou *um tantinho* a mais para ser considerado apenas amigável. No final, Lissa se viu sorrindo como uma colegial boba — o que, na verdade, ela era mesmo.

— Vejo você por aí — disse ela, retornando para junto de seus amigos.

Avery exibiu uma expressão de censura, mas não por causa de Aaron e do beijo.

— Ficou maluca? Você quase quebrou a perna. Não pode sair fazendo esse tipo de coisa.

— Era para você ser a divertida do grupo — argumentou Lissa. — Não foi nada de mais.

— Diversão não é o mesmo que estupidez — retorquiu Avery, com o rosto sério. — Você não pode fazer besteiras assim. Acho que devíamos deixá-la em casa.

— Eu estou bem — disse Lissa. E teimosamente desviou o olhar de Avery e se concentrou em uns sujeitos preparando doses de tequila. Estavam numa espécie de competição, e metade deles parecia prestes a apagar.

— Defina “bem” — disse Adrian com ironia. No entanto, parecia igualmente preocupado.

— Eu estou bem — repetiu Lissa. — Nem me machuquei naquela hora. — Ela esperara ressentimento com relação a Aaron e se surpreendeu quando nada disseram sobre isso, o que impressionou ainda mais, porque a crítica veio de outra fonte.

— Você beijou aquele cara! — exclamou Jill, se inclinando para a frente. Sua expressão estava consternada, sem exibir um traço de sua costumeira hesitação.

— Não foi nada — disse Lissa, perturbada por ser Jill, entre todos ali, a repreendê-la. — Com certeza, nada que seja da *sua* conta.

— Mas você está com Christian! Como pôde fazer isso com ele?

— Relaxe, chave de cadeia — interveio Avery. — Um beijo de porre não é nada comparado a uma queda de porre. Deus sabe quantos caras eu já beijei bêbada.

— E, ainda assim, não fui beijado esta noite — refletiu Adrian, balançando a cabeça.

— Tanto faz. — Jill parecia bastante perturbada. Tinha aprendido a gostar e a respeitar Christian. —

Você o traiu.

Com essas palavras, daria no mesmo se Jill tivesse treinado seu gancho de direita em Lissa.

— Não trai! — exclamou Lissa. — Não use a sua quedinha por ele para ficar imaginando coisas que não existem.

— Eu não imaginei aquele beijo — disse Jill, ruborizando.

— Aquele beijo é o menor dos nossos problemas — suspirou Avery. — Sério, gente, esqueçam isso por enquanto. Vamos conversar amanhã de manhã.

— Mas... — recomeçou Jill.

— Você a ouviu. Esqueça isso — rugiu uma nova voz. Reed Lazar havia aparecido do nada e ia crescendo à frente de Jill, uma expressão mais rígida e assustadora do que nunca.

Os olhos de Jill se arregalaram.

— Só estou dizendo a verdade... — Precisei admirar a sua coragem ali, considerando sua natureza geralmente tímida.

— Você está irritando todo mundo — disse Reed, se aproximando mais e fechando os punhos. — E está me irritando. — Eu tinha plena certeza de que aquilo era o máximo que já o ouvira dizer. Tendia a imaginá-lo meio como um homem das cavernas, formando frases curtas, de três palavras.

— Opa. — Adrian se levantou e correu para o lado de Jill. — *Você* precisa esquecer isso. O quê, vai começar a brigar com uma garota?

Reed dirigiu sua atenção para Adrian.

— Fique fora disso.

— Uma ova que eu vou! Você está maluco.

Se alguém tivesse me pedido para fazer uma lista com as pessoas mais prováveis a se arriscarem numa luta em defesa da honra de uma dama, colocaria Adrian Ivashkov lá pelo final. E, no entanto, ali estava ele, expressão firme e uma das mãos apoiadas protetoramente no ombro de Jill. Eu estava chocada. E impressionada.

— Reed — gritou Avery. Ela também se levantara e agora se postava do outro lado de Jill. — Ela não fez nada. Saia daqui.

Os dois irmãos ficaram ali, com os olhos travados, numa espécie de batalha silenciosa. Avery exibia a expressão mais severa que eu já vira nela, e por fim Reed recuou, furioso.

— Ótimo. Que seja.

O grupo observou impressionado enquanto ele ab-ruptamente se afastou. A música estava tão alta que apenas alguns dos presentes ali na festa chegaram a ouvir a discussão. Eles paravam e assistiam, e Avery parecia envergonhada ao afundar em sua cadeira. Adrian continuava ao lado de Jill.

— Que diabos foi aquilo? — quis saber ele.

— Não sei — admitiu Avery. — Às vezes ele fica estranho e superprotetor. — E lançou um sorriso de desculpas para Jill. — Me desculpe, de verdade.

— Acho que é hora de todos irmos embora — disse Adrian, meneando a cabeça.

Mesmo em seu estado alcoolizado, Lissa teve que concordar. O confronto com Reed a havia sacudido de volta à sobriedade, e de repente ela se viu reavaliando penosamente suas atitudes naquela noite. As luzes brilhantes e os coquetéis extravagantes da festa perderam o encanto. Os movimentos embriagados dos outros membros da realeza pareceram desengonçados e ridículos. Pressentiu que, no dia seguinte, talvez

fosse se arrepender daquela festa.

Uma vez de volta à minha própria cabeça, senti o temor se espalhando em mim. Tudo bem. Havia algo de muito errado com Lissa, e ninguém mais parecia notar — bom, pelo menos não com a seriedade apropriada. Adrian e Avery pareciam de fato preocupados, mas senti que relacionavam o comportamento dela à bebida. Lissa continuava me lembrando muito como tinha sido da primeira vez em que retornamos para a São Vladimir, quando o espírito a dominara e bagunçara sua mente. Só que... eu me conhecia bem o suficiente agora para perceber que minha raiva e fixação em punir os Strigoi também vinham sendo influenciadas pelo lado negro do espírito. O que significava que *eu* estava drenando aquilo dela. Era para estar deixando o corpo de Lissa, em vez de se acumular. Então, o que havia de errado com ela? De onde vinha essa sua *persona* de pavio curto, doida e ciumenta? Será que a escuridão do espírito estava simplesmente se intensificando de um jeito que contagiava a ambas? Será que estávamos dividindo aquilo?

— Rose?

— Hã? — Tirei os olhos da tevê, à qual eu assistia perdida em pensamentos. Denis estava me observando, com o celular na mão.

— Tamara teve que trabalhar até mais tarde. Está pronta para ir agora, mas...

Ele acenou com a cabeça em direção à janela. O sol já havia quase morrido, o céu lilás, apenas um leve abóbora no horizonte. Era possível vir andando do trabalho de Tamara até em casa, mas, se por um lado provavelmente não existia nenhum perigo real nisso, eu não a queria sozinha na rua após o anoitecer.

— Venha, vamos buscá-la — disse, me levantando. E para Lev e Artur: — Vocês podem ficar.

Denis e eu caminhamos quase um quilômetro até o pequeno escritório onde Tamara trabalhava. Ela respondia por tarefas diversas, como arquivar e xerocar, e ao que parecia havia surgido um projeto aquela noite que a segurou até mais tarde. Nós a encontramos na porta e retornamos ao apartamento sem qualquer incidente, conversando animados sobre nossos planos de caça para mais tarde. Quando chegamos ao prédio de Tamara, escutei um estranho choro vindo do outro lado da rua. Todos nos viramos, e Denis disfarçou uma risada.

— Santo Deus, é aquela maluca de novo — murmurei.

Tamara não vivia numa parte ruim da cidade, mas, como em qualquer centro urbano, existiam os desabrigados e os mendigos. A mulher que observávamos era quase tão idosa quanto Yeva, e costumava subir e descer a rua choramingando consigo mesma. Hoje, estava com as costas deitadas sobre a calçada, fazendo estranhos ruídos e movendo os membros como uma tartaruga.

— Será que está ferida? — perguntei.

— Não. Só louca — respondeu Denis. Ele e Tamara se viraram para entrar, mas uma parte de mim não podia abandoná-la. Suspirei e disse:

— Já, já eu entro.

A rua estava calma (tirando a velha senhora), e atravessei sem me preocupar com o tráfego. Ao me aproximar da mulher, estendi a mão para ajudá-la a se levantar, tentando não pensar no quão suja sua própria mão estaria. Tal como Denis dissera, hoje ela simplesmente parecia ter entrado em parafuso. Não estava ferida; ao que parecia, só tinha decidido se deitar um pouco. Estremeci por dentro. Eu costumava usar a palavra “loucura” com muita frequência quando me referia a Lissa e eu, mas *isso* é que era loucura. Eu esperava de verdade que o espírito nunca nos levasse tão longe. A mulher sem-teto parecia surpresa com a ajuda, mas apanhou minha mão e começou a tagarelar em russo. Quando tentou me abraçar em retribuição, eu dei um passo atrás e ergui as mãos no gesto internacionalmente conhecido como “não se aproxime”.

Ela de fato recuou, mas continuou falando feliz da vida. Pegou as laterais de seu longo casaco, as segurou como uma daquelas saias cheias de babados e começou a girar e cantar. Eu ri, impressionada com a capacidade de algo assim animar meu mundo triste. Fui atravessando de volta para o apartamento de Tamara. A velha senhora parou de dançar e recomeçou a falar animadamente comigo.

— Me desculpe, eu preciso ir — disse a ela. O que não pareceu surtir efeito.

Então ela congelou no meio de uma frase. Sua expressão me deu o aviso um microssegundo antes de minha náusea. Em um único movimento fluido, girei nos calcanhares para ver o que havia às minhas costas e saquei a estaca. Um Strigoi estava ali, alto e imponente, se revelando enquanto eu me distraía. Burra, burra. Me recusara a deixar Tamara andar sozinha de volta para casa, mas nunca cheguei a considerar o perigo bem atrás de...

— Não...

Eu não sabia ao certo se tinha dito ou pensado essa palavra. Não importava. Tudo o que importava naquela hora era o que meus olhos enxergavam diante de mim. Ou, enfim, o que meus olhos *acreditavam* enxergar. Porque, sem sombra de dúvida, eu tinha que estar imaginando aquilo. Não podia ser real. Não depois de todo esse tempo.

Dimitri.

Eu o reconheci na mesma hora, muito embora ele estivesse... mudado. Acredito que, mesmo numa multidão com um milhão de pessoas, eu o teria reconhecido. Essa era a força da conexão que existia entre nós. E, depois de tanto tempo privada de sua companhia, eu me embebi com cada detalhe. Os cabelos escuros na altura do queixo, deixados soltos aquela noite e ondulando de leve em torno do rosto. O conhecido par de lábios, agora curvados num sorriso divertido e ainda assim indiferente. Ele até estava com o guarda-pó que sempre usava, o longo casaco de couro que podia ter saído direto de um filme de caubóis.

E então... havia os traços Strigoi. Seus olhos escuros — os olhos que eu amava — contornados de vermelho. A pele pálida, pálida como o branco da morte. Em vida, sua compleição fora tão bronzeada quanto a minha, graças a tanto tempo passado ao ar livre. Se ele abrisse a boca, eu sabia que veria caninos.

Essa avaliação inteira ocorreu em um piscar de olhos. Eu reagi rápido quando o detectei — mais rápido do que ele provavelmente teria esperado. Eu ainda contava com o elemento surpresa, minha estaca empunhada e pronta. Estava alinhada de modo perfeito ao seu coração. Eu sabia, naquela hora, que podia atingi-lo antes que ele pudesse se defender. Mas...

Os olhos. Oh, Deus, os olhos.

Mesmo com aquele anel vermelho perturbador ao redor das pupilas, seus olhos ainda me lembravam o Dimitri que eu conhecera. A expressão em seus olhos — o aspecto desalmado e maligno —, isso não tinha nada a ver com ele. Mas havia semelhança suficiente para balançar meu coração, subjugar os meus sentidos e sentimentos. Minha estaca estava pronta. Tudo o que eu tinha que fazer para matá-lo era continuar a trajetória. Eu tinha a oportunidade em minhas mãos...

Mas não conseguia. Só precisava de mais alguns segundos, mais alguns segundos para vê-lo e então o mataria. E foi então que ele falou.

— Roza. — A voz possuía aquela mesma gravidade maravilhosa, o mesmo sotaque... só era mais gélida.

— Você esqueceu a minha primeira lição: não hesite.

Mal vi o seu primeiro golpe em direção à minha cabeça... e, então, não vi mais nada.

Dezoito

Como já era de se esperar, acordei com uma dor de cabeça.

Por alguns segundos de confusão, eu não tive ideia do que acontecera ou de onde me encontrava. Conforme o torpor foi se atenuando, os eventos da rua me assaltaram a memória com violência. Me senti ereta, com todos os meus sentidos despertos, apesar de uma leve e persistente tonteira. Era hora de descobrir onde eu estava.

Eu me achava numa enorme cama dentro de um quarto escuro. Não — não apenas um quarto. Parecia mais uma suíte ou um apartamento conjugado. Eu pensava que o hotel em São Petersburgo era opulento, mas esse ganhava de lavada. A metade do apartamento que eu ocupava continha a cama e os típicos acessórios de um quarto: cômoda, mesinha de cabeceira etc. A outra metade parecia uma sala de estar, com um sofá e uma tevê. Prateleiras foram montadas nas paredes, todas abarrotadas de livros. Logo à minha direita havia um corredor curto com uma porta no final. Provavelmente um banheiro. Do meu outro lado, uma grande janela panorâmica, pintada tal como as janelas dos Moroi costumavam ser. Essa era a mais carregada de tinta que eu já tinha visto. Era um preto quase chapado, praticamente impossível de enxergar o outro lado. Apenas o fato de eu conseguir diferenciar o céu e a terra no horizonte — após alguns instantes apertando os olhos — me permitiu saber que era dia lá fora.

Deslizei da cama, com os sentidos em alerta máximo, enquanto buscava avaliar quanto perigo eu corria ali. Meu estômago estava normal; não havia Strigoi na área. O que no entanto não valia necessariamente para uma certa pessoa. Eu não podia tomar nada como certo — foi isso que me colocou em apuros naquela rua. Mas não havia tempo para reflexões. Não ainda. Se eu parasse para fazer isso, minha determinação atual ficaria comprometida.

Procurei no bolso do casaco por minha estaca. Não estava mais lá, é claro. Não vi nada por perto que pudesse me servir de arma, o que significava que eu dependeria do meu próprio corpo para lutar. Quase fora do meu campo visual, avistei um interruptor na parede. Eu o apertei e congelei, aguardando para ver o que — ou quem — as luzes revelariam.

Nada fora do comum. Ninguém mais. Na mesma hora, tomei a primeira atitude óbvia e chequei a porta. Estava trancada, como esperado, e a única forma de abri-la era por um teclado numérico. Ainda por cima, ela era grossa e feita do que parecia ser aço. Me lembrou uma porta estanque. Não havia como passar por ela, então dei meia-volta para prosseguir com a minha exploração. Era meio irônico, na verdade. Várias das minhas aulas abordaram detalhadas maneiras de revistar um lugar. Eu sempre as odiei; queria era aprender a

lutar. Agora parecia que aquelas demonstrações aparentemente inúteis na época tinham um propósito genuíno.

A luz trouxera aos objetos do apartamento uma nitidez maior. A cama era coberta por um edredom de cetim da cor do marfim, recheado com penas até o limite da maciez. Indo lentamente até a sala, notei que a tevê era boa — muito boa. Tela de plasma. Parecia novinha em folha. Os sofás também eram bons, estofados em couro verde fosco. Uma escolha de cor atípica para um sofá, mas funcionava. Toda a mobília do lugar — mesas, escrivaninha, cômoda — era feita de uma madeira preta polida e elegante. Num dos cantos da sala, vi uma geladeirinha. Me ajoelhando, eu a abri e encontrei garrafas de água e suco, frutas variadas e saquinhos com queijo cortado em pedaços perfeitos. Em cima da geladeira, mais petiscos: nozes, biscoitos salgados e uma espécie de massa assada caramelizada. Meu estômago roncou diante daquela visão, mas de jeito algum eu ia comer qualquer coisa daquele lugar.

O banheiro seguia o mesmo estilo do restante do apartamento. O chuveiro e a *jacuzzi* eram feitos de mármore preto polido, e pequenos sabonetes e xampus ladeavam a bancada. Um espelho maior pendia sobre a pia, exceto que... não pendia literalmente. Estava incrustado na parede com tamanha precisão que não havia jeito de removê-lo dali. O material também causava estranheza. Mais parecia um metal reflexivo do que vidro.

A princípio achei aquilo esquisito, até que corri de volta ao cômodo principal e dei uma boa olhada. Não havia absolutamente nada que pudesse ser usado como arma. A tevê era grande demais para tirar do lugar ou quebrar, a não ser quebrando a tela, que parecia feita de um plástico de alta tecnologia. Não havia vidro em qualquer uma das mesas. As prateleiras eram embutidas. As garrafas na geladeira eram todas de plástico. E a janela...

Corri até ela, tateando suas pontas. Assim como o espelho, ela se encaixava perfeitamente à parede. Não eram vidraças, e sim uma única peça. Forçando a vista mais uma vez, obtive um panorama mais detalhado do lado de fora e vi... nada. O terreno parecia abarcar planícies quase perfeitas, com apenas algumas árvores aqui e ali. Me fez lembrar a paisagem pela qual eu viajara a caminho de Baía. Pelo jeito, eu não me encontrava mais em Novosibirsk. E, olhando para baixo, percebi que não estava no andar térreo. Talvez no quarto. Qualquer que fosse, era alto demais para saltar sem quebrar um dos membros. Ainda assim, eu precisava tomar alguma atitude. Não podia ficar ali, sentada.

Apanhei a cadeira da escrivaninha e bati com ela no vidro — obtendo pouquíssimo resultado tanto na cadeira quanto na janela.

— Deus do céu — murmurei. Tentei outras três vezes, e nenhuma sorte. Era como se ambas fossem feitas de aço. Talvez o vidro fosse de algum tipo de material industrial à prova de balas. E a cadeira... quem me dera saber. Era uma única peça de madeira e não mostrava qualquer sinal de lascagem, mesmo depois do que eu fiz com ela. Todavia, já que eu passara a vida toda fazendo coisas não muito sensatas, continuei tentando quebrar o vidro.

Estava em minha quinta tentativa quando meu estômago acusou a aproximação de um Strigoi. Girando nos calcanhares, mantive a cadeira em punho e fui até a porta. Ela se abriu, e eu avancei sobre o intruso com as pernas da cadeira.

Era Dimitri.

Os mesmos sentimentos conflituosos que eu experimentara na rua retornaram, amor misturado ao terror. Dessa vez venci o amor, não esmorecendo minha ofensiva. Não que tivesse feito lá grande coisa. Bater nele era como bater na janela. Ele me empurrou para trás, e eu cambaleei, ainda segurando a cadeira. Recuperei meu equilíbrio e investi de novo. Agora, quando nos chocamos, ele conseguiu apanhar a cadeira e tirá-la de

mim. Então a atirou contra a parede como se nada pesasse.

Sem essa arma improvisada, era hora de confiar na força do meu próprio corpo. Era o que eu vinha fazendo nas últimas duas semanas, com o nosso interrogatório de Strigoi; seria a mesma coisa. Claro, eu tivera quatro outras pessoas à minha disposição. E nenhum daqueles Strigoi era como Dimitri. Mesmo em seu tempo de dampiro, ele era difícil de derrotar. Agora continuava com a mesma habilidade — só que era mais rápido e mais forte. E também conhecia os meus golpes, até porque foram ensinados por ele. Era praticamente impossível pegá-lo de surpresa.

Mas assim como foi com a janela, eu não podia ficar impassível. Estava trancada num quarto — o fato de que era um quarto grande e luxuoso não importava — com um Strigoi. Um Strigoi. Era o que eu tinha que ficar me repetindo. Havia um Strigoi ali. Não Dimitri. Tudo o que eu dissera a Denis e aos outros se aplicava ali. *Fique esperta. Fique alerta. Defenda-se.*

— Rose — disse ele, desviando um dos meus chutes ineficazes. — Está perdendo tempo. Pare.

Ah, aquela voz. A voz de Dimitri. A voz que eu ouvia quando ia dormir à noite, a voz que uma vez dissera me amar...

“Não! Não é ele. Dimitri se foi. Isto é um monstro.”

Desesperada, tentei pensar numa forma de vencer ali. Cogitei até usar os fantasmas que havia conjurado no celeiro. Mark dissera que eu poderia recorrer a isso em momentos de fortes emoções, e eles lutariam por mim. Essas eram as emoções mais fortes que eu poderia sentir, e no entanto não conseguia chamá-los. Eu sinceramente não fazia ideia de como fizera antes, e toda a força de vontade do mundo parecia não funcionar agora. Droga. Que utilidade os poderes assustadores tinham se eu não podia usá-los a meu favor?

Em lugar disso, peguei o DVD player da prateleira, seus fios se desprendendo da parede. Não era bem uma arma, mas eu estava desesperada. Ouvi um grito de guerra estranho e primitivo, e uma longínqua parte de mim se deu conta de que eu mesma o tinha produzido. Mais uma vez, corri até Dimitri, girando o aparelho com a maior força possível. Provavelmente o teria machucado um pouco — *se* o tivesse atingido. Não foi o caso. Ele o interceptou de novo, tirando-o de mim e jogando-o no chão. O aparelho se partiu em pedaços. No mesmo movimento, ele me apanhou pelo braço para me impedir de bater ou alcançar mais alguma coisa. Seu aperto era forte, como se pudesse quebrar meus ossos, mas eu continuei me debatendo.

Ele apelou para o bom senso novamente.

— Não vou machucá-la. Roza, pare, por favor.

Roza. O antigo apelido. O nome pelo qual ele me chamou quando fomos vítimas do feitiço de luxúria de Victor, ambos enroscados nus nos braços um do outro...

“Este não é o Dimitri que você conheceu.”

Minhas mãos estavam incapacitadas, então ataquei com as pernas e pés o melhor que pude. Não surtiu muito efeito. Sem poder usar direito o restante do corpo para me equilibrar, eu não tinha forças para aplicar os chutes. Ele, por sua vez, parecia mais perturbado do que propriamente preocupado ou zangado. Com um sonoro suspiro, ele me agarrou pelos ombros e me girou, me pressionando contra a parede e me imobilizando com o peso do próprio corpo. Eu resisti um pouco, mas estava tão paralisada quanto os Strigoi em nossas noites de caça. O universo possuía um senso de humor perverso, mesmo.

— Pare de lutar contra mim. — Sua respiração era quente contra meu pescoço, seu corpo bem diante do meu. Eu sabia que sua boca estava apenas a alguns centímetros de distância. — Não vou machucá-la.

Dei mais um empurrão ineficaz. Minha respiração vinha em arfadas entrecortadas, e a ferida em minha cabeça latejava.

— Espero que entenda se eu custar a acreditar nisso.

— Se eu quisesse a sua morte, já estaria morta. Agora, se pretende continuar lutando, terei que amarrá-la. Se parar, vou soltá-la.

— Não tem medo de que eu escape?

— Não. — Sua voz era perfeitamente plácida, e me dava calafrios. — Não tenho.

Ficamos assim por quase um minuto, imóveis. Minha mente trabalhava alucinada. Era verdade que ele já poderia ter me matado se essa fosse a sua intenção, embora eu continuasse sem qualquer razão para acreditar que estava minimamente segura. De qualquer forma, nós chegamos a um empate nessa luta. Está bem, “empate” não era bem a palavra. Eu cheguei a um empate. Ele estava brincando comigo. Minha cabeça latejava no ponto em que recebi a pancada, e essa luta inútil só serviria para me deixar mais cansada. Eu precisava recuperar minhas energias a fim de descobrir um jeito de escapar — caso eu vivesse tempo suficiente. Também precisava parar de pensar no quão próximos nossos corpos estavam um do outro. Depois daqueles meses em que procurávamos não nos tocar, tanto contato físico era inebriante.

Relaxe em suas mãos.

— Está bem.

Ele hesitou antes de se afastar, provavelmente se perguntando se podia confiar em mim. Esse instante me lembrou de quando ficáramos juntos na pequena cabana dos arredores da Escola. Eu estivera furiosa e descontrolada, possuída pela escuridão do espírito. Dimitri havia me segurado naquela época também, e me tirado daquela sinistra situação. Nós nos beijáramos, então suas mãos levantaram minha camisa, e — não, não. Não ali. Eu não podia pensar nisso ali.

Dimitri por fim me soltou, afastando-se da parede. Eu me virei, e todos os meus instintos queriam explodir e atacá-lo novamente. Com severidade, disse a mim mesma para ganhar tempo para que eu pudesse juntar mais forças e informações. Ainda que ele tivesse me liberado, não havia se afastado de todo. Estávamos a apenas uns trinta centímetros de distância. Contra as minhas expectativas, me peguei observando-o mais uma vez, tal como eu fizera naquela rua. Como podia ele ser o mesmo e, ainda assim, tão diferente? Fiz o melhor para não me concentrar nas semelhanças — seu cabelo, nossa diferença de alturas, o formato de seu rosto. Em lugar disso, me foquei nos atributos Strigoi, o vermelho em seus olhos e a palidez de sua pele.

Eu estava tão absorta nesse exercício que demorei um instante para perceber que ele também não dizia nada. Ficou me estudando com atenção, como se seus olhos pudessem enxergar através de mim. Estremeci. Por pouco — *muito pouco!* — pareceu que eu o atraía do jeito que ele me atraía. Isso, no entanto, era impossível. Strigoi não cultivam esse tipo de sentimento, e, além do mais, pensar que ele ainda tivesse qualquer afeição por mim devia ser apenas um delírio da minha parte. Seu rosto sempre fora difícil de decifrar, e agora se ocultava sob uma máscara de malícia e frieza que tornava impossível saber de fato o que se passava em sua mente.

— Por que você veio aqui? — perguntou afinal.

— Porque você me acertou na cabeça e me arrastou até aqui. — Se eu estava prestes a morrer, que fosse ao verdadeiro estilo Rose Hathaway.

O Dimitri de outrora teria deixado escapar um sorriso ou dado um suspiro irritado. O atual permaneceu impassível.

— Não foi o que eu quis dizer, e você sabe disso. Por que você está *aqui*? — Sua voz era baixa e perigosa. Eu pensava que Abe era assustador, mas não havia nem comparação. Mesmo Zmey teria batido em retirada.

— Na Sibéria? Eu vim para encontrá-lo.

— Eu vim aqui para ficar longe de você.

Fiquei tão chocada que em seguida respondi algo completamente ridículo.

— Por quê? Porque eu podia matá-lo?

O olhar que recebi dizia que ele concordava com o fato de aquilo ser algo ridículo para se falar.

— Não. Porque assim não acabaríamos numa situação *destas*. Agora, aqui estamos, e a escolha é inevitável.

Eu não estava lá muito segura quanto a que situação seria *esta*.

— Bom, você pode evitá-la me deixando partir.

Ele se afastou e caminhou em direção à sala sem olhar para trás. Fiquei tentada a arriscar um ataque surpresa, mas algo me dizia que eu provavelmente só avançaria um metro até ser rechaçada. Ele se sentou em uma daquelas luxuosas poltronas de couro, espreguiçando os seus dois metros de altura com a mesma graciosidade de sempre. Deus, por que ele tinha que ser tão contraditório? Ele possuía os hábitos do antigo Dimitri misturados aos de um monstro. Eu continuava no mesmo lugar, comprimida contra a parede.

— Não é mais possível. Não agora que vi você... — Mais uma vez ele me estudou. Foi estranho. Parte de mim reagiu com animação à intensidade de seu olhar, amando a forma como ele examinava meu corpo dos pés à cabeça. Minha outra parte se sentia imunda, como se lodo ou chorume me escorressem da pele enquanto ele me estudava. — Você continua tão bonita quanto eu lembrava, Roza. Não que eu tivesse esperado algo diferente.

Eu não sabia como responder àquilo. Nunca tivera uma conversa de verdade com um Strigoi, a não ser por trocas de insultos e ameaças no meio de uma luta. O mais perto de que eu havia chegado foi quando Isaiah me sequestrara. Na verdade, eu estava amarrada na ocasião, e a maior parte da conversa girara em torno da minha morte pelas suas mãos. Agora... bom, não era igual, mas ainda arrepiava, definitivamente. Cruzei os braços à frente do peito e me recostei na parede. Era o melhor que podia fazer para passar uma imagem de resistência.

Ele inclinou a cabeça, me observando atentamente. Uma sombra lhe cruzou o rosto de tal forma que deixou o vermelho de seus olhos difícil de enxergar. Em vez disso, eles ficaram escuros. Do jeito que costumavam ser, infinitos e maravilhosos, cheios de amor e bravura...

— Você pode se sentar — ofereceu.

— Estou bem aqui.

— Há algo mais que você queira?

— Que você me deixe ir embora?

Por um instante, pensei ter visto um resquício daquela velha careta em seu rosto, o tipo que ele armava quando eu fazia piadas. Vendo-o melhor, concluí que era apenas a minha imaginação.

— Não, Roza. Perguntei se não há nada de que você precise aqui. Outro tipo de comida? Livros? Entretenimento?

Eu o encarei incrédula.

— Você faz parecer como se fosse algum tipo de hotel de luxo!

— E é, até certo ponto. Posso falar com Galina, e ela trará tudo o que você desejar.

— Galina?

Os lábios de Dimitri formaram um sorriso. Bom, quase isso. Acho que seus pensamentos eram afetuosos, mas o sorriso não transmitia nada disso. Era arrepiante, sombrio e permeado de segredos. Somente a minha recusa em demonstrar fraqueza diante dele me impediu de estremecer.

— Galina é minha antiga instrutora, da minha época de escola.

— É uma Strigoi?

— Sim. Foi despertada alguns anos atrás, durante uma luta em Praga. Ela é relativamente jovem para uma Strigoi, mas seu poder vem aumentando. Tudo isto é dela. — Dimitri gesticulou para o cenário à nossa volta.

— E você vive com ela? — indaguei, curiosa, ainda que a contragosto. Imaginei que tipo de relacionamento eles teriam, afinal, e, para a minha surpresa, senti... ciúmes. Não que eu tivesse motivos. Ele era um Strigoi agora, além do meu alcance. E não seria a primeira vez que aluno e professora acabariam juntos...

— Eu trabalho para ela. Galina foi a outra razão para eu retornar após o meu despertar. Eu sabia que ela era uma Strigoi, e queria a orientação dela.

— E queria também ficar longe de mim. Foi o outro motivo, certo?

Sua única resposta foi um aceno de cabeça. Nenhuma elaboração.

— Onde estamos? Estamos longe de Novosibirsk, certo?

— Sim. A propriedade de Galina fica do lado de fora da cidade.

— A que distância?

Aquele sorriso se contorceu um pouco.

— Sei o que você está tramando, e não vou lhe dar esse tipo de informação.

— Então, o que você *vai* fazer? — exigi saber, todo o meu temor reprimido convertendo-se em raiva. — Por que está me mantendo aqui? Me mate ou me deixe ir. E, se pretende simplesmente me trancar aqui e me torturar com joguinhos psicológicos, então eu preferiria mesmo que me matasse logo.

— Bravas palavras. — Ele se pôs de pé e começou a caminhar de novo. — Quase acredito em você.

— É sério — repliquei num tom desafiador. — Vim aqui para matá-lo. E, se eu não conseguir fazer isso, prefiro morrer.

— Você falhou, lembra? Na rua?

— É. Eu meio que percebi isso quando acordei aqui.

Dimitri fez uma curva ab-rupta e de repente surgiu parado à minha frente, movendo-se com aquela velocidade-relâmpago dos Strigoi. A náusea que eu sentia por eles ainda estava me incomodando, mas, quanto mais tempo eu passava com Dimitri, mais ela se esvanecia numa espécie de ruído de fundo bem baixinho, que eu meio que conseguia ignorar.

— Estou um pouco desapontado. Você é tão boa, Rose. Tão, tão boa. Você e seus amigos andando por aí, abatendo Strigoi, causaram um *frisson* e tanto, sabia? Alguns Strigoi estavam até com medo.

— E você não?

— Quando soube que era você... hum. — Ficou pensativo, os olhos entreabertos. — Não. Fiquei curioso. Cauteloso. Se alguém poderia ter me matado, esse alguém era você. Mas, como eu já disse, você hesitou. Foi a sua prova de fogo para as minhas aulas, e você fracassou.

Me mantive inexpressiva. Por dentro, ainda remoía aquele momento de fraqueza na rua.

— Não vou hesitar da próxima vez.

— Não haverá uma próxima vez. E, enfim, por mais desapontado que eu esteja com você, ainda fico feliz por estar vivo, claro.

— Você não está vivo — disse eu, entre dentes. Meu Deus, ele estava tão, tão perto de mim de novo. Apesar das mudanças em sua fisionomia, o corpo magro e musculoso continuava o mesmo. — Está morto. Desnaturado. Você me disse, muito tempo atrás, que preferiria morrer a existir dessa forma. É por isso que eu vou matá-lo.

— Você só está dizendo isso porque não faz nem ideia. Eu também não fazia naquela época.

— Escute, eu estou falando sério. Não vou fazer o seu joguinho. Se não posso escapar, me mate e pronto, está bem?

Sem aviso prévio, ele estendeu o braço e passou os dedos pelo canto do meu rosto. Eu ofeguei. Sua mão era fria como o gelo, mas a forma como me tocou... mais uma vez, era a mesma. Exatamente a mesma de que me lembrava. Como isso era possível? De repente, outra de suas lições me veio à mente, sobre como os Strigoi podiam se parecer tanto com aqueles que um dia conhecemos. Por isso era tão fácil hesitar.

— Matar você... bom, não é tão simples assim — disse ele. Sua voz virou um sussurro grave mais uma vez, como uma serpente deslizando em minha pele. — Há uma terceira opção. Eu poderia despertá-la.

Congelei e contive a respiração num único movimento.

— Não. — Foi tudo o que eu pude dizer. Meu cérebro não conseguia bolar nada mais elaborado, nada sarcástico ou inteligente. Suas palavras eram terríveis demais para eu sequer começar a ponderar. — Não.

— Você não conhece a sensação. É... incrível. Transcendental. Todos os seus sentidos reavivados; o mundo parece mais vivo...

— É, mas você está *morto*.

— Estou mesmo?

Ele apanhou minha mão e a colocou em seu peito. Ali, consegui sentir um batimento constante. Meus olhos se arregalaram.

— Meu coração bate. Estou respirando.

— Sim, mas... — Tentei desesperadamente pensar em tudo que me ensinaram sobre os Strigoi. — Não é estar vivo de verdade. É... É a magia negra que o reanima. É uma ilusão de vida.

— É melhor do que a vida. — Suas mãos se ergueram e ampararam meu rosto. Seus batimentos cardíacos podiam até ser constantes, mas os meus estavam acelerados. — É como ser um deus, Rose. Força. Velocidade. Capacidade de perceber o mundo de formas que você nunca imaginaria. E... imortalidade. Poderíamos ficar juntos para sempre.

Houve um tempo em que isso era tudo o que eu mais queria. E, bem no fundo, era o que uma parte minha ainda desejava, ficar com ele para sempre. Contudo... não seria do jeito que eu queria. Não seria como costumava ser. Seria algo diferente. Algo errado. Engoli em seco.

— Não... — Eu mal conseguia ouvir minha própria voz, mal conseguia encadear as palavras com ele me tocando assim. As pontas de seus dedos eram tão leves e carinhosas... — Não podemos mais.

— Nós poderíamos. — Um de seus dedos correu pelo canto do meu queixo e repousou sobre a artéria do meu pescoço. — Eu faria isso bem rápido. Não haveria dor. Estaria terminado antes mesmo que você percebesse. — Ele provavelmente tinha razão. Se você fosse forçado a se tornar Strigoi, teria o seu sangue drenado do corpo. Em seguida o Strigoi se cortaria e traria esse sangue para os seus lábios. Algo me dizia que eu desmaiaria antes mesmo de perder metade do sangue.

Juntos para sempre.

O mundo saiu um pouco de foco. Não sei se era devido ao trauma em minha cabeça ou o terror me assolando o corpo. Eu havia imaginado centenas de situações nas quais perseguia Dimitri. Me tornar Strigoi não fora uma delas. A morte — a dele ou a minha — fora o único pensamento a me consumir, o que se mostrara estúpido da minha parte.

Meus devaneios foram interrompidos quando a porta de repente se abriu. Dimitri se virou, me empurrando com força para se posicionar de forma protetoral à minha frente. Duas pessoas entraram, fechando a porta antes mesmo de eu pensar em correr até ela. Um dos recém-chegados era um Strigoi. O outro era uma mulher humana carregando uma bandeja, de cabeça baixa.

Reconheci o Strigoi na mesma hora. Seria difícil não reconhecer; seu rosto assombrava os meus sonhos. Cabelos loiros, mais ou menos da altura dos de Dimitri, presos de um lado do rosto que passava a impressão de que ele se encontrava na casa dos vinte anos quando foi transformado. Ele aparentemente tinha visto Lissa e eu quando éramos mais jovens, mas eu só o vi duas vezes antes. Uma fora quando lutei contra ele no terreno da Escola. Outra, quando o encontrei na caverna que os outros Strigoi usavam como ponto de encontro.

Foi ele quem havia mordido e transformado Dimitri.

O sujeito mal me lançou um olhar e, em vez disso, dirigiu toda a sua raiva para Dimitri.

— Que diabos está acontecendo? — Eu não tinha nenhuma dificuldade em entender o que ele falava. Era americano. — Está com um animal de estimação aqui em cima?

— Isso não lhe diz respeito, Nathan. — A voz de Dimitri era gélida. Antes, eu pensara que ele não demonstrava qualquer emoção em suas palavras. Agora eu entendia que só era mais difícil de perceber. Havia um tom desafiador inegável em sua voz, um aviso para esse outro cara se afastar. — Galina me deu a permissão.

Os olhos de Nathan passaram de Dimitri para mim. Sua raiva se converteu em choque.

— *Ela?*

Dimitri se deslocou levemente, colocando-se bem na minha frente. Uma parte revoltada de mim queria reclamar que eu não precisava da proteção de um Strigoi, só que... bom, eu meio que precisava, sim.

— Ela esteve na escola de Montana... Nós lutamos... — Seus lábios se curvaram, mostrando os caninos.

— Eu teria provado do seu sangue se aquele maldito usuário de fogo Moroi não estivesse por perto.

— Isso não tem nada a ver com você — rebateu Dimitri.

Os olhos vermelhos de Nathan ficaram mais abertos e ávidos.

— Está brincando? Ela pode nos levar até a jovem Dragomir! Se acabarmos com aquela linhagem, nossos nomes virarão lenda. Por quanto tempo você vai mantê-la aqui?

— Fora daqui — rosnou Dimitri. — Isso não é um pedido.

Nathan apontou para mim.

— Ela é valiosa. Se pretende mantê-la aqui como uma prostituta de sangue, pelo menos divida. Daí pegamos a informação e acabamos com ela.

Dimitri deu um passo à frente.

— Saia daqui. Se puser uma só mão nela, eu destruo você. Arranco sua cabeça com as próprias mãos e assisto enquanto ela queima sob o sol.

A fúria de Nathan cresceu.

— Galina não permitirá que fique brincando de casinha com essa garota. Nem você possui tanto privilégio assim.

— Não me faça pedir de novo para que saia. Não estou muito paciente hoje.

Nathan nada disse, os dois Strigoi travando uma disputa silenciosa. Eu sabia que a força e a energia dos Strigoi estavam diretamente ligadas à idade. Nathan, é lógico, fora transformado primeiro. Eu não sabia dizer há quanto tempo, porém, olhando para ele, tive a impressão de que Dimitri devia ser mais forte ou que aquela era pelo menos uma disputa de igual para igual. Eu podia jurar ter vislumbrado medo nos olhos vermelhos de Nathan, mas ele se virou antes que eu tivesse a chance de confirmar.

— Isto não acabou ainda — ameaçou, dirigindo-se à porta. — Vou falar com Galina.

Ele saiu, e, por um instante, ninguém se moveu ou falou. Então Dimitri olhou para a humana e disse algo em russo. Ela ficou ali de pé, imóvel.

Inclinando-se, ela repousou a bandeja com cuidado na mesinha de centro próxima ao sofá. Ergueu uma tampa de prata, revelando um prato com pizza de *pepperoni* coberta de queijo. Em outras circunstâncias, a ideia de alguém me trazer pizza na casa de um Strigoi seria ridícula e engraçada. Agora, com Dimitri ameaçando me transformar em Strigoi e o desejo de Nathan de me usar para chegar até Lissa, nada era engraçado. Até o senso de humor de Rose Hathaway possui limites. Ao lado da pizza havia um *brownie* gigante, com bastante cobertura. Meus pratos favoritos, como Dimitri bem sabia.

— Almoço — disse ele. — Livre de veneno.

Tudo naquela bandeja parecia incrível, mas eu balancei a cabeça.

— Não vou comer.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Você quer outra coisa?

— Eu não quero outra coisa porque não vou comer absolutamente *nada*. Se você não vai me matar, então farei isso sozinha. — Agora me ocorria que a ausência de armas ali devia servir tanto para a minha proteção quanto para a deles.

— Morrendo de fome? — Havia uma satisfação sombria em seus olhos. — Vou despertá-la bem antes disso.

— Por que não está cuidando disso agora mesmo?

— Porque prefiro esperar pela sua boa vontade. — Caramba, ele soava muito como Abe, com a diferença de que, nessa comparação, quebrar as pernas de alguém parecia até brincadeira de criança.

— Você vai esperar um bom tempo — rebati.

Dimitri gargalhou. Seu riso tinha sido raro em seu tempo de dampiro, e ouvi-lo sempre me deixara empolgada. Agora, não havia mais aquele calor abundante no qual eu me acolhia toda. Era uma risada fria e ameaçadora.

— Veremos.

E antes que eu pudesse articular uma resposta, ele ficou diante de mim novamente. Sua mão deslizou para trás do meu pescoço, me puxando para junto dele, e inclinou minha cabeça para cima, pressionando seus lábios contra os meus. Eram tão frios quanto o restante de sua pele... e no entanto existia algo de caloroso ali também. Uma voz dentro de mim gritava que aquilo era doentio e horrível... mas, ao mesmo tempo, perdi a noção do mundo à minha volta enquanto nos beijávamos e quase podia fingir que estávamos na cabana mais uma vez.

Ele se afastou tão rápido quanto havia se aproximado, me deixando atônita e de olhos arregalados. Como se nada tivesse acontecido, ele gesticulou na direção da mulher.

— Esta é Inna. — Ela ergueu os olhos à menção de seu nome, e vi que era da minha idade. — Trabalha para Galina também e vai cuidar de você. Se precisar de alguma coisa, avise-a. Ela não entende muito de inglês, mas sabe se virar. — Dimitri lhe disse mais uma coisa, e ela obedientemente o seguiu até a porta.

— Aonde você vai? — perguntei.

— Tenho coisas a fazer. Além do mais, você precisa de tempo para pensar.

— Não há nada para ser pensado. — Transmiti tanta rebeldia na voz quanto pude.

Mas não devo ter soado muito séria, porque todo esse meu discurso me valeu apenas um sorriso zombeteiro antes de ele sair com Inna, deixando-me sozinha em minha prisão luxuosa.

Dezenove

Para alguém que tinha passado tanto sermão em Denis sobre a importância de controlar os impulsos, eu não estava dando um exemplo muito bom. Uma vez sozinha no apartamento, continuei tentando de tudo para escapar — ênfase na palavra “tentando”.

Nathan agira como se ter um prisioneiro fosse algo raro, mas, até onde eu percebia, esse lugar fora construído para manter as pessoas do lado de dentro. A porta e a janela permaneciam impassíveis, não importando o quanto eu batesse nelas ou lançasse objetos. Não me dei ao trabalho de usar a cadeira dessa vez e preferi uma das mesas laterais da sala, esperando com isso ganhar um maior impacto. Não ganhou. Quando isso falhou, cheguei a tentar digitar sequências aleatórias no teclado da porta. Também inútil.

Por fim, exausta, caí no sofá de couro e procurei avaliar as minhas opções. A tarefa não tomou muito tempo. Eu estava presa numa casa cheia de Strigoi. Está bem, eu não tinha certeza disso, mas sabia que havia pelo menos três deles ali, o que já era um bocado para mim. Dimitri se referira a esse local como uma “propriedade”, o que não era reconfortante. Propriedades eram *grandes*. O fato de eu ter acordado no quarto andar comprovava isso. Um lugar grande significava que poderiam existir vários quartos para vários vampiros.

O único conforto que eu tinha era que os Strigoi não trabalhavam muito bem em conjunto. Encontrar grandes grupos deles em cooperação era raro. Já tinha testemunhado isso duas vezes — o ataque à Escola fora uma dessas ocasiões. Eles vieram porque os escudos da escola estavam inutilizados, o que fora um incentivo e tanto para que se unissem. Mesmo quando tentavam trabalhar em equipe, as parcerias costumavam durar pouco. A tensão que eu observara entre Dimitri e Nathan era uma prova disso.

Dimitri.

Fechei os olhos. Dimitri era a razão pela qual eu estava ali. Eu viera para libertá-lo de seu estado de morte em vida e prontamente falhara, tal como ele afirmara. Agora, parecia que eu podia estar prestes a me juntar a ele. “É, bom trabalho, Rose.” Estremeci, tentando me imaginar como um deles. Anéis vermelhos em torno das pupilas. A pele bronzeada empalidecendo. Não conseguia imaginar aquilo, e supus que nunca teria que me ver de verdade caso acontecesse. Os Strigoi não possuem reflexo. Assim, arrumar o meu cabelo se tornaria um pé no saco.

A mudança mais assustadora de todas seria por dentro, com a perda da conexão com a minha alma. Tanto Dimitri quanto Nathan se mostraram cruéis e antagonísticos. Mesmo se eu não estivesse por perto para começar a briga, provavelmente não teria demorado muito para que encontrassem uma outra razão

para se voltar um contra o outro. Eu era encrenqueira, mas sempre fui movida por uma espécie de paixão pelos outros. Os Strigoi lutavam porque apreciavam o derramamento de sangue. Eu não queria ser assim, buscando sangue e violência só por prazer.

Não queria acreditar que Dimitri fosse assim também, mas suas atitudes já o haviam definido como um Strigoi. Eu estava ciente de que ele devia ter se alimentado esse tempo todo para sobreviver. Os Strigoi podiam resistir mais tempo sem sangue do que os Moroi, mas fazia um mês desde a sua transformação. Sem dúvida tinha se alimentado, e quase sempre os Strigoi matavam suas vítimas com esse fim. Eu não conseguia imaginar Dimitri fazendo isso... não o homem que eu conhecera.

Abri os olhos. O assunto gastronômico trouxe o lanche de volta à minha mente. Pizza e *brownie*. Duas das comidas mais perfeitas do planeta. A pizza já esfriara há algum tempo, durante as minhas tentativas de fuga, mas olhei para o prato, e tanto ela quanto o *brownie* pareciam deliciosos. Se a luz lá de fora indicava alguma coisa, ainda não transcorreram 24 horas desde que Dimitri me capturara, porém já nos aproximávamos disso. Era tempo demais para ficar sem comida, e eu queria muito aquela pizza, fria ou não. Não queria mesmo morrer de fome.

Claro, também não queria me transformar em Strigoi, mas essa situação estava fugindo bem depressa das minhas vontades. A inanição levaria um longo tempo, e suspeitei de que Dimitri tivesse razão: ele me transformaria bem antes de eu ter a chance de morrer de fome. Teria que encontrar uma outra forma de morrer — céus, não que eu desejasse minimamente isso — e, no meio-tempo, decidi que podia também conservar minhas energias para a improvável chance de conseguir escapar.

Uma vez que decidi isso, engoli a comida em três minutos. Não fazia ideia de quem os Strigoi contratavam para preparar suas refeições — que diabos, eles nem mesmo ingeriam comida normal, ao contrário dos Moroi —, mas ela estava fantástica. Uma parte amarga em mim percebeu que eu recebera uma comida que dispensava talheres. Realmente tinham pensado em tudo que eu podia usar como arma. Minha boca estava cheia com o último pedaço gigante de *brownie* quando a porta de repente se abriu. Inna passou sorrateiramente para dentro, a porta se fechando quase na mesma hora.

— Filha da mãe! — Ou ao menos foi isso o que tentei dizer com a boca cheia de comida. Fiquei ponderando sobre comer ou não comer, mas devia era ter espreitado junto à porta. Dimitri dissera que Inna viria me ver. Eu devia ter me posicionado para subjugar-lá. Em vez disso, ela entrou quando me distraí. Novamente eu havia me descuidado.

Tal como se portara na presença de Dimitri e Nathan, Inna fez pouquíssimo contato visual. Trazia uma pilha de roupas nos braços e parou à minha frente, estendendo-a. Hesitando, eu a apanhei e a coloquei ao meu lado no sofá.

— Hã, obrigada — disse eu.

Apontando para a bandeja vazia, ela chegou a levantar a vista para mim timidamente, uma pergunta em seus olhos castanhos. Vendo-a melhor, fiquei surpresa com sua beleza. Ela podia ser até mais jovem que eu, e me perguntei como a teriam forçado a trabalhar ali. Compreendendo sua dúvida, assenti com a cabeça.

— Obrigada.

Ela ergueu a bandeja e aguardou um instante. Eu não sabia ao certo por quê; então me ocorreu que ela devia estar esperando para ver se eu não queria mais alguma coisa. Tinha certeza de que “a combinação da porta” não seria algo de fácil tradução. Encolhi os ombros e a dispensei, minha mente trabalhando com furor enquanto a observava se aproximar da porta. “Eu devia esperar até que abrisse a porta e então saltar sobre ela”, pensei. Na mesma hora, uma reação instintiva me assaltou, a hesitação em atacar uma inocente. Um outro pensamento esmagou o primeiro: “É ela ou eu.” Me enrijeci.

Inna se pôs bem junto à porta ao digitar a combinação, bloqueando com eficiência a minha visão. A julgar pelo tempo que levou digitando, a numeração parecia bem extensa. A porta se abriu, e me preparei para agir. Então — desisti da ideia no último segundo. Pelo pouco que eu sabia, podia haver um exército de Strigoi lá fora. Se era para eu usar Inna em minha fuga, provavelmente só teria uma chance. Precisava fazer com que valesse a pena. Assim, em lugar de avançar, me movi de modo que pudesse enxergar para além dela. Ela continuava rápida como antes, saindo logo que a tranca se abriu. Mas naquele instante tive o vislumbre de um pequeno corredor e o que parecia uma outra porta maciça.

Interessante. Portas duplas no meu cativeiro. Se eu de fato a seguisse, isso me impediria de escapar de primeira. Ela poderia simplesmente aguardar junto à porta seguinte, resistindo até que o reforço Strigoi aparecesse. Isso dificultava as coisas, mas conhecer as instalações ao menos me daria uma centelha de esperança. Só precisava descobrir o que fazer com essa informação, contanto que não tenha estragado tudo por não ter agido agora. Até onde eu sabia, Dimitri em breve entraria e me transformaria numa Strigoi.

Suspirei. Dimitri, Dimitri, Dimitri.

Baixando a vista, parei para reparar no que ela me trouxera. Meus trajes atuais não me incomodavam, mas, se eu continuasse ali por muito mais tempo, meus jeans e minha camisa ficariam bem nojentos.

Como Tamara, alguém estava querendo me empetecar.

Tudo que Inna me trouxera de roupa foram vestidos e todos no meu tamanho. Um tubinho de seda vermelho. Um vestido tricotado e justo de manga comprida com bainha de cetim. Um longo de *chiffon* e cintura alta, na altura dos tornozelos.

— Ah, que ótimo. Agora eu sou uma boneca.

Explorando mais a pilha de roupas, descobri que havia alguns pijamas e camisolas dobrados — bem como roupas de baixo e sutiãs. Todas eram de cetim e seda. O artigo mais informal ali era um vestido-suéter verde-azeitona, mas até ele era feito da melhor caxemira. Eu o suspendi, procurando imaginar a mim mesma no meio de uma fuga audaciosa com ele. Negativo. Balançando a cabeça, malcriadamente empurrei a pilha inteira para o chão. Parecia que eu ia andar molambenta por um tempo.

Caminhei de um lado para o outro, reavaliando fúteis planos de fuga que eu já havia considerado um milhão de vezes em minha cabeça. Ao me movimentar, percebi o quanto me sentia cansada. Tirando o blecaute de quando Dimitri me acertou, eu não dormia há mais de um dia. Decidir um jeito de lidar com isso era como decidir a forma de lidar com a comida de antes. Baixar minha guarda ou não? Eu precisava de energia, mas cada concessão feita me colocava num risco maior.

Por fim cedi, e ao me deitar naquela cama descomunal, uma ideia de repente me ocorreu. Eu não estava inteiramente sozinha. Se Adrian viesse me visitar durante o sonho, eu poderia lhe contar o que acontecera. É verdade que da última vez lhe disse para ficar longe de mim, no entanto ele nunca foi de me dar ouvidos. Por que dessa vez seria diferente? Me concentrei nele o máximo que pude, esperando o sono chegar, como se meus pensamentos pudessem agir como uma espécie de bat-sinal e trazê-lo até mim.

Não funcionou. Não houve qualquer visita em meus sonhos, e quando acordei fiquei surpresa pelo tanto que isso me machucava. Apesar da queda de Adrian por Avery, eu não podia deixar de lembrar o quão gentil ele fora com Jill da última vez que os vi. Também ficou preocupado com Lissa e não demonstrou nenhum traço de seu típico desinteresse presunçoso. Ele havia levado a situação a sério e sido... bom, fofo. Um nó se formou em minha garganta. Ainda que não tivesse um interesse romântico nele, eu o tratara muito mal. Tinha perdido tanto a nossa amizade quanto uma chance de pedir ajuda por meio dele.

O leve farfalhar do papel me arrancou de meus devaneios, e me sentei de um pulo. Alguém estava na sala, de costas para mim e sentado no sofá, e levei apenas um instante para reconhecer quem era. Dimitri.

— O que faz aqui? — perguntei, descendo da cama. Em meu estado dormente, nem havia reparado na náusea.

— Esperando que você acordasse — respondeu, sem se dar ao trabalho de se virar. Estava superconfiante quanto à minha incapacidade de lhe causar dano, tal como devia estar mesmo.

— Parece meio entediante.

Andei até a sala, passando a alguma distância do seu lado e me recostando na parede. Cruzei os braços à frente do peito, mais uma vez me reconfortando com aquela postura defensiva inútil.

— Nem tão entediante. Tive companhia.

Ele olhou para mim e levantou um livro. Um faroeste. Acho que isso me chocou tanto quanto a alteração em sua aparência. Havia algo tão... normal nisso tudo. Ele amara os livros de faroeste enquanto dampiro, e eu costumava brincar com ele dizendo que queria ser um caubói. Por algum motivo, acreditei que aquele hobby seria abandonado depois da transformação. Tomada por uma esperança irracional, estudei seu rosto como se pudesse ver uma mudança radical, como se talvez ele tivesse voltado a ser como antes enquanto eu dormia. Talvez o último mês e meio tenha sido um sonho.

Negativo. Fui recebida com olhos vermelhos e uma expressão rígida. Minhas esperanças se estilhaçaram.

— Você dormiu por um bom tempo — acrescentou. Ousei dar uma rápida olhada pela janela. Tudo escuro. Era noite. Droga. Eu só queria uma soneca de duas horas. — E se alimentou.

A satisfação em sua voz me irritou.

— É, bom, eu sou fã de *pepperoni*. O que você quer?

Ele inseriu um marcador de livros na brochura e a repousou na mesa.

— Ver você.

— Sério? Pensei que sua única intenção fosse me tornar uma morta-viva.

Ele não admitiu isso, o que me frustrou um pouco. Eu odiava me sentir como se as minhas palavras estivessem sendo ignoradas. Em vez disso, ele tentou me fazer sentar.

— Você não fica cansada de sempre ficar de pé?

— Acabei de acordar. Além do mais, se posso passar uma hora arremessando a mobília de um lado para o outro, ficar de pé um pouquinho não é nada.

Eu não sabia por que estava jogando a minha graça habitual. Para ser sincera, considerando a situação, eu devia tê-lo simplesmente ignorado. Devia ter me calado em lugar de participar dos seus joguinhos. Acho que eu meio que esperava que, se fizesse as piadas que eu costumava fazer, obteria algum tipo de reação típica do antigo Dimitri. Reprimi um suspiro. Lá ia eu de novo, esquecendo as aulas do próprio Dimitri. Os Strigoi não eram as mesmas pessoas de antes.

— Sentar também não é nada de mais — rebateu ele. — Eu lhe disse antes, não vou machucar você.

— “Machucar” é um termo meio subjetivo. — Então, decidindo subitamente parecer mais corajosa, atravessei a sala e me sentei na poltrona à sua frente. — Feliz agora?

Ele inclinou a cabeça, e alguns fios de cabelo castanho escaparam do rabo de cavalo que ele havia amarrado atrás.

— Você continua linda, mesmo depois de dormir e lutar. — Seus olhos relancearam as roupas que eu jogara no chão. — Não gosta de nenhuma delas?

— Não estou aqui para brincar de provar vestidos com você. Roupas de grife não vão me fazer entrar para o clubinho Strigoi de uma hora para a outra.

Ele me lançou um olhar demorado e penetrante.

— Por que não confia em mim?

Eu o encarei de volta, só que o meu olhar era de descrença.

— Como pode me pedir isso? Você me sequestrou. Você mata pessoas inocentes para sobreviver. Não é mais o mesmo.

— Sou melhor, já lhe disse isso. E quanto aos inocentes... — Ele encolheu os ombros. — Ninguém é inocente de verdade. Além do mais, o mundo é feito de predadores e presas. Os fortes conquistam os fracos. Faz parte da ordem natural. Você costumava pensar assim, se me lembro bem.

Desviei os olhos. Na escola, minha disciplina não específica favorita era biologia. Eu amava ler sobre o comportamento animal, sobre a sobrevivência do mais adaptado. Dimitri fora o meu macho alfa, o mais forte entre todos os adversários.

— É diferente — disse eu.

— Mas não da forma como você pensa. Por que beber sangue seria tão estranho para você? Você já viu os Moroi fazendo isso. E já *permitiu* que fizessem isso com você.

Me retraí, desejando não revisitar a forma como eu deixava beberem de mim na época em que vivíamos entre os humanos. Eu certamente não queria pensar sobre a onda de endorfina subsequente e como eu quase me viciara naquilo.

— Eles não matam.

— Não sabem o que estão perdendo. É incrível — exclamou ele. Fechou os olhos por um instante, então os abriu de novo. — Beber o sangue de alguém... ver a vida se esvaír daquela pessoa e senti-la fluir por você... é a maior experiência do mundo.

Ouvi-lo falar sobre assassinar os outros fez crescer a minha náusea.

— É doentio e errado.

Aconteceu tão depressa que não tive tempo de reagir. Dimitri se levantou e me agarrou, puxando-me contra ele e me deitando no sofá. Com um dos braços ainda à minha volta, ele se posicionou de um jeito que metade de seu corpo jazia ao meu lado e a outra, acima de mim. Eu estava atordoada demais para me mover.

— Não, não é. E é nessa parte que você terá que confiar em mim. Você iria adorar. Eu quero estar com você, Rose. Com você *de verdade*. Nós aqui somos livres das regras que os outros nos ditam. Podemos ficar juntos agora, os mais fortes de todos, conquistando tudo que quisermos. Um dia podemos ser tão fortes quanto Galina. Poderíamos ter um lugar exatamente como este, todo nosso.

Se por um lado sua pele nua continuava fria, a pressão exercida pelo restante do seu corpo era calorosa. O vermelho de seus olhos quase brilhava a essa distância, e enquanto ele falava notei os caninos em sua boca. Estava habituada a ver caninos em Moroi, mas nele... era repugnante. Brinquei brevemente com a ideia de fugir do seu abraço, mas logo a descartei. Se Dimitri desejava me manter deitada, eu ficaria deitada.

— Eu não quero nada disso — disse eu.

— Você não me quer? — perguntou ele com um sorriso perverso. — Houve um tempo em que você me quis.

— Não — respondi, sabendo que mentia.

— O que quer, então? Voltar para a Escola? Servir Moroi que a colocariam em perigo sem pensar duas vezes? Se queria esse tipo de vida, por que veio até aqui?

— Vim para libertar você.

— Eu *sou* livre — respondeu. — E, se você quisesse realmente me matar, já teria feito. — Ele se mexeu um pouco, descansando o rosto em meu pescoço. — Você não pôde.

— Eu agi mal. Não vai acontecer de novo.

— Suponha que isso seja verdade. Suponha que você seja capaz de me matar agora. Suponha até que seria capaz de escapar daqui. E depois? Vai voltar para a Escola? Vai voltar para Lissa e deixar que continue transferindo a escuridão do espírito para você?

— Não sei — respondi apenas. E era verdade. Meus planos nunca foram além de encontrá-lo.

— Isso vai consumi-la, sabia? Enquanto ela continuar a usar sua magia, não importa o quanto você se afaste, vai sempre sentir os efeitos colaterais. Pelo menos enquanto ela estiver viva.

Eu me enrijei em seus braços e desviei os olhos.

— O que isso quer dizer? Você vai se juntar a Nathan e caçá-la?

— O que acontecer com ela não é da minha conta — esclareceu ele. — Com você, sim. Se você fosse desperta, Lissa deixaria de ser uma ameaça. Você ficaria livre. O laço se romperia.

— E o que aconteceria com ela? Ela ficaria sozinha.

— Mais uma vez, não é a minha preocupação no momento. Ficar com você, sim.

— É? Bom, eu não quero ficar com você.

Ele virou meu rosto na direção do seu de forma que voltamos a nos encarar. Mais uma vez, tive aquela sensação estranha de estar com Dimitri e ao mesmo tempo não estar. Amor e medo.

Ele estreitou o olhar.

— Não acredito em você.

— Acredite no que quiser. Não quero mais você.

Seus lábios se contorceram num daqueles sorrisos assustadores e maliciosos.

— Está mentindo. Sei que está. Sempre fui capaz de perceber.

— É a verdade. Eu queria você antes. Agora não. — Se eu continuasse repetindo isso, quem sabe não se tornava verdade.

Ele chegou mais perto de mim, e eu congelei. Se me movesse um centímetro que fosse, nossos lábios se encontrariam.

— Meu exterior... meu poder, sim, isso mudou. Mas no restante eu sou o mesmo, Roza. Minha essência não mudou. A ligação entre nós não mudou. Você só não consegue enxergar isso ainda.

— Tudo mudou. — Com nossos lábios assim tão próximos, tudo em que conseguia pensar era naquele beijo breve e apaixonado que ele me dera da última vez em que estive ali. Não, não, não. “Não pense nisso.”

— Se estou tão mudado, então por que não a forcei a despertar? Por que estou lhe dando essa escolha?

Uma réplica já estava na ponta da língua, mas eu a contive. Essa era uma excelente pergunta. Por que ele *estava* me dando essa escolha? Os Strigoi não davam escolhas às suas vítimas. Eles as assassinavam sem dó e obtinham o que desejavam. Se Dimitri de fato queria que eu me juntasse a ele, devia ter me transformado no momento em que me sequestrou. Mais de um dia se passara, e ele me banhara em luxo. Por quê? Se ele me transformasse, tenho certeza de que ficaria tão corrompida quanto ele. Tornaria tudo muito mais simples.

Ele prosseguiu enquanto permaneci calada.

— E, se estou tão mudado, por que retribui o beijo de hoje cedo?

Eu ainda não sabia o que dizer, o que fez seu sorriso se alargar.

— Nenhuma resposta. Você sabe que estou certo.

Seus lábios repentinamente encontraram os meus de novo. Eu soltei um som abafado em protesto e em vão tentei me desvencilhar de seu abraço. Ele era forte demais, e, um instante depois, eu não queria mais fugir. A mesma sensação de antes me inundou. Seus lábios eram frios, o beijo ardia entre nós dois. Fogo e gelo. E ele tinha razão — eu *devolvi* aquele beijo de antes.

Desesperadamente, a parte racional que havia em mim gritou o quanto aquilo era errado. Da última vez,

ele interrompeu o beijo antes que algo mais acontecesse. Não agora. E conforme ele foi me beijando, aquela vizinha racional ficou mais e mais fraca. A parte que sempre amaria Dimitri assumiu o controle, exultando com a forma com que seu corpo tocava o meu, a forma como ele enrolava meu cabelo em uma das mãos, enroscando os dedos nele. Sua outra mão subiu pelas costas da minha camisa, fria contra minha pele quente. Me aproximei mais dele e senti a pressão do seu beijo crescer conforme o seu próprio desejo o acompanhava.

Então, no meio disso tudo, minha língua roçou de leve contra a ponta afiada de um de seus caninos. Foi como um balde de água fria em cima de mim. Com a maior força que consegui reunir, afastei minha cabeça e interrompi o beijo. Só pude imaginar que ele foi pego desprevenido, permitindo-me aquela pequena esquiva.

Minha respiração estava pesada, meu corpo inteiro ainda desejando-o. Minha mente, porém, era a parte no comando — pelo menos agora. Deus, o que eu estava fazendo? “Não é o Dimitri que você conheceu. Não é ele.” Eu estava beijando um monstro. Meu corpo não tinha assim tanta certeza.

— Não — murmurei, surpresa por estar soando tão patética e suplicante. — Não. Não podemos fazer isso.

— Tem certeza? — perguntou. Sua mão continuava em meus cabelos e forçou minha cabeça a girar para que ficássemos cara a cara de novo. — Você não pareceu se importar. Tudo pode ser exatamente como era antes... como foi na cabana... Você sem dúvida quis naquela época...

A cabana...

— Não — repeti. — Não quero aquilo.

Ele pressionou os lábios contra minha bochecha e então seguiu um surpreendente caminho de beijos carinhosos até meu pescoço. Novamente, senti meu corpo ansiando por ele, e odiei a mim mesma pela fraqueza.

— E quanto a isto? — indagou ele, sua voz mal passando de um sussurro. — Você quer isto?

— O q...

Eu senti. A mordida afiada de dentes em minha pele quando ele aproximou a boca de minha garganta. Por meio segundo, foi agonizante. Doloroso e horrível. E então, sem aviso, a dor desapareceu. Uma torrente de alegria e felicidade se espalhou dentro de mim. Era tão lindo. Nunca havia me sentido tão maravilhosa em toda a minha vida. Me fez lembrar um pouco como fora quando Lissa bebeu de mim. Aquilo tinha sido fantástico, mas agora... era dez vezes melhor. Cem vezes melhor. A onda de uma mordida Strigoi era maior que a de um Moroi. Era como se apaixonar pela primeira vez, repleto daquele sentimento jubiloso e arrebatador.

Quando ele se afastou, foi como se toda a felicidade e a maravilha do mundo tivessem desaparecido. Ele passou a mão na boca, e o encarei de olhos arregalados. Meu instinto inicial foi de perguntar por que ele havia parado, mas, então, devagar, busquei dentro de mim a força para lutar contra o torpor extático que sua mordida me propiciara.

— Por que... O que... — Minhas palavras se atropelaram um pouco. — Você disse que seria uma escolha minha...

— Ainda é — respondeu ele. Seus olhos também estavam arregalados, sua respiração igualmente pesada. Ele fora tão afetado quanto eu. — Não estou fazendo isso para despertar você, Roza. Uma mordida dessas não transforma ninguém. Isso... bom, isso é só por diversão.

Então, sua boca voltou à minha garganta para se alimentar, e eu perdi a consciência.

Vinte

Os dias seguintes àquele foram como um sonho. Na verdade, eu nem sequer sei dizer quantos dias se passaram. Talvez um. Talvez cem.

Também perdi a noção dos dias e das noites. Meu tempo se dividia entre Dimitri e sem Dimitri. Ele era o meu mundo. Quando não estava ali, os instantes eram de agonia. Eu passava por eles da melhor forma que encontrava, mas eles pareciam se arrastar indefinidamente. A tevê era minha maior aliada nessas horas. Ficava deitada no sofá por horas, só metade delas acompanhando a programação. Mantendo o nível daquela suíte de luxo, eu tinha acesso a tevê via satélite, o que significava que tínhamos canais americanos de verdade. Na maior parte do tempo, porém, eu não sabia ao certo se realmente importava que a língua fosse russa ou inglesa.

Inna continuou com suas visitas periódicas. Ela me trazia refeições e lavava a minha roupa — eu agora estava usando os vestidos — e aguardava num canto daquela sua maneira estranha para ver se eu precisava de algo mais. Nunca precisei — pelo menos de nada da parte dela. Eu só precisava de Dimitri. Toda vez que ela saía, uma parte longínqua dentro de mim lembrava que eu tinha algo a fazer... segui-la, isso mesmo. Eu bolara um plano para conferir a saída e usá-la como uma forma de escapar, certo? Agora, tal plano perdera todo o encanto. Parecia dar uma trabalhadeira danada.

Então, por fim Dimitri aparecia, e a monotonia era rompida. Nós nos deitávamos juntos na cama, enroscados nos braços um do outro. Nunca fazíamos sexo, mas nos beijávamos e nos tocávamos e nos perdíamos no êxtase do corpo do outro, às vezes com pouquíssima roupa. Depois de um tempo, eu achei difícil acreditar que um dia temi sua nova aparência. Claro, os olhos eram meio chocantes, mas ele continuava lindo... continuava incrivelmente sexy. E após conversarmos e nos acariciarmos por um tempo — às vezes por horas — eu o deixava me morder. Então eu sentia aquela onda... aquela maravilhosa e extraordinária inundação de componentes químicos que me suspendiam de todos os meus problemas. Quaisquer dúvidas que eu tivesse quanto à existência de Deus desapareciam nesses momentos, porque com toda a certeza eu estava tocando Deus ao me perder naquela mordida. *Aquilo* era o paraíso.

— Deixe-me ver o seu pescoço — pediu ele um dia.

Estávamos deitados juntos como de costume. Eu estava de lado, e ele, aconchegado em minhas costas, um braço envolvendo minha cintura. Eu me virei e tirei o cabelo de cima do pescoço. O vestido que eu usava hoje era um modelo de verão azul-marinho com corpete, de um material leve e aderente.

— Mas já? — perguntei. Ele costumava me morder apenas no final de suas visitas. Enquanto uma parte

de mim ansiava por aquilo e aguardava com impaciência para sentir o barato novamente, eu meio que curtia esses momentos preliminares. Era quando as endorfinas se encontravam em sua menor dose no meu corpo, de forma que eu conseguia participar de uma conversa com um mínimo de compostura. Nós falávamos das lutas de que participáramos ou da vida que ele imaginava para nós quando eu fosse uma Strigoi. Nada muito sentimental, mas, de todo modo, era bom.

Me preparei para a mordida que viria, meu corpo se curvando de ansiedade. Para a minha surpresa, ele não se abaixou e cravou os dentes em mim. Buscou o próprio bolso e dele retirou um colar. Devia ser de ouro branco ou platina — eu não possuía a capacidade para avaliar qual — e exibia três safiras de um azul escuro do tamanho de uma moeda de 25 centavos. Ele me trouxera uma série de joias naquela semana, e eu jurava que cada uma era mais bonita que a outra.

Observei encantada a sua beleza, a maneira como as gemas azuis cintilavam sob a luz. Ele repousou o colar sobre minha pele e o prendeu atrás do meu pescoço. Correndo os dedos pela sua borda, ele assentiu em aprovação.

— Lindo. — Seus dedos se dirigiram para uma das alças do vestido. Ele deslizou a mão por debaixo dela, fazendo meu corpo estremecer inteiro. — Ele combina.

Sorri. No passado, Dimitri quase nunca me dera presentes. Não possuía os meios para isso, e eu não os queria tampouco. Agora, ficava impressionada com seus mimos a cada visita.

— Onde você o conseguiu? — perguntei. O metal era frio contra minha pele corada, mas não tão gelado quanto seus dedos.

Ele sorriu de maneira astuta.

— Tenho as minhas fontes.

Aquela voz insistente em minha cabeça que às vezes conseguia penetrar em meio à névoa em que eu vivia notou que eu estava envolvida com algum tipo de vampiro gângster. Seus avisos eram logo reprimidos e enfurnados de volta em minha onírica bruma de existência. Como poderia ficar chateada quando o colar era tão bonito? Algo subitamente engraçado me ocorreu.

— Você é igualzinho a Abe.

— Quem?

— Um cara que conheci. Abe Mazur. Ele é um tipo de chefe de quadrilha... está sempre me perseguindo.

Dimitri ficou tenso.

— Abe Mazur estava perseguindo você?

Não gostei do olhar sombrio que apareceu de repente em suas feições.

— É. O que é que tem?

— Por quê? O que ele queria?

— Não sei. Ele insistia em saber por que eu estava na Rússia, mas no final desistiu e só me queria fora daqui. Acho que alguém da Escola o contratou para me encontrar.

— Não quero você perto de Abe Mazur. Ele é perigoso. — Dimitri estava irritado, e eu odiava isso. No instante seguinte, aquela fúria se dissolveu, e ele correu os dedos pelo meu braço mais uma vez, abaixando mais a alça da roupa. — É claro que gente assim vai deixar de ser um problema quando você despertar.

Em algum lugar nos confins da minha mente, me perguntei se Dimitri teria as respostas que eu queria sobre Abe — sobre o que Abe fazia. Mas falar de Abe tinha deixado Dimitri tão zangado que me encolhi diante disso, desejando mudar de assunto.

— O que você fez de bom hoje? — perguntei, impressionada com minha habilidade de puxar conversa. Entre as endorfinas e as suas carícias, era difícil manter a coerência.

— Serviços para Galina. A janta.

A janta. Uma vítima. Franzi a testa. A sensação que isso despertou em mim não era tanto de repulsão, mas de... ciúme.

— Você se alimenta delas... por diversão?

Ele correu os lábios por meu pescoço, dentes provocando minha pele sem no entanto mordê-la. Eu ofeguei e cheguei mais para perto dele.

— Não, Roza. Elas são comida; só isso. Acaba bem rápido. Você é a única com a qual eu tenho prazer.

Senti uma satisfação presunçosa com aquilo, e aquela voz mental argumentou que essa era uma visão incrivelmente doentia e corrompida para eu ter. Eu meio que esperava que ele me mordesse logo. Isso costumava calar a voz racional.

Estendi o braço e toquei seu rosto, então passei a mão por aquele maravilhoso cabelo macio que eu sempre amei.

— Você fica querendo me despertar... mas não vamos mais poder fazer isso. Os Strigoi não bebem uns dos outros, bebem?

— Não — concordou. — Mas vai valer a pena. Poderemos fazer muito mais...

Ele deixou o “muito mais” para a minha imaginação, e um arrepio de prazer me perpassou. Os beijos e as mordidas eram intoxicantes, mas havia certos dias em que eu queria, bom... mais. As lembranças da vez em que fizéramos amor me assombravam quando ficávamos juntos assim, e com frequência eu desejava aquilo de novo. Por algum motivo, ele nunca fez os avanços em busca de sexo, não importava o quão intensas as coisas fossem. Eu não sabia ao certo se ele estava usando isso como isca para me transformar ou se existia alguma incompatibilidade entre um Strigoi e uma dâmpira. Será que os vivos e os mortos podiam fazer isso? Antes, eu teria achado a ideia de transar com um deles absolutamente repulsiva. Agora... eu só não pensava tanto nas implicações daquilo.

Contudo, embora ele não fizesse investidas sexuais, costumava me provocar com suas carícias, tocando em minhas coxas e no alto peito e em outros lugares perigosos. Além disso, ele me lembrava de como tinha sido daquela vez, o quão fantástica, a sensação dos nossos corpos... Todavia, suas palavras sobre tais assuntos eram mais provocativas do que românticas.

Em meus momentos de semilucidez, eu pensava com sinceridade que era estranho que eu não tivesse consentido ainda me tornar uma Strigoi. A névoa de endorfina me fazia concordar com quase tudo que ele queria. Eu confortavelmente passei a me vestir daquele jeito para ele, a permanecer em minha prisão disfarçada e a aceitar que ele fizesse uma vítima a cada dois dias. No entanto, mesmo nos meus momentos mais incoerentes, mesmo quando o desejava com extrema veemência, eu não conseguia concordar em me transformar. Havia uma parte intrínseca minha que se recusava a se render. Na maioria das vezes, ele caçoava da minha recusa, como se fosse uma piada. Mas em algumas ocasiões em que eu me negava, eu via uma centelha de rancor em seus olhos. Esses momentos me assustavam.

— Lá vamos nós — provoquei. — A frase de efeito. A vida eterna. Invencíveis. Nada no nosso caminho.

— Não é uma piada — disse ele. Ops. A minha impertinência devolvera aquela severidade a ele. O desejo e o afeto que acabara de ver agora se estilhaçavam em um milhão de pedaços levados pelo vento. As mãos que acabaram de me tocar subitamente me agarraram pelos punhos e me prenderam enquanto ele se inclinava. — Nós não podemos continuar assim para sempre. Você não pode continuar aqui para sempre.

Opa, alertou a voz. *Tome cuidado. Isso não parece nada bom.* Seu aperto me feria, e com frequência me perguntava se essa era a sua intenção ou se ele simplesmente não conseguia controlar sua agressividade.

Quando ele por fim me soltou, eu enrosquei os braços em seu pescoço e tentei beijá-lo.

— Não podemos falar sobre isso depois?

Nossos lábios se encontraram, o fogo crescendo entre nós e a urgência me devorando o corpo. Eu sabia que ele nutria um desejo idêntico, mas alguns segundos depois, ele se interrompeu. A gélida contrariedade permanecia em seu rosto.

— Venha — chamou, se afastando de mim. — Vamos indo.

Ele se levantou, e eu o olhei estupefata.

— Aonde estamos indo?

— Lá para fora.

Eu me sentei na cama, confusa.

— Para... fora? Mas... não é permitido. Não podemos.

— Nós podemos fazer o que eu quiser — disse com rispidez.

Ele estendeu a mão e me ajudou a levantar. Eu o segui até a porta. Foi tão cuidadoso quanto Inna ao me bloquear a visão do teclado, não que agora importasse. De jeito nenhum eu conseguiria lembrar uma sequência tão longa naquele estado.

A porta se abriu, e ele me levou para fora. Eu olhava admirada, meu cérebro entorpecido ainda tentando processar essa liberdade. Tal como eu havia notado naquele dia, a porta dava para um corredor curto bloqueado por uma nova porta. Ela também era maciça e exibia uma trava por teclado. Dimitri a abriu, e eu podia apostar que as duas portas possuíam códigos distintos.

Tomando-me pelo braço, ele me guiou por aquela porta e para o corredor seguinte. Apesar da firmeza do seu aperto, não consegui me impedir de parar bruscamente. Talvez eu não devesse ter me surpreendido com a opulência com a qual me deparei de repente. Afinal de contas, eu estava morando na suíte de cobertura daquele lugar. Mas o corredor que dava para o meu quarto tinha o aspecto de uma fábrica, e de alguma forma imaginei o restante da casa como tendo um ar institucional ou penitenciário.

Não foi o caso. Em vez disso, me senti num filme de época, do tipo em que as pessoas tomavam chá na sala de visitas. O carpete de pelúcia era coberto por uma passadeira com padrões dourados que se estendia nos dois sentidos do corredor. Pinturas de aparência antiga adornavam as paredes aqui e ali, retratando pessoas de eras passadas em trajes requintados que faziam os meus vestidos parecerem baratos e ordinários. O lugar inteiro era iluminado por diminutos candelabros espalhados pelo teto a cada dois metros, mais ou menos. Os cristais em formato de gotas capturavam a luz com suas facetas, dispersando pequenos arco-íris nas paredes. Eu olhei, encantada com o brilho e a cor, que foram provavelmente o motivo para eu deixar de notar outra presença no corredor.

— O que vocês estão fazendo?

O som severo da voz de Nathan me arrancou do meu estado de contemplação dos cristais. Ele estava recostado contra a parede oposta à minha porta e se enrijeceu imediatamente ao nos avistar. Possuía a mesma expressão cruel no rosto característica dos Strigoi, a mesma que eu às vezes captava em Dimitri, não importa quão charmoso e carinhoso ele pudesse parecer.

Dimitri assumiu uma postura rígida e defensiva.

— Eu a estou levando para dar uma volta.

Meio que soou como se estivesse falando de um cachorro, mas meu medo de Nathan deixou qualquer ressentimento que eu pudesse sentir no chinelo.

— É contra as regras — lembrou Nathan. — Já é ruim o bastante você ainda abrigá-la aqui. Galina lhe deu ordens para mantê-la em confinamento. Não precisamos de uma dampira perigosa passeando por aí.

Dimitri acenou para mim com a cabeça.

— E por acaso ela parece uma ameaça?

Os olhos de Nathan se voltaram para mim. Eu não tinha lá muita certeza do que ele viu. Não achei que estava assim tão diferente, mas um sorrisinho malicioso se formou em seus lábios, logo desaparecendo ao se dirigir novamente a Dimitri.

— Não, mas me ordenaram para vigiar aquela porta, e não vou levar a culpa porque vocês resolveram fazer uma excursão.

— Eu cuido de Galina. Vou dizer a ela que o derrubei. — Dimitri lhe deu um sorriso de mostrar os caninos. — Não deve ser tão difícil para ela acreditar.

O olhar que Nathan devolveu a Dimitri me fez recuar inconscientemente até ir de encontro à parede.

— Você é tão cheio de si... Não despertei você para agir como se mandasse e desmandasse por aqui. Fiz isso para que pudéssemos usar sua força e o seu conhecimento. Você devia se subordinar a *mim*.

Dimitri encolheu os ombros. Tomando minha mão, começou a se virar.

— Não me culpe se você não é bom o bastante para me forçar.

Foi quando Nathan avançou sobre Dimitri. Ele reagiu tão depressa ao ataque que pensei que ele soubesse que aconteceria. No mesmo instante soltou minha mão, se virou para segurar Nathan e o jogou contra a parede. Nathan logo se reergueu — seria preciso mais do que aquela pancada para perturbar alguém como ele —, mas Dimitri estava a postos. Socou Nathan no nariz — uma vez, duas, e então uma terceira, todas em rápida sucessão. Nathan desabou, sangue lhe cobrindo o rosto. Dimitri aplicou um tremendo chute em seu estômago e se assomou à sua frente.

— Não tente — avisou Dimitri. — Você vai perder. — Limpou o sangue de Nathan de sua mão e então enlaçou seus dedos aos meus novamente. — Já disse, eu cuido de Galina. Mas obrigado pela preocupação.

Dimitri se virou de novo, aparentemente intuindo que não ocorreriam novos ataques. E não ocorreram. Porém, ao começar a segui-lo, olhei depressa por cima do ombro na direção em que Nathan jazia no chão. Ele fuzilava Dimitri com o olhar, e eu tinha plena certeza de que nunca antes vira uma expressão de tamanho ódio — pelo menos até ele dirigir sua atenção para mim. Senti um frio me percorrer o corpo inteiro e tropecei tentando acompanhar Dimitri.

A voz de Nathan ressoou atrás de nós.

— Você não vai se safar! Nenhum de vocês. Ela é nosso lanche, Dimitri. Lanche.

Dimitri apertou sua mão contra a minha e aumentou o passo. Eu podia sentir a fúria irradiando dele e subitamente fiquei sem saber quem eu devia temer mais: Nathan ou Dimitri. Dimitri era amedrontador, vivo ou morto-vivo. No passado, eu o vira atacar seus oponentes sem medo ou hesitação. Sempre fora magnífico, se portando com tanta bravura quanto eu relatara à sua família. Só que, em todas aquelas ocasiões, ele sempre tivera uma razão legítima para lutar — em geral, em defesa própria. Seu embate com Nathan, no entanto, representava mais. Era uma afirmação de predominância e uma oportunidade de derramar sangue. Dimitri parecia ter gostado daquilo. E se ele resolvesse fazer o mesmo comigo? E se minha insistente recusa o levasse a me torturar, me ferindo até que eu por fim concordasse?

— Nathan me dá arrepios — confessei, sem desejar que ele soubesse que também o temia. Me sentia fraca e indefesa ao extremo, algo que não costumava me acontecer com muita frequência. Em geral, estava pronta para aceitar qualquer desafio, por maior que fosse.

— Ele não vai tocar em você — disse ele asperamente. — Não precisa se preocupar.

Chegamos a uma série de escadas. Depois de alguns passos, tinha ficado claro para mim que eu não aguentaria descer quatro andares. Além do torpor químico no qual as mordidas me mantinham, a contínua perda de sangue vinha me enfraquecendo e cobrando o seu preço. Sem dizer uma palavra, Dimitri me

tomou em seus braços e me carregou sem esforço até o térreo, me baixando gentilmente após o último degrau.

O térreo da propriedade ostentava a mesma atmosfera de grandiosidade que a do corredor lá de cima. O pórtico dispunha de um enorme teto abobadado com um candelabro elaborado que ofuscava os pequenos que eu vira antes. Portas duplas adornadas se encontravam à nossa frente, com vitrais incrustados. O que também estava à nossa frente era um outro Strigoi, um homem sentado a uma cadeira, aparentemente montando guarda. Próximo a ele havia um painel eletrônico afixado à parede, com botões e luzinhas piscantes. Um sistema de segurança moderno em meio a todo aquele charme do Velho Mundo. Sua postura se enrijeceu quando nos aproximamos, e, a princípio, pensei que fosse apenas um instinto típico de um segurança — até que vi o seu rosto. Era o Strigoi que eu havia torturado em minha primeira noite em Novosibirsk, o mesmo que liberara para que contasse a Dimitri que eu estava à sua procura. Seus lábios se curvaram ligeiramente quando me encarou.

— Rose Hathaway — comentou o Strigoi. — Eu me lembro do nome, tal como você me disse.

Não disse mais que isso, e eu aumentei a força com que segurava a mão de Dimitri enquanto por ele passávamos. Os olhos do Strigoi não me perderam de foco até nos encontrarmos do lado de fora e batermos a porta às nossas costas.

— Ele quer me matar — contei a Dimitri.

— Todos os Strigoi querem — devolveu.

— Mas ele quer mesmo... eu o torturei.

— Sei disso. Ele caiu em desgraça desde então e perdeu parte de seu prestígio aqui.

— Isso não me faz sentir muito melhor.

Dimitri parecia despreocupado.

— Marlen não é alguém com quem precise se preocupar. O fato de ter lutado contra ele provou a Galina que você seria uma boa aquisição aqui. Ele está abaixo de você.

Não achei aquilo muito reconfortante. Estava fazendo muitos inimigos Strigoi — mas, enfim, não era como se eu pudesse realmente esperar fazer amigos ali.

Era noite, claro. Dimitri não teria me levado para o exterior se não fosse. O saguão de entrada me passara a ideia de que nos encontrávamos na frente da casa; no entanto, os amplos jardins que se abriam diante de nós agora me faziam imaginar se não estaríamos nos fundos. Ou talvez aquela vegetação coroasse a casa inteira. Um labirinto em cerca viva nos rodeava, cultivado com belo detalhismo. Dentro do labirinto havia pequenos pátios, ornamentados por fontes ou estátuas. E flores e mais flores, por toda parte. O ar se enchia com sua fragrância, e intuí que alguém tinha vivido maus bocados para encontrar espécies que desabrochassem à noite. A única que eu reconheci de cara foi o jasmim, com suas vinhas longas e flores brancas galgando por treliças e estátuas do labirinto.

Caminhamos um pouco em silêncio, e percebi o quanto a situação era romântica e arrebatadora. Durante todo aquele tempo que Dimitri e eu vivêramos na escola, fui consumida pelos temores de como faríamos para que nosso relacionamento e nosso dever dessem certo juntos. Um momento como esse, andando por um jardim numa noite vernal estrelada, teria parecido uma fantasia, difícil até de imaginar.

Mesmo sem mais escadas, caminhar tanto me deixou exausta, considerando meu estado de então. Interrompi o passo e suspirei.

— Estou cansada.

Dimitri parou também e me ajudou a sentar. A grama estava seca e fazia cócegas em minha pele. Me deitei contra ela, e, no instante seguinte, ele se juntou a mim. Tive um estranho sentimento de *déjà vu*,

retornando àquela tarde em que fizéramos os nossos anjos na neve.

— Isto é incrível — comecei, olhos fixos no céu. Ele estava limpo, sem sinal de nuvens. — Como é para você?

— Hum?

— Aqui tem luz suficiente para eu poder enxergar, mas ainda é escuro comparado ao dia. Os seus olhos são melhores que os meus. O que você vê?

— Para mim, é tão claro quanto um dia normal. — Como eu nada disse depois disso, ele acrescentou: — Podia ser assim com você também.

Tentei imaginar aquilo. Será que a noite conservaria seu ar de mistério? Será que lua e estrelas brilhariam com a mesma intensidade?

— Não sei. Eu meio que gosto do escuro.

— Isso porque não sabe o que está perdendo.

— É o que você vive me dizendo — comentei, com um suspiro.

Ele se virou para mim e afastou o cabelo que caía em meu rosto.

— Rose, isso está me tirando do sério. Já me cansei dessa espera. Quero que fiquemos juntos. Você não gosta disso? Do que nós temos? Poderia ser ainda melhor. — Suas palavras soaram românticas, mas não o seu tom de voz.

Eu realmente gostava daquilo. Amava a neblina em que vivia, a neblina na qual todas as inquietações desapareciam. Amava estar próxima a ele, a forma como me beijava e dizia me querer...

— Por quê? — indaguei.

— Por que o quê? — Ele parecia confuso, algo que eu ainda não observara num Strigoi.

— Por que você me quer? — Eu não fazia a menor ideia de por que perguntei aquilo. E, pelo jeito, nem ele.

— E por que não ia querer?

Ele falou de um jeito tão presunçoso, como se aquela fosse a pergunta mais idiota do mundo. Concluí que provavelmente era mesmo, mas ainda assim... Eu meio que esperava uma resposta diferente.

No mesmo instante, meu estômago deu um nó. Durante todo o tempo que passara com Dimitri, havia mantido a náusea sob o devido controle. No entanto, a presença de outro Strigoi a fez crescer. Eu a sentira perto de Nathan, e também agora. Ergui as costas do solo, e Dimitri me imitou quase simultaneamente. Era provável que sua audição privilegiada o tivesse alertado.

Uma forma sombria se assomou acima de nós. Era uma mulher, e Dimitri ficou de pé de um salto. Continuei sentada onde estava.

Ela tinha uma aparência de indiscutível beleza, de um tipo rígido e ameaçador. Seu tipo físico era similar ao meu, indicando que não fora uma Moroi antes da transformação. Isaiah, o Strigoi que uma vez me sequestrara, já era bem velho, e o poder irradiava dele. A mulher à nossa frente não vivera nem de perto o mesmo tempo, mas eu sentia que era mais velha que Dimitri e muito mais forte.

Falou algo em russo com ele, e sua voz era tão gélida quanto sua beleza. Dimitri redarguiu num tom seguro porém educado. Ouvi a menção ao nome de Nathan umas duas vezes em sua conversa. Dimitri me estendeu o braço e me ajudou a levantar, e me senti envergonhada por precisar tantas vezes daquele auxílio, tendo em vista que um dia já fui quase uma adversária à altura dele.

— Rose — chamou ele —, essa é Galina. É quem vem demonstrando piedade o bastante para permitir sua permanência.

O semblante de Galina não parecia tão piedoso. Era isento de qualquer emoção, e senti como se minha

alma inteira estivesse à mostra. Embora tivesse dúvidas em relação a uma infinidade de coisas sobre aquele lugar, havia aprendido o necessário para pelo menos reconhecer que minha estada prolongada representava algo raro e frágil.

— *Spasibo* — disse eu, engolindo em seco. Não sabia como lhe dizer que era um prazer conhecê-la, e, sinceramente, nem tinha muita certeza disso, mas intuí que um simples obrigada daria conta do recado. Se ela de fato fora a antiga instrutora dele e treinara numa escola-padrão, provavelmente sabia inglês e estava fingendo igualzinho a Yeva. Eu nem conseguia imaginar por que ela faria isso, mas suponho que, para alguém que podia cair de boca no pescoço de uma vampira adolescente, tudo era permitido.

A fisionomia de Galina — ou, enfim, a falta dela — não se alterou com a minha gratidão, e ela voltou sua atenção para Dimitri mais uma vez. Conversavam sobre mim, e ele gesticulou na minha direção umas duas vezes. Reconheci a palavra que queria dizer *forte*.

Por fim, Galina falou algo que soou conclusivo e partiu sem qualquer tipo de despedida. Nem Dimitri nem eu nos movemos até a náusea se dissipar em mim.

— Venha — disse ele. — Devemos voltar.

Nós retornamos pelo labirinto, embora eu não fizesse nem ideia de como ele sabia por onde ir. Era engraçado. Ao chegar naquele lugar pela primeira vez, meu sonho tinha sido alcançar a saída e escapar. Agora que eu estava ali... bom, não parecia mais tão importante. A ira de Galina, sim.

— Que foi que ela disse? — indaguei.

— Ela não gosta do fato de você continuar aqui. Quer que eu a desperte ou a mate.

— Oh. Hum, o que você pretende fazer?

Ele ficou mudo por alguns segundos.

— Vou aguardar um pouco mais e então... farei a escolha por você.

Não chegou a especificar qual seria a escolha, e quase voltei a pedir para morrer e não me transformar em uma Strigoi. Subitamente, porém, eu disse:

— Quanto tempo?

— Não muito, Roza. Você precisa se decidir. E fazer a escolha correta.

— E qual seria?

Ele segurou minhas mãos na altura do peito.

— Tudo isto. Uma vida juntos.

Havíamos saído do labirinto. Eu olhei para a casa — incrivelmente enorme quando vista de fora — e para os belos jardins à nossa volta. Era como algo oriundo de um sonho. Para além dela, a zona rural se desenrolava interminável, por fim se perdendo na escuridão e se misturando ao negrume do céu — exceto por uma minúscula faixa exibindo um brilho púrpura bem claro no horizonte. Franzi a testa, estudando aquilo, então dirigi minha atenção de volta para Dimitri.

— E depois? Passo a trabalhar para Galina também?

— Por um tempo.

— Quanto tempo é “um tempo”?

Interrompemos o passo em frente à casa. Dimitri olhou nos meus olhos, o rosto iluminado por uma expressão que me fez dar um passo para trás.

— Até que a matememos, Rose. Até que a matememos e tomemos tudo isto para nós.

Vinte e um

Dimitri não entrou em detalhes. Eu estava chocada demais com suas palavras e com o restante dos eventos da noite para sequer saber como abordá-los. Ele me conduziu para o interior, passando pelo Strigoi que montava guarda, rumo à minha suíte, no topo. Nathan não se achava mais à porta.

Por alguns breves instantes, aquela vozinha inconveniente na minha cabeça falou alto o bastante para sobressair aos pensamentos desorientados. Se não houvesse vigilância no corredor e Inna não demorasse a reaparecer, eu teria uma excelente oportunidade de forçá-la a me tirar dali. É verdade que isso implicaria ter de lidar com uma casa cheia de sabe-se lá quantos Strigoi, mas minhas chances de escapar eram maiores na casa do que naquele quarto.

Esse raciocínio se extinguiu tão depressa quanto surgiu. Dimitri deslizou o braço à minha volta e me puxou para perto de si. Lá fora estivera um gelo, e, mesmo com seu corpo frio, as roupas e o casaco me proporcionaram algum aquecimento. Me acolhi junto a ele enquanto suas mãos me acariciavam o corpo inteiro. Pensei que fosse me morder, mas foram as bocas que se encontraram, com vigor e fúria. Enrosquei os dedos em seu cabelo, tentando aproximá-lo mais de mim. Enquanto isso, os dedos dele corriam por minha perna nua, subindo minha saia quase à altura dos quadris. A ansiedade e o ímpeto incendiaram cada parte do meu corpo. Tinha passado tanto tempo sonhando com a cabana, lembrando-a com tanto desejo... Nunca esperara que nada daquilo fosse se repetir, mas agora era possível, e me surpreendia saber o quanto eu queria isso.

Minhas mãos desceram por sua camisa, abrindo cada botão para que eu pudesse lhe tocar o peito. Sua pele ainda parecia gelo, um incômodo contraste com a chama dentro de mim. Ele separou seus lábios dos meus, em direção ao meu pescoço e ombros, baixando a alça do vestido ao cobrir meu corpo de beijos famintos. Sua mão continuava repousada sobre meu quadril descoberto, e eu freneticamente procurava arrancar sua camisa de uma vez só.

De repente, com uma brusquidão surpreendente, ele parou tudo e se afastou de mim. A princípio, pensei que era mais uma das nossas preliminares, até perceber que ele estava me impedindo de propósito.

— Não — disse ele, com voz firme. — Não ainda. Não até que esteja desperta.

— Por quê? — indaguei desesperada. Eu não conseguia pensar em nada além do seu toque e, bom, de outra mordida. — Por que isso importa? Existe... Existe algum motivo para isso? — Até chegar àquele lugar, fazer sexo com um Strigoi nunca me passara pela cabeça... talvez aquilo simplesmente não fosse possível.

Ele se inclinou sobre mim, aproximando os lábios da minha orelha.

— Não, mas vai ser tão melhor quando você estiver desperta. Me deixe fazer isso... Me deixe fazer isso, e poderemos fazer o que quisermos...

Percebi vagamente que aquilo era uma chantagem. Ele me queria — sua expressão inteira o denunciava —, mas estava usando o sexo como isca para que eu cedesse. E sinceramente? Eu estava a um triz de aceitar. Meu corpo sobrepujava a minha mente — ou quase.

— Não — protestei. — Tenho... Tenho medo...

Aquele semblante perigoso se amainou, e, embora ele não lembrasse exatamente o Dimitri de outrora, parecia um pouquinho menos Strigoi.

— Rose, acha mesmo que eu faria algo que pudesse machucá-la? — Mas não houvera, em algum momento, uma discussão na qual as minhas opções se resumiam a me transformar ou morrer? Tive a impressão de que a última delas talvez me machucasse, mas preferi não tocar no assunto.

— A mordida... A transformação doeria...

— Já disse a você: vai ser igual ao que temos feito até agora. Você vai gostar. Não doerá, eu prometo.

Desviei os olhos. Droga. Por que ele não podia ter continuado sinistro e assustador? Seria tão mais fácil bater o pé e resistir. Mesmo no calor do romance, eu era capaz de resistir. Mas de alguma forma... vendo-o assim, calmo e razoável... Bom, era semelhante demais ao Dimitri que eu amara. E *isso* era duro de ignorar. Pela primeira vez, me transformar em Strigoi me soou... não tão ruim.

— Eu não sei — respondi, pateticamente.

Ele me soltou e ficou sentado, a frustração tomando suas feições. Aquilo era quase um alívio.

— A paciência de Galina está se esgotando. E a minha também.

— Você falou que ainda tínhamos tempo... Eu só preciso refletir mais... — Até quando poderia usar essa mesma desculpa? As pálpebras se estreitando em seu rosto me diziam que até bem brevemente.

— Preciso ir — comunicou ele com rispidez. Percebi que não haveria mais carícias e beijos. — Tenho que cuidar de algumas coisas.

— Me desculpe — disse eu, confusa e também com medo. Não sabia qual dos Dimitris eu queria. O assustador, o sensual ou o quase, mas não de todo, gentil.

Ele nada respondeu. Sem qualquer outro aviso, ele se inclinou e mordeu a tenra pele de minha garganta. Quaisquer estratégias de fuga inúteis se dissiparam em minha mente. Fechei os olhos, prestes a desabar, e apenas seu braço em torno de mim me manteve suspensa. Tal como quando nos beijamos, sua boca era calorosa contra a minha carne, e a sensação de sua língua e de seus dentes me deixou elétrica.

E de súbito acabou. Ele abandonou meu pescoço, lambendo os lábios enquanto ainda me segurava. A névoa estava de volta. O mundo era maravilhoso e feliz, e eu estava livre de preocupações. O que quer que inquietasse Dimitri com relação a Nathan e a Galina nada significava para mim. O medo que eu sentira instantes atrás... minha frustração com o sexo... minha confusão — eu não dispunha de tempo para me interessar por nada daquilo, não quando a vida era tão bonita e eu amava Dimitri com tanta força. Sorri para ele e tentei cair em seus braços mais uma vez; ele, porém, já estava me levando em direção ao sofá.

— Vejo você mais tarde. — Num piscar de olhos, ele reapareceu à porta, o que me entristeceu. Queria que ele ficasse. Ficasse para sempre. — Lembre-se, eu quero você, e nunca deixaria nada de ruim lhe acontecer. Eu vou protegê-la. Mas... não posso esperar muito mais.

E assim ele se foi. Suas palavras me fizeram sorrir largamente. Dimitri me queria. De forma vaga, lembrei ter perguntado a ele do lado de fora *por que* ele me queria. Por que cargas-d'água eu havia perguntado? Que resposta eu havia esperado? Por que aquilo importava? Ele me queria. Era isso o que contava.

Tal pensamento e a maravilhosa onda de endorfina me envolveram enquanto caía sobre o sofá, e senti a sonolência tomando conta de mim. Ir até a cama parecia dar muitíssimo trabalho, então permaneci onde estava e simplesmente deixei o sono se instalar.

E, de forma um tanto inesperada, me vi em um dos sonhos de Adrian.

Eu tinha desistido mesmo dele. Após minhas primeiras tentativas desesperadas de fuga na suíte, finalmente me convencera de que Adrian não voltaria, de que eu o enxotara de vez. No entanto, ali estava ele, parado bem na minha frente — ou, enfim, pelo menos a sua versão onírica. Com frequência nos encontrávamos numa floresta ou num jardim, mas hoje estávamos no lugar em que nos víamos pela primeira vez, na varanda de um alojamento de esqui em Idaho. O sol a tudo iluminava, e montanhas se elevavam à nossa volta.

— Adrian! — exclamei, sorrindo abertamente.

Acho que nunca o vira ficar tão surpreso quanto agora. Considerando o modo como eu costumava tratá-lo, eu entendia como ele se sentia.

— Olá, Rose — respondeu. Sua voz parecia insegura, como se temesse que eu estivesse lhe pregando uma peça.

— Você está bem hoje — disse-lhe. Era verdade. Ele usava jeans escuros e uma camisa de botões estampada em tons de azul-marinho e turquesa que pareciam fantásticos acompanhados por seus olhos verde-escuros. Aqueles olhos, no entanto, pareciam exaustos. Esgotados. Isso era meio estranho. Naqueles sonhos, ele podia moldar o mundo e mesmo nossa aparência ao seu bel-prazer, com um mínimo de esforço. Podia ter se manifestado à minha frente de forma impecável, mas em lugar disso parecia refletir a fadiga vinda do mundo real.

— Você também. — Sua voz continuava cautelosa, e ele me analisava dos pés à cabeça. Eu exibia aquele mesmo vestido de verão colante, meu cabelo solto, as safiras contornando meu pescoço. — Isso parece algo que eu daria para você vestir. Está dormindo assim?

— Sim. — Alisei a saia do vestido, pensando no quanto era lindo. Me perguntei se Dimitri teria gostado. Ele não chegara a afirmar isso especificamente, mas vivia me dizendo que eu era bonita. — Não achei que você voltaria.

— Também pensei isso.

Eu o encarei de volta. Ele não parecia o mesmo de sempre.

— Está tentando adivinhar onde estou de novo?

— Não, não ligo mais para isso. — Suspirou. — A única coisa para a qual eu ligo é que você não está *aqui*. Você precisa voltar, Rose.

Cruzei os braços e me sentei no parapeito da varanda.

— Adrian, eu não estou pronta para nenhum roman...

— Não é por mim — exclamou. — É por ela. Você precisa voltar por Lissa. É por isso que estou aqui.

— Lissa...

Minha parte consciente estava repleta de endorfina, o que se refletiu no sonho. Procurei lembrar por que eu devia estar tão preocupada com Lissa.

Adrian deu um passo à frente e me estudou com cautela.

— É, sabe a Lissa? Sua melhor amiga? Aquela com quem você divide um laço e que você jurou proteger?

Balancei as pernas para frente e para trás.

— Eu nunca fiz nenhuma promessa.

— O que diabos há de errado com você?

Não gostei daquele seu tom de voz agitado. Estava arruinando o meu bom humor.

— Qual é o *seu* problema?

— Você não está agindo normalmente. Sua aura... — Ele franziu a testa, incapaz de prosseguir.

— Ah, sim. Lá vem. A aura mágica e mística. Me deixe adivinhar. É negra, acertei?

— Não... ela... — E continuou me avaliando por vários e penosos segundos. — Eu mal consigo um foco

dela. Está por toda a parte. O que está havendo, Rose? O que tem acontecido no mundo desperto?

— Nada tem acontecido — respondi. — Nada, exceto por eu estar feliz pela primeira vez na minha vida.

Por que você passou a agir esquisito assim, do nada? Você costumava ser engraçado. Pelo jeito, logo quando eu finalmente estou bem, você fica todo chato e estranho.

Ele se ajoelhou à minha frente, sem um único vestígio de bom humor.

— Tem algo errado com você. Não sei dizer o que...

— Eu já disse, estou ótima. Por que você tem que aparecer sempre para tentar estragar tudo? — É verdade, eu queria desesperadamente que ele viesse um tempinho atrás, mas agora... Bom, não era tão importante. O que eu tinha com Dimitri ali era bom; se ao menos eu descobrisse como solucionar as partes que não eram assim tão boas...

— E eu já disse, não estou aqui por mim. Estou aqui por Lissa. — Ele me encarou com olhos arregalados e sinceros. — Rose, eu *imploro* para que volte para nós. Lissa precisa de você. Não sei dizer o que há de errado, e não sei como ajudá-la. Ninguém sabe. Acho... Acho que só você pode. Talvez a distância entre vocês seja o que a está machucando. Talvez seja o que há de errado com você agora, o motivo de estar agindo tão diferente. Volte para nós. Por favor. Vamos curar vocês duas. Vamos todos lidar com isso, juntos. Ela tem agido de forma muito estranha. Está descuidada e não se importa com mais nada.

Meneei a cabeça.

— Estarmos distantes não é o que há de errado comigo. E também não deve ser o que há de errado com Lissa. Se ela estiver assim tão preocupada com o espírito, devia voltar a tomar aqueles remédios.

— Ela *não está* preocupada; essa é a questão. Droga. — Ele se levantou e começou a caminhar em círculos. — O que há de errado com vocês? Por que nenhuma das duas enxerga que aí tem coisa?

— Talvez o problema não seja com a gente — sugeri. — Talvez seja você imaginando coisas.

Adrian se voltou para mim e me olhou nos olhos de novo.

— Não. Não sou eu.

Eu não gostava de nada disso — nem do seu tom, da sua expressão ou de suas palavras. Tinha ficado tão animada ao vê-lo, mas agora me ressentia porque ele estava acabando com meu bom humor. Eu não queria pensar em nada disso. Era complexo demais.

— Escute — comecei. — Eu estava feliz de ver você esta noite, mas isso acabou, pelo menos enquanto você continuar aí sentado me acusando e fazendo exigências.

— Essa não é a minha intenção. — Sua voz era gentil, a revolta havia passado. — A última coisa que quero é deixá-la infeliz. Eu me importo com você. E me importo com Lissa, também. Quero que as duas sejam felizes e vivam suas vidas como quiserem... mas não se ambas estiverem seguindo por caminhos destrutivos.

Ele quase tinha feito sentido. Quase parecera razoável e sincero. Balancei a cabeça.

— Fique fora disso. Eu estou onde quero estar, e não vou voltar. Lissa está por conta própria. — Eu saí dos trilhos. O mundo entrou em espiral por um instante, e perdi o equilíbrio. Adrian me tomou pela mão, e eu a puxei de volta. — Eu estou bem.

— Não está, não. Meu Deus, eu poderia jurar que você está bêbada, só que... não é bem isso que a aura

mostra. O que é isso? — Ele correu as mãos por seu cabelo escuro. Era o seu gesto típico de inquietação.

— Já chega para mim — declarei, tentando parecer o mais educada possível. Por que cargas-d'água eu quisera vê-lo de novo? Parecera algo tão importante quando cheguei àquela suíte... — Me mande de volta, por favor.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, então congelou por alguns instantes.

— O que é isso no seu pescoço?

Ele se aproximou, mas, tonta ou não, consegui me esquivar de forma eficaz. Não tinha ideia do que ele viu em meu pescoço, nem qualquer interesse em descobrir.

— Não toque em mim.

— Rose, isso parece uma...

— Me mande de volta, Adrian! — E lá se fora a minha educação.

— Rose, me deixe ajudar...

— Me mande de volta!

Gritei aquelas palavras e, então, pela primeira vez, consegui abandonar um dos sonhos de Adrian. Saí do sono simultaneamente e acordei no sofá. O lugar jazia calmo e silencioso, sendo o único som o da minha respiração acelerada. Eu me senti revirada por dentro. Em geral, tendo sido mordida há tão pouco tempo, eu deveria estar flutuando e alegre. O encontro com Adrian, no entanto, deixara uma parte minha perturbada e tristonha.

Me levantando, consegui achar o caminho até o banheiro. Liguei o interruptor da luz e recuei. Não estava tão claro assim no outro aposento. Assim que meus olhos se ajustaram, parti na direção do espelho e tirei o cabelo da frente. Eu perdi o fôlego com o que vi. Havia hematomas por todo o meu pescoço, bem como marcas de feridas recentes. Em torno de onde Dimitri acabara de me morder, notei um pouco de sangue ressecado.

Eu parecia... uma prostituta de sangue.

Como foi que nunca tinha notado isso antes? Molhei uma toalhinha e esfreguei o pescoço com ela, tentando remover o sangue. Esfreguei e esfreguei, até a pele ficar rosada. Será que isso era tudo? Haveria mais? Parecia ter sido a pior parte. Me perguntei quanto daquilo Adrian teria entrevisto. Meu cabelo estivera solto, e achei mesmo que grande parte dele encobrira meu pescoço.

Uma ideia revoltosa me ocorreu. O que importava se Adrian vira ou não? Ele não compreendia. E não havia jeito de um dia ele sequer começar a compreender. Eu me encontrara com Dimitri. É, ele estava diferente... mas não *tão* diferente assim. E eu tinha certeza de que conseguiria achar uma forma de fazer isso dar certo sem me tornar uma Strigoi. Eu só não sabia ainda como.

Tentei me reasssegurar disso de novo e de novo, mas aqueles hematomas não paravam de me atormentar.

Saí do banheiro e retornei ao sofá. Liguei a tevê sem de fato assisti-la, e após algum tempo a névoa de felicidade se reinstalou em mim. Eu logo desliguei o aparelho e voltei a dormir. Dessa vez, meus sonhos eram os meus próprios.

Levou um tempo até que Dimitri reaparecesse. E com “um tempo” eu quero dizer quase um dia inteiro. Já estava ficando inquieta àquela altura do campeonato, tanto porque sentia sua falta quanto porque sentia falta da mordida. Ele costumava me visitar duas vezes ao dia; esse, portanto, era o maior intervalo que eu tinha passado longe das endorfinas. Precisando de algo para fazer, me incumbi da tarefa de ficar o mais linda possível.

Vasculhei por entre os vestidos em meu armário, optando por um de seda da cor do marfim e longo, com

flores púrpuras pintadas com esmero sobre o tecido. Ele me caiu como uma luva. Pensei em usar o cabelo preso no alto, mas, ao rever os hematomas, decidi deixá-lo solto mesmo. Recentemente ganhara uma prancha modeladora e maquiagem, então cuidei das mechas com carinho, transformando as pontas em cachinhos perfeitos. Depois de maquiada, admirei meu reflexo com satisfação, certa de que Dimitri também ficaria feliz. Só o que precisava fazer agora era colocar algumas das joias preciosas que ele me dera. Contudo, no que me virei para sair do banheiro, vislumbrei às minhas costas um fecho aberto. Estiquei o braço em volta do corpo, porém não conseguia apanhá-lo. O fecho estava bem naquele ponto fora do meu alcance.

— Droga — resmunguei, ainda brigando com aquele ganchinho. A falha na minha perfeição.

E, então, ouvi a porta se abrir no outro cômodo, e em seguida o ruído revelador de uma bandeja sendo posta sobre a mesinha de centro. Um golpe de sorte.

— Inna! — chamei, saindo do banheiro. — Preciso de você para...

A náusea revolveu em mim, e, ao entrar na sala de estar, vi que o responsável não era Dimitri. Era Nathan.

Fiquei boquiaberta. Inna estava parada próxima a ele, aguardando pacientemente junto à bandeja, olhos abaixados como sempre. Decidi ignorá-la e me concentrar em Nathan. Presumia-se que ainda estivesse montando guarda, mas isso nunca incluía uma visita sua ao meu quarto. Pela primeira vez em um tempo, alguns dos meus instintos de batalha despertaram, avaliando possíveis opções de fuga. O medo me impelia a recuar, mas assim eu acabaria encurralada no banheiro. Melhor ficar onde estava mesmo. Mesmo sem poder sair do quarto, isso me daria bem mais espaço para manobra.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, surpresa por soar tão calma.

— Cuidando de um problema.

Não precisei de nenhuma dica para ler nas entrelinhas. Eu representava o problema.

Novamente, lutei contra o impulso de retroceder.

— Eu nunca lhe causei mal algum. — Era uma lógica falha para um Strigoi. Nenhuma de suas vítimas *já* jamais lhes causava algum mal.

— Você existe — retorquiu ele. — Está ocupando espaço aqui, desperdiçando o tempo de todos. Você sabe como encontrá-la, a Dragomir, e no entanto não oferecerá nada minimamente útil até que Belikov resolva tomar vergonha naquela cara e despertá-la. E nesse meio-tempo, Galina me obriga a perder tempo vigiando você e continua valorizando a *ele*, porque ele a convenceu de que você será uma aquisição e tanto para nós.

Era um interessante conjunto de queixas.

— Então... hã, o que pretende fazer a respeito?

Num piscar de olhos, ele veio parar na minha frente. Vendo-o assim tão de perto disparou aquela lembrança em minha mente — ele mordendo Dimitri e começando aquilo tudo. Uma centelha de raiva se acendeu dentro de mim, mas não foi muito útil em termos práticos.

— Vou obter a informação de um jeito ou de outro — sibilou. — Me diga onde ela está.

— Você sabe onde. Ela está na Escola. — Nada havia de útil em lhe dar aquela notícia. Ele sabia onde ela estava. Sabia onde a Escola ficava.

O olhar que ele me devolveu mostrou que não estava satisfeito por receber uma informação que já possuía. Estendendo o braço, ele agarrou meus cabelos e puxou minha cabeça para trás dolorosamente. Usá-los soltos talvez não tenha sido assim tão prático, no fim das contas.

— Para onde ela *vai*? Não vai ficar na escola para sempre. Ela vai para a faculdade? A Corte Real? Devem ter traçado planos para ela.

— Eu não sei quais são. Estou afastada há algum tempo.

— Não acredito em você — rosnou. — Ela é valiosa demais. Seu futuro já teria sido planejado com bastante antecedência.

— Se foi, ninguém compartilhou comigo. Eu saí bem antes.

Encolhi os ombros como que complementando a resposta. A raiva invadiu-lhe os olhos, os quais, juro, ficaram ainda mais vermelhos.

— Vocês dividem um laço! Você sabe a resposta. Me diga agora, e terá uma morte rápida. Caso contrário, vou despertá-la para conseguir o que quero, e *aí* então mato você. Vou acendê-la feito uma fogueira.

— Você... Você me mataria depois que me tornasse uma de vocês? — Pergunta besta. Os Strigoi não juravam lealdade uns aos outros.

— Sim. Isso vai destruí-lo, e uma vez que Galina enxergue o perturbado que ele é, *eu* voltarei a ocupar minha posição original a seu lado, principalmente depois de extirpar a linhagem dos Dragomir.

— Uma ova que isso vai acontecer!

Ele sorriu e tocou em meu rosto, correndo os dedos pelo meu pescoço e pelos hematomas espalhados nele.

— Ah, vai acontecer, sim. Tudo vai ser bem mais fácil se você me contar agora mesmo. Vai morrer em êxtase em vez de ser queimada viva. Ambos sairemos ganhando. — E com suavidade passou uma das mãos ao redor do meu pescoço. — Você sem dúvida representa um problema, mas é de fato linda, principalmente sua garganta. Entendo bem por que ele a deseja...

Emoções conflitantes brincaram dentro de mim. É lógico que eu sabia que aquele era Nathan — o mesmo Nathan que eu odiava por ter transformado Dimitri, para começo de conversa. No entanto, a ânsia do meu corpo pelas endorfinas Strigoi estava meio descontrolada também, e o fato de que se tratava de Nathan mal tinha importância. O que importava era que seus dentes se encontravam a apenas um sopro da minha garganta, a promessa daquele doce, doce delírio.

E enquanto uma das mãos me segurava pelo pescoço, a outra descia até minha cintura, até a curva do quadril. Havia um tom provocante na sua voz, como se quisesse fazer mais do que apenas me morder. E, após tantos encontros potencialmente sexuais com Dimitri — encontros que nunca resultavam em nada —, meu corpo quase não se importava com quem o tocasse. Eu poderia fechar os olhos, e não faria diferença de quem seriam os dentes a me morderem, ou as mãos a me despirem. A próxima dose era tudo o que importava. Eu poderia fechar os olhos e fingir que era Dimitri, perdida em meio àquilo tudo enquanto os lábios de Nathan roçavam minha pele...

Exceto que, como uma pequena parte racional em mim estava lembrando, Nathan não queria apenas sexo e sangue. No final, ele pretendia me matar.

O que era meio irônico. No começo da minha estada ali, eu estivera morta — sem trocadilhos aqui — por me suicidar, a fim de não me tornar uma Strigoi. Era o que Nathan me oferecia agora. Ainda que a princípio me transformasse, ele planejava me matar logo após. De qualquer forma, eu não precisaria passar o resto da minha existência como uma deles. Devia estar recebendo a ideia de braços abertos.

Mas naquele instante, enquanto o vício em meu corpo gritava por sua mordida e por aquele êxtase, percebi algo com inquietante lucidez: *eu não queria morrer*. Talvez fosse porque tinha passado quase um dia inteiro sem mordidas, mas algo pequeno e revoltoso acordou em mim. Eu *não* ia deixar que ele fizesse aquilo comigo. Não ia deixar que fosse atrás de Dimitri. E, com toda a certeza, não ia deixá-lo caçar Lissa.

Abrindo caminho por aquela névoa de endorfina que ainda pendia ao meu redor, reuni o máximo de força de vontade que consegui. Mergulhei bem fundo, lembrando os meus anos de treinamento e todas as

aulas de Dimitri. Acessar tais lembranças era difícil, e só pude alcançar algumas. Todavia, o suficiente delas emergiu e me impeliu à ação. Eu avancei e dei um soco em Nathan.

E nada consegui com isso.

Ele não saiu do lugar. Que inferno, nem sei se ele sequer sentiu o golpe. O choque em seu rosto logo passou à zombaria, e ele riu daquele jeito horrível, típico dos Strigoi — com crueldade e isento de qualquer alegria. E então, sem a menor dificuldade, ele me esbofeteou e me fez cair no meio da sala. Dimitri fizera praticamente o mesmo da vez em que cheguei e o ataquei. A diferença é que eu não tinha voado tão longe ou produzido um dano tão ínfimo nele.

Desabei sobre as costas do sofá, e, meu Deus, como aquilo doeu. Fui atingida por uma onda de tontura, e reconheci a estupidez de lutar contra alguém muito mais forte depois de uma semana inteira perdendo sangue. Consegui me reerguer e desesperadamente analisei as minhas próximas ações. Nathan, por sua vez, parecia não estar com a menor pressa em reagir ao meu ataque. Na verdade, ele continuava rindo.

Olhando o meu entorno, vislumbrei uma linha de ação das mais lamentáveis. Inna encontrava-se perto de mim. Movendo-me numa velocidade tão lenta que angustiava — e, no entanto, melhor do que eu esperava atingir —, eu fui até ela e preendi um dos braços em sua garganta. Ela ganiu de surpresa, e a puxei mais para junto de mim.

— Saia daqui — disse a Nathan. — Saia daqui ou vou matá-la.

Ele parou se rir, me observou por um instante e então riu com um vigor ainda maior.

— Está falando sério? Você acha mesmo que não poderia impedi-la se quisesse? E acha mesmo que eu me *importo*? Vá em frente. Mate-a. Existem dúzias de outras iguaizinhas a ela.

É, isso também não devia surpreender, mas até eu fiquei meio abalada com a facilidade com que ele podia abrir mão da vida de uma serva fiel. Tudo bem. Hora de ir para o plano B. Ou seria o plano J? Sério, eu já não fazia ideia, e nenhum deles era de fato bom...

— Au!

Inna de repente me deu uma cotovelada no estômago. E para a minha surpresa, eu a libertei. Ela girou com um grito reprimido e me socou no rosto. A pancada não foi tão forte quanto a de Nathan, mas ainda assim conseguiu me derrubar. Tentei me apoiar em alguma coisa — qualquer coisa — enquanto caía, mas sem sucesso. Eu fui ao chão, minhas costas colidindo com a porta. Imaginei que ela viesse para cima de mim, mas, em vez disso, ela cruzou o cômodo e — Deus me ajude — armou uma posição defensiva à frente de Nathan.

Antes que eu tivesse chance de assimilar a estranheza daquela tentativa de proteger alguém disposto a deixá-la morrer, a porta subitamente se abriu.

— Au! — exclamei de novo, quando ela me acertou me empurrando para o lado.

Dimitri entrou com agilidade. Olhou cada rosto ali, e não tive dúvida de que o meu mostrava as marcas dos ataques de Nathan e Inna. Os punhos de Dimitri se fecharam, e ele se dirigiu a Nathan. Isso me fez lembrar da luta que tiveram no corredor, toda a raiva e malícia e sede de sangue. Eu me encolhi, me preparando para mais um horrível confronto.

— Não — alertou Nathan, com uma expressão presunçosa. — Você sabe o que Galina disse. Encoste um dedo em mim, e cairá fora daqui.

Dimitri avançou pela sala a passos largos e parou diante de Nathan, empurrando Inna para um lado como se fosse uma boneca de pano.

— Valerá a pena suportar a fúria dela, principalmente quando eu lhe disser que você deu o primeiro golpe. Sem dúvida são aquelas marcas no corpo de Rose, não?

— Você não diria nada. — Ele apontou para Inna, sentada atônita no chão, próxima de onde Dimitri a derrubara. Apesar de minhas próprias feridas, comecei a rastejar em sua direção. Eu precisava saber se ela estava bem. — Ela contaria a verdade.

Agora era Dimitri quem demonstrava presunção.

— Acha mesmo que Galina acreditará numa humana? Não. Quando eu lhe disser que você atacou a mim e a Rose por ciúmes, ela irá me perdoar. A sua própria derrota rápida será uma prova de sua fraqueza. Vou cortar sua cabeça fora e apanhar a estaca de Rose na caixa-forte. Em seu último suspiro, você ainda terá a chance de assistir enquanto ela perfura seu coração.

Caramba. Isso era um pouquinho pior do que Nathan ameaçando me queimar — espere aí.

Minha estaca?

A expressão de Nathan continuava exibindo uma soberba arrogância — pelo menos na minha opinião. Mas acho que Dimitri deve ter visto ali algo que o satisfizesse, algo que o fez acreditar ter adquirido uma vantagem. Ele relaxou visivelmente, alargando aquele seu sorriso malicioso.

— Por duas vezes — disse Dimitri mansamente. — Por duas vezes eu poupei você. Na próxima... Na próxima, você já era.

Alancei Inna e estendi a mão para ela com delicadeza.

— Você está bem? — murmurei.

Com uma fisionomia de ódio, ela me rechaçou e se afastou. Os olhos de Nathan se voltaram para mim, e ele começou a caminhar em direção à porta.

— Não — corrigiu. — Por duas vezes deixei que ela vivesse. Na próxima, *ela* já era. Sou eu quem está no comando aqui, não você.

Nathan abriu a porta e Inna se levantou, se apressando atrás dele. Fiquei observando, embasbacada com os eventos que acabaram de suceder. Não sabia qual deles me incomodava mais. Erguendo o olhar para Dimitri, tentei decidir o que lhe perguntaria primeiro. O que nós íamos fazer agora? Por que Inna defendera Nathan? Por que Dimitri havia deixado Nathan partir? No entanto, nenhuma dessas provocantes questões chegou aos meus lábios.

Em vez disso, eu irrompi em lágrimas.

Vinte e dois

Eu não costumava chorar com muita frequência. E odiava quando acontecia. Da última vez, Dimitri estivera comigo, seus braços me envolvendo no mesmo instante. Dessa vez, só o que recebi foi uma expressão de frieza e rancor.

— Isto é culpa sua! — gritou ele, de punhos cerrados.

Eu me encolhi para trás, de olhos arregalados.

— Mas ele... ele me atacou...

— Sim. Inna também. Uma humana! Você se deixou ferir por uma humana. — Ele não conseguia disfarçar o desprezo em sua voz. — Você é fraca. Incapaz de defender a si mesma, *tudo porque se recusa a ser desperta!*

Sua voz era assustadora, e o olhar que me lançou... bom, ele quase me amedrontou mais do que o de Nathan. Aproximando-se de mim, ele me reergueu com um puxão.

— Se você tivesse acabado morta, seria culpa sua e de mais ninguém. — Seus dedos se enterravam em minha cintura enquanto ele me sacudia. — Você tem a chance da imortalidade, da força descomunal! Mas é cega e teimosa demais para ver isso.

Eu reprimi mais lágrimas e esfreguei os olhos com as costas da minha mão livre. Sem dúvida estava estragando a maquiagem que tanto me custara fazer. Meu coração estava prestes a explodir do peito, de tanto medo. Eu esperava raiva e ameaças de Nathan — mas não de Dimitri.

Você esquece que ele é um Strigoi, uma voz sussurrou em minha cabeça.

Eu tinha passado um longo período sem mordidas, e possuía adrenalina suficiente para me deixar alerta e fazer com que aquela vozinha incômoda ressoasse mais alta do que há muito tempo. Dimitri dizia que eu era fraca por não ser Strigoi, mas tratava-se de uma meia verdade. Eu estava fraca e fora subjugada por Nathan e Inna porque vivia uma vidinha de pura ignorância, que agora cobrava o seu preço sobre meu corpo e minha mente. A ideia era inquietante, e eu mal conseguia me agarrar a ela. A minha ânsia por endorfinas vampíricas se reanimou, e essas duas facções entraram em guerra na minha mente.

Eu tinha juízo suficiente para não externar nenhum desses pensamentos. Em vez deles, tentei algo que pudesse pacificar Dimitri.

— Não acho que ficaria mais forte que Nathan, se eu fosse transformada... desperta.

Ele deslizou a mão sobre meus cabelos, sua voz fria e meditativa. Parecia estar se acalmando, mas os olhos continuavam zangados e impacientes.

— Talvez não num primeiro momento, mas sua força física e de vontade a acompanhará com a mudança. Ele não é muito mais velho que nós dois, não o bastante para que faça uma diferença perceptível, e é por isso que ele continua batendo em retirada quando lutamos.

— Por que *você* continua batendo em retirada?

Senti seu corpo se enrijecer e percebi que minha pergunta podia ser interpretada como uma ferida ao seu orgulho. Engoli em seco, com o retorno do meu medo. Ele não havia soltado meu pulso, e já começava a machucar.

— Porque ele está certo em relação a uma coisa — respondeu Dimitri em um tom frio. — Matá-lo atrairia a ira de Galina para nós. E isso é algo que eu não posso enfrentar. Ainda.

— Antes, você tinha falado que você... que nós... precisávamos matá-la.

— Sim, e, uma vez cumprida essa etapa, será fácil adquirir o controle de seus recursos e da organização inteira.

— E o que é essa organização, exatamente? — Se eu continuasse a distraí-lo, a raiva poderia passar. O monstro poderia ir embora.

Ele encolheu os ombros.

— Todo o tipo de coisas. Uma riqueza destas não é conquistada sem esforço.

— Esforço ilegal e nocivo aos humanos?

— Isso importa?

Não me dei ao trabalho de responder.

— Mas Galina costumava ser sua professora. Você conseguiria mesmo matá-la? Não digo fisicamente... Sabe, essa ideia não o incomoda?

Ele ponderou um pouco.

— Já disse antes. Tudo se resume a força e fraqueza. A presas e predadores. Se conseguirmos derrubá-la, e não tenho dúvidas disso, então ela será uma presa. Fim da história.

Senti um estremecimento. Aquilo era tão rígido, um jeito tão inflexível e assustador de se enxergar o mundo... Foi então que Dimitri soltou o meu punho, e uma onda de alívio me percorreu. Com as pernas bambas, andei até o sofá às minhas costas. Por um instante, temi que ele fosse me tomar pelo braço de novo, mas em vez disso ele se sentou ao meu lado.

— Por que Inna me atacou? Por que defendeu Nathan?

— Porque ela o ama. — Dimitri não tentou esconder seu desgosto com relação àquilo.

— Mas como...?

— Quem sabe? Parte dessa história é que ele prometera despertá-la assim que ela passar tempo suficiente aqui. — Os avisos de Sydney me voltaram à mente, relativos ao motivo pelo qual os alquimistas temiam que os humanos soubessem da existência de vampiros: os humanos poderia querer se transformar também. — É o que a maioria dos empregados humanos ouve aqui.

— Ouve?

— A maioria não merece. Ou, com maior frequência, alguém fica com fome e acaba com aquele humano. Eu já estava ficando enjoada, independentemente da presença de Dimitri.

— Isso tudo é uma bagunça.

— Não precisa ser. — Não pensei que ele fosse me sacudir de novo, mas havia em seus olhos um perigoso lampejo. O monstro só estava a um ínfimo de distância. — O tempo está se esgotando. Eu tenho sido paciente, Roza. Muito mais paciente do que seria com qualquer outra.

— Por quê? Por que está fazendo isso? — Eu queria, precisava, ouvir dele que era porque ele me amava e

que, por causa desse amor, ele nunca poderia me forçar a nada que eu não quisesse. Precisava escutar isso para que eu conseguisse exorcizar aquela criatura terrível e furiosa que eu vira alguns minutos atrás.

— Porque eu entendo a sua forma de pensar. E sei que despertá-la por livre e espontânea vontade faria de você uma importante aliada. Você é independente e de forte caráter, é isso o que a torna valiosa.

— Uma aliada, é?

Não a mulher que ele amava.

Ele se moveu de forma que sua cabeça pairava acima da minha.

— Eu não lhe disse uma vez que sempre estaria aqui para você? Eu estou aqui. Eu vou protegê-la. Nós ficaremos juntos. O nosso destino é ficarmos juntos. Você sabe disso. — Havia mais agressividade em sua voz do que afeição.

Ele me beijou os lábios, me puxando mais para junto de si. Fui inundada por aquele calor costumeiro, meu corpo respondendo instantaneamente. Mas, mesmo com meu corpo reagindo assim, outros pensamentos se agitavam em minha mente. Eu sempre havia acreditado que o nosso destino era ficarmos juntos. E uma vez ele me dissera que sempre estaria ali para mim. Eu sempre desejara aquilo também — mas eu queria estar lá para ele também. Queria que fôssemos iguais, sempre cuidando um do outro. Não foi o que aconteceu hoje. Eu estive indefesa. Fraca. Nunca, nunca em minha vida eu tinha passado por isso. Mesmo em momentos de horror e de derrota, eu conseguira lutar com dignidade. No mínimo, eu pelo menos demonstrara vontade de lutar. Mas não agora. Eu fiquei aterrorizada. Me mostrei ineficiente. Não fui capaz de fazer nada exceto ficar sentada pateticamente esperando que alguém viesse me socorrer. Eu deixei que uma *humana* levasse a melhor sobre mim.

Dimitri afirmou que me transformar em Strigoi era a solução. Durante a última semana, ele repetira isso de novo e de novo, e, embora eu não tenha concordado, também não repeli a ideia da forma como vinha fazendo até então. Ultimamente, ela se tornara um pensamento flutuando por aí, um último recurso para ficarmos juntos. E eu queria ficar com ele, ainda mais em momentos como esse, em que nos beijávamos e o desejo produzia chispas entre nós.

Dessa vez, contudo... o desejo não era tão intenso quanto o habitual. Ele continuava ali, mas eu não conseguia afastar a lembrança de como Dimitri havia agido. Com uma lucidez surpreendente, recordei que eu estava no maior amasso com um Strigoi. E isso foi... esquisito.

Com a respiração intensa, Dimitri deixou meus lábios por um instante e me observou. Mesmo com aquela imutável expressão de Strigoi, eu sabia que ele me queria — de muitas formas. Era algo confuso. Ele era Dimitri e ao mesmo tempo não era. Inclinando-se de novo, ele beijou minha bochecha, então meu queixo, e então meu pescoço. Sua boca se abriu mais, e já sentia a ponta de seus caninos...

— Não — protestei de repente.

Ele congelou.

— Que foi que você disse? — Meu coração começou a bater mais forte de novo, e me esforcei para reunir coragem.

— Hã... não. Não dessa vez.

Ele se afastou e olhou para mim, parecendo chocado e perturbado. Quando nada respondeu, eu iniciei a enrolação.

— Não me sinto bem... estou ferida. Tenho medo de perder mais sangue, apesar de querer isso... — Dimitri sempre disse que eu não conseguia mentir para ele, mas eu tinha que tentar. Armei a minha melhor expressão de paixão e inocência. — Eu quero isso... quero sentir a mordida... mas quero descansar primeiro, me fortalecer...

— Me deixe despertá-la, e você será forte de novo.

— Eu sei — respondi, ainda mantendo uma voz levemente emocionada. Desviei os olhos, esperando com isso intensificar a aparência confusa. Tudo bem que, com a minha vida do jeito que andava agora, fingir confusão não era assim tão difícil. — E estou começando a achar...

Ouvi um breve momento de inspiração.

— Começando a achar o quê?

Me volvei para ele de novo, torcendo para conseguir convencê-lo de que eu considerava seriamente a transformação.

— Estou começando a achar que nunca mais quero ser fraca assim.

Eu pude ver em seu rosto. Ele acreditava em mim. E, enfim, essa última parte não fora uma mentira. Eu não queria ser fraca.

— Por favor... Eu só quero descansar. Preciso pensar nisso um pouquinho mais.

Ali estava, o momento em que tudo se equilibrava. A verdade era que eu não estava mentindo apenas para ele. Estava mentindo para mim mesma também. Porque, falando sério? Eu queria aquela mordida. Muito mesmo. Havia passado tempo demais sem ela, deixando o meu corpo se debatendo. Eu precisava daquelas endorfinas, mais do que de ar ou de comida. E no entanto, em apenas um dia sem elas, eu recuperara uma mínima parcela de lucidez. A parte em mim que não desejava nada além do júbilo de êxtase e ignorância não ligava para a recuperação da minha mente, embora eu soubesse, lá no fundo, que eu precisava tentar só mais um pouquinho, mesmo que isso significasse me privar do que eu mais queria.

Depois de muita ponderação, Dimitri assentiu e se afastou. Ele interpretou minhas palavras como se eu houvesse chegado a um ponto decisivo e estivesse prestes a aceitar.

— Descanse, então — disse ele. — E conversaremos mais tarde. Mas, Rose... nós só temos dois dias.

— Dois dias?

— Até o prazo-limite de Galina. Foi o tempo que ela nos deu. Daí terei que tomar a decisão por você.

— Você irá me despertar? — Eu não tinha lá muita certeza se a morte ainda era uma opção.

— Sim. Será melhor para todos se não tivermos que chegar a esse ponto. — Ele deixou a cama e se levantou. Se deteve por um instante e enfiou a mão no bolso. — Ah. Eu lhe trouxe isto.

Me entregou um bracelete incrustado com opalas e pequenos diamantes, quase como se não fosse nada de mais. A joia era estonteante, e cada opala cintilava com um milhar de cores.

— Uau. É... É lindo. — Eu o enfiei em meu punho, embora, de alguma maneira, presentes como esse já não significassem tanto.

Com uma expressão satisfeita, ele se inclinou e me beijou a testa. Se dirigiu até a porta e me deixou recostada sobre o sofá, tentando desesperadamente pensar em algo além do quanto eu desejava que ele retornasse e me mordessee.

O restante do dia foi agonizante.

Eu sempre lera a respeito dos viciados, sobre como essas pessoas sofriam para se livrar da dependência do álcool e de outras drogas ilícitas. Tinha até testemunhado um fornecedor de sangue meio que pirando ao descobrir que foi afastado do serviço. Já estava muito velho, e consideravam perigoso para a sua saúde deixar que continuasse alimentando os Moroi. Eu assistira impressionada enquanto ele implorava e argumentava para ser aceito de volta, a forma como ele jurara que não se importava com os riscos. Muito embora eu soubesse que ele possuía um vício, eu não conseguia entender por que valeria tanto a pena para ele arriscar a vida daquele jeito. Agora eu entendia.

Nas horas seguintes, eu teria arriscado minha vida para ganhar uma nova mordida. O que era meio engraçado, porque, se eu de fato permitisse outra mordida, eu estaria *mesmo* arriscando a vida. Não tinha mais dúvida de que aqueles pensamentos turvos acabariam me levando a aceitar a oferta de Dimitri. Contudo, passado cada miserável segundo sem mordidas, o meu raciocínio foi ficando mais apurado. Oh, eu ainda estava bem longe de me ver livre da névoa de sonhos das endorfinas vampíricas. Quando nos capturaram em Spokane, Eddie fora usado como fornecedor de sangue para os Strigoi, levando dias para se recuperar. Cada fragmento de lucidez me fazia perceber agora o quanto era importante continuar longe das mordidas. Não que essa consciência facilitasse minimamente as coisas para o meu organismo.

Eu estava com sérios problemas ali. Parecia que, de um jeito ou de outro, o meu destino era me tornar uma Strigoi. Dimitri queria me transformar para que pudéssemos reinar juntos como a versão vampiresca de Bonnie e Clyde. Nathan queria me transformar na esperança de caçar Lissa — e então me matar. Claramente, a oferta de Dimitri tinha maior apelo, mas não muito. Não mais.

No dia anterior, eu teria dito que me tornar uma Strigoi era algo com que não iria me preocupar tanto. Agora, a dura realidade do que aquilo realmente significava me atingiu, e meus antigos sentimentos retornaram. Suicídio *versus* existência como uma criatura malévola. Claro, ser uma criatura malévola equivaleria dizer que eu podia ficar com Dimitri...

Só que aquele não era Dimitri. Era? Era tudo tão confuso... Procurei relembrar a mim mesma o que ele dissera tanto tempo atrás — que, não importava quanto um Strigoi se parecesse com a pessoa que eu conhecia, não era mais ela. Entretanto, esse Dimitri afirmou que se enganara quanto a isso.

— São as endorfinas, Rose. São como drogas... — Gemi e enterrei o rosto nas mãos ao me sentar no sofá, a tevê zumbindo ao fundo. Que adorável. Agora eu dei para falar sozinha.

Supondo que eu pudesse escapar dessa prisão na qual Dimitri me mantinha e desse torpor que me fazia enxergar os Strigoi de maneira equivocada... bom, e depois? Eu retornava ao dilema inicial. Sem armas para lutar contra eles. Sem armas para poder me matar. Eu me encontrava à sua mercê, mas ao menos agora estava perto de conseguir lutar decentemente. Claro, ainda seria uma batalha perdida, mas eu sentia que, se continuasse longe das endorfinas por mais algum tempo, no mínimo seria capaz de dominar Inna. Isso já tinha que valer alguma coisa.

E lá estava eu. Longe das endorfinas. Toda vez que minha mente recapitulava minhas opções e acabava num beco sem saída, eu girava em espiral e era forçada a encarar a realidade física à minha frente. Eu queria aquele barato de volta. Queria aquela névoa de alegria de volta. Precisava daquilo, ou sem dúvida morreria. Era o que me mataria e me livraria de me tornar uma Strigoi...

— Droga!

Fiquei de pé e comecei a caminhar em círculos, na esperança de que isso me distraísse. A tevê não estava ajudando, definitivamente. Se eu conseguisse aguentar um pouco mais, poderia eliminar a droga do meu organismo, poderia pensar em como salvar a mim mesma e a Lissa, e...

Lissa!

Sem mais delongas, mergulhei até ela. Enquanto eu estivesse em seu corpo e mente, talvez não tivesse que lidar com meus próprios problemas por algum tempo. Minha recuperação transcorreria de forma mais rápida.

Lissa e seu grupo retornaram da Corte Real um pouco mais desanimados do que quando haviam lá chegado. A luz pálida da manhã fizera Lissa se sentir incrivelmente idiota em relação aos eventos daquela festa. Dançar sobre a mesa não era a pior coisa do mundo, mas olhar em retrospectiva para as outras festas a que ela fora naquele fim de semana e para sua vida social com Avery a deixou pensando o que teria dado

nela. Às vezes, nem sequer se sentia ela mesma. E o beijo em Aaron... bom, essa era uma fonte de arrependimentos inteiramente distinta.

— Não se preocupe com isso — lhe disse Avery quando estavam no avião. — Todos fazemos coisas idiotas quando bebemos demais.

— Não eu — gemeu Lissa. — Essa não sou eu. — Apesar dessa afirmativa, Lissa havia concordado em tomar alguns coquetéis de champanhe com suco de laranja na viagem de volta.

Avery sorriu.

— Eu não tenho nenhum parâmetro para comparar. Você parece bem para mim. Mas, também, você não está tentando fugir com um humano ou algum cara de fora da realeza.

Lissa retribuiu o sorriso, e seus olhos se voltaram para Jill, sentada um pouco à frente delas no avião. Adrian conversara com a jovem mais cedo naquele dia, e agora ela estava entretida com um livro, e parecia que sua maior preocupação era ficar bem longe de Reed. Ele se sentava de novo ao lado de Simon, e Lissa se surpreendeu um pouco ao ver que o guardião observava Jill com ar desconfiado. Talvez Reed tivesse lhe dito que a menina representava algum tipo de ameaça.

— Está preocupada com ela? — perguntou Avery, seguindo o olhar de Lissa.

— Não é isso... É que eu não consigo esquecer o jeito como ela me olhou ontem à noite.

— Ela é jovem. Se impressiona com qualquer coisa.

Lissa supôs que aquilo fosse verdade. E no entanto, jovem ou não, houvera na forma como Jill a confrontara uma segurança e uma honestidade revigorantes. Isso lembrou Lissa de algo que eu mesma teria feito. E ela não podia descansar tranquila sabendo que alguém assim tinha pensado mal dela. Lissa se pôs de pé.

— Já volto — comunicou a Avery. — Vou falar com ela.

Jill obviamente ficou atônita quando Lissa sentou ao seu lado. Pôs um marcador na página que estava lendo, e, apesar do que estivesse sentindo, seu sorriso para Lissa foi genuíno.

— Oi.

— Oi — disse Lissa. Ela ainda não bebera muito do coquetel e ainda manejava o espírito bem o bastante para enxergar a aura de Jill. Era de um rico verde-azul, intercalado com púrpura e um azul mais escuro. Cores boas e fortes. — Escute, eu queria me desculpar pelo que aconteceu ontem à noite... O que eu falei...

— Oh — exclamou Jill, corando. — Tudo bem, sério. Quer dizer, as coisas ficaram meio loucas, e sei que você não pensou direito. Ou pelo menos eu acho que você não pensou. Não tenho como saber. Eu nunca bebi um drinque de verdade, então não sei dizer. — O nervosismo de Jill sempre parecia fazê-la oscilar entre o atropelo de palavras e o silêncio.

— É, bom, eu devia ter pensado direito *antes* de acabar naquela situação. E sinto muito mesmo pelo que se passou com Reed. — Lissa baixou sua voz. — Não tenho ideia do que foi aquilo... mas não foi direito, o que ele fez e disse para você.

As duas começaram a estudá-lo de onde estavam. Ele estava absorto em um livro, mas, de repente, como se pudesse sentir que o observavam, sua atenção se voltou para Jill e Lissa. Quando as fuzilou com os olhos, elas desviaram a vista na mesma hora.

— Aquilo definitivamente não foi culpa sua — assegurou Jill. — E, sabe, Adrian estava lá e tal. Então tudo acabou bem.

Lissa se controlou para manter uma expressão séria. Adrian se encontrava fora do campo de visão das duas, mas, em caso contrário, Lissa suspeitava que Jill o estaria observando com um olhar sonhador. Adrian, por sua vez, vinha observando Avery um bocado ultimamente, e Lissa percebeu que Jill nunca abandonaria

aquele papel de irmã mais nova que recebera dele. Ainda assim, parecia evidente que Jill estava tendo uma quedinha. Era fofo, e, mesmo que Lissa soubesse ser idiota de sua parte, não conseguia deixar de se sentir aliviada por Adrian ser o objeto das afeições de Jill, e não Christian.

— Bom, vamos torcer por escolhas melhores — disse Lissa. — E para que ninguém pense muito mal de mim.

— Eu não penso — respondeu Jill. — E tenho certeza de que Christian também não vai.

Lissa franziu a testa, confusa por um instante.

— Bom... não tem por que estressá-lo por isso. Foi o meu erro idiota; vou lidar com isso sozinha.

Agora foi Jill quem estranhou. Ela hesitou antes de falar, aquele velho nervosismo de novo.

— Mas você precisa contar. Você tem que lhe dizer a verdade, não é?

— Não é nada de mais — respondeu Lissa, surpresa por de repente se sentir tão na defensiva. Aquela raiva imprevisível começava a mostrar as caras.

— Mas... vocês têm um relacionamento sério... Vocês precisam ser honestos um com o outro, não? Quer dizer, não pode mentir para ele.

Lissa revirou os olhos.

— Jill, você nunca esteve em uma relação assim antes, não é mesmo? Já chegou a ter um encontro com alguém? Eu não estou mentindo para ele. Só não estou lhe contando coisas que vão aborrecê-lo sem motivo algum. Não é a mesma coisa.

— É, sim — insistiu Jill. Eu via o quanto custava para ela discutir com Lissa, mas eu admirava a sua ousadia. — Ele tem o direito de saber.

Lissa suspirou irritada e se levantou.

— Esqueça. Pensei que podíamos ter uma conversa de adultas, mas parece que não. — O olhar de desdém que ela lhe deu fez a menina se encolher no banco.

E no entanto, de volta à Escola, Lissa era assolada pela culpa. Christian a recebera com alegria, cobrindo-a de beijos e abraços. Ela se agarrava à certeza de que Jill havia reagido de forma exagerada, embora toda vez que olhava para Christian voltasse a pensar no beijo que dera em Aaron. Será que era tão errado quanto Jill achava? Fora algo inocente e influenciado pelo álcool. Lissa, porém, sabia que contar a Christian o perturbaria, e odiava mencionar o assunto. Avery, ouvindo o que Lissa ponderava, concordou que não havia necessidade de se estressar com isso. Todavia, quando a observei pelos olhos de Lissa, minha impressão foi a de que Avery estava mais preocupada com a reação emocional de Lissa caso ela e Christian terminassem. A moralidade parecia irrelevante; era Lissa quem Avery desejava proteger.

Achei que tudo fosse ficar por isso mesmo... até mais tarde, naquele dia, quando Lissa se encontrou com Christian para juntos irem ao refeitório jantar. O rosto dele era como uma nuvem tempestuosa ao se aproximar de Lissa dentro da antessala do dormitório dela, seus olhos azul-claros parecendo prestes a liberar descargas elétricas.

— Quando você ia me contar? — quis saber ele. Seu tom de voz era alto, e vários passantes se viraram surpresos.

Lissa o levou para um canto, baixando a própria voz.

— Do que você está falando?

— Você sabe do que estou falando. De você, usando o seu fim de semana como uma oportunidade para se encontrar com outros caras.

Ela o estudou por vários penosos segundos. Até que a verdade a atingiu.

— Jill lhe contou!

— Sim. Tive que arrancar isso dela. A menina apareceu para o treino comigo à beira das lágrimas.

Uma raiva pouco característica subitamente ardeu em Lissa.

— Ela não tinha esse direito!

— Era *você* quem não tinha. Acha mesmo que podia fazer algo assim, sem nem mesmo me informar depois?

— Christian, foi um beijo estúpido de gente bêbada, pelo amor de Deus. Uma brincadeira por ele ter me segurado quando caí da mesa. Não significou nada.

Christian ficou pensativo, e Lissa teve certeza de que ele ia ceder.

— Não teria significado nada — disse ele por fim — se você mesma tivesse me contado. Mas foi por outra pessoa que eu soube.

— Jill...

— ...não é o problema. Você é.

Por um instante, uma onda de choque percorreu Lissa.

— O que está querendo dizer?

— Eu... — Christian de repente pareceu cauteloso. Ele esfregou os olhos. — Não sei. É só que... as coisas têm andado estranhas ultimamente. Eu só... Só não sei ao certo se posso lidar com isso tudo. Você ficou arranjando briga comigo antes de viajar, e agora isso?

— Por que você não me ouve? Não foi nada! A própria Avery concordou.

— Ah — fez Christian com sarcasmo —, então, se Avery concordou, está tudo bem.

A irritação de Lissa reapareceu.

— O que isso quer dizer? Eu pensei que você gostasse dela.

— E gosto. Mas não gosto que você divida mais coisas com ela do que comigo.

— Você não via problema algum quando eu dividia as coisas com Rose.

— Avery não é igual a Rose.

— Christian...

Ele balançou a cabeça.

— Escute, eu não quero mais jantar. Só preciso pensar.

— E quando vejo você de novo? — perguntou ela, fora de si. Sua raiva fora suplantada pelo medo.

— Eu não sei. Mais tarde.

Ele partiu sem qualquer outra palavra. Lissa o acompanhou com os olhos, horrorizada enquanto ele deixava a antessala. Quis alcançá-lo e se jogar em seus braços, implorar para que ele voltasse e a perdoasse. Mas havia muita gente em volta, e ela se recusou a fazer uma cena daquelas — ou invadir o seu espaço. Em vez disso, disparou para a única fonte que ainda tinha: Avery.

— Não esperava vê-la tão cedo — cumprimentou Avery, abrindo-lhe a porta do próprio quarto. — O que você... ah, meu Deus. O que houve?

Ela levou Lissa para dentro e pediu para ouvir a história. Com muitas lágrimas e uma profusão quase histérica de palavras, Lissa contou o que ocorrera com Christian.

— E agora não sei o que ele quis dizer. Será que ele quer terminar? Vai vir falar comigo mais tarde? Devo ir atrás dele? — Lissa enterrou o rosto em suas mãos. — Oh, Deus. Você não acha que tem algo acontecendo entre ele e Jill, acha?

— A chave de cadeia? Não — exclamou Avery. — É claro que não. Escute, você precisa se acalmar. Está me assustando. Tudo vai ficar bem. — A ansiedade cruzava o rosto de Avery, e ela foi apanhar um copo d'água para Lissa. Então, reconsiderando, preferiu encher o copo com vinho.

Sentada sozinha, Lissa sentia suas emoções desgovernadas a atormentarem. Ela odiava o que fizera. Sentia como se houvesse algo de errado com ela. Primeiro ela me alienara, e agora Christian. Por que ela não conseguia manter os amigos? O que lhe custava tanto fazer? Será que estava mesmo enlouquecendo? Sentiu-se fora de controle e desesperada. E ela...

Bam!

De repente e sem aviso prévio, eu fui *empurrada* para fora da mente de Lissa.

Seus pensamentos desvaneceram completamente. Eu não saí de lá por vontade própria, nem fora trazida de volta por conta de algo acontecendo à minha volta. Eu estava sozinha naquele lugar, parando brevemente após um tempo caminhando em círculos e pensando. Nunca, nunca algo como aquilo aconteceu comigo. Tinha sido como... bom, como uma força material. Como uma parede de vidro ou um campo de força se fechando na minha cara e me trazendo de volta. Tinha sido um poder de fora. Ele não partira de mim.

Mas o que era? Teria sido Lissa? Até onde eu sabia, ela nunca fora capaz de me notar em sua mente. Será que isso mudou? Será que me expulsou? Será que a agitação de seus sentimentos se tornou tão intensa que me deixou sem espaço ali?

Eu não sabia dizer, e não gostava nada daquilo. Quando acontecera, além da sensação de ter sido empurrada, eu experimentara um outro sentimento de estranheza. Era como uma vibração, como se alguém houvesse me alcançado dentro de Lissa e feito cócegas em minha mente. Foram instantes de calor e frio, até que tudo foi interrompido e eu me encontrava fora de sua mente. Aquilo me fez sentir invadida.

E também pareceu... familiar.

Vinte e três

Infelizmente, não conseguia me lembrar de onde conhecia aquela sensação.

Considerando todo o resto que vinha ocorrendo comigo, o fato de eu ainda recordar alguma coisa já era um verdadeiro milagre. Minhas lembranças estavam um tanto dispersas, e fiz o meu melhor para esquadrihá-las, me perguntando onde já teria sentido aquelas cócegas no cérebro. Não obtive qualquer resultado, e insistir naquilo em pouco tempo se tornou algo tão frustrante quanto bolar um plano de fuga.

E conforme os minutos foram passando, percebi que um plano de fuga era do que eu realmente precisava. A abstenção de endorfinas era um pesadelo, mas me fazia pensar com uma clareza cada vez maior enquanto os efeitos se atenuavam em meu organismo. Fiquei chocada com a forma como eu me deixara inebriar. Quando primeiro permiti que Dimitri me mordesse... eu entrei em parafuso. Perdi minha base de raciocínio. Perdi minha força e minhas habilidades. Acabei mole, boba e ingênua. Bom, não de todo. Se realmente tivesse perdido o controle, agora seria uma Strigoi. Pelo menos havia algum conforto em saber que, mesmo no auge da minha onda por mordidas, uma parte de mim ainda resistira e se recusara a sucumbir.

A consciência de que eu não estava não fraca quanto havia imaginado me ajudou a seguir em frente. Tornou mais fácil ignorar o anseio do meu corpo, me distrair assistindo à tevê e comendo toda a comida da geladeira. Cheguei mesmo a ficar acordada até tarde, na esperança de acabar esgotada. O que funcionou; eu apaguei assim que pus a cabeça no travesseiro, incólume aos efeitos da abstinência.

Fui acordada mais tarde quando um corpo deslizou para o meu lado na cama. Abri os olhos e dei de cara com os de Dimitri, ainda vermelhos. Pela primeira vez em dias, eu o encarei com medo, e não ternura. No entanto, não deixei isso transparecer, e sorri para ele. Estiquei o braço e toquei-lhe o rosto.

— Você voltou. Senti sua falta.

Ele apanhou minha mão e lhe beijou a palma.

— Tive assuntos para resolver.

As sombras brincaram em seu rosto, e avistei um minúsculo vestígio de sangue ressecado perto da boca. Com uma careta, limpei aquilo com um dos dedos.

— É, percebi.

— É a ordem natural das coisas, Rose. Como está se sentindo?

— Melhor. Só que...

— O quê?

Eu desviei o olhar, confusa mais uma vez. Naquele momento, a expressão em seus olhos foi de mais do que simples curiosidade. Havia preocupação ali — só um pouquinho, mas havia. Preocupação por mim. E, no entanto, no segundo anterior, eu tinha tirado sangue de seu rosto — sangue de uma pobre vítima cuja vida fora subtraída no decorrer das últimas horas, provavelmente.

— Eu estive na cabeça de Lissa — respondi por fim. Não havia mal algum em lhe dizer isso. Tal como Nathan, Dimitri sabia que ela estava na Escola. — E... acabei expulsa.

— Expulsa?

— É... Eu estava vendo pelos olhos dela, como sempre, e então uma força... não sei, uma mão invisível me empurrou para fora. Nunca tinha sentido nada assim antes.

— Talvez seja uma nova habilidade do espírito.

— Talvez. Só que eu venho observando Lissa ultimamente e nunca a vi praticando nem mencionando algo do gênero.

Ele encolheu de leve os ombros e me envolveu com um dos braços.

— Estar desperto nos dá sentidos mais aguçados e uma nova percepção do mundo. Mas não nos faz oniscientes. Eu não sei por que isso aconteceu com você.

— Oniscientes com certeza não, ou Nathan não iria desejar tanto aquelas informações sobre Lissa. E por que isso? Por que os Strigoi são obcecados em eliminar as famílias reais? Eu sei que é isso o que eles... vocês... têm feito, mas por quê? Por que importa? É só mais uma vítima como qualquer outra, não? Ainda mais quando tantos Strigoi um dia já foram Moroi da realeza...

— Isso exige uma resposta elaborada. Um grande fator envolvido na caça à realeza Moroi é o medo. No seu antigo mundo, à realeza é assegurada uma posição acima de todas as outras. Ela adquire os melhores guardiões, a melhor proteção. — Sim, isso era mesmo verdade. Lissa viera a descobrir o mesmo em sua visita à Corte. — Se ainda assim conseguimos chegar até eles, o que isso significa? Significa que ninguém está a salvo. Isso gera medo, e o medo faz as pessoas cometerem erros. Faz delas presas fáceis.

— Isso é horrível.

— Presa ou...

— Sim, sim, já sei. Presa ou predador.

Suas pálpebras se estreitaram ligeiramente, parecendo não ter gostado da interrupção. Mas deixou para lá.

— Tem ainda o benefício de se esgarçar as lideranças Moroi. Também cria instabilidade.

— Ou quem sabe deversem tentar uma troca de lideranças — comentei. Ele me lançou outro olhar esquisito, e eu mesma me estranhei um pouco. Ali eu estava, pensando de novo como Victor Dashkov. Achei melhor simplesmente ficar calada. Não estava agindo como a minha típica *persona* aérea e sob o efeito de drogas. — O que mais?

— O mais... — Um sorriso lhe arqueou os lábios. — O mais é prestígio. Fazemos pela glória que existe nisso. Pela reputação que recebemos e a satisfação de saber que fomos responsáveis pela destruição de algo que outros passaram séculos almejando.

A simples natureza Strigoi. Malícia, caçada e morte. Não havia necessidade de quaisquer outras razões.

A atenção de Dimitri passou de mim para a mesinha de cabeceira. Fora onde eu depositara todas as minhas joias espalhadas à noite. Cada presente seu jazia ali, luzindo como o tesouro de um pirata. Estendendo o braço acima de mim, ele ergueu o *nazar* pela corrente.

— Você continua com isso.

— É. Mas nem é tão bonito quanto as suas coisas. — Ver aquela órbita azul me lembrou minha mãe. Fazia um bom tempo que não pensava nela. Lá em Baia, cheguei a enxergar Olena como minha segunda mãe, mas agora... agora eu meio que queria a minha primeira, mesmo. Janine Hathaway podia não saber cozinhar ou limpar, mas era astuta e competente. Atônita, percebi que em alguns aspectos nós pensávamos de um jeito parecido. Meus traços físicos vieram dela, e eu tinha certeza de que, naquela situação, ela não teria parado de planejar sua fuga por um único instante.

— Já isso eu não tinha visto antes — disse Dimitri. Ele colocou o *nazar* de volta e apanhou o simples anel de prata que Mark me dera. Ficou fora do meu dedo desde a casa dos Belikov, e ali eu o deixara na mesinha ao lado do *nazar*.

— Ganhei quando eu estive... — Me interrompi, lembrando que nunca havia comentado sobre as minhas viagens antes de Novosibirsk.

— Quando você esteve o quê?

— Quando eu estive na sua cidade natal. Em Baia.

Dimitri brincava distraidamente com o anel, passando-o de uma ponta do dedo para a outra, mas parou e olhou de relance para mim quando disse o nome.

— Você esteve lá? — Por estranho que pareça, não tínhamos falado muito sobre isso. Eu mencionara Novosibirsk algumas vezes e só.

— Pensei que encontraria você por lá — expliquei. — Não sabia que os Strigoi caçavam nas cidades daqui. Eu passei um tempo com a sua família.

Sua atenção voltou para o anel. Ele continuou brincando com ele, girando e virando-o.

— E?

— E... eles foram legais. Gostei deles. Eu andei muito com Viktoria.

— Por que ela não estava na escola?

— Era Páscoa.

— Ah, claro. Como ela estava?

— Bem — respondi depressa. Não tive coragem de lhe contar sobre aquela última noite com ela e Rolan.

— Karolina também é boa. Me faz lembrar você. Ela enfrentou de verdade uns vampiros que estavam armando uma confusão.

Ele sorriu de novo, e isso foi... bom. Quer dizer, os caninos ainda assustavam, mas não havia aquela aspereza sinistra que eu passei a esperar dele. Havia, sim, ternura em seu semblante, uma afeição genuína que me impressionou.

— Posso até ver Karolina fazendo isso. Ela já teve o bebê?

— Sim... — Eu tinha ficado meio distraída com aquele sorriso. — Foi uma menina. Zoya.

— Zoya — repetiu, ainda sem me encarar. — Não é um nome ruim. Como estava Sonya?

— Bem. Eu não a vi muito. Está um pouco sensível... Viktoria diz que é culpa da gravidez.

— Sonya também engravidou?

— Oh. Sim. Seis meses, eu acho.

Ele sorriu com menos vigor dessa vez, quase parecendo preocupado.

— Acho que ia acontecer mais cedo ou mais tarde. As decisões dela não são sempre tão sábias quanto as de Karolina. Os filhos de Karolina foram desejados... Imagino que o de Sonya tenha sido uma surpresa.

— É. Tive a mesma impressão.

Ele passou para os outros membros de sua família.

— Minha mãe e minha avó?

— É, estão bem. As duas. — Esse diálogo estava ficando cada vez mais estranho. Não apenas era a nossa primeira conversa normal desde que cheguei ali, como também era a primeira vez que ele demonstrava interesse em algo que não tivesse a ver com seu mundo Strigoi ou que não envolvesse beijos e mordidas, sem falar em algumas reminiscências de quando lutamos juntos e nas provocantes lembranças do sexo na cabana. — Sua avó me assustou um pouco.

Ele riu, e tive um sobressalto. Era tão, tão parecida com sua antiga risada... Mais do que eu já imaginei que pudesse ser.

— Sim, ela faz isso com as pessoas.

— E fingiu que não sabia falar inglês. — Era um ínfimo detalhe em meio a uma longa lista de coisas, mas tinha me irritado um bocado.

— É, ela faz isso também. — E continuou sorrindo, com a voz terna. — Eles ainda vivem todos juntos? Naquela mesma casa?

— Sim. Eu vi os livros de que você me falou. Aqueles bem-acabados; mas não consegui lê-los.

— Foram o meu primeiro contato com os faroestes americanos.

— Cara, eu adorava caçar de você com eles.

Ele disfarçou o riso.

— Sim, graças a isso, aos seus estereótipos sobre a música do Leste Europeu e àquela história de me chamar de “camarada”, você teve bastante matéria-prima.

Eu ri também.

— “Camarada” e a música talvez tenham sido um exagero. — Quase havia esquecido o meu antigo apelido para ele. Não servia mais. — Mas você é o único culpado pela história do caubói, com esse guarda-pó de couro e... — Me interrompi. Estava prestes a mencionar sua vontade de ajudar os indefesos, mas esse não era mais o caso. Ele não pareceu notar meu lapso.

— Daí você os deixou e veio para Novosibirsk?

— É. Vim com aqueles dapiros que caçavam comigo... os outros descomprometidos. Por pouco não o fiz. A sua família queria que eu ficasse. Até considerei a ideia.

Dimitri segurou o anel contra a luz, o rosto anuviado de pensamentos. Solto um suspiro.

— Talvez fosse melhor assim.

— Eles são boa gente.

— São, sim — respondeu baixinho. — Você podia ter sido feliz lá.

Esticando-se por cima de mim, ele pôs o anel de volta na mesinha e me dedicou sua atenção, unindo nossas bocas. Foi o beijo mais doce e suave que ele me dera como Strigoi, e o meu já considerável choque só fez aumentar. Mas a gentileza se mostrou passageira, e poucos segundos depois nosso beijo retornou ao que era antes, vigoroso e faminto. E eu tinha a impressão de que ele ansiava por mais do que apenas beijar, embora tenha se alimentado há não muito tempo. Pondo de lado o meu estranhamento sobre como ele me parecera... bom, normal e amável quando conversáramos sobre sua família, procurei descobrir um jeito de evitar uma nova mordida sem levantar suspeitas. Meu corpo ainda estava fraco e desejoso dela, mas, em minha mente, eu me sentia mais inteira do que há séculos.

Dimitri interrompeu o beijo, e soltei a primeira frase que me veio à mente antes que ele pudesse fazer qualquer outra coisa.

— Como é para você?

— Como é o quê?

— Beijar.

Ele franziu a testa. Ponto para mim. Consegui deixar um ser morto-vivo da noite momentaneamente sem fala. Sydney ficaria orgulhosa.

— Como assim?

— Você disse que despertar apura todos os sentidos. Existe diferença na hora de beijar?

— Ah. — A compreensão iluminou suas feições. — É, sim, um pouco. Meu sentido do olfato é mais forte do que costumava ser, então o seu cheiro chega até mim com muito mais intensidade... seu suor, o xampu no seu cabelo... vai além da sua imaginação. É inebriante. E, claro, paladar e tato mais afiados melhoram tudo isso. — Ele se inclinou e me beijou de novo, e algo naquela sua descrição mexeu comigo por dentro, de um jeito bom. Isso não devia estar acontecendo. A minha esperança era distrair a *ele*, não a mim mesma.

— Quando fomos lá para fora, na outra noite, o aroma das flores era muito forte. Se é forte para mim, não fica enjoativo para você? Quer dizer, os perfumes não acabam sendo demais?

E assim começou. Eu o bombardeei com o máximo de questões possível, sobre todos os aspectos da vida Strigoi. Quis saber como era, como ele se sentia... Perguntei tudo com curiosidade e entusiasmo, dando mordidinhas nos lábios e ficando pensativa em todos os momentos certos. Vi seu interesse aumentar enquanto eu falava, embora sua atitude fosse incisiva e eficiente — em nada lembrando nossa conversa afetuosa de antes. Ele esperava que eu por fim estivesse disposta a concordar com a transformação.

Conforme as perguntas se sucediam, também tratei de demonstrar sinais externos de fadiga. Bocejei bastante, várias vezes perdi a linha de raciocínio. Por fim, esfreguei os olhos com as mãos e soltei um novo bocejo.

— Tem tanta coisa que eu não sabia... que ainda não sei...

— Eu disse que era incrível.

Para dizer a verdade, parte daquilo era mesmo. A maioria me dava verdadeiros arrepios, mas, se você conseguisse ignorar toda a questão envolvendo uma criatura maligna morta-viva, sem dúvida havia algumas vantagens em ser um Strigoi.

— Eu tenho outras perguntas — murmurei. Fechei os olhos e suspirei, então os abri como se me esforçasse para continuar acordada. — Só que... estou tão cansada... ainda não me sinto bem. Será que fiquei com alguma contusão?

— Não. E, assim que você for desperta, não fará diferença alguma.

— Mas não até que você responda a todas as minhas perguntas. — As palavras saíram amortecidas por um bocejo, mas ele as entendeu. Levou um tempo para responder.

— Tudo bem. Só até lá. Mas o prazo está acabando. Eu já lhe disse isso antes.

Então deixei minhas pálpebras se fecharem devagar.

— Mas hoje ainda não é o segundo dia...

— Não — concordou mansamente. — Ainda não.

Fiquei ali, controlando a respiração o máximo que pude. Minha atuação teria funcionado? Era bem capaz que ele se alimentasse de mim mesmo achando que eu caíra no sono. Eu estava apostando alto ali. Uma única mordida, e todo o meu esforço de abstinência seria em vão. Voltaria a ser como antes. Nesse ritmo, eu não fazia ideia de como evitaria uma mordida da próxima vez... mas, enfim, eu nem acreditava que haveria uma próxima. Àquela altura, eu já seria uma Strigoi.

Dimitri continuou comigo por mais alguns minutos, e então senti que ele se movia. Me preparei psicologicamente. Droga. Lá vinha ela. A mordida. Eu tinha acreditado que o nosso beijo fazia parte do atrativo de se alimentar de mim e que, se eu simplesmente caísse no sono, o atrativo desapareceria. Pelo

jeito, não. Todo o meu fingimento foi para nada. Estava tudo acabado.

Mas não.

Ele se levantou e saiu.

Quando ouvi a porta bater, cheguei a pensar que fosse uma armadilha. Dei por certo que ele estava tentando me enganar e que, na verdade, continuava ali no aposento. No entanto, ao sentir a náusea Strigoi se esvaír, enxerguei a verdade. Ele realmente havia me deixado, pensando que eu precisava de descanso. Minha atuação fora convincente.

Imediatamente me pus de pé, revirando uma série de coisas em minha mente. Naquele finalzinho da sua visita, Dimitri parecera... bom, mais do que nunca, ele me lembrara o antigo Dimitri. É claro, ele continuava sendo um Strigoi, mas houvera algo mais ali. Um tantinho de calor em sua risada. Um interesse e uma afeição genuínos ao receber notícias da família. Será que foi isso? Será que ouvir sobre ela ativou uma parte de sua alma que jazia no interior do monstro? Confesso que senti um pouco de inveja pela ideia de que *eles* pudessem ter operado essa mudança em Dimitri, e eu, não. Mas ele ainda demonstrara esse mesmo calor ao falar sobre nós, ao menos um pouco...

Não, não. Eu precisava parar com isso. Não houve mudança. Nenhum retorno daquele estado. Era um delírio da minha parte, e, quanto mais eu recuperava a *minha* antiga forma, mais eu entendia a verdade sobre aquela situação.

As ações de Dimitri me fizeram recordar uma coisa. Havia esquecido completamente o anel de Oksana. Eu o apanhei da mesinha e o passei pelo dedo. Não senti qualquer mudança, mas, se a magia curativa continuava ali, ela poderia me ajudar. Poderia apressar meu corpo e minha mente a se recuperarem da abstinência. Se parte da escuridão de Lissa estivesse vazando para mim, era algo que o anel também poderia aliviar.

Suspirei. Não importava quantas vezes eu dissesse que estava livre dela, isso nunca aconteceria. Ela era minha melhor amiga. Estávamos ligadas de um modo que poucos podiam compreender. A recusa sobre a qual eu vivia se evaporou. Me arrependi de minhas atitudes para com Adrian. Ele viera até mim em busca de ajuda, e eu rechacei sua bondade. Agora me encontrava isolada de qualquer comunicação com o mundo.

E pensar em Lissa me fez lembrar de novo o que acontecera da última vez em que estive em sua mente. O que havia me expulsado? Eu hesitei, ponderando a minha linha de ação. Lissa estava longe de mim e possivelmente em apuros. Dimitri e os outros Strigoi estavam por perto. Mas... eu não podia ficar de fora. Precisava dar mais uma olhada nela, uma bem rapidinha...

Eu a encontrei num lugar inesperado. Estava com Deirdre, uma orientadora do campus. Lissa vinha visitando um orientador desde as primeiras manifestações do espírito, mas tratava-se de outra pessoa. Expandindo os meus sentidos pelos pensamentos de Lissa, me inteirei da história: seu orientador fora embora após o ataque à escola. Lissa fora encaminhada para Deirdre — que já me orientara quando todos pensaram que eu estivesse enlouquecendo com a morte de Mason.

Deirdre era uma Moroi de aparência impecável, sempre vestida meticulosamente, com seu cabelo loiro arrumado à perfeição. Não parecia muito mais velha que nós, e comigo o seu método de orientação havia lembrado um interrogatório policial. Com Lissa, ela era mais gentil. Lógico.

— Lissa, estamos um pouco preocupados com você. Normalmente, você teria sido suspensa. Eu mesma tive que evitar que isso acontecesse. Ainda penso que há algo de errado que você não está me contando. Um outro problema.

Lissa, suspensa? Voltei a vasculhar sua mente para me inteirar da situação. Na noite passada, Lissa e os outros foram apanhados invadindo justo a biblioteca e fazendo uma festa improvisada completa, com

direito a bebida e destruição de propriedade. Deus do céu. Minha melhor amiga precisava entrar para os Alcoólicos Anônimos.

Lissa estava de braços cruzados, numa postura quase combativa.

— Não existe problema algum. Só estávamos tentando nos divertir. Eu sinto muito pelo estrago. Se quiser me suspender, vá em frente.

Deirdre balançou a cabeça.

— Essa não é a minha decisão. Minha preocupação aqui é com o *porquê*. Sei que você costumava sofrer de depressão e outros males devido à sua, hã, magia. Mas isso parece estar ligado a algum tipo de rebeldia.

Rebeldia? Oh, era mais do que isso. Desde aquela briga, Lissa não tinha conseguido encontrar Christian, e isso estava acabando com ela. Não conseguia mais ficar parada. Tudo em que pensava era nele — ou em mim. Participar de festas e de atos ousados era a única coisa que conseguia distraí-la de nós.

— Os estudantes fazem isso o tempo todo — argumentou Lissa. — Por que no meu caso é algo grave?

— Bom, porque vocês se colocaram em perigo. Depois da biblioteca, estavam quase se atirando na piscina. Nadar embriagado é motivo suficiente para alarme.

— Ninguém mergulhou. Mesmo que alguém tivesse tentado, tenho certeza de que algum de nós teria impedido.

— Só é preocupante, considerando um pouco do comportamento autodestrutivo que você já exibiu uma vez, como se cortar...

Assim foi por uma hora, e Lissa fez um trabalho tão bom quanto o meu se esquivando das perguntas de Deirdre. Quando a sessão terminou, Deirdre declarou que não ia recomendar uma medida disciplinar. Queria que Lissa retornasse para mais algumas sessões. Lissa teria preferido uma detenção, ou algo como apagar quadros.

Ao disparar furiosamente pelo campus, ela avistou Christian vindo na direção oposta. A esperança iluminou as trevas de sua mente como raios de sol.

— Christian! — gritou ela, correndo até ele.

Ele se deteve, lançando-lhe um olhar cauteloso.

— O que você quer?

— Como assim, o que eu quero? — Ela queria se jogar em seus braços e ouvir dele que tudo ia ficar bem. Sentia-se aflita e impotente e cheia de escuridão... mas havia ali uma parte vulnerável que precisava desesperadamente dele. — Não tenho conseguido encontrar você.

— Eu só estive... — Sua expressão se anuviou. — Sei lá. Pensando. Além do mais, pelo que ouvi por aí, você não ficou nem um pouco entediada. — Não surpreendia que todos soubessem sobre o fiasco da noite passada. Esse tipo de coisa se espalha como um incêndio, graças à rede de fofocas da Escola.

— Não foi nada — disse Lissa. O jeito como ele a olhou deixou o coração dela apertado.

— Aí é que está — rebateu ele. — Tudo não tem sido nada ultimamente. Toda essa sua festança. Saindo com outros caras. Mentindo.

— Eu não estive mentindo! — exclamou ela. — E quando é que você vai superar a história com Aaron?

— Você não está me contando a verdade. Dá no mesmo. — Isso ecoava a opinião de Jill. Lissa mal a conhecia e já começava a odiá-la de verdade. — Eu simplesmente não consigo lidar com isso. Não posso assistir enquanto você volta aos seus dias de princesa, com suas façanhas mirabolantes ao lado dos seus outros amiguinhos da realeza.

É o seguinte. Se Lissa tivesse explicado melhor como ela se sentia, como a sua culpa e depressão estavam simplesmente a consumindo e fazendo com que perdesse as estribeiras... bom, eu acho que Christian a teria

ajudado num instante. Apesar do seu aparente cinismo, ele possuía um bom coração — e Lissa merecia boa parte dele. Ou pelo menos costumava ser assim. Agora, tudo que ele conseguia ver era uma garota burra e vazia retornando a um estilo de vida por ele desprezado.

— Não estou voltando! — exclamou ela. — Só estou... Não sei. Acho que me soltar um pouco faz com que eu me sinta bem.

— Eu não posso fazer isso — declarou ele. — Não posso ficar com você se esse é o seu novo estilo de vida.

Os olhos dela se arregalaram.

— Está terminando comigo?

— Eu... não sei. É, acho que sim. — Lissa ficou tão tomada pelo choque e o horror que não conseguiu enxergar Christian do jeito que eu enxerguei, não viu a agonia em seus olhos. Fazer aquilo acabou com ele. Ele também sofria, e tudo o que via era a garota que ele amava mudando e se tornando alguém com quem ele não podia ficar. — As coisas não são mais como costumavam ser.

— Você não pode fazer isso — gritou Lissa. Ela não via a dor do outro. Só via o quanto ele estava sendo cruel e injusto. — A gente precisa conversar sobre isso, resolver e...

— Já passamos da hora de conversar — argumentou ele. — Você devia ter aparecido para conversar antes, não agora; não quando as coisas de repente não acontecem do seu jeito.

Lissa não sabia se queria gritar ou chorar. Só sabia que não queria perder Christian — não depois de me perder, também. Se perdesse a nós dois, não haveria mais nada para ela no mundo.

— Por favor, não faça isso — suplicou ela. — Eu posso mudar.

— Sinto muito. Eu não vejo nenhuma prova disso.

Ele se virou e abruptamente foi embora. Para ela, aquela saída foi áspera e fria. Mais uma vez, porém, pude ver a angústia nos olhos dele. Imagino que tenha ido embora porque sabia que, se ficasse, não teria conseguido dar cabo de sua decisão — uma decisão que doía, mas que ele sentia ser a certa. Lissa já ia atrás dele quando de repente uma mão a puxou de volta. Ela se virou e viu Avery e Adrian parados ali. Pelos olhares em seus rostos, eles entreouviam tudo.

— Deixe-o ir — recomendou Adrian com seriedade. Ele é que a havia puxado. Ao soltá-la, entrelaçou seus dedos aos de Avery. — Ir atrás dele agora só vai piorar as coisas. Dê algum espaço a ele.

— Ele não pode fazer isso — disse Lissa. — Não pode fazer isso comigo.

— Ele está irritado — avaliou Avery, com uma preocupação idêntica à de Adrian. — Não está pensando direito. Espere até que se acalme, e ele vai aparecer.

Com os olhos, Lissa acompanhou a figura de Christian em retirada, com o coração aos pedaços.

— Não sei. Não sei se ele vai. Ai, Deus. Eu não posso perdê-lo.

Meu coração também ficou em pedaços. Eu queria muito ir até ela, confortá-la e estar ali para ela. Lissa parecia tão sozinha, e me senti horrível por tê-la abandonado. Algo a puxara rumo àquele redemoinho destrutivo, e eu devia estar lá para salvá-la. Era o que melhores amigas faziam. Eu tinha que estar lá.

Lissa se virou para eles e olhou para Avery.

— Estou tão confusa... Não sei o que fazer.

Os olhos de Avery encontraram os dela, mas, ao fazer isso... algo muito estranho aconteceu. Avery não estava encarando Lissa. Ela estava *me* encarando.

Ai, cara. Você de novo, não.

A voz ressoou em minha cabeça, e *vapt!* Me vi fora da mente de Lissa.

Lá estavam eles — o empurrão mental, o atrito na minha cabeça e as ondas de calor e frio. Olhei ao redor

da minha suíte, chocada pela brusquidez da transição. Todavia, eu descobrira algo. Não fora Lissa quem me expulsara da outra vez e nem agora. Lissa estivera distraída e perturbada demais para isso. A voz? Também não era dela.

E então eu finalmente lembrei de onde conhecia aquele toque que roçava em minha cabeça. Oksana. Era a mesma sensação que eu experimentara quando ela entrara em minha mente, tentando avaliar meu estado de espírito e minhas intenções, uma prática que tanto ela quanto Mark admitiam ser invasiva e errada, caso você não dividisse um laço com a outra pessoa.

De maneira meticulosa, repassei o que havia acabado de acontecer com Lissa. Mais uma vez, vi aqueles breves momentos finais. Íris azuis acinzentadas olhavam para mim — para *mim*, não para Lissa.

Lissa não havia me empurrado de sua mente.

Avery, sim.

Vinte e quatro

Avery era uma usuária do espírito.

— Ai, *merda*.

Me sentei de novo sobre a cama, com os pensamentos a toda. Por essa eu não esperava. Que inferno, ninguém esperava. Avery dera um espetáculo e tanto para se mostrar como uma usuária do ar. Cada Moroi podia manejar os outros elementos num nível bem ínfimo. Ela simplesmente tratou de fazer com o ar algo bom o bastante para parecer que era aquela a sua especialização. Ninguém a questionou depois porque, sinceramente, quem sequer esperaria uma outra usuária do espírito por perto? E, como ela era de fora da escola, não havia razões para testá-la ou forçá-la a demonstrar suas habilidades. Não havia ninguém lá para exigir isso dela.

Quanto mais eu pensava no assunto, mais evidentes os pequenos indícios se tornavam. A personalidade encantadora, o jeito como ela levava as pessoas a fazerem o que quisesse. Quantas de suas interações sociais não seriam controladas pelo espírito? E seria possível... Seria possível que a atração de Adrian tivesse sido alguma compulsão da parte dela? Eu não possuía qualquer motivo para me sentir feliz com isso, mas... bom, foi como eu me senti.

Indo mais direto ao ponto, o que Avery pretendia com Lissa? Coagir Adrian a gostar dela não era nada de outro mundo. Ele tinha boa aparência e vinha de uma importante família. Era também o sobrinho-neto da rainha, e, muito embora os familiares do monarca atual nunca pudessem herdar o trono de forma subsequente, ele teria um bom futuro, algo que sempre o manteria entre os círculos mais distintos da sociedade.

Mas Lissa? Qual era o joguinho de Avery ali? O que ela tinha a ganhar? O comportamento de Lissa fazia todo o sentido agora — a boemia pouco característica, as atitudes estranhas, os ciúmes, as discussões com Christian... Avery estava levando Lissa aos extremos, forçando-a a fazer terríveis escolhas. Estava usando algum tipo de compulsão para que Lissa saísse dos trilhos, isolando-a e pondo sua vida em perigo. Por quê? O que Avery queria?

Tanto faz. O porquê não era importante. O *como*, sim, na frase: Como eu faria para sair dali e voltar para a minha melhor amiga?

Olhei para mim mesma, para o suave vestido de seda que eu usava. Subitamente, passei a odiá-lo. Era um símbolo de como eu vinha sendo fraca e inútil. Depressa o despi e vasculhei meu armário. Eles haviam recolhido os meus jeans e minha camiseta, mas ao menos me deixaram guardar minha blusa de moletom.

Pus o vestido-suéter, a roupa mais resistente que eu tinha, me sentindo um pouquinho mais bem-preparada. Passei a blusa por cima dele. Não cheguei a parecer uma guerreira assassina, mas *de fato* me achei mais capacitada. Vestida de forma suficientemente adequada para a ação, voltei para a sala e comecei a caminhar em círculos, algo que tendia a me ajudar a pensar com mais clareza — não que eu tivesse qualquer razão para acreditar que novas ideias fossem surgir. Vinha tentando por dias e dias sem sorte alguma. *Nada* iria mudar.

— Droga! — gritei, me sentindo melhor com o rompante. Nervosa, me atirei sobre a cadeira da escrivaninha, surpresa por não tê-la simplesmente atirado contra a parede em minha frustração.

A cadeira cambaleou, só um pouquinho.

Franzindo a testa, me levantei e olhei para ela. Tudo naquele lugar era novo em folha. Era estranho que eu tivesse uma cadeira defeituosa. Fiquei de joelhos e a examinei com mais atenção. Ali, em uma das pernas, havia uma rachadura, perto de onde a perna se unia ao assento. Continuei olhando. Todos os móveis possuíam alta resistência, sem partes desmontáveis à vista. Eu bem sabia disso, pelo tanto de tempo que passara esmurando a parede com essa cadeira, no começo da minha estada. De onde viera essa rachadura? Golpe após golpe, e ela saía ilesa no fim.

Mas eu não fora a única a usá-la.

Naquele primeiríssimo dia, eu havia lutado contra Dimitri e me lançado sobre ele com a cadeira. Ele a arrancou de mim e a jogou contra a parede. Eu nunca dirigira minha atenção para ela novamente, desistindo da ideia de quebrá-la. Mais tarde, quando tentara rachar a janela, eu havia usado uma das mesas laterais por ser mais pesada. A minha força não fora capaz de danificar a cadeira — mas a dele, sim.

Ergui a cadeira e na mesma hora a lancei contra aquela janela dura feito diamante, torcendo para que acabasse matando dois coelhos numa única cajadada. Que nada. Ambas permaneciam intactas. Então, tentei de novo. E de novo. Perdi a conta de quantas vezes bati no vidro com aquela cadeira. Minhas mãos doíam, e eu sabia que, apesar de ter melhorado, eu ainda não estava plenamente recuperada. Era de enlouquecer.

Por fim, naquela que parecia ser minha zilionésima tentativa, dei uma olhada na cadeira e percebi que a rachadura havia aumentado. O avanço renovou minha força de vontade e a minha força. Bati e bati, ignorando a dor que a madeira provocava em minhas mãos. Até que afinal ouvi um estalo e a perna se soltou. Eu a ergui do chão e a observei admirada. A quebra não tinha sido perfeita. Ela era lascada e pontiaguda. Pontiaguda o bastante para servir de estaca? Eu não sabia ao certo. O certo era que aquela madeira era muito resistente e, se eu aplicasse força suficiente, poderia atingir o coração de um Strigoi. Não chegaria a matá-lo, mas o golpe o atordoaria. Eu não sabia se seria o bastante para me tirar dali, mas era tudo o que eu tinha agora. E era um bocado a mais do que eu tinha uma hora atrás.

Voltei a me sentar na cama, me recompondo da batalha com a cadeira e balançando o arremedo de estaca para frente e para trás. Tudo bem. Agora eu dispunha de uma arma. Mas o que poderia fazer com ela? O rosto de Dimitri surgiu como um lampejo em minha mente. Droga. Não havia dúvidas quanto a isso. Ele era o alvo mais óbvio, com quem eu teria que lidar primeiro.

A porta subitamente se destrancou, e alarmada ergui a vista. Sem perder tempo, afastei a cadeira para um canto escuro enquanto o pânico me dominava. Não, não. Eu não estava pronta. Não havia me convencido de todo a encavar minha estaca nele...

Era Inna. Trazia uma bandeja, mas não exibia sua habitual expressão subserviente. O breve olhar que ela me deu estava repleto de ódio. Eu não sabia por que estava tão irada. Não era como se eu tivesse lhe causado algum mal.

Ainda.

Caminhei a passos largos como se quisesse examinar a bandeja. Levantando a tampa, avistei um sanduíche de presunto e batatas fritas. Pareciam bons — eu já não comia há algum tempo —, mas a adrenalina correndo em minhas veias chutou para escanteio qualquer apetite que eu pudesse ter. Olhei de relance para ela, sorrindo com doçura. Ela me fuzilou com os olhos.

Não hesite, era o que Dimitri sempre dissera.

E não hesitei.

Pulei sobre Inna, jogando-a com tanta força no chão que sua cabeça quicou. Ela parecia atordoada, mas rapidamente se recuperou e tentou revidar. Dessa vez, eu não estava sob o efeito de alguma droga — bom, não muito — e meus anos de treinamento e a minha força natural por fim fizeram a sua parte. Aproximei meu corpo junto ao seu, mantendo-a com firmeza no lugar. Então, saquei a estaca que havia escondido e pressionei suas pontas afiadas contra sua garganta.

Era como voltar aos dias em que imobilizávamos Strigoi nos becos. Ela não conseguia ver que minha arma era uma perna de cadeira, mas as extremidades agudas obtiveram sua atenção quando as aproximei de seu pescoço.

— A senha — comecei. — Qual é a senha?

Sua única resposta foi uma torrente de obscenidades em russo. Tudo bem, nenhuma surpresa, considerando que ela provavelmente nem me entendeu. Recorri ao escasso dicionário russo-inglês na minha cabeça. Eu passara tempo suficiente no país para adquirir algum vocabulário. É verdade, era o equivalente ao de uma criança de dois anos, mas mesmo elas conseguiam se comunicar.

— Números — disse eu em russo. — Porta. — Pelo menos, era o que eu esperava ter dito.

Ela soltou mais palavras indelicadas para mim, com uma expressão desafiadora. Realmente era como naqueles interrogatórios de Strigoi. Minha estaca afundou mais, vertendo sangue, e me forcei a manter o controle. Eu podia até duvidar se teria força para atingir o coração de um Strigoi com aquilo, mas talhar a veia de uma humana? Moleza. Ela estremeceu um pouco, pelo jeito percebendo o mesmo.

Mais uma vez, arranhei o meu russo de araque.

— Matar você. Sem Nathan. Nunca... — Qual era mesmo a palavra? O culto memorial me voltou à mente, e torci para lembrá-la direito. — Nunca vida eterna.

Isso atraiu sua atenção. Nathan e vida eterna. Eram o que mais lhe importava. Ela mordeu um dos lábios, ainda irritada, mas as ofensas haviam cessado.

— Números. Porta — repeti. Pressionei a estaca mais um pouco, e ela gritou de dor.

Por fim ela falou, disparando uma série de algarismos. Números em russo, pelo menos, eram algo que eu memorizara de forma bem sólida. Eram essenciais para endereços e telefones. Ela citou sete dígitos.

— De novo — ordenei. Fiz com que repetisse três vezes e torci para ter entendido tudo. Mas havia mais. Eu tinha plena certeza de que a porta seguinte possuía uma senha diferente. — Números. Porta. Dois. — Me sentia uma mulher das cavernas.

Inna ficou olhando, sem compreender direito.

— Porta. Dois.

O entendimento fez seus olhos brilharem, e ela parecia irada. Ela devia ter torcido para que eu não imaginasse que a segunda porta guardava a sua própria senha. Mais cortes com a estaca a forçaram a gritar outros sete números. Mais uma vez, fiz com que os repetisse, reparando que não tinha como saber se ela me dizia a verdade — ao menos até que testasse aqueles números. Por esse motivo, decidi mantê-la por perto.

Me senti culpada pelo que fiz em seguida, mas esses eram tempos de desespero. No treinamento dos

guardiões, nos ensinaram a matar e a incapacitar. Escolhi a segunda opção dessa vez, batendo com a cabeça dela no chão e deixando-a inconsciente. Sua expressão se tornou débil, suas pálpebras se fechando. Droga. Fui reduzida a uma espancadora de adolescentes humanas.

Ficando de pé, me encaminhei até a porta e digitei a primeira série de Algarismos, torcendo para tê-los entendido. Para a minha total e absoluta surpresa, eu tinha mesmo. A trava eletrônica produziu um clique, mas, antes que eu pudesse abrir a porta, consegui distinguir precariamente o ruído de um outro clique. Alguém havia destrancado a porta externa.

— Merda — murmurei.

No mesmo instante me afastei da porta, levantei o corpo inconsciente de Inna e me apressei para o banheiro. Coloquei-a na banheira da forma mais gentil possível e, mal fechei o banheiro, ouvi a porta principal se abrir. Senti a conhecida náusea que indicava a proximidade de um Strigoi. Sabia que um dos Strigoi notaria o cheiro da humana e torci para que trancá-la fosse anular seu odor com sucesso. Apareci no cômodo principal e encontrei Dimitri na sala. Abri um sorriso para ele e corri para seus braços.

— Você voltou — comemorei alegremente.

Ele me abraçou por um curto intervalo e então deu um passo para trás.

— Sim. — Parecia meio contente com a recepção, mas logo seu rosto assumiu toda aquela seriedade. — Você já tomou sua decisão?

Nenhum *oi*. Nenhum *como está se sentindo?*. Fiquei com o coração na mão. Esse não era Dimitri.

— Eu ainda tenho perguntas.

Fui até a cama e me deitei sobre ela daquele jeito despreocupado, igual a como sempre fazíamos. Ele me seguiu alguns instantes depois e se sentou na beirada, olhando para mim.

— Quanto tempo vai levar? — indaguei. — Quando você me despertar? É instantâneo?

Uma vez mais, entrei numa sessão de perguntas. Para dizer a verdade, o meu estoque já estava se esgotando e, a essa altura, eu realmente não desejava conhecer as complicações de se tornar um Strigoi. Estava ficando mais e mais inquieta a cada instante que passava. Eu tinha que agir. Tinha que me aproveitar daquela breve oportunidade.

E no entanto... antes que eu pudesse agir, eu precisava me certificar de que esse de fato não era Dimitri. Era bem idiota. Eu já devia saber disso. Podia notar as mudanças na aparência. Testemunhara sua frieza, sua brutalidade. Eu o vira chegar de uma morte recente. Esse não era o homem que eu amava. E no entanto... durante aquele curto período de antes...

Suspirando, Dimitri se esticou na cama ao meu lado.

— Rose — me interrompeu —, se eu não a conhecesse bem, diria que você está tentando ganhar tempo. — É, mesmo como um Strigoi, Dimitri sabia como eu pensava e agia. Percebi que, se desejava ser convincente, eu tinha que parar de me fazer de sonsa e me lembrar de ser Rose Hathaway.

Armei uma expressão de ultraje.

— É claro que eu estou! Essa é uma decisão e tanto. Eu vim aqui para matá-lo, e agora você me pede para passar para o seu lado. Acha que para mim é fácil fazer isso?

— E você acha que para mim tem sido fácil esperar tanto tempo? — perguntou. — Os únicos que possuem escolha são os Moroi que matam intencionalmente, como os Oзера. Ninguém mais ganha essa escolha. Eu não ganhei.

— E você não se ressentiu por isso?

— Não, não agora. Agora que eu sou o que estava destinado a ser. — E franziu a testa. — O único aspecto ferido é o meu orgulho, por Nathan ter me forçado e por agir como se eu lhe devesse alguma coisa.

Por isso estou sendo generoso o bastante para lhe dar uma escolha agora, pelo bem do seu orgulho.

Generoso, é? Olhei para ele e senti meu coração se despedaçar mais uma vez. Era como ouvir novamente a notícia de sua morte. Subitamente, temi que fosse acabar chorando. Não. Nada de lágrimas. Dimitri estava sempre falando sobre presas e predadores. Eu tinha que ser a predadora.

— Você está suando — comentou ele de repente. — Por quê?

“Droga, droga, droga.” É claro que eu estava suando. Eu contemplava a ideia de enfiar uma estaca no homem que eu amava — ou pensei que amara. E, junto com o suor, eu tinha certeza de que estava liberando feromônios devido à minha agitação. Os Strigoi podiam sentir todas essas coisas também.

— Porque estou assustada — sussurrei. Me apoiei sobre um dos braços e acariciei o canto de seu rosto, tentando memorizar cada feição. Os olhos. O cabelo. O formato das maçãs do rosto. Com a minha imaginação, sobrepus aquilo com os traços de que me lembrava. Os olhos escuros. A pele bronzeada. O sorriso doce. — Eu... Eu acho que estou pronta, só que... Sei lá. É uma decisão tão importante...

— Será a melhor decisão da sua vida, Roza.

Minha respiração se acelerou, e rezei para que ele achasse que era o meu anseio pela transformação.

— Me conte de novo. Uma última vez. Por que você quer tanto me despertar?

Uma expressão levemente entediada surgiu em seu rosto.

— Porque eu quero você. Eu sempre quis você.

E foi então que eu soube. Finalmente percebi o problema. Ele me dera aquela mesma resposta de novo e de novo, e, a cada vez, havia algo nela que me incomodava. Eu nunca conseguira precisar o que era. Agora eu conseguia. Ele me queria. Me queria do mesmo jeito que as pessoas querem posses ou artigos de colecionador. O Dimitri que um dia eu conhecera... pelo qual eu havia me apaixonado e com quem eu dormira... aquele Dimitri teria dito que queria a nossa união porque ele me amava. Não havia amor algum ali.

Eu sorri para ele. Me inclinando, o beijei com doçura. Ele devia achar que eu estava fazendo isso pelos motivos de sempre, tomada pela atração e pelo desejo. Na realidade, era um beijo de despedida. Sua boca correspondeu à minha, seus lábios quentes e ansiosos. Sustentei o beijo ainda por algum tempo, tanto para segurar as lágrimas que me escapavam dos olhos quanto para conduzi-lo a um estado insuspeito. Minha mão se fechou em volta da perna da cadeira, escondida no bolso da minha blusa de moletom.

Eu nunca esqueceria Dimitri, pelo resto da minha vida. E, dessa vez, eu não me esqueci de suas lições.

Com uma velocidade para a qual ele não estava preparado, parti para o abate e enterrei a estaca em seu peito. Ali estava a minha força — deslizando aquela arma por entre as costelas até chegar ao coração.

E enquanto o fazia, era como se ao mesmo tempo eu transpassasse meu próprio coração.

Vinte e cinco

Seus olhos se arregalaram em choque, os lábios entreabertos. Muito embora eu soubesse que essa não era uma estaca de prata, poderia muito bem ter sido uma. Para atingir o coração, eu precisara agir de forma tão resoluta quanto se estivesse dando o golpe de misericórdia. Precisara por fim aceitar a morte do *meu* Dimitri. Esse ali era um Strigoi. Não havia um futuro com ele. Eu não me juntaria a ele.

Nem por isso uma parte de mim deixou de querer parar tudo e se deitar ao lado dele, ou pelo menos assistir ao que aconteceria em seguida. Após aquela surpresa inicial, suas feições e sua respiração foram interrompidas, passando a ilusão de morte. Todavia, era apenas isso — uma ilusão. Eu já tinha visto antes. Provavelmente teria uns cinco minutos no máximo até que ele se curasse e arrancasse a estaca de si mesmo. Eu não dispunha de tempo para lamentar o que foi e o que poderia ter sido. Precisava agir agora. Sem hesitação.

Corri minhas mãos por ele, buscando em suas roupas por algo que me pudesse ser útil. Encontrei um molho de chaves e algum dinheiro. Pus as chaves no bolso e já ia deixar o dinheiro, mas percebi que poderia precisar dele na remota possibilidade de eu escapar desse lugar. Meu próprio dinheiro fora confiscado quando ali chegara. Também apanhei algumas das joias sobre a mesinha. Nas grandes cidades russas, achar compradores para esse tipo de coisa não era muito difícil.

Isso *se* eu chegasse a alguma cidade. Saí da cama e lancei um último e doloroso olhar para Dimitri. Algumas das lágrimas que antes eu escondera dele agora me corriam pelo rosto. Era tudo o que eu podia me permitir fazer. Se eu tivesse um *mais tarde*, prestaria luto por ele. Antes de sair, minha atenção se voltou para a estaca. Eu queria levá-la comigo; era a minha única arma. Arrancá-la faria com que ele acordasse em menos de um minuto. Eu precisava do tempo extra. Suspirando lhe dei as costas, esperando encontrar uma arma em outro lugar.

Disparei até a porta da suíte e digitei a senha mais uma vez. Ela destravou, e passei para o corredor. Antes de partir para a porta seguinte, examinei a que eu acabara de bater atrás de mim. Para chegar à suíte, havia um segundo teclado numérico. A entrada também exigia uma senha. Me afastando um pouco, tomei impulso e chutei o teclado com a maior força possível. Repeti o gesto outras duas vezes, até que a luzinha vermelha ali se apagou. Eu não sabia ao certo se isso afetaria a trava do interior da suíte, mas, nos filmes, danificar as trancas eletrônicas sempre parecia funcionar.

Voltando a minha atenção para a trava seguinte, procurei lembrar os Algarismos que Inna me dissera. Não estavam tão nítidos em minha memória quanto os primeiros. Digitei sete deles. A luzinha permaneceu

vermelha.

— Droga. — Ela podia até ter mentido sobre essa sequência, mas de algum jeito eu suspeitava que minha memória era a culpada. Tentei de novo, sabendo que o tempo estava passando e logo Dimitri viria atrás de mim. A luz vermelha voltou a piscar. Quais eram os números? Procurei visualizá-los em minha cabeça e por fim concluí que não tinha certeza quanto aos dois últimos. Mudei a ordem deles quando inseri a senha novamente. A luz ficou verde, e a porta se abriu.

É claro, havia um sistema de segurança de um tipo distinto do lado de fora. Um Strigoi. E não apenas um Strigoi qualquer: era Marlen. O que eu havia torturado numa ruela. O que me odiava porque eu o havia posto em desgraça aos olhos de Galina. Era evidente que ele estava de guarda ali e parecia não esperar mais do que uma noite entediante. O fato de eu estar passando pela porta foi um choque.

Isso me proporcionou, hã, cerca de um milésimo de segundo de surpresa. Minha primeira ideia foi a de apenas partir para cima dele com toda a força bruta que eu pudesse reunir. Sabia que ele faria o mesmo comigo. Aliás... isso era *exatamente* o que ele faria.

Fiquei onde estava, de forma a manter a porta aberta. Ele veio em minha direção para impedir a fuga, e eu dei um passo para o lado, escancarando a porta. Bom, nem eu era habilidosa o bastante, nem ele suficientemente idiota para ser atraído para o lado de dentro. Ele parou na entrada, tentando me apanhar. Isso me deu a difícil tarefa de repelir os seus ataques e trazê-lo para o corredor atrás da porta. Recuei da passagem da porta, torcendo para que me seguisse. Ao mesmo tempo, precisava mantê-la aberta. Tudo era uma complicação, e eu não teria tempo de digitar a senha outra vez.

Lutamos naquele espaço confinado. A maior vantagem que eu tinha era que Marlen parecia um jovem Strigoi, algo que fazia sentido. Galina ia preferir manter lacaios que ela pudesse controlar. Claro que a força e a agilidade Strigoi compensavam a falta de experiência. O fato de que antes ele fora um Moroi também implicava que ele provavelmente dispunha de pouquíssimo treino. Era outro bônus para mim. Dimitri só era um Strigoi imbatível porque treinara como lutador antes de se transformar. Já esse sujeito, não.

Assim, Marlen conseguiu acertar uns dois socos em mim, um dos quais passou perigosamente perto de um dos olhos. O outro me pegou no estômago, me deixando sem fôlego por meio segundo. Mas na maior parte do tempo consegui me esquivar muito bem dele. Isso pareceu enfurecê-lo. Ser derrotado por uma adolescente de fato não rendia muitos pontos positivos a um Strigoi. Num certo momento, até cheguei a enganá-lo, fingindo que ia para um lado e então vindo até ele com um chute surpresa — mais fácil de executar do que eu imaginara, naquele maldito vestido —, que o fez recuar alguns passos. Mal conseguia manter uma das mãos na porta quando fiz aquilo, mas era tudo de que eu precisava. Seu lapso me deu alguns segundos para deslizar pela porta e para o corredor principal. Para o meu azar, quando estive prestes a fechá-la, Marlen já tentava passar. Com as minhas mãos, procurei puxar a porta enquanto chutava o Strigoi para dentro de novo. Ficamos um tempo lutando dessa forma, e, graças a alguma sorte que ainda me restava, consegui fechar a porta de modo que apenas um dos braços ficou de fora. Tomando impulso, puxei a porta num grande e vigoroso movimento. Ela bateu bem no punho de Marlen. Eu meio que esperava ver sua mão sendo arrancada e caindo à minha frente, mas ele a puxou de volta. Até os Strigoi possuíam instintos para evitar a dor.

Ofegante — ainda não havia recuperado toda a minha força física —, eu recuei. Se ele conhecesse a senha, aquilo teria sido em vão. No instante seguinte, a maçaneta da porta balançou, mas não abriu. Ouvi um urro de raiva, e então seus punhos esmurraram a porta.

Ponto para mim. Não, ponto para a sorte. Se ele conhecesse a senha, eu teria sido...

Tum. Marlen continuava golpeando a porta, e notei uma diminuta moessa despontando na superfície

metálica.

— Ah, droga — resmunguei.

Não fiquei ali para descobrir quantas pancadas seriam necessárias para ele derrubá-la. Percebi ainda que, mesmo tendo inutilizado a primeira tranca, Dimitri seria igualmente capaz de pôr aquela porta abaixo. Dimitri...

Não. Eu não podia pensar nele agora, de jeito nenhum.

Ao disparar pelo corredor, rumo às escadas que Dimitri e eu descêramos antes, uma lembrança inesperada pareceu brotar em minha mente. Da última vez em que Dimitri ameaçara Nathan, ele mencionara que pegaria minha estaca numa caixa-forte. Que caixa-forte seria essa, exatamente? Estaria ali, naquele lugar? Em caso positivo, eu sem dúvida não teria tempo de procurá-la. Entre a opção de vasculhar uma casa de quatro andares cheia de vampiros e a de correr para o campo antes que a encontrassem... bom, a escolha era óbvia.

E foi no meio dessa linha de pensamento que dei de cara com um humano no topo das escadas. Era mais velho que Inna e trazia uma pilha de roupas de cama, que caiu com a nossa colisão. Quase sem hesitar, eu o apanhei e o joguei contra a parede. Não dispunha de armas para ameaçá-lo e me perguntei como faria para impor minha vontade agora. No entanto, assim que o encostei contra a parede, ele ergueu as mãos num gesto defensivo e começou a choramingar em russo. Não encontraria resistência ali.

É claro que agora eu me deparava com o problema de transmitir o que eu precisava saber. Marlen ainda esmurrava a porta, e Dimitri acordaria dali a dois minutos. Armei uma carranca para o humano, esperando com isso assustá-lo. Pela sua reação, funcionou. Arrisquei o diálogo de mulher das cavernas que travara com Inna... só que dessa vez ele era um pouco mais complexo.

— Vara — disse em russo. Não fazia ideia de qual era o termo para “estaca”. Apontei para o anel de prata que eu usava e simulei um movimento cortante. — Vara. Onde?

Ele me observou com total confusão e então perguntou, num inglês perfeito:

— Por que está falando desse jeito?

— Ah, pelo amor de Deus — exclamei. — Onde fica a caixa-forte?

— Caixa-forte?

— O lugar onde eles guardam as armas.

Ele continuou me encarando.

— Estou atrás de uma estaca de prata.

— Oh — disse ele. — Isso. — Apreensivo, voltou os olhos na direção dos muros.

Eu o apertei com mais força contra a parede. Meu coração parecia prestes a sair pela garganta, mas procurei disfarçar isso. Queria que esse sujeito pensasse que eu era invencível.

— Ignore-o. Me leve até a caixa-forte. Agora!

Com um ganido assustado, ele assentiu ansioso e me conduziu pelas escadas abaixo. Descemos até o segundo andar e viramos uma esquina. Os corredores ali eram tão sinuosos quanto o labirinto que Dimitri me mostrara, todos decorados naquele padrão de ouro e candelabros, e me perguntei se sequer conseguiria sair. Fazer esse desvio era um risco, mas eu não sabia ao certo se conseguiria chegar lá fora sem ser seguida. E, nesse caso, haveria um confronto. Eu precisaria me defender.

O humano me levou por um outro corredor e então por outro. Finalmente, alcançamos uma porta que se parecia com outra qualquer. Ele se deteve e me observou com expectativa.

— Abra a porta — ordenei.

Ele balançou a cabeça.

— Não tenho a chave.

— Bom, eu com certeza não... espere aí. — Enfiei a mão no bolso e retirei as chaves que roubei de Dimitri. Havia cinco chaves naquela argola. Experimentei uma por uma e, na terceira tentativa, consegui. A porta se abriu.

Enquanto isso, meu guia lançava olhares furtivos por cima do ombro e parecia prestes a dar no pé.

— Nem pense nisso — avisei. Ele ficou lívido e continuou imóvel. O recinto à nossa frente não era muito grande, e, embora o seu carpete de pelúcia branco e suas pinturas de moldura prateada lhe dessem um ar elegante, ele era... bom, em poucas palavras, parecia um depósito de sucata. Caixas e estranhos objetos, um monte de itens pessoais, relógios e anéis em particular, estavam jogados de forma desordenada. — O que é isso?

— Magia — respondeu ele, obviamente ainda bastante assustado. — Itens mágicos, mantidos aqui para perderem a força ou serem destruídos.

Magia... ah. Esses objetos eram encantados com a magia Moroi. Os encantos sempre surtiam algum tipo de efeito nos Strigoi — em geral desconfortável —, sendo as estacas as responsáveis pelos piores deles, uma vez que reuniam todos os quatro elementos físicos. Fazia sentido que os Strigoi quisessem isolar objetos nocivos e se livrar de...

— Minha estaca!

Corri para a frente e a apanhei, quase deixando-a cair por causa do suor em minhas mãos. A estaca repousava sobre uma caixa, junto a uma tira de pano e umas pedras estranhas. Estudando-a direito, percebi que não era bem a *minha* estaca — não que tivesse qualquer importância na hora de matar um Strigoi. Essa estaca era quase idêntica, salvo por um sutil contorno geométrico em sua base. Era algo que os guardiões faziam às vezes, quando se sentiam muito apegados à sua estaca: aplicar um desenho ou suas iniciais sobre ela. Segurando essa estaca, senti uma repentina pontada de tristeza. Ela pertencera a alguém que a tinha manejado com orgulho, alguém que agora provavelmente estaria morto. Só Deus sabe quantas outras dúzias de estacas não haveria ali, tomadas de outros prisioneiros desafortunados, mas eu não dispunha de tempo para procurá-las ou para lamentar pelos mortos.

— Tudo bem, agora eu quero que você me leve até... — Hesitei. Mesmo com uma estaca, muito melhor seria para mim se eu não esbarrasse com mais nenhum Strigoi. Tinha que considerar que ainda haveria um guarda na porta de entrada. — ...alguma sala neste andar com uma janela que abra de verdade. E que fique longe das escadas.

O sujeito pensou por um instante e então me deu um rápido aceno.

— Por aqui.

Eu o segui por outro labirinto de corredores tortuosos.

— Qual é o seu nome?

— Oleg.

— Sabe — comecei —, eu estou deixando este lugar... Se você quiser... Se você quiser, eu podia levá-lo comigo. — Estar com mais uma pessoa, em especial um humano, sem dúvida me atrasaria. No entanto, a minha consciência não me permitiria deixar alguém para trás num lugar desses.

Ele me lançou um olhar incrédulo.

— E por que eu iria querer isso? — Sydney definitivamente havia acertado quanto aos grandes sacrifícios dos humanos pela imortalidade. Oleg e Inna eram provas vivas.

Fizemos uma curva e nos deparamos com um par de portas-janelas. Pelos vidros decorados com água-forte, avistei estantes apinhadas de livros, subindo até o alto das paredes. Uma biblioteca — enorme e se

estendendo ao infinito, a perder de vista. Melhor ainda: notei uma larga janela saliente do outro lado, ladeada por cortinas grossas de cetim cor de sangue.

— Perfeito — comemorei, empurrando as portas.

Foi quando a náusea me atingiu. Não estávamos sozinhos.

Galina saltou de uma cadeira próxima à lareira, no lado mais distante do aposento. Um livro caiu de seu colo. Não tive tempo para pensar na excentricidade da cena, um Strigoi ler junto ao fogo, porque ela vinha bem em minha direção. Quase cheguei a achar que Oleg havia armado aquilo para mim, mas ele se curvava a um canto, seu rosto espelhando o choque que eu senti. Apesar do enorme tamanho da biblioteca, ela se aproximou de mim em segundos.

Evitei seu ataque inicial — ou pelo menos tentei. Ela era *rápida*. Dimitri à parte, os outros Strigoi nessa casa eram claramente inferiores, e eu havia me esquecido do poder que um Strigoi habilidoso podia ter. Ela me apanhou pelo braço e me trouxe para junto de si, com a boca aberta e os caninos vindo direto para o meu pescoço. Eu tinha a estaca numa das mãos e me atrapalhei ao tentar pelo menos arranhá-la com ela, porque Galina me segurava bem firme. Por fim, consegui me abaixar um pouco e colocar meu pescoço longe do seu alcance, mas tudo o que isso fez foi dar a ela a chance de me agarrar pelos cabelos. Ela me ergueu com força, e eu gritei de dor. O fato de ela conseguir puxar o meu cabelo sem arrancá-lo já era algo digno de nota. Ainda com ele nas mãos, ela me empurrou para uma parede.

Em minha primeira luta contra Dimitri ao chegar nesse lugar, ele fora bruto, mas não tivera a intenção de me matar. Galina, sim. Graças a Dimitri, ela havia acreditado que eu seria uma aquisição; agora, porém, estava claro que eu era um verdadeiro pé no saco. A benevolência dela acabara, e seu objetivo era me matar. Pelo menos eu podia me reconfortar sabendo que ela não me transformaria em Strigoi. Eu seria um lanche.

Um súbito urro atraiu minha atenção para a porta. Dimitri estava lá, o rosto aceso de raiva. Quaisquer ilusões que eu tivesse nutrido sobre ele ser a sua antiga *persona* desapareceram. Aquela fúria irradiava ao seu redor, com olhos semicerrados e caninos à mostra. A pele pálida e os olhos vermelhos contrastavam entre si com intensidade. Ele era como um demônio enviado direto do inferno para me destruir. Avançou em nossa direção, e o pensamento que logo me ocorreu foi: “Bom, pelo menos assim tudo vai acabar mais depressa.”

Exceto que... não foi a mim que ele atacou. Foi Galina.

Não sabia dizer qual de nós duas ficou mais surpresa, mas naquele momento eu fui completamente esquecida. Os Strigoi se arremetiam um contra o outro, e eu congelei, assombrada pela terrível beleza de sua luta. Havia quase uma graciosidade na forma como se moviam, como atacavam e habilmente se esquivavam. Assisti um pouquinho mais e então forcei minha mente a agir. Era a minha chance de escapar. Eu não podia me distrair.

Me encaminhei à janela saliente, procurando com desespero por um meio de abri-la. Não havia nenhum.

— Filho da mãe! — Talvez, no final das contas, Oleg tivesse mesmo armado para cima de mim. Ou talvez houvesse apenas um outro mecanismo menos óbvio. Não obstante, eu tinha plena certeza de que conhecia um jeito de abri-la.

Corri para o lado do aposento em que Galina estivera sentada e apanhei a cadeira de madeira entalhada. Obviamente, essa janela não era feita do mesmo vidro resistente que protegia a minha suíte. Esse material era similar ao das portas-janelas da biblioteca, frágeis e adornadas com extravagantes gravuras, ainda que pintadas com cores escuras. Não devia exigir muito para se quebrar. Depois de tantas pancadas infrutíferas em minha suíte, obtive uma espécie de satisfação presunçosa ao atingi-la com a cadeira, usando toda a força que eu pude. O impacto gerou um grande buraco num dos lados da janela, com vidro se espalhando por toda a parte. Alguns estilhaços me atingiram o rosto, mas não era isso que me preocupava agora.

Às minhas costas, os sons da batalha se intensificavam. Grunhidos e gritos abafados surgiam, bem como o ocasional barulho de móveis quebrando. Tive vontade de me virar para ver o que acontecia, mas eu não podia. Ergui a cadeira e a impulsionei de novo, despedaçando a outra metade da janela. Havia agora um enorme buraco, perfeito para que eu pudesse escapar.

— Rose!

A voz de Dimitri ativou alguma resposta instintiva em mim. Dei uma olhada para trás e vi que ele ainda se atracava com Galina. Estavam ambos exaustos, parecendo evidente que ele levava a pior. Mas, em sua luta, ele tentava o tempo todo imobilizá-la de um jeito que expusesse o coração dela para mim. Seus olhos encontraram os meus. Quando ele ainda era um dampiro, raramente precisáramos de palavras para orientar nossos pensamentos. Agora era uma daquelas situações. Eu sabia o que ele queria de mim. Queria que eu enfiasse a estaca nela.

Eu sabia que não devia. Precisava pular por essa janela agora *mesmo*. Precisava deixar que prosseguissem sua luta, ainda que parecesse óbvio que Galina ia ganhar. E, no entanto... apesar dos meus pressentimentos, alguma força me conduziu através do aposento, com a estaca em punho e preparada. Talvez fosse porque eu nunca iria perder de todo a minha atração por Dimitri, não importa o tipo de monstro que ele tenha se tornado. Talvez fosse por um sentido inconsciente do meu dever, já que eu sabia que ele tinha acabado de salvar a minha vida. Ou talvez fosse porque eu sabia que um Strigoi morreria aquela noite, e ela era a mais perigosa ali.

Mas ela não era uma presa fácil. Era rápida e forte e estava dando bastante trabalho a Dimitri. Ela ziguezagueava por todo o lado, tentando dar cabo da sua investida. Tudo o que precisava fazer era incapacitá-lo tal como eu fizera; depois, só a decapitação ou a incineração já bastariam para acabar com ele. Eu não duvidava nem um pouco que ela podia obter qualquer uma das duas alternativas.

Dimitri conseguiu mudar de leve a posição dela, me dando a melhor visão possível rumo ao seu peito. Eu avancei — e, então, ele me acertou. Fiquei aturdida por um instante, imaginando por que ele me atacara depois de me salvar a vida, até perceber que ele fora empurrado — por Nathan. Nathan tinha acabado de entrar na biblioteca, ao lado de Marlen. Isso distraiu Dimitri, mas não a mim. Eu ainda contava com a brecha que ele me proporcionara até Galina, e enfiei minha estaca em seu tórax. Não entrou tanto quando eu teria preferido, e ela ainda conseguiu revidar, sacudindo bastante. Fiz uma careta e empurrei mais, sabendo que a prata devia estar surtindo algum efeito. No instante seguinte, vi a dor contorcendo-lhe o rosto. Ela vacilou, e tirei partido disso, enterrando a estaca até o fundo. Após vários segundos, ela finalmente parou de se mexer, seu corpo desabando sobre o chão.

Se os outros Strigoi perceberam sua morte, não lhe deram muita importância. Nathan e Marlen estavam concentrados em Dimitri. Uma outra Strigoi — uma mulher que eu não reconheci — logo se juntou à contenda. Arranquei minha estaca de Galina e fui me afastando devagar em direção à janela, torcendo para não chamar muita atenção. Meu coração se voltou para Dimitri. Ele estava em desvantagem numérica. Talvez eu pudesse emprestar minha força e ajudá-lo na luta...

Claro, minha força estava se esgotando. Eu ainda sofria pelos dias sendo mordida por um Strigoi e perdendo sangue. Havia lutado contra dois deles essa noite e matado uma das mais poderosas. Essa fora a minha proeza, eliminá-la da face da terra. A próxima boa ação que eu poderia fazer era partir e deixar esses Strigoi acabarem com Dimitri. Aqueles que sobrevivessem ficariam sem um líder e representariam uma ameaça menor. Dimitri seria liberto de seu estado maligno, sua alma por fim seria capaz de ir para um lugar melhor. E eu viveria (com alguma sorte), tendo ajudado o mundo a matar mais Strigoi.

Me aproximei do peitoril da janela e olhei para fora. Era noite — nada bom. As paredes íngremes da casa

também não eram ideais para uma escalada. Era possível de ser feito, mas consumiria tempo demais. E eu não tinha mais nenhum. Bem abaixo da janela, havia um arbusto qualquer, cheio de folhas. Não consegui enxergar com muita precisão e só esperava que não se tratasse de uma roseira ou algo igualmente afiado. Contudo, uma queda de dois andares não ia me matar. Era provável que nem doesse — muito.

Subi na borda, encontrando brevemente o olhar de Dimitri enquanto os outros Strigoi avançavam sobre ele. As palavras me vieram uma vez mais: *Não hesite*. A importante lição de Dimitri. Só que essa não fora a primeira delas. A sua primeira lição fora sobre o que fazer caso me encontrasse em desvantagem numérica e sem alternativas: *Corra*.

Era hora de eu começar a correr.

Saltei da janela.

Vinte e seis

Acho que as profanações que me saíram da boca quando atingi o solo teriam sido compreendidas em qualquer idioma. Aquilo *doeu*.

O arbusto não era particularmente afiado ou pontiagudo, mas nem mesmo com muita imaginação alguém poderia considerá-lo macio. De alguma forma ele amorteceu minha queda, embora não tenha impedido meu tornozelo de se torcer sob o peso do meu corpo.

— Merda! — exclamei entre os dentes ao me levantar. A Rússia sem dúvida estava me fazendo xingar um bocado. Testei o meu peso sobre o tornozelo e senti uma pontada de dor, mas nada que eu não pudesse aguentar. Só uma distensão, graças a Deus. O tornozelo não havia quebrado, e eu já experimentara coisas piores. Ainda assim, isso ia desacelerar minha fuga.

Tratei de me desvencilhar do arbusto, tentando retomar o ritmo e ignorar a dor. À minha frente estendia-se aquele estúpido labirinto de cerca viva que eu achara tão legal na outra noite. O céu estava nebuloso, mas duvidei que a luz da lua teria facilitado a minha passagem. De jeito nenhum eu ia enfrentar aquele monte de folhas. Encontraria o ponto em que ele terminava e por ali acharia a saída.

Infelizmente, ao circundar a casa, descobri uma verdade nada feliz: a cerca viva estava por toda a parte. Ela rodeava a propriedade tal como um fosso medieval. O que mais me irritava é que Galina nem devia ter cultivado isso como recurso de defesa. Provavelmente o fizera pelo mesmo motivo por que tinha candelabros de cristal e pinturas antigas nos corredores: era algo legal.

Bom, não havia escapatória, então. Escolhi uma entrada do labirinto a esmo e comecei a enredar meu caminho por ele. Eu não tinha ideia de por onde ir, ou de estratégias para sair dali. As sombras espreitavam por todo o lado, e com frequência não percebia que estava indo para um beco sem saída até dar de cara com eles. Os arbustos eram tão altos que, uma vez no interior do labirinto, perdi completamente a visão do topo da casa. Se o tivesse utilizado para me orientar, poderia simplesmente ter seguido numa linha reta (ou quase reta) na direção contrária.

Em lugar disso, eu não tinha lá muita certeza se estava voltando ou andando em círculos ou sabe-se lá o quê. Num determinado momento, fiquei com a forte impressão de que havia passado pela mesma treliça de jasmims três vezes. Procurei me lembrar das histórias que eu lera sobre pessoas cruzando labirintos. O que elas usavam? Migalhas de pão? Um novelo? Eu não sabia ao certo, e, conforme o tempo passava e meu tornozelo doía cada vez mais, comecei a perder a confiança. Eu matara uma Strigoi mesmo nesse estado enfraquecido, mas não conseguia escapar de algumas plantas. Vergonhoso, sério.

— Roza!

A voz ressoou com o vento, e eu me enrijei. Não. Não podia ser.

Dimitri. Ele sobrevivera.

— Roza, sei que está por aqui — chamou. — Posso sentir o seu cheiro.

Tive a impressão de que ele estava blefando. Ele não se encontrava perto o bastante para que eu me sentisse enjoada, e, com o perfume inebriante daquelas flores, duvidei que pudesse perceber meu cheiro — mesmo suando como eu estava. Ele tentava fazer com que eu entregasse minha posição.

Com ânimo renovado, me dirigi para a próxima curva entre os arbustos, rezando por uma saída. “Está bem, Deus”, pensei. “Me tire dessa, e vou parar de faltar tanto à missa. O Senhor me poupou de um bando de Strigoi esta noite. Quer dizer, trancar aquele entre as duas portas não devia ter funcionado, então sem dúvida o Senhor deve ter mexido uns pauzinhos. Me deixe sair daqui, e vou... sei lá. Doar o dinheiro de Adrian aos pobres. Ser batizada. Entrar para um convento. Bom, não. Essa última não.”

Dimitri continuou com suas provocações.

— Eu não vou matá-la, não se você se entregar. Estou lhe devendo uma. Você acabou com Galina por mim, e agora eu estou no comando. Substituí-la aconteceu um pouco antes da hora, mas isso não é um problema. Claro, não tem muita gente para controlar agora que Nathan e os outros morreram. Mas isso pode ser contornado.

Inacreditável. Ele realmente superara as expectativas. Eu dissera uma vez e não estava mentindo: vivo ou morto, o amor da minha vida era imbatível. Não havia chance de ele derrotar aqueles três... e no entanto, bom... eu já o vira diante de situações desvantajosas assim antes. E, evidente, a sua presença ali era a prova de suas habilidades.

O caminho à minha frente se bifurcou, e ao acaso escolhi a via da direita. Ela se abria em meio à escuridão, e deixei escapar um suspiro de alívio. Apesar da sua fala despreocupada, eu sabia que também ele atravessava o labirinto, aproximando-se cada vez mais. E, ao contrário de mim, ele conhecia os trajetos e como sair deles.

— Também não me resenti por você ter me atacado. Era o que eu teria feito em seu lugar. É só mais um motivo para ficarmos juntos.

Minha curva seguinte me levou a um beco sem saída apinhado de boas-noites. Guardei meus xingamentos para mim mesma e retrocedi.

— Mas você ainda é perigosa. Se encontrá-la, provavelmente terei que matá-la. Não é o que eu quero, porém começo a achar que não existe jeito de continuarmos vivendo num mesmo mundo. Venha até mim por livre e espontânea vontade, e será despertada. Vamos controlar o império de Galina juntos.

Eu quase ri daquilo. Não conseguiria encontrá-lo nem que quisesse nessa porcaria. Se eu possuísse esse tipo de habilidade...

Meu estômago se remexeu um pouco. Essa não. Ele estava ainda mais próximo. Será que já sabia disso? Eu ainda não entendia inteiramente a relação entre o meu nível de náusea e a distância do Strigoi, mas não importava. Ele estava perto demais, ponto final. Quão próximo ele precisaria ficar para sentir meu cheiro de verdade? Para ouvir meus passos sobre a grama? Cada segundo o aproximava mais do êxito. Uma vez que obtivesse o meu rastro, eu estaria em sérios apuros. Meu coração disparou ainda mais — como se ainda fosse possível àquela altura do campeonato —, e a adrenalina correndo por mim anestesiou meu tornozelo, embora ainda me desacelerasse.

Um novo beco sem saída me fez girar nos calcanhares, e procurei me acalmar, sabendo que o pânico me deixaria descuidada. Nesse meio-tempo, a náusea aumentava progressivamente.

— Ainda que você escape, para onde irá? — bradou ele. — Estamos no meio do nada. — Suas palavras eram como veneno, impregnando-se em minha pele. Se lhes desse atenção, o meu medo triunfaria, e eu iria desistir. Me encolheria como um feto e deixaria que ele viesse até mim, e eu não tinha qualquer motivo para acreditar que ele permitiria minha sobrevivência. Minha vida podia chegar ao fim nos próximos minutos.

Uma curva para a esquerda me levou a uma outra parede de lustrosas folhas verdes. Tratei de sair dali rápido e me dirigi para o sentido contrário, vislumbrando — campos.

Extensos, vastos trechos de grama se espalhavam à minha frente, exibindo árvores a distância, aqui e ali. Contra todas as expectativas, eu havia conseguido. Para o meu azar, a náusea ficara mais forte agora. Próximo daquele jeito, ele devia saber onde eu me encontrava. Olhei em volta, percebendo a verdade de suas palavras. Nós realmente estávamos no meio do nada. Para onde eu poderia ir? Não fazia ideia de nossa localização.

Ali. À minha esquerda, avistei o débil brilho púrpura no horizonte que eu notara na outra noite. Não havia percebido o que era então, mas agora eu sabia. Aquelas eram luzes urbanas, muito provavelmente de Novosibirsk, que era onde a gangue de Galina causava a maior parte dos estragos. Ainda que não fosse Novosibirsk, já era alguma civilização. Haveria pessoas por lá. Segurança. Eu poderia conseguir ajuda.

Disparei na carreira mais veloz que pude improvisar, os pés golpeando o chão vigorosamente. Mesmo a adrenalina não conseguiu conter tamanho impacto, e a dor me açoitava a perna a cada passo. Entretanto, o tornozelo resistiu. Não cheguei a cair ou a mancar de verdade. Minha respiração era árdua e entrecortada, com o restante dos músculos ainda enfraquecidos depois de tudo o que eu sofrera. Apesar de agora ter um propósito, eu sabia que a cidade jazia a quilômetros de distância.

E por todo esse tempo a náusea só fez crescer. Dimitri estava próximo. Devia ter saído do labirinto agora, mas eu não podia correr o risco de olhar para trás. Continuei correndo rumo ao brilho púrpura no horizonte, muito embora isso representasse a minha iminente passagem por um denso conjunto de árvores. Talvez, e apenas talvez, isso me proporcionasse algum refúgio. *Você é uma tola*, sussurrou uma parte dentro de mim. *Não há lugar em que possa se esconder dele.*

Cheguei à tênue fileira de árvores e reduzi o passo ligeiramente, ofegando e me recostando em um tronco robusto. Por fim, ousei espiar o caminho às minhas costas, mas nada vi. A casa luzia à distância, circundada pelas trevas do labirinto de cerca viva. Meu enjoo no estômago não havia piorado, então era possível que eu tivesse conseguido alguma vantagem sobre ele. O labirinto possuía diversas saídas; ele não sabia qual delas eu usara.

Passado o momento de descanso, prossegui o meu caminho, sem perder de vista o leve brilho das luzes urbanas em meio à folhagem. Era apenas uma questão de tempo até que Dimitri me encontrasse. Meu tornozelo não me permitiria continuar para sempre. Aos poucos, deixá-lo comendo poeira foi se tornando uma fantasia. As folhas caídas do último outono farfalhavam conforme eu passava, mas eu não podia ficar desviando de todas. Duvidei que ainda precisaria me preocupar com Dimitri sentindo o meu cheiro. Os ruídos me entregariam primeiro.

— Rose! Eu juro que não é tarde demais.

“Droga.” Sua voz estava próxima. Olhei à minha volta freneticamente. Não consegui vê-lo, mas, se ele ainda me chamava, era porque enfrentava a mesma dificuldade. A neblina da cidade continuava me guiando, mas havia árvores e a escuridão em nosso caminho. De repente, alguém inesperado me veio à mente. Tasha Ozero. Ela era a tia de Christian, uma donzela formidável e ainda uma das pioneiras a ensinar os Moroi a combater os Strigoi.

Nós podemos fugir e fugir e permitir que nos encurralem para todo o sempre, dissera ela uma vez. *Ou podemos*

sair e encontrar o inimigo na hora e no local que nós escolhermos. E não eles.

“Tudo bem, Tasha”, pensei. “Vamos ver se o seu conselho ainda me mata.”

Olhei em torno e localizei uma árvore com ramos que eu podia alcançar. Passando a estaca para dentro do meu bolso, apanhei o ramo mais baixo e me balancei para cima. Meu tornozelo reclamou durante toda essa operação, mas, tirando essa parte, havia ramos suficientes para eu conseguir um bom apoio para as mãos e os pés. Continuei assim até me deparar com um galho grosso e forte que, acreditei, conseguiria suportar meu peso. Eu me movi até ele, posicionada perto do tronco e testando com cautela a resistência do galho. Ele deu conta. Saquei a estaca do meu bolso e esperei.

Mais ou menos no minuto seguinte, ouvi o leve farfalhar das folhas enquanto Dimitri se aproximava. Estava sendo bem mais silencioso do que eu naquela mesma situação. Sua figura alta e sombria surgiu em meu campo visual, um vulto sinistro na noite. Ele se movia bem devagar, com bastante cautela, os olhos espreitando por todos os lados e os demais sentidos sem dúvida igualmente alertas.

— Roza — disse ele baixinho. — Sei que está aqui. Você não tem chance de fugir. Nem de se esconder.

Seu olhar parecia fixo agora. Ele pensava que eu havia me ocultado atrás de uma árvore ou me abaixado. Mais alguns passos. Era tudo o que eu precisava. Minha mão que segurava a estaca começou a suar, mas eu não podia me dar ao luxo de secá-la. Eu estava paralisada, tão imóvel que nem sequer ousava respirar.

— Roza...

A voz acariciou minha pele, fria e letal. Ainda perscrutando o ambiente, Dimitri deu mais um passo à frente. E então outro. E então outro.

Acho que só lhe ocorreu olhar para cima no instante em que eu pulei. Meu corpo desabou sobre o dele, jogando-o com as costas voltadas para o solo. Ele logo tentou me atirar para longe, assim como eu procurava menear a estaca rumo ao seu coração. Sinais de fadiga e de luta se estampavam por todo o seu corpo. Derrotar os outros Strigoi havia lhe cobrado um alto preço, embora eu duvidasse estar em melhores condições. Nós nos atracamos, e cheguei a conseguir arranhar a estaca em sua bochecha. Ele rangeu os dentes de dor, mas manteve o peito bem-protegido. Sobre ele, pude ver o local em sua camisa que eu havia rasgado quando o perfurei com a estaca da última vez. A ferida já havia cicatrizado.

— Você... é... incrível — comentou, as palavras cheias de orgulho e fervor pela batalha.

Eu não dispunha de energia para uma resposta. Meu único objetivo era o seu coração. Lutei para continuar em cima dele e, por fim, minha estaca penetrou seu peito — mas ele era rápido demais. Golpeou minha mão antes que eu conseguisse enterrar a estaca o bastante. Nesse processo, ele também me empurrou para longe. Voei vários metros de distância, felizmente sem bater em nenhuma árvore. Lutei para ficar de pé, aturdida, e notei que ele vinha em minha direção. Ele era rápido — mas não tanto quanto havia demonstrado em lutas anteriores. Íamos nos matar tentando destruir um ao outro.

Agora eu estava sem a minha vantagem, então disparei por entre as árvores, ciente de que ele viria logo atrás. Tinha certeza de que ele me alcançaria, mas, se eu pudesse ganhar uma simples dianteira, talvez conseguisse encontrar um novo local de ataque e tentar...

— Ahhh!

O grito ressoou noite adentro, perturbando a plácida escuridão. Meu pé arqueara abaixo de mim, e deslizei desabaladamente por um declive íngreme, incapaz de parar. Havia poucas árvores no caminho, porém as pedras e o meu desequilíbrio tornaram a queda dolorosa, em especial porque eu continuava naquele vestido-suéter. O fato de em nenhum momento ter soltado a estaca ia além da minha compreensão. Aterrissei no sopé com um baque, me levantando brevemente e logo tropeçando e caindo — na água.

Olhei à minha volta. Por coincidência, a lua despontava por detrás das nuvens, lançando luz o bastante

para me mostrar a enorme extensão de uma água escura e caudalosa diante de mim. Fiquei pasma com aquilo, completamente confusa, e então me virei na direção da cidade. Esse era o Ob, o rio que atravessava Novosibirsk. O rio ia direto para lá. Espreitando por cima do ombro, avistei Dimitri no alto do monte. Ao contrário de certas pessoas, ele parecia saber por onde estava andando. Ou isso, ou meu grito o alertara de que havia algum perigo ali.

Mas levaria menos de um minuto até que ele me alcançasse. Olhei para os dois lados e então para a frente. Certo. Uma correnteza. Possivelmente profunda. E bem larga. Ela aliviaria o peso sobre o meu tornozelo, mas eu não estava lá muito animada com as minhas chances de não me afogar. Nas lendas, os vampiros não podiam atravessar a água se não estivesse parada. Cara, quem me dera. Isso era puro mito.

Observei com mais atenção o meu lado esquerdo e mal distingui uma forma escura sobre a água. Uma ponte? Era a melhor oportunidade que eu tinha. Hesitei antes de avançar; precisava que Dimitri iniciasse a sua descida até ali. Não ia sair correndo e deixar que ele me apanhasse lá no alto do morro. Eu precisava do tempo que o seu trajeto me proporcionaria. Pronto. Ele deu um passo pela encosta, e eu disparei pela margem, sem olhar para trás. A ponte crescia à minha frente, e, nesse meio-tempo, percebi toda a altura na qual ela se erguia. Eu a calculara erradamente do ponto em que havia caído. As encostas ao redor da ponte se inclinavam mais e mais conforme eu avançava rio abaixo. Seria uma escalada infernal.

Sem problemas. Eu me preocuparia com isso mais tarde — na verdade, dali a trinta segundos, provavelmente o tempo que Dimitri levaria para me alcançar. Naquele momento, já podia ouvir seus pés revolvendo a água rasa da margem, os sons cada vez mais próximos. Se ao menos eu conseguisse alcançar a ponte, se ao menos eu conseguisse ir para um lugar mais alto e para o outro lado...

A náusea me acometeu de novo. Um punho se fechou sobre as costas da minha blusa e me puxou para trás. Caí sobre Dimitri e de imediato me pus a lutar contra ele, tentando me desvencilhar. Mas, Deus, como eu estava cansada. Cada parte de mim doía, e, independentemente do quão esgotado ele estivesse, o meu caso era pior.

— Pare! — bradou ele, me prendendo pelos braços. — Será que não entende? Você não pode vencer!

— Então me mate! — Eu me contorcia, mas a força de suas mãos em meus braços era demais, e mesmo segurando a estaca não pude fazer muito. — Você disse que faria isso se eu não me rendesse. Bom, adivinhe? Não me rendi. E nem irei. Então acabe logo com isso.

Aquela claridade lunar iluminou-lhe o rosto, erradicando as sombras naturais e embranquecendo sua pele contra o pano de fundo da noite. Era como se todas as cores do mundo tivessem se extinguido. Os olhos pareciam simplesmente escuros, mas, na minha cabeça, eles ardiam como fogo. Sua expressão era fria e calculista.

Não era o meu Dimitri.

— Me custaria muito matar você, Rose — disse ele. — Isto não é o bastante.

Não fiquei convencida. Ainda me segurando com aquela firmeza irredutível, Dimitri se inclinou sobre mim. Ele ia me morder. Aqueles dentes rasgariam minha pele, e ele me transformaria num monstro idêntico ou se alimentaria de mim até a morte. Em ambas as situações, eu estaria entorpecida ou lesada demais para notar. A que um dia se chamara Rose Hathaway deixaria este mundo sem sequer se dar conta disso.

Fui tomada por um pânico incontrollável — embora uma parte ainda abstinente em mim gritasse por mais daquelas endorfinas gloriosas. Não, não. Eu não podia permitir isso. Fiquei com os nervos à flor da pele, sublevados em favor de uma defesa, um ataque, qualquer coisa... qualquer coisa que evitasse o que estava para acontecer. Eu não seria transformada. Eu *não podia* ser transformada. Queria tanto ser capaz de fazer algo para me salvar... Todo o meu ser fervilhava com esse anseio. Parecia prestes a rebentar em mim,

prestes a...

Minhas mãos podiam tocar uma à outra, mas não Dimitri. Com algum contorcionismo, empreguei os dedos da mão esquerda para arrancar o anel de Oksana. Ele deslizou e caiu na lama assim que os dentes de Dimitri me tocaram a pele.

Foi como a detonação de uma bomba nuclear. Os fantasmas e espíritos que eu invocara a caminho de Baía surgiram à nossa volta. Estavam por toda a parte, translúcidos e luminosos, em tons pálidos de verde, azul, amarelo e cinza. Eu havia baixado todas as minhas defesas, sucumbindo às emoções de um jeito que não fora possível quando Dimitri me apanhara da primeira vez. O poder de cura do anel mal vinha conseguindo me manter estável até ali, mas agora nem isso. Eu já não dispunha de quaisquer rédeas.

Dimitri se ergueu com olhos arregalados. Tal como os Strigoi do celeiro, ele agitava os braços em torno, golpeando os espíritos como se fossem mosquitos. Suas mãos passavam por eles sem qualquer eficácia. Também a investida deles era meio ineficaz. Não conseguiam feri-lo fisicamente, mas podiam afetar-lhe a mente e o distraíam bastante. O que foi que Mark dissera? Os mortos odiavam os mortos-vivos. E, pela forma como esses fantasmas se enxameavam em torno de Dimitri, pareciam odiar, mesmo.

Eu recuei, examinando o solo aos meus pés. Ali. O anel de prata reluziu de uma poça. Me abaixei e o apanhei, e em seguida corri deixando Dimitri entregue à própria sorte. Ele não estava exatamente gritando, mas soltava grunhidos horripilantes. Me deu pena, mas segui em frente, disparando em direção à ponte. Eu a alcancei mais ou menos um minuto depois. Era tão alta quanto eu havia receado, porém robusta e bem-construída, apesar de estreita. Era uma dessas pontes do interior pelas quais só podia passar um carro de cada vez.

— Já cheguei até aqui — murmurei, olhando para o declive acima. Ele não apenas era mais alto do que aquele no qual eu caíra, mas também mais íngreme. Guardei minha estaca e o anel no bolso e então estendi os braços, enfiando as mãos na terra. Dessa vez, minha subida estaria a meio caminho entre escalar e rastejar. Foi um pequeno alívio para o meu tornozelo; todo o trabalho ficaria a cargo da parte de cima do corpo. Ao começar, no entanto, algo chamou minha atenção. Fracos lampejos à minha volta. Um molde de rostos e crânios. E uma dor pungente na nuca.

Essa não. Isso já havia acontecido antes. Nesse estado de pânico, eu não conseguia segurar as barreiras habituais para afastar os mortos de *mim mesma*. Agora, eles se acercavam de mim, mais curiosos do que ameaçadores. Conforme o número deles foi aumentando, porém, tudo ficou tão desnorteante quanto o que Dimitri estava experimentando ali.

Eles não podiam me machucar, mas estavam me dando nos nervos, e a típica dor de cabeça que aparecia com eles já começava a me tirar o equilíbrio. Espiando para trás na direção de Dimitri, eu percebi algo incrível. Ele *ainda* vinha. Era mesmo um deus, um deus que apressava a minha morte a cada passada. Os fantasmas continuavam rodeando-o como uma nuvem, e no entanto ele avançava, em passos lentos e agonizantes. Desviando o olhar, voltei a subir, ignorando os meus próprios acompanhantes luminescentes o melhor que pude.

No custoso fim, alcancei o cume da encosta e cambaleei até a ponte. Mal conseguia me manter de pé, de tão fracos que estavam meus músculos. Arrisquei mais alguns passos e então caí de quatro. Um número excessivo de espíritos orbitava ao meu redor, e minha cabeça estava a ponto de explodir. Dimitri insistia em seu lento progresso, mas ainda se encontrava distante do declive. Tentei me reerguer, usando o corrimão da ponte como apoio, e não consegui. A grade mal-acabada me ralou as pernas nuas.

— Droga.

Eu sabia o que precisava fazer para me salvar, embora isso bem pudesse acabar me matando também.

Com as mãos trêmulas, busquei um dos bolsos e retirei o anel. Eu chacoalhava tanto que tinha certeza de que o deixaria cair. De alguma maneira, me mantive firme e fui capaz de deslizá-lo por um dos dedos. Uma pequena onda de calor irradiou dele para mim, e senti o corpo recuperar uma pequenina parcela de autocontrole. Infelizmente, os fantasmas permaneciam ali.

Os rastros daquele temor, de morrer ou me tornar Strigoi, ainda existiam dentro de mim, mas eles se amainaram agora que eu me encontrava fora do perigo imediato. Ao me sentir menos instável, busquei pelas barreiras e pelo controle de outrora, desesperada para posicioná-las em seu devido lugar e expulsar meus visitantes.

— Vão, vão, vão — sussurrei, fechando bem os olhos. O esforço era como o de empurrar uma montanha, um obstáculo impossível contra o qual ninguém teria a força necessária. Era o que Mark tinha avisado, o motivo por que eu não devia fazer isso. Os mortos eram uma poderosa arma, mas, uma vez convocados, era difícil se livrar deles. O que ele dissera mesmo? Aqueles que caminham à beira da escuridão e da insanidade não deviam se arriscar. — Vão! — berrei, empregando minhas últimas reservas de energia.

Um por um, os espectros à minha volta desapareceram. Senti o mundo recuperar sua antiga ordem. Só que, ao olhar lá para baixo, notei que eles também abandonaram Dimitri — tal como eu suspeitava. E, com a mesma presteza, ele seguiu em frente de novo.

— Droga. — Era a palavra da minha noite.

Dessa vez consegui me pôr de pé, enquanto ele disparava barranco acima. Ele continuava mais devagar do que de costume — mas ainda rápido o suficiente. Comecei a recuar, sem nunca tirar os olhos dele. Me desfazer dos fantasmas tinha me dado alguma energia, mas não a energia de que eu precisava para conseguir fugir. Dimitri havia vencido.

— Outro efeito do beijo das sombras? — perguntou ele, subindo a ponte.

— É. — Engoli em seco. — Parece que os fantasmas não gostam de Strigoi.

— Você também não parece gostar deles.

Dei outro passo cuidadoso para trás. Para onde eu poderia ir? Assim que eu me virasse para correr, ele estaria em cima de mim.

— Então, será que fui longe o suficiente para você desistir de me transformar? — indaguei com a maior animação que consegui disfarçar.

O sorriso que ele me lançou era enganoso e sarcástico.

— Não. As habilidades que você adquiriu graças ao beijo das sombras têm lá a sua utilidade... Pena que irão se perder quando for despertada. — Enfim. Esse ainda era o seu plano. Apesar de tê-lo enfurecido tanto, ele ainda me queria por toda a eternidade.

— Você não vai me despertar — afirmei.

— Rose, não existe a menor chance de você...

— Não.

Montei no corrimão da ponte, passando uma das pernas por cima. Eu sabia o que devia acontecer agora. Ele congelou onde estava.

— O que está fazendo?

— Eu já disse. Prefiro morrer a me tornar uma Strigoi. Não serei como você ou os outros. Eu não quero isso. E você também não queria, algum tempo atrás. — Senti meu rosto gelar quando a brisa noturna soprou, resultado das lágrimas furtivas que desciam em minhas bochechas.

Passei a perna restante para o outro lado e espiei a correnteza. Nos achávamos a bem mais de dois andares de altura. Eu atingiria a água com tudo e, mesmo que sobrevivesse à queda, não teria forças para

enfrentar o fluxo e chegar à margem. Contemplando a morte que me esperava abaixo, pensei na vez em que Dimitri e eu estávamos sentados na traseira de uma van, conversando sobre esse mesmo assunto.

Fora a primeira vez que sentáramos lado a lado, e sempre que uma parte de nossos corpos se tocava a sensação era quente e maravilhosa. Ele cheirava bem — aquele odor, percebi, aquele odor de estar *vivo*, já não mais existia — e se mostrara mais descontraído do que de costume, sorrindo facilmente. Havíamos conversado sobre o que significava estar vivo e em pleno controle de nossa alma — e o que significava se tornar um dos mortos-vivos, perder o amor e a luz da vida e todos os nossos conhecidos. Havíamos olhado um nos olhos do outro e concordado que a morte era preferível àquele destino.

Olhando para Dimitri agora, eu tive que admitir.

— Rose, não. — Ouvi um pânico genuíno em sua voz. Se ele não me apanhasse naquela borda, eu já era. Nada de Strigoi. Nada de despertar. Para que eu fosse transformada, ele precisaria beber o meu sangue até a morte e então verter sangue de volta para mim. Se eu pulasse, a água me mataria, sem derramamento de sangue. Já estaria morta há um bom tempo até que ele me encontrasse no rio. — Por favor — suplicou. Isso me deu um aperto no coração. Me lembrou demais o Dimitri de outrora, o que não era um monstro. Aquele que se importava comigo e me amava, que acreditava em mim e fizera amor comigo. Esse Dimitri, que não possuía nenhum daqueles atributos, deu dois passos cuidadosos adiante, e então parou de novo. — Nós precisamos ficar juntos.

— Por quê? — perguntei baixinho. A palavra foi carregada pelo vento, mas ele a escutou.

— Porque eu quero você.

Dei a ele um sorriso triste, me perguntando se nos reencontraríamos no reino dos mortos.

— Resposta errada — disse a ele.

E me soltei.

Ele apareceu bem ali, voando até mim com aquela velocidade Strigoi fora de série quando eu comecei a cair. Estendeu a mão e me apanhou pelo braço, me puxando de volta para o corrimão. Bom, mais ou menos. Apenas parte de mim chegou àquela altura; o restante ainda pendia acima do rio.

— Pare de lutar contra mim! — gritou, tentando me puxar pelo braço que ele segurava.

Ele próprio se encontrava numa posição precária, montado sobre a grade enquanto procurava se inclinar o bastante para me apanhar com alguma firmeza.

— Me solte! — gritei de volta.

Mas ele era forte demais e conseguiu me trazer quase completamente por cima do corrimão, de forma que eu não corria mais perigo de cair de novo.

Então, aí é que está. No instante que precedeu o pulo, eu tinha vislumbrado de verdade a minha morte. Havia me apaziguado e aceitado isso. Por outro lado, eu também sabia que Dimitri podia muito bem tentar algo assim. Ele simplesmente era rápido e bom o bastante. Era por isso que minha mão livre empunhava a estaca.

— Sempre vou amar você — disse, olhando em seus olhos.

Então enterrei a estaca em seu peito.

Não foi um golpe tão preciso quanto eu gostaria, ainda mais do jeito engenhoso como ele tentava se desvencilhar. Lutei para fazer a estaca entrar e chegar ao seu coração, incerta quanto ao meu sucesso por causa do ângulo. Até que sua resistência cessou. Seus olhos se voltaram para mim, petrificados, e seus lábios se abriram, quase num sorriso, embora de um tipo terrível e aflito.

— Isso é o que eu devia ter dito... — disse ele, ofegante.

Foram as suas últimas palavras.

Sua vã tentativa de se desvencilhar da estaca o fez perder o equilíbrio da borda. A magia presente na estaca facilitou o processo, paralisando-o assim como seus reflexos.

Dimitri caiu.

E quase me levou junto, e mal consegui me libertar dele e me agarrar ao corrimão. Ele desceu rumo à escuridão — para o fundo, para as profundezas negras do Ob. No instante seguinte, desapareceu de vista.

Perscrutei o rio à sua procura, imaginando se o veria na água se apertasse bem os olhos. Mas não vi. O rio era escuro e profundo demais. Nuvens se acercaram diante da lua, e as trevas cobriram tudo novamente. Por um instante, ao fitar as águas e me dar conta do que havia feito, tive vontade de me jogar atrás dele, porque sem dúvida não haveria maneira de continuar vivendo agora.

Você precisa. Minha voz interior estava muito mais calma e confiante do que devia. O antigo Dimitri iria querer que você vivesse. Se você realmente o amou, então precisa seguir em frente.

Com a respiração entrecortada, pulei por cima do corrimão e fiquei de pé sobre a ponte, surpreendentemente grata pela segurança que ela proporcionava. Eu não sabia como faria para seguir vivendo, mas sabia que queria isso. Não ia me sentir segura até estar em terra firme e, com o corpo tão debilitado, comecei a cruzar a ponte, um passo de cada vez. Quando cheguei ao outro lado, me deparei com um dilema. Seguir o rio ou a estrada? Eles se afastavam um pouco um do outro, mas ambos meio que apontavam na direção daquelas luzes urbanas. Escolhi a estrada. Não desejava passar nem perto do rio. E nem pensar a respeito do que acabara de acontecer. Eu *não conseguia* pensar nisso. O meu cérebro se recusava. *Preocupe-se em se manter viva primeiro. Depois se preocupe em como vai viver.*

A estrada, embora sem dúvida de aspecto rústico, era plana e batida e de fácil travessia — isso para as outras pessoas. Uma chuva fina começava a cair, o que só tornava tudo ainda pior. Eu só queria me sentar e descansar, deitar em posição fetal e não pensar em mais nada. *Não, não, não.* A luz. Eu tinha que ir em direção à luz. Isso quase me fez gargalhar. Era engraçado, realmente. Como se eu fosse alguém passando por uma experiência de quase morte. Aí é que eu ri mesmo. Essa noite inteira vinha sendo repleta de experiências de quase morte. Essa foi a mais inofensiva delas.

Era também a última, e, por mais que eu ansiasse pela cidade, ela ainda se encontrava a uma grande distância. Não tenho certeza do quanto andei até finalmente parar e me sentar. “Só por um minuto”, decidi. Descansaria por um minuto e então continuaria meu caminho. Eu *tinha* que continuar. Se por algum acaso maluco eu não houvesse acertado o coração de Dimitri, talvez ele saísse do rio a qualquer instante. Ou outro sobrevivente Strigoi viesse da propriedade de Galina atrás de mim.

Mas não acordei no minuto seguinte. Devo ter caído no sono, e para dizer a verdade não sei por quanto tempo fiquei sentada ali até que faróis de repente me impeliram ao estado de alerta. Um carro reduziu a velocidade e acabou parando. Tratei de me pôr de pé, me preparando para o que viria a seguir.

Nenhum Strigoi emergiu. Em vez disso, foi um senhor humano. Ele espiou para mim e me disse algo em russo. Balancei a cabeça e recuei um passo. Ele se inclinou para dentro do carro para falar com alguém, e um instante após uma mulher mais velha se juntou a ele. Ela me viu, e seus olhos se arregalaram numa expressão solidária. Falou algo que soava gentil e me estendeu a mão, cautelosa como alguém seria ao se aproximar de um animal selvagem. Eu a fitei por alguns longos segundos e então apontei para o horizonte púrpura.

— Novosibirsk.

Ela acompanhou o meu gesto e aquiesceu.

— Novosibirsk. — Apontou para mim e em seguida para o carro. — Novosibirsk.

Hesitei um pouco mais e então permiti que ela me conduzisse até o banco traseiro. Ela despiu o casaco e

o entregou a mim, e percebi que eu estava ensopada por causa da chuva. Eu devia estar um caos depois de tudo por que passei. Era um milagre que eles sequer tenham parado. O senhor começou a dirigir de novo, e me ocorreu que eu podia ter acabado de entrar num carro com assassinos em série. Mas, enfim, qual seria a diferença perto do restante dessa noite?

A dor física e mental já começava a me esgotar, e num último esforço umedecei os lábios e soltei outra das pérolas do meu vocabulário russo.

— *Pazvaneet?*

A mulher olhou do banco da frente para mim com surpresa. Eu não sabia ao certo se tinha acertado a palavra. Podia muito bem ter pedido um orelhão em vez de um celular — ou talvez tenha pedido uma girafa —, mas felizmente a mensagem chegou sem problemas. Um instante depois ela apanhou sua bolsa e me entregou um celular. Mesmo na Sibéria, todo mundo estava conectado. Com as mãos trêmulas, disquei o número que eu já havia decorado. Uma voz feminina respondeu.

— *Alló.*

— Sydney? É a Rose...

Vinte e sete

Não reconheci o sujeito que Sydney enviou para nos encontrar na chegada a Novosibirsk, mas ele exibia a mesma tatuagem dourada que ela. Tinha ainda cabelos cor de areia e uns trinta anos de idade — e era um humano, lógico. Parecia competente e confiável, e, enquanto eu jazia recostada no carro, ele ria e conversava com a dupla de idosos como se desde sempre fossem seus melhores amigos. Emanava um ar profissional e reconfortante, e logo os dois lhe retribuía o sorriso. Não sei ao certo o que ele lhes contou, talvez que eu fosse a sua filha rebelde ou algo assim, mas, ao que parecia, o casal se sentiu bem o bastante para me entregar em suas mãos. Presumi que, com o trabalho que conduziam, o charme dos alquimistas entrava em ação.

Quando os senhores partiram, sua conduta mudou um pouco. Ele não parecia frio como Sydney fora no começo, porém não havia risos e piadas comigo. Mostrou-se bastante centrado, e não consegui deixar de pensar nas histórias sobre os homens de preto, aquelas pessoas que encobriam tudo depois de eventos alienígenas para conservar o mundo em sua ignorância acerca da verdade.

— Consegue andar? — perguntou ele, me olhando de cima a baixo.

— Não sei mais dizer — respondi.

Descobri que conseguia, só que não muito bem. Com a sua ajuda, acabei chegando a uma casa geminada numa zona residencial da cidade. Minha visão estava turva, e àquela altura eu mal conseguia continuar de pé. Havia outras pessoas por lá, mas não cheguei a identificar alguém. Tudo o que importava era a cama para a qual eu fui conduzida. Nessa hora, reuni forças suficientes para me libertar do braço que me amparava e enfiar a cara bem no meio da cama. Adormeci instantaneamente.

Despertei com a luz do sol preenchendo meu quarto e vozes conversando num tom sussurrado. Considerando tudo pelo qual eu passara, não teria me surpreendido em encontrar Dimitri, Tatiana ou mesmo a dra. Olendzki da Escola ali. Em vez deles, era o rosto barbudo de Abe que me olhava de cima, com a luminosidade fazendo todas as suas joias brilharem.

Por um instante, sua expressão saiu de foco, e tudo o que eu via era uma água escura, escura — uma água que ameaçava me arrastar consigo para longe. As derradeiras palavras de Dimitri ecoaram em minha cabeça: *Isso é o que eu devia ter dito...* Ele entendera o meu desejo de ouvir que me amava. O que teria acontecido nos supostos instantes seguintes? Será que ele teria pronunciado essas palavras? Será que as teria dito de coração? E que importância teria isso?

Com a mesma determinação que consegui reunir antes, dispersei os redemoinhos em minha mente,

ordenando a mim mesma para afastar a noite passada pelo máximo de tempo possível. Eu afundaria se pensasse naquilo. Agora eu precisava nadar. A expressão de Abe recuperou a nitidez.

— Saudações, Zmey — cumprimentei, um tanto cansada. De alguma forma, sua presença ali não me surpreendia. Sydney devia ter precisado informar aos seus superiores a meu respeito, que por sua vez teriam contado a Abe. — Que adorável da sua parte se infiltrar aqui.

Ele balançou a cabeça, com um sorriso melancólico à mostra.

— Acho que você me superou nesse quesito de escapar por entre as frestas. Pensei que você estivesse a caminho de Montana.

— Da próxima vez, tente ser um pouco mais preciso nos seus tratos. Ou simplesmente me amarre mesmo e me devolva para os Estados Unidos.

— Ah — disse ele —, é exatamente o que pretendo fazer. — E continuou sorrindo, mas, por algum motivo, tive a impressão de que não estava brincando. E, de repente, eu já não temia mais esse destino. Voltar para casa começava a me parecer uma boa coisa.

Mark e Oksana se aproximaram e pararam ao seu lado. A presença deles era inesperada, porém bem-vinda. Também eles sorriram, com expressões melancólicas mas ainda assim aliviadas. Fiquei sentada na cama, admirada por sequer conseguir me mover.

— Você me curou — confirmei com Oksana. — Ainda dói, mas não sinto como se fosse morrer, o que para mim já é um avanço.

Ela assentiu.

— Fiz o bastante para me certificar de que você escapasse do perigo iminente. Imaginei que poderia continuar assim que você acordasse.

— Não, não — respondi, sacudindo a cabeça. — Vou me recuperar sozinha. — Sempre odiava quando Lissa me curava. Não queria que ela desperdiçasse suas forças comigo. E também não queria atrair os efeitos colaterais do espírito.

“Lissa...”

Empurrei as cobertas para longe de mim.

— Ai, meu Deus! Preciso ir para casa. Agora mesmo.

No mesmo instante, três pares de braços bloquearam a minha passagem.

— Calma — disse Mark. — Você não vai a lugar algum. Oksana não a curou completamente. Ainda falta muito para a sua recuperação plena.

— E você ainda não nos disse o que aconteceu — acrescentou Abe, com os olhos astutos de sempre. Ele era daqueles que precisavam saber cada detalhe, e os mistérios que me envolviam deviam enlouquecê-lo.

— Não dá tempo! Lissa está em apuros. Eu preciso voltar para a escola. — Estava tudo retornando. Seu comportamento errático e suas ideias malucas, orientadas por algum tipo de compulsão, ou supercompulsão, imagino, uma vez que Avery conseguira até me expulsar da mente de Lissa.

— Ah, agora você quer voltar para Montana? — surpreendeu-se Abe. — Rose, mesmo que houvesse um avião esperando por você bem aqui, essa seria uma viagem de 24 horas, no mínimo. E você não está em condições de ir a lugar algum.

Balancei a cabeça, ainda tentando me pôr de pé. Depois do que havia enfrentado na noite passada, esse grupo não representava uma grande ameaça — bom, com exceção de Mark, talvez —, mas eu não ia conseguir socar muita coisa. E, não, eu ainda não sabia ao certo do que Abe era capaz.

— Vocês não entendem! Alguém está tentando matar Lissa, ou machucá-la, ou...

Bom, eu não entendia de verdade as *intenções* de Avery. Tudo o que eu sabia era que ela de alguma forma

vinha impelindo Lissa a fazer todo o tipo de asneiras. Ela tinha que ser incrivelmente forte em espírito, não só para conseguir esses feitos, mas também para ocultar tudo de Lissa e Adrian. Havia até criado uma aura falsa para esconder a primeira, que seria dourada. Eu não tinha ideia de como aquela magnitude de poder era concebível, ainda mais considerando que a personalidade festiva de Avery mal podia ser chamada de insana. Qualquer que fosse o seu plano, Lissa estava em perigo. Eu precisava fazer algo a respeito.

Ignorando Abe, encarei Mark e Oksana com um olhar de súplica.

— É a minha parceira de laço — esclareci. — Ela está em risco. Alguém está tentando feri-la. Preciso chegar até ela, vocês entendem por quê.

E vi em seus rostos que eles *de fato* entendiam. Também sabia que, no meu lugar, eles tentariam fazer exatamente o mesmo um pelo outro.

— Rose... nós vamos ajudar você, mas não podemos fazer isso *agora* — disse Mark, suspirando.

— Vamos contatar a escola — propôs Abe de forma razoável. — Eles cuidarão disso.

Claro. E como é que nós faríamos isso? Ligaríamos para o diretor Lazar e diríamos, na cara de pau, que sua filha baladeira vinha tentando corromper e controlar as pessoas por meio de seus poderes psíquicos e que ela precisava ser detida para o bem de Lissa e de todos os outros?

Minha ausência de respostas pareceu lhes fazer pensar que haviam me convencido, principalmente Abe.

— Com a ajuda de Oksana, você deve estar em condições de partir amanhã mesmo — acrescentou ele.

— Posso agendar um voo para a manhã do dia seguinte.

— Ela ficará bem até lá? — me perguntou Oksana.

— Eu... Eu não sei... — O que Avery poderia fazer num período de dois dias? Isolar e envergonhar Lissa ainda mais? Seria terrível, mas não definitivo ou fatal. Sem dúvida, sem dúvida... ela ficaria bem até lá, não é? — Vou conferir...

Vi os olhos de Mark se abrindo de leve ao perceber o que eu estava prestes a fazer. Então não vi mais nada naquele quarto, porque não me encontrava mais lá. Eu estava na mente de Lissa. Um novo conjunto de objetos se instalou ao meu redor, e por meio segundo pensei estar mais uma vez naquela ponte, fitando as águas escuras e uma morte fria.

Até que ganhei noção do que estava à minha frente — ou melhor, à frente de Lissa. Ela estava de pé no parapeito da janela de algum prédio no campus. Era noite. Eu não sabia identificar o prédio assim de cara, mas não importava. Lissa se achava no alto do que parecia ser o sexto andar, parada ali de salto alto, rindo de algo enquanto o solo escuro intimidava logo abaixo. Atrás dela, pude ouvir a voz de Avery.

— Lissa, tome cuidado! Você não devia estar aí em cima.

Entretanto, aquilo trazia o mesmo conteúdo ambíguo que permeava tudo o que Avery fazia. Mesmo quando proferiu essas palavras de alerta, pude sentir o impulso inconsequente dentro de Lissa, algo lhe dizendo que não tinha problema estar ali e para não se preocupar tanto. Era a compulsão de Avery. Então senti o roçar em minha mente, bem como aquela voz irritada.

Você de novo?

Fui empurrada para fora, de volta ao quarto em Novosibirsk. Abe estava tendo um ataque, aparentemente pensando que eu havia entrado em algum tipo de estado catatônico, e Mark e Oksana procuravam lhe explicar o que acontecera. Pisquei e cocei a cabeça enquanto me recompunha, e Mark soltou um suspiro de alívio.

— É muito mais estranho observar alguém fazendo isso do que fazê-lo eu mesmo.

— Ela está em apuros — confirmei, tentando me levantar mais uma vez. — Está em apuros... e não sei o que fazer...

Eles tinham razão em afirmar que não havia jeito de eu chegar até Lissa tão depressa. E, mesmo que eu seguisse a sugestão de Abe e ligasse para a escola... eu não sabia ao certo onde Lissa se encontrava ou mesmo se alguém acreditaria em mim. Pensei em entrar de novo e tentar pescar em sua memória aquela localização, mas Avery provavelmente voltaria a me expulsar. Do que eu percebi naquele curto período, Lissa não estava com seu celular — nenhuma surpresa. Havia regras estritas quanto a portá-los nas salas de aula, por isso ela costumava deixá-lo no quarto de seu dormitório.

Mas eu sabia de alguém que estaria com o seu celular. E que iria acreditar em mim.

— Alguém tem um telefone? — perguntei.

Abe me ofereceu o dele, e disquei o número de Adrian, surpresa por tê-lo decorado. Adrian estava furioso comigo, mas se importava com Lissa. Ele a ajudaria apesar do ressentimento por mim. *E ainda* acreditaria em mim quando eu tentasse explicar a confusa trama de induções pelo espírito.

No entanto, quando a outra ponta da ligação atendeu, foi o correio de voz quem respondeu, e não o próprio Adrian. “Sei o quanto você deve sentir minha falta”, disse sua voz num tom animado, “mas deixe um recado, e vou tentar aliviar sua agonia assim que puder”.

Eu desliguei, me sentindo desorientada. De repente, olhei para Oksana enquanto uma de minhas ideias mais mirabolantes tomava corpo.

— Você... Você pode fazer aquilo... de entrar mesmo na mente das pessoas e acessar seus pensamentos, não pode? Como fez comigo?

— Sim, mas não é algo que eu goste de fazer. Não acho que seja certo — respondeu ela, com uma ligeira careta.

— Uma vez dentro deles, você pode usar a compulsão?

Ela reagiu com um desgosto ainda maior.

— Bom, sim, claro... na verdade, essas duas habilidades funcionam de forma bastante similar. No entanto, acessar a mente de alguém é uma coisa, e forçá-lo a um comportamento indesejado é outra bem diferente.

— Minha amiga está prestes a fazer algo perigoso — expliquei. — Isso poderia matá-la. Estão usando compulsão nela, mas não posso fazer nada para ajudar. O laço não me deixa acessá-la de forma ativa. Só consigo assistir. Se você pudesse acessar a mente de minha amiga e impeli-la para longe do perigo...

Oksana meneou a cabeça.

— Supondo que a ética não fosse um problema, eu não posso acessar alguém que não esteja aqui de verdade, muito menos alguém que nunca vi na vida.

Corri a mão pelos cabelos enquanto o pânico tomava conta de mim. Queria que Oksana soubesse caminhar pelos sonhos. Isso ao menos lhe daria a capacidade de superar longas distâncias. Todos esses poderes do espírito pareciam se distinguir uns dos outros, cada um com a sua nuance extra. Alguém que soubesse andar pelos sonhos poderia conseguir dar o próximo passo e visitar alguém acordado.

Uma ideia ainda mais louca me ocorreu. Esse não era um dia como os outros.

— Oksana... você consegue entrar na minha mente, não consegue?

— Sim — confirmou ela.

— Se nessa hora... Se nessa hora eu estivesse na cabeça da minha parceira de laço, será que você acessaria a minha mente e em seguida a dela? Será que eu podia funcionar como uma espécie de elo entre vocês duas?

— Nunca ouvi falar em algo assim — murmurou Mark.

— Isso porque nunca reunimos tantos usuários do espírito e pessoas beijadas pelas sombras antes — rebati.

Abe parecia completamente perdido, e com toda a razão.

O rosto de Oksana foi tomado pela dúvida.

— Eu não sei...

— Isso tanto pode funcionar quanto falhar — argumentei. — Se falhar, não causaremos mal algum.

Mas, se você conseguir acessar a mente dela através de mim... vai poder compeli-la. — Ela já ia responder, e eu a interrompi. — Eu sei, eu sei... você acha que é errado. Mas e quanto a essa outra usuária do espírito? É *ela* quem está errada. Tudo que você tem a fazer é impelir Lissa para longe do perigo. Ela está a ponto de pular de uma janela! Detenha-a agora; e então irei encontrá-la daqui a um dia ou dois e consertar tudo.

E por “consertar tudo” eu me referia a estragar o rostinho bonito de Avery com um olho roxo.

Em minha vida nada comum, eu crescera um tanto acostumada a pessoas — especialmente adultos — rejeitando minhas ideias e afirmativas excêntricas. Já passara o diabo para convencer os outros de que Viktor havia sequestrado Lissa, e novamente para fazer os guardiões acreditarem que a escola estava sob um ataque. Assim, quando situações como essa aconteciam, uma parte de mim já esperava encontrar resistência. O fato, no entanto, era que, por mais estáveis que fossem, Oksana e Mark passaram a vida inteira lidando com o espírito. Insanidades faziam parte da rotina dos dois, e após um momento ela não discutiu mais.

— Está bem — disse ela. — Me dê as suas mãos.

— O que está acontecendo? — perguntou Abe, ainda inteiramente desorientado. Fiquei um tantinho satisfeita por vê-lo fora da sua zona de conforto, só para variar.

Mark murmurou algo para Oksana em russo e lhe beijou a bochecha. Estava lhe pedindo para ser cuidadosa, e não criticando-a por sua decisão. Eu sabia que ele teria feito o mesmo se a esposa estivesse no lugar de Lissa. O amor transmitido entre os dois era tão profundo e poderoso que quase desisti na última hora. Esse tipo de amor me lembrava Dimitri, e, se eu me permitisse pensar nele mesmo que por um instante a mais, iria reviver a noite anterior...

Segurei as mãos de Oksana, com um medo de dar um nó no estômago. Não gostava da ideia de alguém entrar na minha cabeça, ainda que fosse um sentimento hipócrita para alguém que vivia viajando para dentro da mente da melhor amiga. Oksana me mostrou um sorriso discreto, embora fosse óbvio que estava tão nervosa quanto eu.

— Me desculpe — disse ela. — Odeio fazer isso com as pessoas...

Então senti aquilo, o mesmo que ocorrera quando Avery me empurrava para fora. Era como a própria sensação física de alguém encostando em meu cérebro. Fiquei ofegante, ao fitar os olhos de Oksana, enquanto ondas de calor e frio corriam por mim. Ela estava em minha cabeça.

— Agora vá até a sua amiga — sugeriu.

Foi o que fiz. Concentrei meus pensamentos em Lissa e a encontrei ainda de pé sobre o parapeito da janela. Melhor ali do que lá embaixo, mas eu ainda queria que ela descesse e voltasse para o quarto antes que algo ruim acontecesse. Só que isso não cabia a mim. Eu era como um táxi, por assim dizer. Oksana é que precisava literalmente convencer Lissa a sair de cima do parapeito. Só que eu não tinha indicação alguma de que ela viera junto comigo. Ao pular para a mente de Lissa, eu perdera a sensação que Oksana me dava. Nada de cócegas em minha mente.

Oksana?, pensei. *Você está aí?*

Não houve resposta — ao menos não de Oksana. A réplica veio de uma fonte bastante inesperada.

Rose?

Era a voz de Lissa que falava em minha mente. Ela ficou imóvel sobre a janela e na mesma hora parou de

rir do que quer que estivesse conversando com Avery. Senti o terror e a confusão em minha amiga ao se perguntar se eu não seria fruto de sua imaginação. Ela espiou à sua volta, passando os olhos por Avery. Esta, por sua vez, percebeu que algo estava acontecendo e assumiu uma expressão mais dura. Notei a conhecida sensação de sua presença na mente de Lissa e não me surpreendi quando Avery tentou me empurrar para fora novamente.

Só que... não funcionou dessa vez.

Antes, quando Avery me expulsava, sempre senti como se estivesse sendo empurrada de verdade. Tive a impressão de que agora, quando ela tentou, foi como se desse de cara com uma parede de tijolos. Sair por aí me empurrando não seria mais tão fácil. De alguma maneira, Oksana estava comigo, me emprestando suas forças. Avery ainda se achava no campo de visão de Lissa, e vi seus adoráveis olhos azuis acinzentados se arregalarem ao perceber que não podia mais me controlar.

Ah, pensei, é agora, sua vaca!

Rose?, reapareceu a voz de Lissa. *Estou ficando maluca?*

Ainda não. Mas você precisa descer, agora mesmo. Acho que Avery está tentando matá-la.

Me matar? Pude sentir e ouvir a incredulidade em Lissa. *Ela nunca faria isso.*

Bom, não vamos discutir isso agora. Só saia da janela e pronto.

Percebi o impulso em Lissa; percebi que girava e começava a descer um dos pés. Então, foi como se uma parte muito importante dentro dela a interrompesse. Seu pé permanecia onde estava... e aos poucos ia se desequilibrando...

Era Avery em ação. Me perguntei se Oksana, oculta nos bastidores desse laço, poderia vencer aquela compulsão. Não, Oksana não tinha influência ali. De alguma forma, seus poderes espirituais haviam permitido que *eu* me comunicasse com Lissa, mas ela permanecia de fora. Eu tinha imaginado que faria o papel de ponte ali e que Oksana saltaria para a mente de Lissa e a impeliria. Porém o inverso havia ocorrido, e eu não dispunha de nenhum poder de compulsão. Tudo o que eu tinha era uma sagacidade lendária e dons persuasivos.

Lissa, você precisa lutar contra Avery, pedi. *Ela é uma usuária do espírito e está coagindo você. Você é uma das usuárias de compulsão mais fortes que eu conheço. Devia ser capaz de lutar contra ela.*

O medo me veio em resposta.

Não posso... Não consigo usar compulsão agora.

Por que não?

Porque estive bebendo.

Gemi mentalmente. É claro. Por isso Avery sempre se mostrara tão disposta a oferecer álcool a Lissa. Isso entorpecia o espírito, tal como demonstrado pelas frequentes extravagâncias de Adrian. Avery encorajara a bebida para que as habilidades espirituais de Lissa enfraquecessem e lhe baixassem a resistência. Houve uma série de vezes em que Lissa não fora capaz de precisar quanto Avery havia bebido; vendo em retrospecto, percebi que Avery devia ter fingido boa parte delas.

Então use sua força de vontade natural, disse a ela. *É possível resistir à compulsão.*

Era verdade. A compulsão não garantia o passe automático para uma dominação mundial. Algumas pessoas resistiam a ela melhor do que outras, embora um Strigoi ou um usuário do espírito sem dúvida complicasse as coisas.

Senti que Lissa tentava resgatar a sua determinação, senti que repetia minhas palavras de novo e de novo, que ela devia ser forte e descer do parapeito. Ela lutou para afastar o impulso implantado por Avery, e sem saber como me vi também ajudando em sua empreitada. Lissa e eu juntamos nossas forças e começamos a

empurrar Avery para fora.

No mundo físico, os olhares de Avery e Lissa estavam travados enquanto a batalha psíquica seguia seu curso. A expressão da primeira denotava grande concentração, subitamente ofuscada pela surpresa. Ela havia percebido que também eu lutava. Seus olhos se estreitaram, e, quando ela falou, foi como se tivesse se dirigido a mim, e não a Lissa.

— Ah — sibilou Avery —, você não vai querer brincar comigo.

Será que não?

Houve uma onda de calor e aquela sensação de que alguém entrara em minha mente. Só que não era Oksana. Era Avery, fazendo uma investigação minuciosa em meus pensamentos e memórias. Agora eu entendia o que Oksana queria dizer com aquela parte de ser invasivo e uma violação. Não era apenas assistir pelos olhos de outra pessoa; era espiar os seus pensamentos mais íntimos.

E então, o mundo à minha volta se dissolveu. Me vi dentro de um quarto que eu não conhecia. Por um instante, pensei ter voltado à propriedade de Galina. Sem dúvida havia ali aquela impressão rica e luxuosa. Mas não. Após um rápido exame, notei que os dois quartos não tinham nada de semelhante. Os móveis eram diferentes. Até mesmo a atmosfera era distinta. O lar de Galina era lindo, permeado porém por um ar frio e impessoal. Já esse lugar era convidativo e claramente apreciado. Da quina de um sofá de pelúcia pendia um cobertor jogado de qualquer jeito, como se alguém — ou quem sabe dois alguéns — tivessem se aconchegado debaixo dele. E embora o quarto não estivesse exatamente um caos, havia objetos espalhados — livros, fotos em molduras — indicando que se tratava de um lugar realmente utilizado, que não existia apenas por ostentação.

Caminhei até uma pequena estante de livros e apanhei uma das molduras. Quase a deixei cair quando percebi o que era. Era uma foto minha e de Dimitri — da qual eu não tinha nenhuma recordação. Estávamos de braços dados, juntando os rostos para termos certeza de que sairíamos ambos na foto. Eu sorria com todos os dentes, e ele também exibia um sorriso alegre, um que eu nunca devia ter visto nele. Era algo que aliviava aquela ferocidade protetora que costumava lhe tomar as feições; algo que o fez parecer mais sexy do que eu já havia imaginado. Uma mecha daquele suave cabelo castanho lhe havia escapado do rabo de cavalo e lhe descia até a bochecha. Atrás de nós jazia uma cidade que eu reconheci imediatamente: São Petersburgo. Franzi a testa. Não, sem dúvida alguma essa era uma foto impossível de existir.

Ainda a estava estudando quando ouvi alguém entrar no quarto. Quando vi quem era, meu coração parou. Devolvi a moldura à prateleira com as mãos trêmulas e recuei alguns passos.

Era Dimitri.

Ele usava jeans e uma camiseta vermelha comum que se ajustava aos contornos de seus músculos à perfeição. Seus cabelos estavam soltos e meio úmidos, como se ele tivesse acabado de sair do chuveiro. Ele segurava duas canecas e riu ao me avistar.

— Não está vestida ainda? — perguntou, balançando a cabeça. — Eles devem chegar a qualquer instante.

Olhei para mim mesma e vi que trajava a calça de um pijama de flanela xadrez e uma regata. Ele me passou a caneca, e eu estava perplexa demais para fazer outra coisa senão apanhá-la. Espiei o seu conteúdo — chocolate quente — e então voltei minha atenção para ele. Não havia vermelho em seus olhos, nenhum mal estampado no rosto. Apenas aquele calor e aquela afeição deslumbrantes. Era o meu Dimitri, o que havia me amado e me protegido. O que possuía o coração e a alma puros.

— Quem... Quem está vindo? — perguntei.

— Lissa e Christian. Vão aparecer para tomar o *brunch*. — E me lançou um olhar curioso. — Você está

bem?

Observei o meu entorno, ainda tentando conceber aquele quarto aconchegante. Por uma janela, vi um quintal nos fundos repleto de árvores e flores. A luz do sol se derramava sobre o carpete. Eu me virei para Dimitri e sacudi a cabeça.

— O que é isto? Onde nós estamos?

Sua expressão confusa agora se transformava em preocupação. Dando um passo à frente, ele tirou a caneca das minhas mãos e depositou as duas sobre a prateleira. Suas mãos descansaram em meus quadris, o que me fez estremecer sem no entanto me desvencilhar — como poderia, quando ele se parecia tanto com o meu Dimitri?

— Esta é a nossa casa — respondeu, puxando-me mais para perto. — Na Pensilvânia.

— Pensilvânia... Estamos na Corte Real?

— A alguns quilômetros de distância — disse ele, encolhendo os ombros.

Eu lentamente sacudi a cabeça.

— Não... isso não é possível. Nós não podemos dividir uma casa. E muito menos assim, tão próximos dos outros. Nunca nos deixariam fazer isso. — Se em algum mundo fantasioso Dimitri e eu vivêssemos juntos, iríamos ter que fazê-lo em segredo, em algum lugar remoto, como a Sibéria.

— Você insistiu — rebateu ele com um sorrisinho. — E ninguém se importou. Eles aceitaram. Além do mais, você afirmou que *precisávamos* viver perto de Lissa.

Minha mente trabalhava com furor. O que estava acontecendo? Como isso era possível? Como poderia eu estar vivendo com Dimitri — ainda mais tão perto dos Moroi? Isso não estava certo... e, todavia, pareceu certo. Olhando em volta, eu percebia como aquela era a minha casa. Eu sentia o amor dentro dela, a conexão que Dimitri e eu estabelecêramos com ela. Mas... como é que eu podia estar realmente com Dimitri? Não era para eu estar fazendo outra coisa? Não era para eu estar em outro *lugar*?

— Você é um Strigoi — disse eu, por fim. — Não... você está morto. Eu o matei.

Ele passou um dedo pela minha bochecha, ainda me dando aquele sorriso melancólico.

— Eu pareço estar morto? Pareço um Strigoi?

Não. Ele parecia maravilhoso e sexy e forte. Era tudo de que eu me lembrava, tudo o que eu amava.

— Mas você estava... — E emudeci, ainda confusa. Isso não estava certo. Havia algo que eu precisava fazer, mas que continuava esquecido. — O que aconteceu?

Sua mão retornou ao meu quadril, e ele me puxou em um abraço apertado.

— Você me salvou — murmurou em meu ouvido. — O seu amor me salvou, Roza. Você me trouxe de volta para que pudéssemos ficar juntos.

Eu trouxe? Também não tinha lembranças disso. Mas aquilo tudo parecia tão real, e tão maravilhoso... Eu sentia falta dos seus braços ao meu redor. Ele me segurara assim quando era Strigoi, porém nunca fora como agora. Quando ele se inclinou e me beijou, tive a certeza de que não era um Strigoi. Não sabia como podia ter me iludido tanto na propriedade de Galina. Esse beijo era repleto de vida. Ele ardeu em minha alma, e, quando meus lábios se comprimiram com mais avidez aos dele, senti aquela conexão, a mesma que me dizia que não haveria ninguém no mundo exceto ele.

Só que eu não conseguia ignorar a sensação de que não devia estar ali. Mas onde, então? Lissa... tinha algo a ver com Lissa...

Interrompi o beijo sem me soltar dele. Descansei a cabeça em seu peito.

— Eu salvei você de verdade?

— O seu amor foi forte demais. O *nosso* amor foi forte demais. Nem os mortos-vivos conseguiram nos

separar.

Eu quis acreditar nisso. Desesperadamente. Mas aquela voz continuava me importunando... Lissa. O que tinha Lissa? Então tudo se encaixou. Lissa e Avery. Eu precisava tirar Lissa das garras de Avery. Me afastei de Dimitri, e ele me observou espantado.

— O que está fazendo?

— Isto aqui não é real — respondi. — Isto aqui é um truque. Você ainda é um Strigoi. Nós não podemos ficar juntos, não aqui, não entre os Moroi.

— É claro que podemos. — Havia ressentimento nas profundezas de seus olhos castanhos, e isso partiu meu coração. — Você não deseja ficar comigo?

— Preciso voltar para Lissa...

— Esqueça-a — disse ele, se aproximando de mim novamente. — Esqueça tudo isso. Fique aqui comigo, e vamos ter tudo o que quisermos, Rose. Vamos estar juntos todos os dias, acordar juntos toda manhã.

— Não. — Recuei um pouco mais. Eu sabia que, se não o fizesse, ele me beijaria de novo, e aí realmente seria o meu fim. Lissa precisava de mim. Ela caía numa armadilha. A cada segundo que passava, os detalhes a respeito de Avery me voltavam à memória. Aquilo tudo era uma ilusão.

— Rose? — perguntou ele. E havia tanta dor em sua voz... — O que você está fazendo?

— Me desculpe — respondi, me sentindo à beira das lágrimas. Lissa. Eu precisava chegar até Lissa. — Isto aqui não é de verdade. Você se foi. Você e eu nunca poderemos ficar juntos, mas eu ainda posso ajudá-la.

— Você a ama mais do que a mim?

Lissa me indagara praticamente o mesmo quando eu partira para caçar Dimitri. Eu estava fadada a sempre ter que escolher entre eles.

— Eu amo vocês dois.

E com isso usei toda a minha força de vontade para me trazer de volta para Lissa, onde quer que ela estivesse, e me apartar daquela fantasia. Para dizer a verdade, eu podia ter passado o resto dos meus dias naquele mundo de faz de conta, junto com Dimitri naquela casa, acordando ao seu lado a cada manhã, tal como ele havia descrito. Mas aquilo não era real. Era fácil demais, e, se eu vinha aprendendo algo até então, era que a vida não era fácil.

O esforço foi excruciante, mas, de repente, me vi diante da sala da São Vladimir. Meu foco se dirigiu a Avery, que observava Lissa e eu de baixo do parapeito. Ela utilizara a lembrança que mais me atormentava, numa tentativa de me confundir e de me afastar de Lissa por meio de uma fantasia daquilo que eu mais desejava no mundo. Eu lutara contra a armadilha mental de Avery e me sentia bastante satisfeita comigo mesma — a despeito da dor no meu peito. Quis poder lhe comunicar diretamente o que eu pensava dela e de sua brincadeira. Era algo fora de questão, então, em vez disso, voltei a depositar minha determinação em Lissa, e juntas descemos do parapeito em direção ao chão da sala.

Avery suave de forma visível e, quando percebeu sua derrota naquela disputa psíquica, seu rostinho bonito perdeu um bocado da graça.

— Ótimo — disse ela. — Existem jeitos mais simples de matar você.

Reed subitamente apareceu na sala, demonstrando a hostilidade de sempre. Eu não fazia ideia de onde ele surgira ou de como soubera que precisava estar ali naquele exato instante, mas ele vinha bem na direção de Lissa, com as mãos estendidas à sua frente. Aquela janela aberta ainda se assomava às suas costas, e não era preciso ser um gênio para perceber as suas intenções. Avery tentara fazer Lissa pular por meio da

compulsão. Reed simplesmente queria empurrá-la.

Um diálogo mental se seguiu entre Lissa e eu num piscar de olhos.

Tudo bem, disse a ela. A situação é a seguinte. Vamos ter que fazer uma pequena troca de papéis.

Do que você está falando?

O medo a inundava, o que era compreensível, já que as mãos de Reed estavam a segundos de apanhá-la.

Bom, prossegui, eu acabei de fazer um esforço psíquico. O que significa que você terá que cuidar da luta. E vou lhe mostrar como.

Vinte e oito

Lissa não precisou dizer nada para expressar sua surpresa. Os sentimentos por trás do seu choque chegavam até mim revelando mais do que qualquer possível palavra. Eu, no entanto, tinha uma importante palavra para ela:

Abaixe!

Acho que foi a sua surpresa que fez com que ela reagisse tão depressa. Ela desceu ao chão. O gesto foi atrapalhado, mas desviou seu corpo da investida de Reed e a colocou (praticamente) fora do alcance da janela. Ele ainda assim colidiu com o ombro dela e com um dos lados de sua cabeça, mas foi apenas um encontrão e lhe causou pouca dor.

É claro que “pouca dor” significava coisas totalmente diversas para nós duas. Lissa já fora torturada algumas vezes, mas a maioria das batalhas era psicológica. Ela nunca esteve frente a frente num confronto físico. Ser lançada contra paredes fazia parte da minha rotina, mas, para ela, um soquinho na cabeça representava algo monumental.

Rasteje para longe, ordenei. Saia de perto dele e da janela. Se der, vá para a porta.

Lissa começou a se mover com suas mãos e pés, mas foi lenta demais. Reed a apanhou pelos cabelos. Eu me sentia quase como se estivéssemos brincando de telefone sem fio. Com a demora entre as minhas instruções e suas reações improvisadas, daria no mesmo se eu passasse a mensagem por cinco pessoas antes de chegar até ela. Desejei poder controlar seu corpo como se fosse uma marionete, mas de usuária do espírito eu não tinha nada.

Isso vai doer, mas faça o possível para girar e acertá-lo.

Ah, e doeu mesmo. Tentar girar o corpo implicou que a pressão de Reed em seus cabelos aumentasse de forma ainda mais dolorosa. Mas ela o fez razoavelmente bem e atacou Reed. Seus golpes não eram lá muito coordenados, porém o surpreenderam o bastante para soltar os cabelos dela e tentar rechaçá-la. Foi quando notei que ele tampouco era tão coordenado. Era mais forte que ela, verdade, mas sem dúvida não possuía nenhum treinamento de luta além de golpes mais elementares e intimidação. Não viera até ali para uma luta de verdade, apenas para empurrá-la da janela e acabar logo com aquilo.

Saia daí se puder; saia daí se puder.

Ela engatinhou pela sala, só que por azar a direção que escolhera não levava à porta. Em vez disso, ela recuou para o interior do recinto até bater de costas com uma cadeira de rodinhas.

Pegue-a. Use-a para bater nele.

Falar era fácil. Ele já estava bem ali, ainda tentando apanhá-la e derrubá-la. Lissa pôs as mãos na cadeira e tentou deslizá-la contra ele. Eu a teria erguido e usado como uma arma, mas não era assim tão fácil para ela. Com isso ela conseguiu ao menos ficar de pé e colocar a cadeira entre os dois. Eu a instruí para continuar batendo nele com isso, no intuito de fazê-lo recuar. O que funcionou um pouco, mas ela não detinha a força necessária para lhe causar um dano considerável.

Nesse meio-tempo, achei que Avery fosse se juntar à luta. Não teria sido muito trabalhoso ajudar o irmão a subjugar Lissa. Em vez disso, pelo canto do olho de Lissa, avistei Avery sentada perfeitamente imóvel, com os olhos absortos e um pouco vidrados. Tudo bem. Era algo esquisito, mas eu é que não reclamaria se ela não participasse do combate.

Do jeito que estávamos, Lissa e Reed se viam diante de um impasse, do qual eu precisava tirá-la. *Você está na defensiva*, comentei. *Precisa conduzir o ataque até ele.*

Finalmente recebi uma resposta direta. *O quê? Eu não consigo fazer algo assim! Nem imagino como!*

Vou lhe mostrar. Chute-o — de preferência entre as pernas. Isso derruba a maioria dos caras.

Sem recorrer às palavras, procurei lhe enviar os sentimentos, ensinando-lhe o jeito certo de tensionar os músculos e atacar. Estimulada, ela empurrou a cadeira para longe de modo a não haver mais nada entre ela e Reed. Isso o pegou desprevenido, dando a ela uma breve oportunidade. Sua perna entrou em ação. E errou o alvo principal, mas acertou o joelho dele. Foi quase tão bom quanto a alternativa. Ele recuou cambaleante enquanto sua perna falhava sob o próprio peso, conseguindo apenas apanhar a cadeira em busca de apoio. Ela deslizou sobre as rodinhas, o que não o ajudava muito.

Àquela altura do campeonato, Lissa não precisava de nenhum incentivo para disparar em direção à porta — exceto que ela fora bloqueada. Simon acabara de entrar. Por um instante, tanto Lissa quanto eu ficamos aliviadas. Um guardião! Os guardiões eram confiáveis. Os guardiões nos protegiam. O problema era que esse guardião trabalhava para Avery, e logo ficou claro que suas funções iam além de apenas mantê-la a salvo dos Strigoi. Ele avançou a passos largos e sem hesitar apanhou Lissa e a arrastou rudemente de volta à janela.

Minha liderança vacilou nesse momento. Eu tinha sido uma treinadora razoável, mostrando a ela como se safar de um adolescente rabugento. Mas de um guardião? E aquele mesmo adolescente rabugento já havia se recuperado e se juntado a Simon para terminar o serviço.

Use a compulsão nele!

Era a minha última e desesperada aposta. Esse era o forte de Lissa. Infelizmente, embora a bebedeira de antes tivesse metabolizado o suficiente para melhorar sua coordenação motora, ainda afetava o seu controle do espírito. Ela até podia acessar o poder — mas não em quantidades consideráveis. E seu controle também seria desajeitado. Apesar de tudo, havia força em sua determinação. Ela reuniu tanto espírito quanto pôde, canalizando-o para a compulsão. Nada aconteceu. Então, senti aquelas estranhas cócegas em minha cabeça. A princípio pensei que Avery tivesse voltado à ação, só que, em vez de alguém que chegasse até mim, era como se estivessem chegando *através* de mim.

O poder ressurgiu em Lissa, e entendi o que havia acontecido. Oksana continuava ali, em algum lugar dos bastidores, e mais uma vez nos emprestava sua força, direcionando-a por mim até alcançar Lissa. Simon congelou onde estava, e foi quase divertido. Ele se contraía de leve, oscilando para frente e para trás ao tentar se aproximar dela e terminar sua tarefa letal. Era como se estivesse preso em uma gelatina. Lissa hesitava em se mover, temendo com isso perder o controle. Havia ainda o fato de que Reed estava livre da compulsão, mas, por enquanto, ele parecia demasiado confuso quanto ao que acontecia com Simon para reagir.

— Vocês não podem simplesmente me matar! — explodiu Lissa. — Não acham que as pessoas vão perguntar quando encontrarem meu corpo empurrado de uma janela?

— Elas não vão perceber — respondeu Simon rígido. Mesmo as palavras exigiam esforço dele. — Não quando você for ressuscitada. E, caso você não possa, será apenas um trágico acidente que vitimou uma garota atormentada.

Devagar, bem devagar, ele começou a se libertar da compulsão. O poder dela, embora ainda presente, enfraquecia de leve — em alguma parte havia um vazamento, esvaindo-o pouco a pouco. Suspeitei de que pudesse ser a influência de Avery ou apenas a fadiga mental de Lissa. Talvez ambas as coisas. Um olhar de extrema satisfação cruzou as feições de Simon quando ele deu um passo à frente, e então...

Ele congelou de novo.

Uma fulgurante aura dourada se acendeu na periferia do olhar de Lissa. Ela moveu a cabeça apenas o necessário para vislumbrar Adrian na entrada da sala. A expressão em seu rosto era cômica, mas, chocado ou não, ele havia entendido o suficiente para se voltar contra Simon. Agora, era sua a compulsão que mantinha o guardião no lugar. Lissa correu dali, ainda tentando se manter a distância daquela maldita janela.

— Mantenha-o assim! — gritou ela.

Adrian fez uma careta.

— Eu... não posso. Que diabos?... É como se houvesse mais alguém ali...

— Avery — disse Lissa, permitindo-se um breve relance na direção da outra garota.

O rosto de Avery ficara ainda mais pálido, mesmo para uma Moroi. Sua respiração vinha com dificuldade, e a transpiração se acentuara. Ela estava combatendo a compulsão de Adrian. Alguns segundos depois, Simon se libertou uma vez mais. Avançou contra Lissa e Adrian, apesar da aparente lentidão de seus movimentos.

Filha da mãe, pensei.

E agora?, reclamou Lissa.

Reed. Fique com Reed. Tire-o da jogada.

Reed permanecera imóvel durante a luta contra Simon, assistindo com fascinação. E assim como aconteceu com o guardião, suas ações pareciam meio vagarosas. Ainda assim, ele já vinha na direção de Lissa de novo. Simon aparentemente havia decidido que Adrian era a ameaça principal e se dirigiu até ele. Era hora de ver se a ideia de dividir para conquistar funcionaria.

E quanto a Adrian?, perguntou Lissa.

Vamos precisar deixá-lo um pouco por sua própria conta. Vá até Reed. Quero que você o nocauteie.

O quê???

Mas Lissa avançou até ele assim mesmo, com uma determinação que me enchia de orgulho. A expressão no rosto dele se tornou hostil. No entanto, ele estava fora de si e com excesso de confiança — sem pensar com muita clareza e ainda se movendo de forma desequilibrada. Uma vez mais tentei ensinar Lissa sem recorrer às palavras. Não ia conseguir que ela fizesse de tudo, mas procurei fazê-la sentir como era socar alguém. Como trazer o braço para trás, fechar os dedos do jeito certo, concentrar as forças. Depois do que a vi fazer há pouco, o melhor que podia esperar era um arremedo decente de um soco, o bastante para mantê-lo longe dela e nos dar mais tempo.

E foi quando algo realmente lindo aconteceu.

Lissa o esmurrou no nariz. Digo, esmurrou *mesmo*. Nós duas ouvimos o impacto, ouvimos o nariz se quebrando. Sangue apareceu. Ele voou para trás, tanto ele quanto Lissa de olhos arregalados. Nunca, nunca eu teria imaginado que ela fosse capaz de algo assim. Não a doce, delicada e bela Lissa.

Quis gritar e dançar de alegria. Mas isso ainda não havia terminado.

Não pare! Bata nele de novo. Você precisa nocauteá-lo!

Já fiz isso!, gritou ela, horrorizada com o que acabara de acontecer. O seu punho doía de forma lancinante. Acho que deixei de mencionar essa parte durante o treinamento.

Não, você precisa incapacitá-lo, instruí. Acho que ele e Avery dividem um laço, e que ela está drenando suas forças em proveito próprio. Fazia sentido, agora, por que ele congelava quando Avery recorria ao poder para usar compulsão, ou por que ele sabia quando aparecer nas horas certas. Ela usara o laço para convocá-lo.

E então Lissa partiu para cima de Reed de novo. Acertou mais dois socos, um dos quais fez a cabeça dele bater contra a parede. Seus lábios se abriram, e suas feições se afrouxaram. Ele desabou no chão, os olhos fitando o vazio. Eu não sabia ao certo se ele se encontrava de todo inconsciente, mas, ao menos por enquanto, não era mais uma ameaça. A um canto, pude ouvir um pequeno grito vindo de Avery.

Lissa se voltou para Adrian e Simon. O primeiro havia desistido de quaisquer tentativas de compulsão, uma vez que o segundo se lançara num ataque direto. O rosto de Adrian indicava que ele mesmo havia recebido alguns golpes, e imaginei que, assim como Lissa, ele nunca participara desse tipo de combate físico. Sem nenhuma necessidade de instruções minhas, Lissa disparou adiante e utilizou sua compulsão. Simon se contraiu surpreso, sem interromper seu ataque, mas pego desprevenido. Lissa ainda estava fraca, porém as defesas ao redor de seu oponente se encontravam menos elevadas, tal como eu suspeitara.

— Me ajude! — gritou Lissa.

Com o momentâneo lapso da parte de Simon, Adrian buscou manejar seu espírito também. Lissa sentiu e viu a mudança em sua aura quando a magia fluiu por ele. Sentiu que ele oferecia a sua ajuda naquele ataque psíquico a Simon, e no instante seguinte percebi que Oksana se juntava ao motim. Eu queria bancar a comandante do exército e latir ordens, mas essa não era mais a minha batalha.

Os olhos de Simon se arregalaram, e ele caiu de joelhos. Lissa notou os outros dois usuários do espírito — ficando um tanto surpresa pela presença de Oksana — e teve a vaga impressão de que agiam de modos sutilmente distintos com relação a Simon. Lissa tentava compeli-lo a interromper seu ataque, a apenas ficar ali, sentado. O leve roçar com a magia de Adrian lhe revelou que ele buscava fazer o guardião dormir, enquanto Oksana tentava fazer com que Simon saísse correndo da sala.

As mensagens conflitantes e todo aquele poder eram demais. A última das defesas de Simon caiu quando aquela mixórdia de ordens o atingiu, criando uma poderosa onda espiritual. Ele desabou sobre o chão. Com toda aquela magia combinada, os usuários do espírito o deixaram inconsciente. Lissa e Adrian se voltaram para Avery, preparando-se para o que viria, mas não houve necessidade.

Assim que aquele espírito todo atingiu Simon, Avery tinha começado a gritar. E gritar e gritar. Ela agarrou os lados de sua cabeça, o som de sua voz horrível e irritante. Lissa e Adrian trocaram olhares, incertos em relação a como deviam lidar com esse novo desdobramento.

— Pelo amor de Deus — ofegou Adrian, exausto —, como fazemos para fechar essa matraca?

Lissa não sabia. Ela considerou se aproximar de Avery e tentar ajudá-la, apesar de tudo o que se passara. Mas, alguns segundos depois, Avery se calou. Não desmaiou como seus dois companheiros. Só ficou ali, sentada, o olhar fixo. Sua expressão não mais lembrava a estupefação de quando manejara o espírito. Era apenas... nula. Como se não houvesse nada dentro dela.

— O-o que aconteceu? — perguntou Lissa.

Eu detinha a resposta.

O espírito transbordou de Simon para ela. Isso fritou seu cérebro.

Lissa ficou assombrada.

Como pode ter passado de Simon para ela?

É que eles dividem um laço.

Você disse que era com Reed que ela tinha um laço!

E ela tem. Ela o divide com os dois.

Lissa estivera distraída demais lutando por sua vida, mas eu fora capaz de perceber as auras de todos através da sua visão. Avery — sem mais disfarçar — possuía uma aura dourada, assim como Adrian e Lissa. As de Simon e Reed eram quase idênticas, com cores comuns — envoltas em preto. Eles foram beijados pelas sombras, ambos resgatados da morte graças a Avery.

Lissa não fez mais perguntas e simplesmente caiu nos braços de Adrian. Nada havia de romântico ali, apenas uma necessidade desesperada de ambas as partes pela presença de um amigo.

— Por que você veio? — perguntou Lissa.

— Está brincando? Como não poderia? Vocês pareciam uma fogueira com todo aquele espírito em ação.

Eu o senti do outro lado do campus. — Ele observou o entorno. — Cara, eu tenho muitas perguntas.

— Você e eu — resmungou Lissa.

Preciso ir, avisei a Lissa. Me senti um pouco melancólica por ter que deixá-los.

Eu sinto a sua falta. Quando você volta?

Em breve.

Obrigada. Obrigada por estar aqui para mim.

Sempre. Suspeitei de estar sorrindo também em meu corpo de verdade. Ah, e Lissa? Diga a Adrian que estou orgulhosa.

A sala da Escola se esvaneceu. Mais uma vez eu me vi sentada numa cama, do outro lado do mundo. Abe me observava com preocupação. Mark também, mas tinha olhos apenas para Oksana, que jazia ao meu lado. Ela parecia um pouco como Avery, pálida e transpirando. Mark apanhou sua mão em desespero, tomado pelo medo.

— Você está bem?

Ela sorriu.

— Apenas cansada. Vou ficar bem.

Tive vontade de abraçá-la.

— Obrigada — sussurrei. — Muito obrigada.

— Fico feliz por ter ajudado — respondeu ela. — Mas espero não ter que repetir a dose. Foi... estranho.

Não sei ao certo que papel desempenhei ali.

— Eu também não. — Fora estranho mesmo. Às vezes parecera que Oksana estava mesmo conosco, lutando logo ao lado de Lissa e os outros. Outras vezes, me sentira como se Oksana e eu fôssemos uma só. Isso me deu um arrepio. Mentes demais interligadas.

— Da próxima vez, você terá que estar ao lado dela — disse Oksana. — No mundo real.

Olhei para as minhas mãos, confusa e sem saber o que pensar daquilo. O anel prateado lampejou em resposta. Eu o retirei e entreguei a ela.

— Esse anel me salvou. Ele pode curá-la mesmo sendo uma criação sua?

Ela o tomou em sua mão por um instante e então o devolveu.

— Não, mas, como eu disse antes, vou me recuperar. Eu faço isso em pouco tempo e por conta própria.

Era verdade. Eu já tinha visto Lissa se recuperar com espantosa rapidez antes. Era assim com quem sempre trazia o espírito dentro de si. Fitei o anel, e algo perturbador me veio à mente. Um pensamento que me afligira naquele carro com o casal de idosos, a caminho de Novosibirsk, enquanto perdia e recuperava a

consciência.

— Oksana... um Strigoi tocou este anel. E por alguns instantes, nesse intervalo, foi como se... bom, ele ainda era um Strigoi, sem dúvida. Mas, nesse intervalo, ele também quase parecera o mesmo de antes.

Oksana não respondeu de imediato. Ergueu sua vista na direção de Mark, e os dois sustentaram aquele olhar por um longo tempo. Ele mordeu um dos lábios e meneou a cabeça.

— Não — advertiu. — Isso é história da carochinha.

— O quê? — perguntei surpresa. Olhei de um para o outro. — Se sabem de alguma coisa a respeito disso, dos Strigoi, vocês precisam me contar!

Mark falou com rispidez em russo, uma advertência presente em sua voz. Oksana parecia igualmente determinada.

— Não cabe a nós ficar ocultando informações — retorquiu ela. E se voltou para mim, com o rosto sombrio. — Mark chegou a lhe falar do Moroí que conhecemos anos atrás... o outro usuário do espírito?

— Sim — respondi, assentindo com a cabeça.

— Ele costumava contar uma série de histórias, grande parte das quais eu não achava digna de crédito. Mas uma delas... bom, ele dizia que tinha trazido um Strigoi de volta à vida.

Abe, calado até então, reagiu com zombaria.

— De *fato*, uma história da carochinha.

— O quê? — Meu mundo inteiro entrou em parafuso. — Como?

— Não sei. Ele nunca foi muito a fundo nisso, e os detalhes mudavam com frequência. Sua mente estava se esvaindo, e creio que metade do que ele dizia era pura invenção — explicou ela.

— Ele é louco — complementou Mark. — Aquilo não foi real. Não se deixe levar pelas fantasias de um homem insano. Não fique obcecada com isso. Não deixe que se torne a sua próxima missão de justiceira. Você precisa voltar para a sua parceira de laço.

Eu engoli em seco, todas as emoções do mundo se convulsionando em meu estômago. Seria verdade? Será que um usuário do espírito havia trazido um Strigoi de volta à vida? Teoricamente... bom, se os usuários desse elemento podiam curar e ressuscitar os mortos, por que não os mortos-vivos? E Dimitri... Dimitri definitivamente parecera mudado com o anel em suas mãos. Teria o espírito surtido efeito nele e tocado alguma parcela de sua antiga existência? Na época, eu presumira que eram apenas as lembranças de sua família que o estavam afetando...

— Preciso falar com esse sujeito — murmurei.

Não que eu soubesse de um motivo para isso. Conto da carochinha ou não, era tarde demais. Eu já havia feito. Eu matara Dimitri. Nada o traria de volta agora, nenhum tipo de milagre por meio do espírito. As batidas do meu coração aceleraram, e eu mal conseguia respirar. No interior da minha mente, eu o vi caindo, caindo... para sempre caindo com a estaca no peito. Será que ele teria dito que me amava? Eu me perguntaria isso pelo resto da vida.

Fui inundada pela agonia e pelo pesar, embora, ao mesmo tempo, também existisse alívio ali dentro. Eu libertara Dimitri daquele estado maligno. Eu lhe proporcionara paz, enviando-o rumo à felicidade. Talvez, em algum lugar do céu, ele e Mason estivessem juntos, praticando táticas de guardiões. Eu fizera a coisa certa. Não havia lugar para arrependimento ali.

Alheia aos meus sentimentos, Oksana respondeu à minha última frase.

— Mark não estava brincando. Aquele homem é louco, isso se ainda estiver vivo. Da última vez que o vimos, ele mal conseguia acompanhar uma conversa ou mesmo utilizar sua magia. Ele mergulhou na clandestinidade. Ninguém conhece seu paradeiro, exceto, talvez, por seu irmão.

— Basta — avisou Mark.

Isso, no entanto, prendeu a atenção de Abe. Ele se inclinou para a frente, astuto como sempre.

— Quem é o outro homem?

— Robert Doru — respondeu Mark, após alguns instantes de hesitação.

Não era ninguém que eu conhecesse, e percebi o quão descabido tudo isso soava. Aquele sujeito era uma causa perdida e provavelmente havia imaginado a ideia toda de salvar um Strigoi durante um ataque de insanidade. Dimitri se fora. Tal parte da minha vida estava encerrada. Eu precisava voltar para junto de Lissa.

Até notar que Abe se mostrava muito inquieto.

— Você o conhece? — perguntei.

— Não. E *you*?

— Não. — E examinei a expressão de Abe. — Você está com a maior cara de quem sabe de alguma coisa, Zmey.

— Eu sei *a respeito* dele — esclareceu. — Ele é um membro ilegítimo da realeza. Seu pai teve um caso, e Robert foi o resultado. O pai chegou a incluí-lo no seio de sua família. Robert e seu meio-irmão cresceram bastante próximos, embora poucos conhecessem essa história. — É claro que Abe, por sua vez, a conhecia. — Doru é o sobrenome da mãe de Robert.

Não me surpreendia. Doru não era um sobrenome da realeza.

— E o sobrenome do pai?

— Dashkov. Trenton Dashkov.

— Já esse — disse a ele — é um nome familiar.

Eu conhecera Trenton Dashkov anos atrás, acompanhando Lissa e sua família na comemoração de algum feriado da realeza. Trenton era um velho encurvado, na época; gentil, mas prestes a bater as botas. Os Moroi com frequência viviam mais de cem anos, mas ele vinha insistindo em seus 120 — considerado idoso mesmo por aqueles padrões. Eu não havia percebido sinais ou burburinhos de que ele tivesse um filho bastardo, mas seu filho legítimo comparecera à festa. Tinha até dançado comigo, mostrando grande cortesia para com uma jovem e reles vampira.

— Trenton é o pai de Victor Dashkov — afirmei. — Quer dizer que Robert Doru é meio-irmão de Victor Dashkov.

Abe aquiesceu, ainda me observando cautelosamente. Conforme vim a perceber, ele sabia de tudo. Devia saber até do meu histórico com Victor.

— Victor Dashkov é alguém importante, não é? — perguntou Oksana franzindo a testa. Ali, em seu chalé na Sibéria, ela se alheara do tumulto político entre os Moroi, ignorando que o antigo aspirante ao trono fora parar na cadeia.

Eu comecei a rir — mas não por achar alguma graça na situação. Tudo aquilo era inacreditável, e a histeria fora o único jeito de liberar o amontoado de sentimentos de dentro de mim. Fúria. Resignação. Ironia.

— O que você viu de tão engraçado? — indagou Mark, assustado.

— Nada — respondi, sabendo que, se não parasse de rir, eu logo começaria a chorar. — Aí é que está. Não tem graça nenhuma.

Que incrível reviravolta para mim... A única pessoa viva que podia saber de algo sobre salvar um Strigoi era o meio-irmão de Victor Dashkov, o meu pior inimigo com vida. E a única pessoa que podia saber o paradeiro de Robert era o próprio Victor. Ele conhecia um bocado sobre o espírito, e agora eu fazia uma boa

ideia de como começou a aprender.

Não que tivesse qualquer importância. Nada disso importava mais. Que o próprio Victor fosse capaz de converter os Strigoi; a morte de Dimitri estava em minhas costas. Ele se fora, salvo da única maneira que eu conhecia. Eu precisara escolher entre ele e Lissa da última vez, e optara por ele. Dessa vez, não podia haver dúvidas. Optei por Lissa. Ela era real. Ela estava viva. Dimitri pertencia ao passado.

Tinha ficado um tempo fitando a parede distraidamente, mas agora ergui a vista e encarei Abe bem nos olhos.

— Tudo bem, velhote. Me embrulhe e me leve para casa.

Vinte e nove

O voo durou foi umas trinta horas, isso sim.

Sair do meio da Sibéria para o meio de Montana não foi simples. Eu decolei de Novosibirsk para Moscou, para Amsterdã, para Seattle e para Missoula. Quatro voos diferentes. Cinco aeroportos diferentes. Muita correria de um lado para o outro. Era exaustivo, e, no entanto, quando entreguei meu passaporte para voltar aos Estados Unidos, em Seattle, senti uma estranha onda de emoção em mim... alegria e alívio.

Antes de deixar a Rússia, eu imaginara que Abe talvez fosse voltar comigo e concluir sua missão pessoalmente, me entregando em mãos a quem quer que o tivesse contratado.

— Desta vez você vai voltar mesmo, não vai? — perguntou no aeroporto. — Para a escola? Ou vai escapulir em uma das suas escalas e desaparecer?

— Não. — Sorri. — Vou voltar para a São Vladimir.

— E vai permanecer por lá? — insistiu. Ele não parecia assim *tão* perigoso agora quanto em Baía, mas ainda vi um resquício de severidade em seus olhos.

Meu sorriso se desfez.

— Não sei o que vai acontecer. Eu não me encaixo mais ali.

— Rose...

Ergui uma das mãos para interrompê-lo, surpresa com a minha própria firmeza.

— Pode parando. Não me venha com esse papinho. Você afirmou ter sido contratado para me levar de volta para lá. Não cabe a você ficar me dizendo o que fazer depois disso. — Ou pelo menos eu esperava que não. Quem quer que me quisesse de volta devia estar ligado à Escola. Eu lá chegaria em breve. Venceram. Os serviços de Abe não seriam mais necessários.

Apesar de sua vitória, ele não parecia muito feliz em se desfazer de mim. Erguendo a vista para um dos painéis de voos, ele soltou um suspiro.

— Você precisa passar pela segurança, ou vai perder seu avião.

Eu assenti.

— Obrigada por... — Pelo quê, mesmo? Sua ajuda? — ...por tudo.

Eu já estava me virando para ir quando ele me tocou no ombro.

— Isso é tudo que você está usando?

A maior parte das minhas roupas ficou espalhada pela Rússia. Um dos outros alquimistas havia recuperado os meus sapatos, jeans e um suéter, mas, de qualquer forma, era desse jeito que eu voaria até os

Estados Unidos.

— Não preciso de nada além disso mesmo — respondi.

Abe arqueou uma das sobrancelhas. Dirigindo-se a um de seus guardiões, ele fez um breve gesto em minha direção. Na mesma hora, o guardião retirou seu casaco e o entregou. O sujeito era meio magricela, mas a peça ainda ficou grande em mim.

— Não, não preciso...

— Fique com isso — ordenou Abe.

Eu a apanhei, e então, me surpreendendo mais ainda, Abe começou a desenrolar o cachecol de seu pescoço. Era ainda um dos mais vistosos de sua coleção: caxemira, tecido com uma gama de cores vivas, mais adequadas ao Caribe do que a Montana. Também já ia começar a recusar, mas a expressão em seu rosto me silenciou. Pus o cachecol em volta do pescoço e lhe agradei, imaginando se algum dia o veria de novo. Não me dei ao trabalho de perguntar porque pressentia que, de todo o modo, ele não ia me dizer mesmo.

Quando finalmente aterrissei em Missoula trinta horas depois, tive plena certeza de que nem tão cedo desejaria entrar num avião de novo — algo daqui a, digamos, uns cinco anos. Talvez dez. Sem bagagem alguma, foi simples sair do aeroporto. Abe havia avisado quanto à minha chegada, mas eu não fazia ideia de quem mandariam para me buscar. Alberta, que comandava os guardiões na São Vladimir, parecia uma escolha provável. Ou talvez fosse minha mãe. Qualquer que fosse a época do ano, eu nunca sabia onde ela estaria, e de repente quis muito, muito revê-la. Ela também seria uma escolha lógica.

Assim, foi com alguma surpresa que vi que a pessoa esperando por mim na saída do aeroporto era Adrian.

Um largo sorriso se espalhou em meu rosto, e eu acelerei o passo. Joguei os braços ao redor dele, para o nosso mútuo desconcerto.

— Nunca na vida fiquei tão feliz em vê-lo.

Ele me apertou de leve e então se afastou, me observando com admiração.

— Os sonhos nunca fazem justiça à vida real, dampirinha. Você está incrível.

Eu precisara me recuperar depois da provação com os Strigoi, e Oksana dera prosseguimento às suas sessões de cura apesar dos meus protestos — incluindo os hematomas no pescoço, algo que ela nunca questionou. Eu não queria que ninguém mais soubesse daquela história.

— E você está... — Eu o estudei. Ele se vestia bem como sempre, com um casaco de lã três-quartos e um cachecol verde que combinava com os olhos. O cabelo castanho-escuro exibia aquele bagunçado que ele gostava de usar, mas o rosto... é, enfim. Tal como eu havia notado antes, Simon lhe dera uns belos socos. Um dos olhos estava inchado e cercado de edemas. No entanto, ao pensar nele e em tudo o que ele fizera... bom, nenhuma das imperfeições importava. — ...lindo.

— Mentirosa.

— Será que Lissa não podia ter curado esse olho roxo?

— É uma medalha de honra. Me deixa mais viril. Vamos? Tem uma carruagem à sua espera.

— Por que enviaram você? — perguntei, caminhando em direção ao estacionamento. — Você *está* sóbrio, não está?

Adrian não se dignificou a responder.

— Bom, oficialmente, a escola não possui responsabilidade alguma sobre você, depois da sua desistência e tudo o mais. Por isso não tinham lá muita obrigação de vir buscá-la. Nenhum dos seus outros amigos podia sair do campus... mas eu? Eu sou apenas um espírito livre, leve e solto. Então peguei um carro

emprestado, e aqui estou.

Suas palavras incitaram uma mixórdia de reações em mim. Me emocionava que ele tivesse se preocupado em vir até ali, mas me incomodava a parte sobre a escola não possuir responsabilidade alguma sobre mim. Durante toda aquela viagem, eu havia me debatido entre pensar na São Vladimir como a minha casa ou não... entretanto, de maneira bem técnica, ela de fato já não era mais. Eu seria apenas uma visitante ali.

Assim que nos acomodamos no interior do veículo, Adrian me deixou a par dos desdobramentos na escola. Após o grandioso confronto psíquico, não investiguei muito a mente de Lissa. Oksana havia fortalecido meu corpo, mas, mentalmente, eu continuava exausta e desolada. Muito embora tivesse cumprido aquilo a que me propusera, a imagem de Dimitri caindo e caindo ainda me assombrava.

— Você estava mesmo certa sobre Avery dividir um laço com Simon e Reed — disse Adrian. — Pelo que conseguimos descobrir até agora, parece que Simon morreu numa luta que Avery presenciou anos atrás. Todos acharam um milagre ele ter sobrevivido, sem de fato saberem a verdade.

— Ela escondeu os poderes igual a vocês — refleti. — Daí foi a vez de Reed morrer?

— Bom, essa é a parte estranha — respondeu, franzindo a testa. — Ninguém sabe dizer ao certo quando ele morreu. Quer dizer, o sujeito pertence à realeza. Foi cercado de mimos a vida toda, certo? Mas, com base no que conseguimos arrancar dele... o que não foi muito, já que estão todos bastante detonados agora... parece que Avery pode tê-lo matado de propósito para em seguida trazê-lo de volta.

— Assim como tentou com Lissa — comentei, relembrando as palavras de Simon durante a luta. — Avery queria matá-la, ressuscitá-la e então partilhar um laço com ela. Mas por que justo Lissa?

— Quer saber o meu palpite? Ela é uma usuária do espírito. Agora que esse elemento não é mais um segredo, era só uma questão de tempo até que Avery ouvisse a nosso respeito. Deve ter imaginado que, dividindo um laço com Lissa, o seu próprio poder cresceria. Do jeito que estava, ela vinha sugando um bocado de energia daqueles dois. — E sacudiu a cabeça. — Eu não brinquei quando disse que senti aquele poder do outro lado do campus. A quantidade que Avery tinha que manejar para usar a compulsão em tantas pessoas, mascarar sua aura e sabe lá o que mais... bom, era inacreditável.

Desviei o olhar para a estrada diante de nós, meditando sobre as consequências dos atos de Avery.

— E era por isso que Reed agia de um jeito tão estranho, por isso era tão mal-humorado e metido a valentão. Ele e Simon absorviam toda a escuridão produzida quando Avery usava o espírito. Assim como eu faço com Lissa.

— Bom, só que você não é nada parecida com esses caras. Não era tão óbvio no caso de Simon; ele sabia disfarçar melhor. Mas os dois estavam bem ali, no limite. Agora? Eles passaram dos limites. Todos os três.

Lembrei como Simon ficou olhando para o nada e Avery, gritando. Senti um calafrio.

— Quando você diz que passaram dos limites...

— Significa que ficaram completamente insanos. Aqueles três ficarão internados pelo resto de suas vidas.

— Por causa do que vocês... do que nós todos fizemos? — perguntei, horrorizada.

— Em parte — concordou ele. — Avery vinha lançando todo aquele poder em nós, e quando o devolvemos com um pouquinho mais... bom, acho que foi como uma sobrecarga em suas mentes. E, para ser sincero, considerando o estado em que Reed e Simon já se encontravam, o palco provavelmente estava armado para isso. O mesmo valeu para Avery.

— Mark tinha razão — murmurei.

— Quem?

— Um cara que eu conheci e que foi beijado pelas sombras. Ele estava falando sobre como Lissa e eu podíamos um dia curar as trevas uma da outra. Isso exige um delicado equilíbrio de poder entre o usuário

do espírito e aquele que recebe o beijo das sombras. Ainda não entendo muito bem, mas meu palpite é que o singelo triângulo de Avery não conseguiu aguentar esse tipo de lei de equilíbrio. Não creio que dividir um laço com mais de uma pessoa seja saudável.

— Hum. — Adrian não disse nada por um tempo, apenas ponderando sobre o assunto. Por fim, ele riu.

— Cara, eu não acredito que você encontrou um usuário de espírito e outro beijado pelas sombras. É como achar uma agulha num palheiro, mas esse tipo de coisa sempre acontece com você. Mal posso esperar para ouvir o que mais você andou fazendo.

Desviei o olhar e descansei meu rosto no vidro.

— Na verdade, não é muito interessante.

Os funcionários da Escola ignoravam minha participação naquele confronto com Avery. Então, ao chegarmos, ninguém quis me fazer qualquer pergunta. Ainda estavam arrumando a bagunça e interrogando bastante Adrian e Lissa. O espírito simplesmente era um fenômeno tão novo que ninguém sabia o que pensar a respeito do que ocorrera. Avery e seus parceiros de laço foram removidos para tratamento, e o pai dela já havia tirado uma licença temporária.

Adrian me inscreveu como sua convidada, o que me rendeu um passaporte para o campus. Como qualquer visitante, também recebi uma listagem de onde eu ficaria e do que eu podia ou não fazer. Algo que eu ignorei prontamente.

— Eu tenho que ir — disse a Adrian logo após.

Ele me deu um sorriso astuto.

— Imaginei que sim.

— Obrigada... por vir me buscar. Desculpe eu ter que deixar você...

Ele afastou minhas preocupações.

— Você não está me deixando. Está de volta; isso é o que conta. Fui paciente até aqui, posso esperar mais um pouquinho.

Continuei encarando-o por um instante, surpresa com o afeto que subitamente cresceu em mim. Mas mantive isso para mim mesma, lançando apenas um rápido sorriso para Adrian antes de atravessar o campus.

Recebi muitos olhares estranhos no caminho para o dormitório de Lissa. Foi bem no final das aulas, então o tráfego de estudantes ficou bem intenso, com gente entrando e saindo apressada para chegar a algum lugar. Ainda assim, conforme eu ia passando, o silêncio se instalava e as pessoas paravam de andar e falar. Me fez lembrar quando Lissa e eu voltáramos à escola depois da nossa fuga. Havíamos marchado pelo refeitório e ganhado um tratamento similar dos nossos colegas.

Talvez fosse apenas a minha imaginação, mas agora parecia pior. Os olhares, mais chocados. O silêncio, mais pesado. Da outra vez, devem ter acreditado que fugíamos como algum tipo de travessura. Dessa vez, ninguém sabia realmente por que eu saíra. Havia me lançado após o ataque à escola como uma heroína, só para dar o fora e desaparecer depois. Creio que algumas das colegas de dormitório de Lissa pensaram estar vendo um fantasma.

Ignorar fofocas e opiniões alheias era algo em que eu tinha bastante experiência, e passei depressa pelos espectadores sem olhar para trás, subindo os degraus de dois em dois. Ao descer pelo corredor que dava para o quarto de Lissa, me fechei para os seus sentimentos. Foi meio idiota, mas eu queria me surpreender. Só desejava abrir os olhos e vê-la em pessoa, sem saber o que ela iria sentir ou pensar. Bati na porta.

Adrian afirmara que me ver em sonhos não se comparava a me ver pessoalmente. O mesmo valia para

Lissa. Estar em sua mente não era nada comparado a estar perto dela no mundo real. A porta se abriu, e foi como se uma aparição se materializasse à minha frente, algum tipo de mensageiro celestial caído dos céus. Eu nunca ficara longe dela desse jeito, e, depois de tanto tempo, uma parte de mim se perguntava se aquilo não seria fruto da minha imaginação.

Sua mão foi em direção à boca, e ela me encarou de olhos arregalados. Acho que ela se sentia da mesma forma — e nem recebera notícia da minha visita. Só lhe disseram que eu chegaria “em breve”. Eu devia parecer um fantasma para ela também, sem dúvida.

E com esse reencontro... foi como se eu emergisse de uma caverna — a qual eu habitara por quase cinco semanas — para o fulgor da luz do dia. Quando transformaram Dimitri, senti como se eu tivesse perdido uma parte da alma. Ao deixar Lissa, uma outra parte se fora. Agora, ao vê-la... comecei a pensar que talvez pudesse me redimir. Talvez pudesse enfim seguir em frente. Ainda não me sentia plenamente restabelecida, mas a presença dela preencheu aquele vazio em mim. Eu parecia mais plena do que nunca.

Um mundo de questionamento e confusão se suspendeu no silêncio entre nós. Apesar de tudo que enfrentáramos com Avery, ainda havia uma porção de assuntos inacabados de quando eu saíra da escola. Pela primeira vez desde que pus os pés no terreno da São Vladimir, eu tive medo. Medo de que Lissa fosse me rejeitar ou gritar comigo pelo que eu fizera.

Em vez disso, ela me puxou para um grandioso abraço.

— Eu sabia — disse ela. Já tentava prender o choro. — Sabia que você voltaria.

— Claro que sim — murmurei sobre seu ombro. — Eu disse que voltaria.

Minha melhor amiga. Eu tinha a minha melhor amiga de volta. Com isso, eu poderia me recuperar do que acontecera na Sibéria. Poderia seguir com a minha vida.

— Me desculpe — disse ela. — Desculpe mesmo pelo que fiz.

Recuei em sinal de surpresa. Entrando no quarto, fechei a porta às nossas costas.

— Desculpar? Pelo que você tem que se desculpar? — Apesar da minha alegria em revê-la, eu viera ali esperando que ela ainda estivesse zangada comigo por ter partido. Aquela confusão com Avery não teria existido se eu estivesse por perto. Eu me culpava por isso.

Ela se sentou na cama, com os olhos marejados.

— Pelo que eu disse... quando você partiu. Eu não tinha o direito de dizer aquelas coisas. Não tinha o direito de controlar você. E me sinto péssima porque... — E esfregou os olhos, tentando se livrar das lágrimas. — Me sinto péssima porque lhe disse que não traria Dimitri de volta. Quer dizer, eu sei que não faria diferença, mas, ainda assim, eu devia ter me oferecido para...

— Não, não! — Me lancei até ela e apanhei suas mãos, ainda incrédula por estarmos juntas de novo. — Olhe para mim. Você não tem que se desculpar por nada. Eu também falei o que não devia. É o que acontece quando as pessoas ficam irritadas. Nenhuma de nós tem que se martirizar por causa disso. E quanto a trazê-lo de volta... — Suspirei. — Você agiu bem em recusar. Mesmo que o tivéssemos encontrado antes da transformação, não faria diferença. Não é seguro para você dividir um laço com mais de uma pessoa. Foi o que aconteceu de errado com Avery.

Bom, isso foi parte do que aconteceu com Avery. Manipulações e abusos de poder também tiveram um papel crucial ali.

O choro de Lissa cessou.

— Como você fez aquilo, Rose? Como estive lá no final, quando precisei de você? Como sabia?

— Eu estava com outra usuária do espírito. Nos conhecemos na Sibéria. Ela consegue acessar a mente das pessoas, qualquer uma, não só aquela com quem divide um laço, e se comunicar. Aliás, era o que Avery

fazia também. Oksana me acessou enquanto eu estava na sua cabeça. O resultado foi bem estranho. — Para dizer o mínimo.

— Mais uma habilidade que eu não possuo — comentou Lissa com pesar.

Eu sorri.

— Ei, ainda estou para encontrar um usuário do espírito que possa dar um soco igual ao seu. Aquilo foi pura poesia, Liss.

Ela suspirou, mas percebi o prazer que ela sentiu quando a chamei por seu antigo apelido.

— Espero nunca mais ter que fazer isso de novo. Não nasci para ser uma guerreira, Rose. É você quem ataca por aí fora. Eu sou a que ajuda com apoio moral e cura no fim da luta. — Ela ergueu as mãos e lhes deu uma olhada. — Ugh. Não. Definitivamente, não quero mais saber dessa história de bater ou socar.

— Pelo menos agora você sabe que consegue. Se algum dia desejar praticar...

— Não! — Ela riu. — Já tenho muito que praticar com Adrian, ainda mais agora que você me disse uma porção de coisas que os outros conseguem fazer com o espírito.

— Tudo bem. Talvez o melhor seja que tudo volte a ser como antes.

Seu rosto se cobriu de sombras.

— Deus, eu espero que sim. Rose... eu fiz tantas idiotices com Avery por perto... — Através do laço, percebi seu maior ressentimento: Christian. Seu peito doía por ele, e ela já chorara um bocado. Depois de ter Dimitri arrancado de mim, eu sabia como era perder aquele tipo de amor, e jurei a mim mesma que faria algo para ajudá-la. Mas esse não era o momento certo. Ela e eu precisávamos nos reconectar primeiro.

— Mas você não tinha como evitar — argumentei. — Ela era forte demais com a compulsão, ainda mais quando conseguiu que você bebesse, o que derrubou as suas defesas.

— É, mas nem todo mundo sabe disso ou vai compreender.

— Eles vão esquecer. É o que sempre acontece.

Eu entendia a angústia relativa à sua reputação, mas duvidei de algum possível dano permanente — além de Christian. Adrian e eu tínhamos analisado as manipulações de Avery e encaixado as peças assim que as confrontamos com o comentário de Simon sobre Lissa ter um trágico acidente. Avery desejara que Lissa parecesse instável para o caso de não ter forças suficientes para ressuscitá-la. Se Lissa tivesse mesmo morrido, ninguém investigaria muito. Depois de semanas de comportamento abusivo e alcoolizado, perder as estribeiras e cair acidentalmente de uma janela seria algo trágico, mas não de todo fora do campo de possibilidades.

— Essa coisa de espírito é um pé no saco — declarou ela. — Todo mundo quer se aproveitar de você, tanto não usuários como Victor quanto usuários como Avery. Juro, eu voltaria a tomar aqueles remédios se já não estivesse paranoica em me proteger de gente como ela. Por que será que Avery queria matar a mim e não a Adrian? Por que eu sempre sou o alvo?

Não consegui evitar um sorriso apesar da gravidade do assunto.

— É que ela queria você como marionete, e ele como namorado. Devia estar atrás de um cara que pudesse ajudá-la a alavancar sua posição social e não poderia se arriscar em matá-lo numa tentativa de criar laços. Ou quem sabe? Talvez acabasse tentando com ele, também. Eu não ficaria nem um pouco surpresa se ela se sentisse ameaçada por você e quisesse se certificar de que tinha a única outra usuária do espírito sob seu controle. Encare os fatos, Liss. Podemos passar horas tentando descobrir o que se passava na cabeça de Avery e não chegar a lugar algum.

— Verdade, verdade. — Ela deslizou da cama indo se sentar comigo no chão. — Mas sabe o que mais? Sinto como se pudéssemos passar várias horas conversando sobre qualquer coisa. Você só está aqui há dez

minutos, e é como... bom, é como se você jamais tivesse partido.

— É — concordei. Antes de Dimitri se tornar um Strigoi, estar com ele sempre me pareceu certo e natural. Estar com Lissa também parecia certo e natural, embora se tratasse de um outro tipo de certeza. Em meu pesar por Dimitri, quase me esquecera do que eu possuía com ela. Eles eram as minhas duas faces.

Daquele jeito surpreendente que Lissa tinha de adivinhar pensamentos, ela disse:

— O que eu falei antes era sério. Me desculpe pelo que eu disse, por agir como se eu tivesse algum direito de ditar a sua vida. Eu não tenho. Se você decidir ficar ou me proteger, deverá fazer isso por vontade própria, como uma gentileza. Vou me assegurar de que você viva e escolha sua própria vida.

— Não existe nenhuma “gentileza” nessa história. Eu sempre quis protegê-la. E ainda quero. — Suspirei. — Eu só... Eu só precisava cuidar de umas coisas. Precisava me reerguer, e me desculpe por não ter trabalhado isso com você muito bem. — Eram muitos pedidos de desculpas, mas percebi que, quando se trata de quem é importante para você, era assim mesmo. A gente se perdoa e segue em frente.

Lissa hesitou antes de fazer a próxima pergunta, mas eu já sabia o que viria.

— Então... o que aconteceu? Você... Você o encontrou...?

A princípio, não achei que eu quisesse falar sobre isso, mas então percebi que *precisava* fazê-lo. E a questão era que, no passado, Lissa e eu havíamos tido uns poucos e variados problemas. Um deles é que ela não me dera o devido valor. O outro é que eu não queria lhe contar a verdade — algo que mais tarde me fizera guardar rancor por ela. Se pretendíamos consertar nossa amizade e nos perdoar, precisávamos nos cuidar para não repetirmos o passado.

— Eu o encontrei, sim — respondi por fim.

E desandei em minha história, contando a ela tudo o que acontecera comigo: as viagens, os Belikov, os alquimistas, Oksana e Mark, os descompromissados e, claro, Dimitri. Tal como Lissa havia brincado antes, nós conversamos por horas. Abri meu coração para ela, e ela escutou tudo sem me julgar. O tempo inteiro, seu olhar foi de compaixão, e, quando cheguei ao fim, eu estava aos prantos, tanto amor e raiva e angústia reprimidos desde aquela noite na ponte explodindo dentro de mim. Eu não havia contado a ninguém em Novosibirsk sobre o meu real paradeiro durante o tempo passado com Dimitri. Não ousara dizer a ninguém que eu fora a prostituta de sangue de um Strigoi. Minhas respostas foram vagas, esperando que, se eu não falasse a respeito daquilo, então talvez não tivesse acontecido.

Agora, com Lissa, eu precisava aceitar a realidade de tudo e *sentir* verdadeiramente aquilo: eu havia matado o homem que eu amava.

Uma batida na porta nos fez saltar de surpresa, para longe de um mundo que era só meu e de Lissa. Espiei o relógio e me espantei ao notar que era quase o toque de recolher. Imaginei se não estaria prestes a ser expulsa do quarto. Porém, quando Lissa abriu a porta — depois de eu enxugar depressa os olhos —, a funcionária da recepção do dormitório trazia um recado um tanto diferente.

— Alberta deseja vê-la — me disse a mulher. — Ela imaginou que você pudesse estar aqui.

Lissa e eu trocamos olhares.

— Quando? Agora? — perguntei.

A mulher encolheu os ombros.

— Pelo tom que ela usou? É, eu diria que agora mesmo. Ou ainda antes. — Ela fechou a porta. Alberta era a capitã dos guardiões no campus, e, quando ela falava, as pessoas costumavam agir.

— O que será que ela quer? — indagou Lissa.

Fiquei de pé, odiando ter que sair.

— Uma série de coisas, imagino. Vou até lá para vê-la e então volto para o alojamento dos visitantes.

Não que eu vá dormir. Não faço nem ideia de que fuso horário é esse agora.

Lissa me deu um abraço de despedida, e foi difícil para nós duas nos separarmos.

— Boa sorte.

Estava prestes a girar a maçaneta da porta quando algo me ocorreu. Retirei o anel de prata do dedo e o entreguei a Lissa.

— É esse o anel que você... oh! — Ela o envolveu com a mão, numa expressão extasiada.

— Consegue sentir a magia nele?

— Sim... está fraca, mas ainda existe. — Ela levantou o anel contra a luz e o observou. Provavelmente não notaria a minha saída; tive a impressão de que ela o estudaria a noite inteira. — É tão estranho. Eu quase posso dizer de cara como foi que ela fez isso.

— Mark me contou que ainda levaríamos um tempo até conseguirmos realizar a cura como eles... mas, quem sabe, nesse meio-tempo, você não consiga fazer uns encantos?

Seus olhos verde-jade ainda repousavam sobre o anel.

— É... acho que eu poderia.

Sorri diante da sua animação e tentei sair mais uma vez; ela, porém, me apanhou pelo braço.

— Ei... Rose... sei que voltarei a vê-la amanhã, mas...

— Mas o quê?

— Eu só precisava dizer, depois de tudo o que aconteceu... bom, eu não quero que passemos por esse tipo de distanciamento de novo. Quer dizer, eu sei que não podemos ficar grudadas cada segundo, isso seria meio bizarro mesmo, mas o fato é que a gente divide um laço. Devíamos cuidar uma da outra e estar por perto para ajudar.

Aquelas palavras me enviaram uma onda de arrepio, como se estivéssemos unidas por forças maiores que nós mesmas.

— Nós vamos estar.

— Não, quis dizer que... você sempre faz algo por mim. Toda vez, eu estou em perigo, e você aparece correndo para me salvar. Já chega.

— Você não quer mais que eu a salve?

— Não foi o que eu quis dizer! Eu quero estar lá para você também, Rose. Se posso dar um soco, posso fazer qualquer coisa. Ainda que isso doa *muito*. — Ela bufou de frustração. — Céus, não estou dizendo coisa com coisa. Escute, o que estou pedindo é que, se você tiver que partir sozinha de novo, me leve junto. Não me deixe para trás.

— Liss...

— É sério. — Sua beleza radiante adquiriu determinação e propósito. — Contra qualquer obstáculo que você precise enfrentar, eu vou estar por perto. Não vá sozinha. Me prometa que, se algum dia resolver partir de novo, você vai me levar também. Vamos fazer isso juntas.

Estava a ponto de protestar, com um milhão de temores me vindo à mente. Como eu poderia arriscar sua vida? No entanto, ao olhar para ela, eu sabia que estava certa. Para o bem ou para o mal, nós dividíamos um laço do qual não havia escapatória. Lissa estava mesmo ligada àquela parcela de minha alma, e éramos mais fortes lutando juntas do que separadas.

— Está bem — concordei, apertando sua mão. — Eu prometo. Da próxima vez que eu fizer algo estúpido que possa resultar em minha morte, você pode me acompanhar.

Trinta

Alberta aguardava por mim no balcão de atendimento do prédio administrativo dos guardiões. Sua posição ali como capitã era algo digno de nota, considerando-se o baixo número de mulheres entre nós. Ela estava na casa dos cinquenta anos de idade e era uma das mulheres mais duronas que eu já conheci. Seu cabelo cor de areia dava mostras de algum grisalho, e anos de trabalho ao ar livre haviam bronzeado sua pele.

— Bem-vinda de volta, Rose — saudou, levantando-se quando me aproximei dela. Alberta não me abraçou, é lógico, e seus trejeitos eram profissionais, mas o fato de ter se referido a mim pelo nome era uma generosidade de sua parte. E acho que também avistei um ligeiro sinal de alívio e alegria em seus olhos. — Vamos para o meu escritório.

Nunca estive lá antes. Todos os assuntos disciplinares que tive com os guardiões costumavam ser encaminhados ao comitê. Como era de se esperar, a sala jazia impecável, tudo posicionado com uma eficiência militar. Nos sentamos em lugares opostos à sua mesa, e me preparei para um interrogatório.

— Rose — começou ela, se inclinando para a frente —, serei franca com você. Não vou lhe passar sermões ou exigir qualquer explicação. Sinceramente, uma vez que você não é mais minha aluna, não possuo mais o direito de lhe perguntar ou dizer qualquer coisa.

Foi como Adrian me dissera.

— Pode me repreender — avisei. — Eu sempre a respeitei e quero ouvir o que você tem a dizer.

A sombra de um sorriso perpassou sua face.

— Muito bem, é o seguinte. Você estragou tudo.

— Uau. Você não estava brincando quanto à franqueza.

— Os motivos são irrelevantes. Você não devia ter partido. Não devia ter deixado a escola. A sua educação e o seu treinamento são valiosos demais, não importa o quanto você acha que já sabe, e *você* é talentosa demais para arriscar seu futuro assim.

Eu quase ri.

— Posso dizer a verdade? Não tenho mais certeza de qual seja o meu futuro.

— E é por isso que você precisa se formar.

— Mas eu saí da escola.

— Então entre de novo! — rebateu ela, bufando.

— Eu... o quê? Como?

— Preenchendo uma papelada. O mundo inteiro funciona assim.

Para falar a verdade, eu não sabia o que faria ao voltar à São Vladimir. Minha preocupação mais imediata fora Lissa — estar ao seu lado e me certificar de sua segurança. Sabia que, oficialmente, não podia mais ser sua guardiã, mas imaginei que, uma vez juntas de novo, ninguém iria impedi-la de andar com sua amiga. Eu seria a sua guarda-costas particular, por assim dizer, meio como o que Abe possuía. E, no meio-tempo, perambularia pelo campus como Adrian.

Mas me matricular novamente?

— Eu... Eu faltei por um mês. Talvez mais. — Eu perdera a conta dos dias. Estávamos na primeira semana de maio, e eu partira perto do fim de março, no meu aniversário. O que eram, então? Cinco semanas? Quase seis?

— Você perdeu dois anos e conseguiu alcançar os outros. Tenho fé em você. E, mesmo que você encontre dificuldades, uma formatura com notas baixas ainda é melhor do que nada.

Tentei me imaginar retornando a esse mundo. Será que só fazia pouco mais de um mês mesmo? Aulas... intriguinhas do dia a dia... Como eu poderia simplesmente voltar para isso? Como poderia regressar àquela vida depois de ver como a família de Dimitri vivia, depois de estar com ele e perdê-lo — de novo?

Será que ele teria dito que me amava?

— Não sei o que responder — confessei. — Isso é um pouco demais para absorver.

— Bom, é melhor você decidir rápido. Quanto antes você voltar às aulas, melhor.

— Vão mesmo permitir isso? — Essa era a parte que eu achava meio difícil de acreditar.

— *Eu* vou permitir — assegurou Alberta. — Nem pense que vou deixar alguém como você escapar. E agora que Lazar se foi... bom, está tudo uma bagunça por aqui. Ninguém vai me criar empecilhos para preencher a papelada. — Seu sorriso disfarçado se debilitou um pouco. — E, se por acaso nos criarem qualquer empecilho... fui levada a crer que você possui um benfeitor capaz de mexer alguns pauzinhos para acalmar os ânimos.

— Um benfeitor — repeti, sem emoção na voz. — Um benfeitor que usa cachecóis chamativos e joias de ouro?

Ela encolheu os ombros.

— Ninguém que eu conheça. Não sei sequer o seu nome, apenas que ele ameaça cancelar uma doação considerável à escola caso não permitam o seu reingresso. *Se for* o que você quer.

É. Acordos e chantagens. Eu tinha bastante certeza de que conhecia o meu benfeitor.

— Me dê algum tempo para pensar sobre isso. Vou decidir logo, prometo.

Ela franziu a testa de forma pensativa e então me deu um breve aceno de cabeça.

— Tudo bem.

Nós duas nos levantamos, e ela me conduziu à entrada do prédio. Olhei de relance para ela.

— Ei, se eu me formar... você acha que existe alguma chance de eu voltar a disputar a vaga de guardiã de Lissa? Sei que já escolheram pessoas para ela e que eu meio que, hã, caí em desgraça.

Paramos à porta do prédio, e Alberta repousou uma das mãos na cintura.

— Não sei dizer. Sem dúvida podemos tentar. A situação ficou muito mais complicada.

— É, eu entendo — respondi com tristeza, recordando as medidas tirânicas de Tatiana.

— Mas, como já disse, nós faremos o que for possível. Quanto ao que eu falei sobre se formar com notas baixas... não será o seu caso. Bom, talvez em matemática e ciências, mas isso não está em minhas mãos. No entanto, você será a melhor dos aprendizes. Vou trabalhar pessoalmente ao seu lado.

— Está bem — assenti, considerando a importância daquela concessão por parte dela. — Obrigada.

Mal dera o meu primeiro passo do lado de fora quando ela chamou meu nome.

— Rose?

Segurei a porta e espiei para trás.

— Sim?

A expressão de Alberta era gentil... algo que eu nunca vira antes.

— Sinto muito — disse ela. — Sinto muito por tudo o que aconteceu. E por nenhum de nós ter conseguido fazer nada a respeito.

Vi em seus olhos, então, que ela sabia sobre Dimitri e eu. Não conseguia imaginar como. Talvez ela tivesse ouvido algo após a batalha; talvez tivesse adivinhado há mais tempo. De todo modo, não existia repreensão alguma em suas feições, apenas um pesar e uma empatia sinceros. Acenei para ela brevemente com a cabeça em sinal de reconhecimento e saí.

Esbarrei com Christian no dia seguinte; nosso diálogo, porém, foi curto. Estava indo se encontrar com alguns de seus pupilos, um tanto atrasado. Mas ele me abraçou e pareceu feliz de verdade por me ver de volta. Isso demonstrou o quanto havíamos mudado, considerando o antagonismo que existiu entre nós no começo.

— Já não era sem tempo — comentou. — Lissa e Adrian levam todo o crédito por se preocuparem com você, mas eles não são os únicos. E alguém precisa colocar Adrian em seu devido lugar, sabia? Não posso ficar fazendo isso o tempo *todo*.

— Obrigada. Me mata ter que dizer isso, mas também senti sua falta. Não achei na Rússia nenhum sarcasmo igual ao seu. — Minha animação perdeu o vigor. — E já que você mencionou Lissa...

— Não, não. — Ele ergueu uma das mãos em sinal de protesto, fechando o rosto. — Eu *sabia* que você ia tocar nesse assunto.

— Christian! Ela ama você. Você sabe que o que aconteceu não foi culpa dela...

— Sei, sim — interrompeu ele. — Não significa que não tenha me machucado. Rose, eu sei que faz parte da sua natureza se antecipar e dizer o que ninguém mais tem coragem, mas, por favor... desta vez não. Preciso de tempo para avaliar as coisas.

Tive que reprimir uma série de outros comentários. Lissa havia mencionado Christian em nossa conversa do dia anterior. O que ocorrera entre os dois era um de seus maiores pesares — provavelmente o principal motivo pelo qual agora odiava Avery. Lissa queria se aproximar dele e fazer as pazes, mas ele mantinha a distância. E, sim, ele estava certo. Eu não tinha nada que me meter ali — ainda. Mas eu de fato precisava que eles consertassem aquilo.

Assim, respeitei a sua vontade e meramente aquiesci.

— Está bem. Por enquanto.

Minhas últimas palavras abriram um pouco seu sorriso.

— Obrigado. Escute, eu preciso ir. Se algum dia quiser mostrar àquelas crianças como chutar alguns traseiros à moda antiga, pode dar as caras. Jill desmaiaria se a visse de novo.

Disse a ele que iria, sim, e o deixei seguir seu caminho, já que eu tinha outros lugares aonde ir. Contudo, minha conversa com ele estava longe de terminar.

Eu ia jantar com Lissa e Adrian, em uma das antessalas do alojamento dos visitantes. A conversa com Christian me atrasou um pouco, e disparei pelo saguão do edifício, mal notando o meu entorno.

— Sempre com pressa — disse uma voz. — É um milagre que alguém consiga fazê-la parar no lugar.

Interrompi o passo e me virei, de olhos arregalados.

— Mãe...

Ela se recostava numa das paredes de braços cruzados, com seus curtos cabelos castanho-avermelhados mais encaracolados e bagunçados do que nunca. Seu rosto, tão exposto ao tempo quanto o de Alberta, estava repleto de alívio e... amor. Não havia rancor ou censura. Nunca em minha vida fiquei tão feliz em vê-la. Num piscar de olhos fui parar em seus braços, descansando a cabeça em seu peito, ainda que ela fosse mais baixa que eu.

— Rose, Rose — disse ela entre os meus cabelos. — Nunca mais faça isso de novo. Por favor.

Me afastei um pouco e a encarei, surpresa por encontrar lágrimas descendo de seus olhos. Eu já vira minha mãe ficar comovida, após o ataque à escola, mas nunca, nunca chorar abertamente. E muito menos por minha causa. Isso me fez querer chorar também, e de forma inútil procurei secar seu rosto com o cachecol de Abe.

— Não, não, está tudo bem. Não chore — pedi, numa estranha inversão de papéis. — Me desculpe. Não vou fazer isso de novo. Senti muito a sua falta.

Era verdade. Eu amava Olena Belikova. Eu a achava gentil e maravilhosa e recordaria com prazer as vezes em que ela me consolou com relação a Dimitri e como sempre parava tudo o que estava fazendo para me alimentar. Numa outra vida, ela podia ter sido minha sogra. Nesta, eu sempre a veria como uma espécie de mãe adotiva.

Mas ela não era a minha mãe *de verdade*. Janine Hathaway, sim. E ali, com ela, eu fiquei feliz — tão, tão feliz — por ser sua filha. Ela não era perfeita; no entanto, eu vinha aprendendo que ninguém tampouco era. Ela, contudo, era boa e corajosa e feroz e piedosa — e acho que me entendia melhor do que eu imaginava às vezes. Se eu pudesse ser metade da mulher que ela era, minha vida já seria ótima.

— Fiquei tão preocupada — confessou ela, se recompondo. — Para onde você foi... Quer dizer, eu sei que estive na Rússia... mas por quê?

— Pensei que... — Engoli em seco e mais uma vez vi Dimitri com a minha estaca em seu peito. — Bom, havia algo que eu precisava fazer. Achei que tinha que fazer aquilo sozinha. — Eu já não tinha mais tanta certeza a respeito dessa última parte. É verdade que atingi meu objetivo por conta própria; porém, agora percebia quantas pessoas me amavam e estavam do meu lado. Quem sabe o quanto as coisas podiam ter sido diferentes se eu tivesse lhes pedido ajuda? Talvez tivessem sido mais fáceis.

— Eu tenho muitas perguntas — avisou ela.

Sua voz ficou mais severa, e eu sorri meio a contragosto. Aquela, sim, era a Janine Hathaway que eu conhecia. E eu a amava por isso. Seu olhar passou do meu rosto para o meu pescoço, e notei que ela se contraía. Por um instante de pânico, me perguntei se Oksana não teria deixado passar alguma das marcas de mordida. Pensar em minha mãe descobrindo a que eu me rebaixara na Sibéria fez meu coração parar.

Em vez disso, ela estendeu a mão e tocou as cores vibrantes do cachecol de caxemira, com uma expressão tanto de admiração quanto de choque.

— Esse... Esse é o cachecol de Ibrahim... É uma herança de família...

— Não, isso pertence a um bandido chamado Abe...

Me calei assim que o nome saiu de meus lábios. Abe. Ibrahim. Ouvir ambos em voz alta me fez perceber a semelhança entre eles. Abe... Abe era a abreviatura de Abraham em inglês. Abraham, Ibrahim. Havia apenas uma pequena variação de vogais. Abraham era um nome suficientemente comum nos Estados Unidos; no entanto, eu só ouvira “Ibrahim” uma única vez antes, proferido com desdém pela rainha Tatiana ao se referir a alguém com quem minha mãe já tinha se envolvido...

— Mãe — comecei incrédula —, você conhece Abe.

Ela continuava segurando o cachecol, os olhos cheios de emoção mais uma vez — de um tipo distinto da que ela cultivava por mim.

— Sim, Rose. Eu o conheço.

— Por favor, não me diga que... — Ai, cara. Por que eu não podia ser uma bastarda da realeza como Robert Doru? Ou até a filha do carteiro? — Por favor, não me diga que Abe é meu pai...

Ela não precisou fazer isso. Estava estampado em seu rosto, sua expressão sonhadora recordando outro tempo e lugar — outro tempo e lugar que sem dúvida haviam envolvido a minha fecundação. Ugh.

— Ai, meu Deus — surtei. — Sou a filha de Zmey. Zmey Júnior. Zmeyete, até.

Isso atraiu sua atenção. Ela voltou os olhos para mim.

— Que cargas-d'água você está dizendo?

— Nada — respondi. Eu estava chocada, tentando desesperadamente assimilar essa nova informação em minha visão de mundo. Resgatei uma imagem daquele rosto ardiloso e barbudo à minha mente, à procura de alguma semelhança familiar. Todos diziam que minha fisionomia era idêntica à de minha mãe quando era pequena... mas o tom de minha pele, os cabelos e olhos castanhos... sim, eram os mesmos de Abe. Eu sempre soubera que meu pai era turco. Aí jazia o mistério por trás do sotaque de Abe, que não era russo mas ainda assim estranho aos meus ouvidos. Ibrahim tinha que ser o correspondente turco de Abraham.

— Como? — perguntei. — Como é que você pôde se envolver com alguém assim?

Ela parecia ofendida.

— Ibrahim é um homem maravilhoso. Você não o conhece como eu.

— Obviamente. — Hesitei antes de continuar. — Mãe... você deve saber. O que Abe faz da vida?

— Ele é um homem de negócios. E conhece e faz favores para um bocado de gente, o que explica a influência que ele exerce.

— Mas que tipo de negócios? Ouvi dizer que eram ilegais. Não tem... Ai, meu Deus. Por favor, me diga que ele não vende prostitutas de sangue ou algo do gênero.

— O quê? — Ela ficou chocada. — Não. É claro que não.

— Mas ele faz coisas ilegais.

— Quem pode dizer? Ele nunca foi *apanhado* fazendo nada realmente ilegal.

— Juro que você quase soou como quem tenta fazer uma piada. — Nunca imaginei que ela fosse defender um criminoso, mas sabia melhor que muita gente que o amor pode nos levar a fazer as maiores loucuras.

— Se ele quiser lhe contar, ele irá. Fim da história, Rose. Além do mais, você também guarda a sua cota de segredos, sem dúvida. Os dois possuem muito em comum.

— Está brincando comigo? Ele é arrogante, sarcástico, gosta de intimidar os outros e... oh. — Está certo. Talvez ela tivesse razão.

Um breve meio sorriso passou por seus lábios.

— Nunca imaginei que vocês fossem se conhecer assim. Aliás, nunca imaginei que vocês fossem se conhecer e ponto final. Havíamos pensado que o melhor seria que ele não fizesse parte da sua vida.

Um novo pensamento me ocorreu.

— Foi você, não foi? Você o contratou para me encontrar.

— O quê? Eu liguei para ele quando você sumiu... mas sem sombra de dúvida não o contratei.

— Quem, então? — me perguntei. — Ele afirmou que estava trabalhando para alguém.

O sorriso contemplativo e apaixonado de antes se converteu numa careta.

— Rose, Ibrahim Mazur não trabalha para ninguém. Não é o tipo de pessoa que você pode contratar.

— Mas ele disse... espere aí. Por que ele estava me seguindo? Está me dizendo que ele mentiu para mim?

— Bom — admitiu ela —, não seria a primeira vez. Se ele a estava seguindo, não foi porque alguém o estivesse forçando ou pagando. Ele o fez porque *quis*. Ele desejava encontrá-la e se certificar de sua segurança. E tratou de avisar a todos os seus contatos para que a procurassem.

Repassei o meu breve histórico com Abe. Sombrio, desdenhoso, irritante. Mas ele havia dirigido no meio da noite para me buscar quando fui atacada, insistido em seu propósito de me trazer de volta para a escola em segurança e, aparentemente, me presenteado com uma herança por ter achado que eu sentiria frio em minha viagem para casa. “Ele é um homem maravilhoso”, dissera minha mãe.

Imaginei que existissem pais piores por aí.

— Rose, aí está você. Por que está demorando tanto? — Minha mãe e eu nos viramos quando Lissa apareceu no saguão, com uma expressão animada por me ver. — Venham, vocês duas. A comida vai esfriar. E não vão acreditar no que Adrian conseguiu para nós.

Minha mãe e eu trocamos breves olhares, sem precisar de qualquer comentário. Tínhamos uma longa conversa pela frente, mas isso precisaria esperar.

Eu não fazia ideia de como Adrian conseguira isso, mas, quando chegamos à antessala, havia comida chinesa à mesa. A Escola quase nunca a servia, e, mesmo então, ela sempre tinha o gosto de... outra coisa. Agora, porém, os pratos eram dos bons. Tigelas e mais tigelas de frango ao molho agri-doce e ovos *fu yung*. Numa lata de lixo a um canto, avistei algumas caixinhas descartáveis de restaurante com um endereço de Missoula impresso na lateral.

— Como diabos você trouxe isso para cá? — exige saber. E não era só isso: a comida ainda estava quente.

— Não questione esse tipo de coisa, Rose — respondeu Adrian, enchendo o prato de arroz frito com carne de porco. Parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Simplesmente siga a corrente. Assim que Alberta ajeitar a papelada para você, vamos comer assim todos os dias.

Eu parei no meio de uma mordida.

— Como você sabe dessa história?

Ele se limitou a piscar para mim.

— Quando não se tem mais o que fazer senão vagar pelo campus o tempo todo, você meio que pesca as coisas no ar.

Lissa olhava de mim para ele. Passara o dia inteiro estudando, por isso ainda não tivéramos muito tempo para conversar.

— O que está havendo?

— Alberta quer que eu me matricule de novo e me forme — expliquei.

Lissa quase deixou o prato cair.

— Então faça isso!

Minha mãe parecia igualmente abalada.

— Ela vai permitir isso?

— Foi o que ela me falou — respondi.

— Então faça isso! — exclamou minha mãe.

— Sabe — ponderou Adrian —, eu meio que gostava da ideia de nós dois caindo juntos na estrada.

— Tanto faz — rebati. — Você provavelmente não me deixaria dirigir mesmo.

— Pode parando. — Minha mãe reassumiu com firmeza a sua postura tradicional, nenhum pesar pela partida da filha ou melancolia após um amor perdido. — Você precisa levar isto a sério. O seu futuro está em jogo. — E apontou na direção de Lissa. — O futuro dela está em jogo. Concluir sua educação aqui e se

tornar uma guardiã é a...

— Sim — disse eu.

— Sim? — repetiu ela, confusa.

— Sim, eu concordo — afirmei, sorrindo.

— Você concorda... comigo? — Não acho que minha mãe consiga lembrar alguma outra ocasião em que isso já tenha acontecido. Nem eu conseguia, aliás.

— É. Vou passar pelas provas, me formar e me tornar o membro mais respeitável da sociedade que eu puder ser. Não que isso soe muito divertido — provoquei. Mantive um tom jovial, mas, no fundo, eu sabia que precisava disso. Precisava voltar ao convívio com aqueles que me amavam. Precisava de um novo propósito, ou nunca conseguiria esquecer Dimitri. Nunca deixaria de ver seu rosto ou ouvir sua voz.

Ao meu lado, Lissa ofegou e uniu as mãos. Sua alegria me inundou por dentro. Adrian não demonstrava suas emoções tão abertamente, mas percebi que ele também estava satisfeito em me ter por perto. Minha mãe continuava meio atordoada. Acho que ela estava acostumada com o meu lado pouco racional — o qual costumava aparecer.

— Você vai mesmo ficar? — perguntou ela.

— Meu bom Deus. — Eu ri. — Quantas vezes terei que repetir isso? Sim, eu vou voltar para a escola.

— E *ficar*? — insistiu. — Até o final dos dois meses e meio?

— Isso não ficou implícito?

Sua expressão era rígida — e bastante maternal.

— Quero ter a certeza de que você não vai dar no pé mais uma vez. Você vai ficar e terminar a escola não importa o que aconteça? Ficar até a formatura? Você me promete isso?

Meus olhos encontraram os seus, surpresa com a sua intensidade.

— Sim, sim. Eu prometo.

— Excelente — disse ela. — Você vai gostar de chegar até o final disso. — Suas palavras eram formais como as de qualquer guardião, mas em seus olhos enxerguei amor e júbilo.

Terminamos de jantar e ajudamos a empilhar os pratos para o serviço de limpeza do prédio. Enquanto jogava sobras de comida numa lata de lixo, senti Adrian do meu lado.

— Que doméstico da sua parte — comentou. — É meio excitante, na verdade. Me dá vários tipos de fantasias, com você num avental aspirando a minha casa.

— Ah, Adrian, como senti sua falta — disse eu, revirando os olhos. — Imagino que não esteja ajudando.

— Nah. Eu ajudei quando comi tudo o que havia em meu prato. Portanto, sem sujeira. — Ele fez uma pausa. — E, não, não precisa agradecer.

Eu ri.

— Sabe, ainda bem que você não falou muito quando prometi a minha mãe que ficaria aqui. Ou podia ter mudado de ideia.

— Nem sei se você teria conseguido. A sua mãe parece o tipo de pessoa que quase sempre consegue o que quer. — E lançou um discreto olhar na direção de onde Lissa e minha mãe conversavam, do outro lado da sala. Então diminuiu sua voz. — Deve correr no sangue da família. Aliás, talvez eu deva lhe pedir ajuda com algo.

— Para conseguir cigarros ilegalmente?

— Para pedir para sair com a sua filha.

Quase deixei o prato cair das mãos.

— Você já me pediu isso um zilhão de vezes.

— Na verdade, não. Fiz algumas sugestões inconvenientes e frequentemente apelei para a nudez. Mas nunca a chamei para um encontro de verdade. E, se a memória não me falha, você disse que me daria uma chance real assim que limpasse os cofres da minha conta bancária.

— Não cheguei a limpá-los — caçoei.

Contudo, parada ali e olhando para ele, lembrei que de fato dissera que, se eu sobrevivesse à minha jornada em busca de Dimitri, eu daria a Adrian uma oportunidade. Eu teria dito tudo para conseguir o dinheiro que precisava então, mas, agora, eu via Adrian com novos olhos. Sob nenhuma hipótese eu estava pronta para me casar com ele, ou mesmo o considerava digno de ser um namorado confiável. Eu nem sequer sabia se queria algum namorado. No entanto, ele fora um bom amigo para mim e para os outros em meio a todo o caos recente. Fora gentil e companheiro, e, sim, eu não podia negar... apesar daquele olho roxo que já ia sumindo, ele continuava incrivelmente lindo.

E, ainda que não fizesse diferença, Lissa ouvira dele que muito de sua paixão por Avery fora induzida pela compulsão. Ele tinha gostado dela e não descartara a possibilidade de um relacionamento amoroso, mas os poderes de Avery amplificaram sua intensidade além do que ele teria de fato sentido. Ou pelo menos foi o que ele afirmou. Se eu fosse homem e tudo isso tivesse acontecido comigo, eu provavelmente diria que fui influenciada pela magia também.

Todavia, pela maneira como ele me olhava agora, eu achava difícil acreditar que alguém de fato me substituíra em pouco mais de um mês.

— Me faça uma oferta — respondi por fim. — Ponha tudo no papel e me faça uma listagem resumida sobre por que você seria um bom possível pretendente.

Ele começou a rir, mas então viu a minha expressão.

— É sério? Isso parece dever de casa. Não é à toa que eu não estou na faculdade, sabia?

Eu estalei os dedos.

— Mãos à obra, Ivashkov. Quero vê-lo se empenhar de verdade.

Eu esperava uma piada ou uma desculpa para sair dali, mas, em vez disso, ele disse:

— Está bem.

— Está bem? — Agora eu me sentia igual à minha mãe há pouco, quando concordara com ela na mesma hora.

— É. Vou voltar para o meu quarto agora mesmo e começar um esboço da minha tarefa.

Observei com incredulidade enquanto ele apanhava o seu casaco. Eu *nunca* vira Adrian se mexer tão depressa quando o assunto era trabalho, qualquer que fosse. Essa não. No que eu acabara de me meter?

De repente, ele se interrompeu e procurou pelo bolso do casaco com um sorriso exasperado.

— Na verdade, eu praticamente já escrevi uma redação para você. Quase esqueci. — E retirou um pedaço de papel dobrado, balançando-o no ar. — Você precisa de um telefone só seu. Não vou mais bancar a sua secretária.

— O que é isso?

— Um gringo me ligou mais cedo... disse que o meu número estava na memória de seu celular. — Adrian voltou a espiar na direção de Lissa e de minha mãe. As duas continuavam absortas conversando. — Afirmou que tinha um recado para você e não queria que eu contasse a mais ninguém. Ele me fez escrever tudo e repetir para ele. Você é a única para quem eu faria esse tipo de coisa, sabia? Acho que vou mencionar isso quando começar a minha proposta de namoro.

— Pode me dar isso de uma vez?

Ele me entregou o papel com uma piscadela, fez uma reverência e então se despediu de Lissa e de minha

mãe. Eu meio que me perguntava se ele ia mesmo fazer uma proposta de namoro. Mas grande parte da minha atenção estava voltada para o recado. Eu não tinha a menor dúvida quanto a quem havia telefonado. Eu usei o telefone de Abe para contatar Adrian de Novosibirsk e, mais tarde, contei a Abe sobre o envolvimento financeiro de Adrian em minha viagem. Pelo jeito, meu pai — ugh, aquele ainda era um pensamento tenebroso — resolvera que Adrian era alguém confiável, embora eu me perguntasse por que minha mãe não podia ter sido sua mensageira.

Desdobrei o recado e levei alguns segundos para decifrar a caligrafia de Adrian. Se ele de fato fosse me escrever uma proposta de namoro, eu torcia para que ele a digitasse. O recado dizia o seguinte:

Dei um recado ao irmão de Robert. Ele me disse que não havia nada que eu pudesse oferecer para que ele revelasse o paradeiro de Robert — e, acredite, tenho muito a oferecer. Mas ele afirmou que, enquanto tivesse que passar o resto da vida ali, a informação morreria com ele. Achei que gostaria de saber.

Essa dificilmente era a redação que Adrian me prometera. Era também um tanto hermética, mas, enfim, Abe não desejava que seu conteúdo fosse facilmente compreendido por Adrian. Para mim, o significado era claro. O irmão de Robert era Victor Dashkov. De alguma forma, Abe havia entregado um recado a Victor fosse lá em que prisão remota e horrenda ele estivesse encarcerado. (Não sei por quê, mas não me surpreendia que Abe tivesse conseguido isso.) Sem dúvida Abe havia tentado fazer um de seus acordos com Victor para descobrir o paradeiro de Robert; Victor, porém, se recusara. Não me surpreendia tampouco. Victor não era dos mais prestativos, e eu não podia culpá-lo de todo agora. O sujeito ficaria trancafiado “ali” — na prisão — pelo resto da vida. O que alguém poderia oferecer a um condenado que fosse capaz de provocar uma mudança efetiva em sua vida?

Suspirei e pus o recado de lado, um pouco impressionada por Abe ter feito isso por mim, por mais inútil que tenha sido no fim. E, mais uma vez, o mesmo argumento me veio à mente. Ainda que Victor tivesse fornecido a localização de Robert, de que adiantaria? Quanto mais me distanciava dos eventos passados na Rússia, mais ridícula se tornava a própria ideia de devolver um Strigoi à sua forma original. Somente a verdadeira morte podia libertá-los, somente a morte...

A voz de minha mãe me salvou antes que eu começasse a reviver em minha cabeça o episódio na ponte. Ela me avisou que precisava partir, mas me prometeu que conversaríamos mais tarde. Assim que ela se foi, Lissa e eu cuidamos para que tudo estivesse arrumado na antessala antes de irmos para o meu quarto. Ainda tínhamos muito o que conversar, também. Subimos as escadas, e me perguntei quando me transfeririam do alojamento dos visitantes de volta para os dormitórios. Provavelmente, assim que Alberta superasse toda a burocracia envolvida. Ainda parecia impossível aceitar que eu fosse retornar à minha antiga rotina e seguir em frente depois de tudo o que acontecera pouco mais de um mês atrás.

— O bilhete que Adrian lhe entregou era romântico? — perguntou Lissa. Seu tom era provocante, mas, através do laço, soube que ela ainda temia que eu estivesse sofrendo por Dimitri.

— Ainda não — respondi. — Mais tarde eu explico.

À porta do meu quarto, uma das serventes do prédio estava prestes a bater. Quando me viu, me entregou um grosso pacote acolchoado.

— Eu já ia entregar isso para você. Chegou na correspondência de hoje.

— Obrigada — disse eu.

Apanhei o pacote e o analisei. Meu nome e o endereço da São Vladimir estavam escritos numa caligrafia nítida, o que eu estranhei, já que minha chegada ali fora súbita. Não havia informação sobre o endereço do

remetente, mas sim carimbos postais russos, e fora enviado pelo correio expresso internacional.

— Você sabe de quem é? — perguntou Lissa assim que a mulher foi embora.

— Não sei. Eu conheci muita gente na Rússia. — Podia ser de Olena, Mark ou Sydney. Contudo... algo que eu não conseguia explicar direito me deixou num estado de alerta máximo.

Abri um dos lados e enfiei uma das mãos por dentro. Ela se fechou em torno de um objeto frio e metálico. Eu soube antes mesmo de retirá-lo do pacote. Era uma estaca de prata.

— Ai, Deus — supliquei.

Girei a estaca e corri o dedo pelo padrão geométrico gravado em sua base. Não havia dúvidas. Modelo único. Essa era a estaca que eu havia apanhado na caixa-forte da casa de Galina. A mesma com que eu...

— Por que alguém lhe enviaria uma estaca? — indagou Lissa.

Não respondi, e em vez disso retirei o item seguinte do pacote: um pequeno cartão de recados. Ali, numa caligrafia que eu conhecia muito bem, estava:

Você esqueceu uma outra lição: nunca dê as costas até saber que seu inimigo está morto. Pelo jeito teremos que repassar essa lição da próxima vez em que nos encontrarmos — algo que ocorrerá em breve.

Com amor, D.

— Ai — disse eu, quase deixando cair o cartão —, isso não é nada bom.

O mundo girou por um instante, e fechei os meus olhos, inspirando profundamente. Pela centésima vez, repassei os eventos da noite em que havia escapado de Dimitri. Em todas as outras vezes, minhas emoções e minha atenção se voltavam sempre para o olhar em seu rosto quando o acertei com a estaca, para a visão do seu corpo caindo em direção à escuridão daquela água. Agora, minha mente resgatava os detalhes da luta. Recordei como a sua esquiva de última hora interferira em minha pontaria para atingir seu coração. Por um instante, ali, eu não achei que tinha enfiado a estaca fundo o bastante — não até ver suas feições perderem o viço e ele cair.

Mas eu de fato *não enfiara* a estaca fundo o bastante. Meu instinto inicial estivera correto, mas tudo acontecera depressa demais. Ele havia caído... e depois o quê? Será que a estaca estava frouxa o bastante para se soltar sozinha? Teria ele conseguido puxá-la? Ou teria o impacto no rio feito o trabalho de desprendê-la?

— Todos aqueles bonecos de treinamento, tudo em vão — murmurei, lembrando como Dimitri me fizera praticar várias e várias vezes a perfuração de uma estaca no peito para que atravessasse as costelas até o coração.

— Rose — exclamou Lissa. Tive a sensação de que não era a primeira vez que ela tinha me chamado. — O que está havendo?

O uso mais importante que eu fiz de uma estaca... e eu tinha estragado tudo. O que aconteceria agora? *Pelo jeito teremos que repassar essa lição da próxima vez em que nos encontrarmos — algo que ocorrerá em breve.*

Eu não sabia o que sentir. Desespero, por não ter libertado a alma de Dimitri e cumprido a promessa que eu fizera a ele em segredo? Alívio, por não ter matado o homem que eu amava? E sempre, sempre a pergunta: será que ele teria dito que me amava se tivéssemos conseguido mais alguns instantes juntos?

Eu continuava sem respostas. Minhas emoções estavam alucinadas, e eu precisava pacificá-las para analisar as informações de que eu dispunha agora.

Em primeiro lugar: dois meses e meio. Havia prometido a minha mãe dois meses e meio. Nada de ação até lá.

Nesse meio-tempo, Dimitri permanecia lá fora, ainda um Strigoi. Enquanto ele estivesse solto no mundo, não haveria paz para mim. Nenhum desfecho para aquilo. Ao olhar aquele cartãozinho, percebi que não encontraria a paz nem se tentasse ignorá-lo. Eu entendia aquela mensagem.

Desta vez, Dimitri viria atrás de *mim*. E algo me dizia que eu havia arruinado a minha chance de me tornar uma Strigoi. Ele viria para me matar. O que ele dissera mesmo quando eu escapei pela janela? Que não existia um jeito de nós dois vivermos num mesmo mundo?

E, no entanto, talvez existisse...

Como não respondia aos chamados de Lissa, sua preocupação cresceu.

— A sua expressão está me deixando um pouquinho neurótica. Em que está pensando?

— Você acredita em contos de fada? — perguntei, encarando-a nos olhos. Mesmo ao dizer aquelas palavras, podia imaginar a reprovação de Mark.

— O quê? Que tipo de conto de fada?

— O tipo dentro do qual você não devia passar sua vida inteira.

— Não compreendo — disse ela. — Estou completamente perdida aqui. Me diga o que está acontecendo. O que eu posso fazer?

Dois meses e meio. Eu precisava permanecer ali por dois meses e meio — pareciam uma eternidade. Mas eu prometera a minha mãe que assim seria, e me recusava a ser precipitada de novo — ainda mais com tanto em jogo agora. Promessas. Eu estava afundando em promessas. Havia prometido algo até mesmo a Lissa.

— Você estava falando sério? Quer ir comigo na minha próxima aventura maluca? Não importa o que seja?

— Sim. — Não havia incerteza ou hesitação nessa palavra, nenhuma perturbação em seus sólidos olhos verdes. Claro, eu me perguntava se ela se sentiria da mesma forma quando descobrisse o que estávamos prestes a fazer.

O que alguém poderia oferecer a um condenado que fosse capaz de provocar uma mudança efetiva em sua vida?

Havia ponderado sobre isso há pouco, tentando imaginar o que poderia fazer com que Victor falasse. Ele dissera a Abe que não havia nada que pudessem lhe oferecer para que dividisse a informação sobre a suposta habilidade do irmão de reabilitar os Strigoi. Victor cumpria uma sentença perpétua; nenhum suborno teria importância para ele agora. Mas percebi que uma coisa teria. A liberdade. E só havia uma única maneira de conseguir isso.

Precisávamos tirar Victor Dashkov da prisão.

Decidi, no entanto, não mencionar isso a Lissa ainda.

Tudo o que eu sabia agora era que possuía uma chance em um milhão de salvar Dimitri. Mark afirmara que se tratava de uma história da carochinha, mas eu tinha que me arriscar. A questão era a seguinte: de quanto tempo eu dispunha até que Dimitri viesse para me matar? De quanto tempo dispunha para descobrir se o impossível era afinal possível? Esse era o verdadeiro problema. Porque, se Dimitri aparecesse antes de eu ter a chance de encontrar o dragão dessa história — Victor —, as coisas iam ficar feias. Talvez todo esse caso envolvendo Robert fosse uma grande mentira, mas mesmo que não fosse... bom, o relógio estava correndo. Se Dimitri me alcançasse antes de eu conseguir falar com Victor e Robert, eu teria que lutar contra ele de novo. Sem dúvida. Não poderia aguardar por essa cura mágica. Desta vez, precisaria matar Dimitri de verdade e perder qualquer chance que eu pudesse ter de recuperar o meu príncipe. Droga.

Sorte minha que eu trabalho bem sob pressão.

Agradecimentos

Muito obrigada a todos os amigos e familiares que me apoiaram e me ajudaram a manter a sanidade durante a escrita deste livro. Vocês representam o mundo para mim, e agradeço a vocês por literalmente me arrancarem do computador de vez em quando! Um agradecimento especial também a Jay, por me convencer de que este era o seu livro favorito (antes mesmo de ser escrito); a Jesse McGatha, por me ajudar na criação dos alquimistas; ao meu agente, Jim McCarthy, pelo suporte e por tornar tudo isto possível; aos editores Jessica Rothenberg e Ben Schrank, por sempre trabalharem com o manuscrito à perfeição; a I.A. Gordon, pelo “Zmey” e pelas demais traduções para o russo; e ao agente publicitário Casey McIntyre, por sua maravilhosa ajuda na divulgação.

Por fim, obrigada também aos muitos leitores que me enviaram e-mails falando do seu amor pela série e pelos personagens! Vocês são o motivo por que continuo escrevendo.

Créditos

Produção editorial

Ana Carla Sousa

Gabriel Machado

Revisão de tradução

Clara Vidal

Revisão

Luciana Ferreira

Diagramação

Trio Studio

Produção de ebook

S2 Ebooks